

ALEXANDRE PRUDENTE PICCOLO

O Homero de Horácio:
Intertexto épico
no livro I das *Epístolas*

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na Área de Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

CAMPINAS

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

P581h	Piccolo, Alexandre Prudente. O Homero de Horácio : intertexto épico no livro I das Epístolas / A. P. Piccolo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009. Orientador : Paulo Sérgio de Vasconcellos. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Horácio. 2. Homero. 3. Platão. 4. Epístolas. 5. Intertextualidade. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
	tjj/iel

Título em inglês: Homer's Horace: epic intexttext in the 'Epistles I'.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Horace; Epistles; Intertextuality; Homer; Plato.

Área de concentração: Linguística.

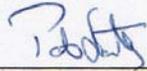
Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (orientador), Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos, Profa. Dra. Patrícia Prata, Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto (suplente), Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso (suplente).

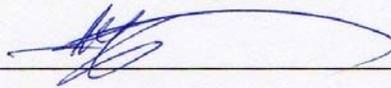
Data da defesa: 26/10/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:



Paulo Sérgio de Vasconcellos



Marcos Martinho dos Santos



Patrícia Prata

João Ângelo Oliva Neto

Isabella Tardin Cardoso

caris matri patrique

AGRADECIMENTOS

A meus pais, irmão e irmã.

A Fabiana Bigaton Tonin (e toda sua família) e ao nosso “branquelo”.

Ao professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, meu obrigado especial: sua dedicação, sua paciência, seu estímulo, sua generosidade, sua orientação amiga, seus empréstimos bibliográficos infintos, sua leitura atenta, bem como suas revisões, sugestões e correções foram indispensáveis à realização deste trabalho; as falhas remanescentes são todas minhas. Minha gratidão por sua confiança.

Aos professores Dra. Patrícia Prata e Dr. Marcos Martinho dos Santos, que gentilmente aceitaram participar das bancas de qualificação e de defesa desta dissertação. Tanto a leitura cuidadosa de ambos, quanto seus apontamentos, suas ideias e sugestões valiosas proporcionaram enriquecer o presente texto.

Aos demais professores doutores da Área de Clássicas no IEL: Marcos Aurélio Pereira, Isabella Tardim Cardoso, Flávio Ribeiro de Oliveira, Trajano Augusto Ricca Vieira.

Aos professores doutores Luiz Carlos da Silva Dantas (*in memoriam*), Míriam Gárate, Francisco Foot Hardman, Antônio Arnoni Prado, Maria Betânia Amoroso, Carlos Berriel, Alexandre Carneiro, Alcir Pécora, Paulo Franchetti, Márcia Abreu, Sírio Possenti, Edwiges Morato, Vandersi Castro, Tânia Alkmim, Raquel Fiad, Terezinha (Teca) Maher, Mário Frungillo, Fábio Akcelrud Durão, Jefferson Cano e Roxane Rojo.

Às bibliotecárias Belkis Donato, Maria Madalena Silva, Maria Lavínia Turazzi e Maria Luíza Duarte; a todos os funcionários do IEL, em especial Cláudio Pereira Platero, Miguel L. dos Santos e Rosemeire Aparecida Marcelino.

A Natália Sabione, Lucy Ana de Bem, Robson Tadeu Cesila, Luciano César Garcia Pinto, Rosa, Mariana Musa, Mário de Souza Neto, Ricardo Pirola, Ana Flávia Cernic Ramos, Leonardo Afonso, Rosemeire Pedroso Rodrigues, Fábio Candido, Ize Penhas, Juliano Prado, Kellen Saviolli, Marcos Kitano, Carlos André Migliorini, Danielle Crepaldi Carvalho, Marlene Catarina de Freitas, Renata Roveri Candido, Maria Eugênia Allemany, Paulo Roberto Ferreira Jr., Raphael Calazans, Paulo Henrique de Oliveira Ferreira, Mariana Arolla Amorim, Eduardo Socha, Maurício Pereira, Melanie Leroux (et toute sa famille).

A todos familiares, amigas e amigos que contribuíram mais ou menos diretamente para a realização deste estudo.

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

quid habet amplius homo de labore suo
Ecl 3, 9

RESUMO

O presente trabalho divide-se em duas partes: tradução e estudo. Na primeira, para as vinte cartas de Horácio que compõem a obra *Epistularum Liber Primus*, propõe-se uma tradução justalinear, em português de nosso século e sem pretensões poéticas. Nessa, anotam-se dificuldades tradutórias, observações linguísticas, históricas, geográficas, sociais, culturais etc. que visam a enriquecer a compreensão dos leitores, não necessariamente especialistas. A seguir, acresce as epístolas horacianas o breve texto de Suetônio, *Vita Horati*, também apresentado em latim e em português. Na segunda parte, embasado por teorias linguísticas que tratam do “fenômeno da intertextualidade”, estudam-se citações, menções e alusões que as epístolas de Horácio tecem sobre os épicos homéricos. Esmiuçam-se referências latinas à *Ilíada* e à *Odisseia*, com cujos excertos gregos o confronto permite que se destaquem os variados efeitos de sentido produzidos nesse intertexto. No estudo também se observa como a leitura que Horácio faz e propõe de Homero contrasta com certas reflexões socráticas extraídas da *República* de Platão, especialmente as passagens que tratam da poesia, nos livros II, III e X. Assim, é possível notar abordagem e emprego distintos do instrumento retórico denominado “alegoria” (ou *hyponoia* platônica), pois o texto latino não só propõe os épicos homéricos como fonte de “lições filosóficas de cunho moral”, como também baliza propostas de leituras alegóricas. Por último, em dois anexos, apresentam-se: a) os mapas das regiões citadas e anotadas nas cartas; b) a tradução portuguesa de Antônio Luís de Seabra para as *Epístolas* I.

Palavras-chaves: Horácio, *Epístolas* I, intertextualidade, Homero, Platão, *República*, Suetônio, *Vita Horati*, Antônio Luís de Seabra.

ABSTRACT

This research is divided in two parts: translation and study. In the first, we present a translation of Horace's *Epistularum Liber Primus*, which contains twenty Latin letters, into modern Portuguese, in juxtaposed way, with no poetic intentions. Translation difficulties and some linguistic, historical, geographical, social, cultural etc. observations, that might enrich readers understanding (not necessarily *scholars*), are also written down. We translate afterward a brief biography written by Suetonius, *Vita Horati*, presented in Latin and Portuguese as well. In the second part, grounded by linguistic theories that deal with intertextuality, quotations, mentions and allusions that Horace's "*Epistles I*" make of the Homeric epics are studied. We detail Latin references to both *Iliad* and *Odyssey*, whose Greek excerpts are confronted in search of various meaning effects produced in these intertexts. Besides, this study observes how Horace's reading of Homer opposes certain socratic thoughts extracted from Plato's *Republic*, specially the passages that concern poetry taken from books II, III and X. Thus, it is possible to notice different approaches and uses of the rhetorical instrument called "allegoria" (or platonic *hyponoia*), for the Latin text not only reads homeric epics as sources of "philosophical lessons of moral extract", but also points out proposals for allegorical readings. At last, in two attachments, we present: a) the maps of mentioned regions in the letters; b) the Portuguese translation by Antônio Luís de Seabra for the *Epistles I*.

Keywords: Horace, *Epistles I*, intertextuality, Homer, Plato, *Republic*, Suetonius, *Vita Horati*, Antônio Luís de Seabra.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DELG	<i>Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque</i> , P. Chantraine
DELL	<i>Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine</i> , A. Ernout e A. Meillet
LSJ	<i>A Greek-English Lexicon</i> , H.G.Liddel e R.Scott.
OLD	<i>Oxford Latin Dictionary</i> , A. N. Bryan-Brown.
DGP	<i>Dicionário Grego Português</i> , vários autores (Ateliê)
I-OM	<i>Ilíada</i> , tradução de Odorico Mendes*
I-CAN	<i>Ilíada</i> , tradução de Carlos Alberto Nunes*
I-HC	<i>Ilíada</i> , tradução de Haroldo de Campos*
O-OM	<i>Odisseia</i> , tradução de Odorico Mendes*
O-CAN	<i>Odisseia</i> , tradução de Carlos Alberto Nunes*
O-DS	<i>Odisseia</i> , tradução de Donaldo Schüler*
Plat. Rsp.	<i>República</i> de Platão. Texto grego estabelecido por Émile Chambry para coleção Belles Lettres.

* Todas as menções às traduções poéticas referem-se sempre ao número do verso, nunca à página.

SUMÁRIO

Apresentação	1
Do trabalho: surgimento, organização, objetivos	2
Da tradução	8
Dos anexos	11
<i>Epistularum Liber Primus</i> : texto latino e tradução	13
I. 1 A <i>Mecenas</i>	15
I. 2 A <i>Lólio</i>	29
I. 3 A <i>Júlio Floro</i>	39
I. 4 A <i>Tíbulo</i>	47
I. 5 A <i>Torquato</i>	51
I. 6 A <i>Numício</i>	59
I. 7 A <i>Mecenas</i>	69
I. 8 A <i>Celso Albinovano</i>	83
I. 9 A <i>Tibério Cláudio Nero</i> ...	87
I. 10 A <i>Aristio Fusco</i>	91
I. 11 A <i>Bulácio</i>	99
I. 12 A <i>Ício</i>	105
I. 13 A <i>Vínio</i>	111
I. 14 <i>Ao caseiro da propriedade rural</i>	117
I. 15 A <i>Vala</i>	125
I. 16 A <i>Quíncio</i>	133
I. 17 A <i>Ceva</i>	145
I. 18 A <i>Lólio</i>	155
I. 19 A <i>Mecenas</i>	169
I. 20 <i>Ao livro: desfecho</i>	177
<i>Suetoni Vita Horati</i> : texto latino e tradução	183
Intertextualidade: algumas questões	193
A obra escrita: gênero epistolar, forma poética	205
Remetente ou <i>persona</i> -poética?	220
Citações e alusões à poesia épica homérica	231
Em direção ao Homero das <i>Epístolas</i> de Horácio	232
Alguns exemplos nas <i>Epístolas</i> I	241
<i>Epístola</i> I. 1: um “silêncio homérico”	242
<i>Epístola</i> I. 2: provocando Platão	261
<i>Epístola</i> I. 2: Horácio lendo Homero	286
<i>Epístolas</i> I. 2, I. 15, I. 6: nós, Feácios... ..	332
<i>Epístola</i> I. 7: <i>paruum parua decent</i>	344
<i>Epístola</i> I. 19: <i>Homerus uinosus</i>	351
<i>Epístolas</i> I. 4, I. 10, I. 11, I. 18: outras menções e alusões	364
Conclusão	373
Bibliografia	379

Anexo I: Mapas		395	
Mapa 1		396	
Mapa 2		398	
Mapa 3		400	
Mapa 4		402	
Mapa 5		404	
Mapa 6		406	
Mapa 7		408	
Mapa 8		410	
Anexo II: Epístolas I: tradução de Luís Antônio de Seabra		413	
Palavras prévias (à guisa de introdução)		414	
I. 1 <i>A Mecenas</i>	419	I. 11 <i>A Bulácio</i>	447
I. 2 <i>A Lólio</i>	424	I. 12 <i>A Ício</i>	449
I. 3 <i>A Júlio Floro</i>	428	I. 13 <i>A Vínio</i>	451
I. 4 <i>A Tibulo</i>	430	I. 14 <i>Ao seu caseiro</i>	452
I. 5 <i>A Torquato</i>	431	I. 15 <i>A Vala</i>	455
I. 6 <i>A Numício</i>	433	I. 16 <i>A Quíncio</i>	458
I. 7 <i>A Mecenas</i>	437	I. 17 <i>A Ceva</i>	463
I. 8 <i>A Celso Albinovano</i>	442	I. 18 <i>A Lólio</i>	466
I. 9 <i>A Tibério Cláudio Nero</i> ...	443	I. 19 <i>A Mecenas</i>	472
I. 10 <i>A Arístio Fusco</i>	444	I. 20 <i>Ao seu livro</i>	475

Apresentação

Nesta parte do trabalho, faz-se necessário alguma explicação.

Damos, portanto, notícias das motivações do presente trabalho, apresentamos sucintamente a organização geral do texto, fazemos certas observações sobre a metodologia adotada e comentamos alguns de nossos objetivos, espécie de guia do projeto.

Em seguida, trazemos algumas informações relevantes ao processo tradutório e à elaboração final de nossos textos em português.

Por fim, uma ou outra palavra sobre os anexos concluem essa apresentação.

Do trabalho: surgimento, organização e objetivos

Por que traduzir e estudar o livro I das *Epístolas* de Horácio? Tomamos um parágrafo para essa explicação.

Durante uma disciplina¹ do programa de Pós-Graduação do IEL-UNICAMP centrada exclusivamente na *Ilíada*, fizemos um primeiro contato com o *apanhado* homérico tecido por Horácio na *Epístola* I. 2, texto mencionado na ocasião. Após a empreitada para traduzi-la, propusemo-nos conhecer o conjunto dessa obra horaciana e vasculhar outras menções aos épicos homéricos: apareceram algumas. Havia na biblioteca uma única tradução completa das epístolas para o português: os decassílabos de Luís Antônio de Seabra, datados da segunda metade do século XIX.² Da falta de uma tradução mais *próxima* tanto do original latino quanto do português de nossos dias veio o ensejo de *enfrentar* o latim de Horácio; do crescente interesse pelos épicos homéricos surgiu a vontade de aproximar os dois textos, latino e grego, comparando-os em determinados pontos e propondo algumas reflexões inspiradas por tal confronto, à luz de certas teorias intertextuais, empreitada que apresentaremos na segunda parte deste trabalho.

Assim, o presente trabalho foi organizado da seguinte maneira: iniciamos com as traduções, acompanhadas do texto latino, das vinte cartas que compõem o livro I de *Epístolas* de Horácio, além da obra de Suetônio, *Vita Horati*, também por nós traduzida; na segunda parte, propomos duas seções complementares ao estudo: (a) discutimos brevemente alguns conceitos relacionados às teorias intertextuais adotadas, bem como (b) selecionamos trechos das *Epístolas* I que nos permitiram leituras interessantes quando confrontadas com passagens dos épicos

¹ Por nos permitir cursar como ouvinte tanto essa quanto outra disciplina, centrada por sua vez sobre a *Odisseia*, agradecemos ao prof. Dr. Trajano Vieira as duas oportunidades.

² In: PÉREZ, J. (dir.) *Horácio: obras completas*. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

homéricos, segundo essa abordagem metodológica; por último, após uma enxuta conclusão, apresentamos (em anexos) tanto os mapas que nos ajudaram a precisar a localização de vilas, cidades, ilhas e regiões citadas na obra horaciana, quanto as traduções poéticas, devidamente modernizadas, de Antônio Luís de Seabra para as *Epístolas* I, à que acrescentamos notas e comentários.

Como a primeira e a última parte (anexos) receberão seus apontamentos mais detidos a seguir, ainda nesta **Apresentação**, cabe comentarmos a seção referente ao estudo, cujos objetivos podem ser mais bem precisados.

Talvez a primeira pergunta que possa surgir seja: por que privilegiar o estudo do “intertexto homérico” – e não de outra relação intertextual? Além da escolha pessoal, não seríamos nem justos nem idôneos se propuséssemos quaisquer outros motivos além da deliberação íntima. É claro que há relações explícitas e interessantes entre o texto horaciano e suas citações do texto homérico (assim esperamos mostrar) e diversos efeitos de sentido podem se extrair desse processo intertextual. Mas não são essas relações nem soberanas, tampouco as únicas instigantes ou possíveis. Seria no mínimo ingênuo postular exclusivismos, uma vez que o próprio poeta latino cita textualmente outros gregos (para citar apenas dois, Mimnermo: Ep. I. 6, 65–6 e Eurípedes: Ep. I. 16, 73–8), menciona seu apreço por demais poetas (Arquíloco, Safo, Alceu: Ep. I. 19), chega mesmo a professar em oração seu desejo por vários livros (Ep. I. 18, 109–10). Assim, como o próprio texto em análise jamais limita seu horizonte poético a um só autor, o “caráter exclusivista” do estudo apenas se pode justificar por meio de *nossa* escolha. Foi *nossa* decisão vasculhar os meandros dessa relação intertextual, como espécie de âncora segura que permita evitar de nos perdermos – a que cabe acrescentar, como confissão, o prazer de ler e reler Homero, sempre renovador.

Enfim, justificada a escolha de nosso “segundo autor”, partimos (mais serenos) às leituras que articulam os textos escolhidos, latino e grego. Antes, contudo, apresentamos sumariamente nossa reflexão teórica (breve, vale frisar) sobre essa ampla *relação entre textos* que move nosso estudo.

Como não é papel desta **Apresentação** deter-se sobre teorizações, bastaria, portanto, dizer que o conceito modernamente nomeado *intertextualidade* recobre, grosso modo, o mesmo evento ou fenômeno artístico que os antigos haviam já notado e teorizado, nomeado então *imitatio*. Ora, um artista jamais parte do vazio, do nada; sua criação procede sempre de uma tradição modelar. Assim, ambos os conceitos tratam, via de regra, dessa “utilização criativa” de obras ou modelos consagrados, dignos de serem imitados, emulados, rejeitados, aproveitados, superados etc. Dizer, por exemplo, que “cada autor cria seus precursores” é apenas uma roupagem nova de uma antiga teoria.

Talvez caiba advertir que não temos a intenção, em momento algum desta dissertação, de discutir as teorias intertextuais de modo aprofundado, seja em seu âmbito geral voltado aos estudos linguísticos, seja em sua aplicação específica aos estudos clássicos. O objetivo de nosso capítulo introdutório é apenas expor e debater, em linhas bastante gerais, alguns dos aspectos teóricos evidenciados por certos autores, que iluminam e dão coesão às relações intertextuais exploradas em nossa pesquisa. Dito de outra maneira, o resumo por nós traçado não se pretende nem completo, nem definitivo e jamais conclusivo na discussão das polêmicas teóricas sobre intertextualidade nos estudos da linguagem.

Junto ao aspecto teórico de tais questões sobre o intertexto, abordamos resumidamente dois pontos que julgamos importantes: (1) certa *dialética* observada no conjunto do livro I das *Epístolas*, tomado como um texto escrito peculiar; (2) algumas breves considerações sobre o remetente e a construção da *persona*-poética

de Horácio nessas vinte cartas. Vale destacar a abordagem sintética desses tópicos (nunca exaustivas...), que visam apenas a trazer à tona elementos que permitam tanto realçar a complexidade do conjunto de análises, quanto notar a profundidade de temas e abordagens que já permearam essas discussões.

Outra ressalva importante diz respeito aos demais trechos horacianos (que não das *Epístolas* I) analisados, vez ou outra invocados em nossa argumentação: não é objetivo desta pesquisa demorar-se longamente sobre outras passagens de Horácio (que não das *Epístolas* I) que também citam Homero ou dele tratam. Assim, quando se evocam excertos das *Odes* ou passagens da *Ars Poetica*, por exemplo, não há jamais intenção de exauri-las – o que tampouco faremos com os versos das *Epístolas* I; intenta-se, antes, o confronto e a comparação instigantes, que possam entretecer comentários e reforçar alguma conjectura ou observação em curso. E essa mesma ressalva pode ser estendida ao uso de excertos e passagens dos demais autores latinos citados em nossa dissertação.

Após tal preâmbulo teórico, nosso estudo prossegue, finalmente, à observação específica dos trechos das *Epístolas* I que citam, mencionam, estilizam os épicos homéricos ou lhes aludem mais indiretamente. Reunimos algumas poucas palavras a respeito de Homero antes de iniciarmos propriamente nossas análises, a fim de introduzi-lo de modo mais adequado à cena da discussão.

Vislumbrando citações e alusões, notamos comentários diversos e reunimos as reflexões que visavam a ampliar os efeitos de sentido em jogo na relação entre os textos. Portanto, em meio às amostras de análise intertextual que tecemos, propõe-se o confronto entre certos versos horacianos e trechos específicos da *República* de Platão (sobretudo dos livros II, III e X), para que se note como diferem, em alguns pontos, e se assemelham, em outros, as observações acerca da alegoria/*hyponoia* dos textos homéricos. Em outra formulação, observar como Horácio e Sócrates

propõem ler Homero nos permite enriquecer a leitura dos três textos em jogo, para sermos sucintos.

Por último, cabe expressar nosso débito para com alguns dos volumes a que tivemos acesso e que foram fundamentais à pesquisa: o estudo de Félix Buffière, *Les Mythes d'Homère*, foi essencial para aprimorarmos o olhar sobre o texto homérico; o volume extensamente anotado das *Epístolas* I de Roland Mayer; o texto prazeroso (bem que antigo) de Edmond Courbaud, *Horace: sa vie e sa pensée à l'époque des épîtres*; o inestimável volume de Fraenkel, *Horace*; o instigante (e moderno) estudo de Anna De Pretis, “*Epistolarity*” in *the first book of Horace's epistles*; as coleções de ensaios horacianos compilados por Stephen Harrison, dentre outros, que se farão notar no desenrolar do estudo. Se houvesse o menor indício de uma ponta de ressentimento por não ter à mão determinados estudos,³ caber-nos-ia o consolo de que a bibliografia na área de Clássicas, que costuma ser vastíssima, é seguramente inalcançável quando se trata de poetas como um Virgílio ou um Horácio.

Os demais volumes, citados ao longo do texto, encontram-se anotados na bibliografia ao final do trabalho, que se optou dividir em cinco seções: (1) textos latinos e gregos (edições e comentários); (2) estudos sobre as *Epístolas* I, Horácio e Homero; (3) intertextualidade; (4) obras de referência; (5) demais estudos. A reunião dos comentários de estudiosos cumpre parte importante deste estudo. Tais “vozes externas”, em sua maioria, solidificam considerações, confirmam hipóteses, embasam suposições – e todas essas citações, quando em outras línguas, traduzimo-nas ou lhes acrescentamos tradução alheia (conferindo o devido crédito), remetendo

³ Como *Schizzo di un'interpretazione di Orazio partendo dal I libro delle Epistole*, 1949, de A. L. Penna ou *I dispiaceri di un epicureo*, 1993, de Rolando Ferri sobre as *Epístolas* I.

ao excerto original em notas de pé de página.⁴ Caso se note certo “excesso” de palavras alheias, nossas desculpas tomam emprestado a formulação (tão lapidar...) de Michel de Montaigne (2002, p. 227):

A verdade e a razão são comuns a todos, e não pertencem a quem as disse primeiramente mais do que a quem as diz depois. (...) As abelhas sugam das flores aqui e ali, mas depois fazem o mel, que é todo delas: já não é tomilho nem manjerona. Assim também as peças emprestadas de outrem ele irá transformar e misturar, para construir uma obra toda sua: ou seja, seu julgamento.

⁴ Quando tradução e original encontram-se no próprio texto da nota de rodapé, colocamos, após o texto traduzido, o original entre colchetes, ao qual remetemos por meio da notação “~>”.

Da tradução

Traduzir todo o conjunto das *Epístolas* I foi nosso primeiro objetivo, anterior mesmo ao início do curso de mestrado. Sem pretensões poéticas, com um texto correto, claro, e que tente contemplar sutilezas fônicas ou etimológicas do texto em latim, quer empregando certo ar coloquial notado no original, quer mantendo alguma sisudez do hexâmetro latino. A fim de facilitar o primeiro contato com cada epístola, apresentamos um curto *resumo temático* que condensa (mas não explica) os versos do texto original, como uma espécie de “introdução em terceira pessoa” que antecede cada uma das cartas da coleção.

Propusemos uma tradução justalinear, mantendo sempre que possível a “proximidade” do original, a fim de propiciar, a um só tempo, um fácil cotejar do texto latino e uma leitura minimamente fluente e, sempre que possível, agradável. Assim como declara Ugo Dotti (2008) na introdução de seu exemplar italiano, nossa tradução também não se dirige exclusivamente ao latinista ou ao especialista em Antiguidade; ao contrário, esperamos que possa ser lida por qualquer leitor interessado.

O texto latino utilizado segue o do volume francês *Épîtres*, estabelecido e traduzido por François Villeneuve para a prestigiada coleção da *Société d'Édition “Les Belles Lettres”*. Salvo a supressão de um espaço extra na margem esquerda ao início de certos parágrafos – em outras palavras, apresentamos todos os parágrafos alinhados à esquerda, sempre com o mesmo recuo de margem –, quaisquer outras divergências estão anotadas ao pé da página do texto latino.

Para traduzir antropônimos e topônimos não (tão) consagrados em português, servimo-nos do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado pela *Academia das Ciências de Lisboa*, a fim de acompanhar a tradição tradutória em nossa língua.

As notas que acrescentamos ao texto em português são variadas, tentam ajudar o leitor de diversas formas, mas talvez possam ser assim agrupadas:

(a) **Localização geográfica:** visam a precisar a posição de vilas, cidades, ilhas ou regiões mencionadas por Horácio. Para que se *visualize* a informação dessas notas (de quase todas), remetemos aos mapas anexos.

(b) **Contextualização histórica:** ora dão notícias breves de conquistas, guerras, leis, consulados etc., ora esclarecem certos costumes romanos diversos (sobre o tempo, o lazer, o vestuário etc.), importantes à compreensão do texto.

(c) **Identificação de nomes e personagens:** como as cartas têm destinatários e não raro mencionam outros nomes, tanto de personagens ficcionais (mais ou menos consagrados), quanto de figuras históricas reais, essas notas propõem elucidar “quem foi quem” dentre os nomes pessoais citados por Horácio.

(d) **Dificuldades tradutórias, apontamentos lingüísticos:** marcam pontos no texto latino que trazem sutilezas importantes à compreensão das epístolas, detalhes que nem sempre se transpõem sem perdas de sentido. São tais perdas que essas anotações, via de regra, almejam evitar. Pode parecer banal, mas cuida enfatizar que nem todo apontamento (ora de enfoque pessoal) foi anotado.

Nas notas, adotou-se suprimir a data (mas não a página) nas referências às obras comentadas do texto horaciano (vide bibliografia), citadas recorrentemente; as demais (artigos, ensaios etc.) vêm acompanhadas de ano e página. Para ambas, evitaram-se os nomes dos estudiosos em caixa alta, por preferência tipográfica.

Esperamos que tais anotações sirvam tanto para informar o leitor comum quanto para ampliar a compreensão do estudioso ou interessado. Todavia, cabe apenas lembrar que supusemos certa cultura mínima em nosso “leitor ideal” que dispensaria explicações sobre personagens homéricas conhecidas (como Ulisses, Páris ou Príamo), ou esclarecimentos de nomes de personagens mitológicos (como

Jove, Austro, Zéfiro, Sátiros ou Faunos, etc.) ou de célebres figuras histórico-literárias (como Epicuro e Otávio Augusto).

Nas notas, para aspectos sócio-culturais, usamos fontes diversas: para marcação do tempo, *Roma no Apogeu do Império* de Jérôme Carcopino (pontualmente: 2ª parte, cap. 1); para nomes personagens históricas, os dois volumes de Diana Bowder: *Quem foi quem na Grécia antiga* e *Quem foi quem na Roma antiga*. Para as informações geográficas, como os nomes e a localização de cidades e ilhas (incluindo os mapas apresentados em anexo), servimo-nos do livro de Michael Grant, *A Guide to Ancient World: A dictionary of Classical Place Names*. Nos demais casos, as notas e os comentários dos volumes consultados das *Epístolas* I preencheram as lacunas restantes.

Apresentamos também o texto de Suetônio, *Vita Horati*, na versão latina e em nossa tradução para o português, que intitulamos “A Vida de Horácio”. Na falta de uma edição inquestionável para o texto latino de Suetônio, adotamos o da Coleção Loeb, aos cuidados de J. C. Rolfe. Uma miríade de comentários e notas poderiam enriquecer a tradução, cuja reflexão detida poderia ensejar análises várias, tanto da relação dessa *biografia* com a obra horaciana, quanto do texto de Suetônio *per se*. Nossa intenção, contudo, não é debatê-lo ou estudá-lo. Ler um texto antigo sobre nosso poeta em foco, escrito por alguém que não o próprio Horácio, traz à tona reflexões diversas, não raro estimulantes. Por exemplo, que essa mesma “biografia” se baseia, em boa medida, na leitura cuidadosa, ao mesmo tempo *direta* e *afastada*,⁵ que o historiador/biógrafo faz das obras desse mesmo poeta – para ficarmos no óbvio. Enfim, o objetivo é acrescentar.

⁵ Se, por um lado, quase um século separa a vida dos autores, por outro, Suetônio diz que leu textos *atribuídos* a Horácio que desconhecemos.

Dos anexos

Sobre os dois anexos deste trabalho, umas poucas palavras bastam – antes de cada um, um breve texto apresenta seus respectivos conteúdos.

Primeiramente, reunimos os mapas que apontam vilas, cidades, rios e demais regiões mencionadas nas *Epístolas* I. Durante nossa leitura desse livro de Horácio, diversas vezes nos pegávamos indagando “onde é isso?”. Tal pergunta levava-nos aos mapas e às descrições das localizações (consultadas especialmente no volume de Michael Grant, mas também nas edições de comentários horacianos). Essas descrições auxiliaram a redação das notas que acrescentamos ao texto, porém, para não faltarem aqueles mapas, decidimos compartilhar com nosso leitor a elucidação das mesmas indagações geográficas, facilitando-lhe o trabalho.

Em segundo lugar, apresentamos a tradução do livro I das *Epístolas* de Horácio nos decassílabos de Antônio Luís de Seabra, empreitada a nós proposta após o exame de qualificação. Enfrentamo-la a fim de incrementar o presente trabalho. É preciso confessar, além da vanglória do esforço, o prazer advindo da leitura cuidadosa desse texto português. Em decassílabos da metade do século XIX, Seabra nos legou tradução completa dos dois livros horacianos de *Sátiras* e dos dois de *Epístolas*, aí incluída a *Ars Poetica*. Sua tradução é não só esmerada, como enxuta e elegante: retrata, senão excelsa criatividade de iluminado poeta, o labor cuidadoso de humanista esmerado. De 1846 (data da provável primeira publicação de sua tradução) para cá, tais decassílabos foram a única tradução completa de todo o livro I das *Epístolas* que encontramos em português – e que, também por isso, decidimos resgatá-los. Assim, nesse resgate, podemos prestar merecida homenagem ao tradutor português.

Os pequenos ajustes e outros acréscimos que fizemos ao texto, deixamos para comentá-los na apresentação que introduz essas vinte epístolas.

ALEXANDRE PRUDENTE PICCOLO

— Q. *Horácio Flaco* —
Epístolas I

EPÍSTOLA I. 1

A Mecenas

Horácio relata a Mecenas, após dedicar-lhe a carta, se não todo o livro, que não mais fará versos: agora entregar-se-á à filosofia (1-12). Sem sujeitar-se à seita alguma, irá aonde a verdadeira virtude o levar (13-19). Assim, lento corre o tempo enquanto não nos aplicamos ao que é bom (20-25): e não há desculpas para não o fazer (26-32). De muitos modos podem-se curar os males, que são sim passíveis de cura; mas é preciso paciência e aplicação (33-40). Virtude é fugir dos vícios; entretanto, certos “males” que se evitam são puras tolices: não seria melhor aprender com quem é sábio (41-48)? Alguém recusaria o prêmio da virtude, mais valioso que o ouro (49-52)? De mentiras a verdades, o povo ensina de tudo: é preciso saber discernir e escolher (53-64). Devemos, pois, segui-lo indistintamente ou nos prepararmos para o futuro (65-69)? Horácio declara não seguir o povo, cujas vontades e preferências não cessam de mudar, como Proteu e seus vultos (70-83): nem mesmo o rico consegue manter fixo seu desejo, e o pobre em nada difere (84-93). Se Mecenas debocha do desalinho de Horácio, o que não fará ao perceber as contradições no pensamento do poeta (94-105)? Enfim, que se busque a sabedoria: apenas o sábio se aproxima de Júpiter (105-108).

- Prima dicte mihi, summa dicende Camena,
spectatum satis et donatum iam rude quaeris,
Maecenas, iterum antiquo me includere ludo?
non eadem est aetas, non mens. Veianius armis*
- 5 *Herculis ad postem fixis latet abditus agro,
ne populum extrema totiens exoret harena.
Est mihi purgatam crebro qui personet aurem:
“Solue senescentem mature sanus equum, ne
peccet ad extremum ridendus et ilia ducat.”*
- 10 *Nunc itaque et uersus et cetera ludicra pono,
quid uerum atque decens, curo et rogo et omnis in hoc sum;
condo et compono quae mox depromere possim.
Ac ne forte roges quo me duce, quo Lare tuter;
nullius addictus iurare in uerba magistri,*
- 15 *quo me cumque rapit tempestas, deferor hospes.
Nunc agilis fio et mersor ciuilibus undis,
uirtutis uerae custos rigidusque satelles;*

Principiei por ti e a ti deverei cantar minha última Camena,
tendo sido assaz admirado e premiado já com o bastão, procuras,
Mecenas, de novo encerrar-me nesse antigo jogo?¹
A idade não é a mesma, nem a mente. Vejânio², as armas
5 afixadas à porta do templo de Hércules, se retira, recolhido ao campo,
para não ter que suplicar ao povo repetidamente ao fim do combate.
Em meus limpos ouvidos amiúde alguém entoa:
“Livra em boa hora, sendo sensato, o cavalo que envelhece, para que
não falhe ao fim – motivo de riso – nem resfolegue.”
10 Agora, então, os versos e outros divertimentos abandono;
o que é correto e convém, disso cuido, indago e nisso estou por inteiro;
conservo e reúno as coisas de que logo possa usufruir.
Mas não rogues acaso sob que líder, sob qual Lar me asseguro;
não estou obrigado a jurar nas palavras de um mestre;³
15 por onde me arrasta o tempo, deixo-me levar como um hóspede.
Ora torno-me prático e mergulho-me na maré política,
da verdadeira virtude firme guardião e protetor.

¹ *Ludo*, na passagem latina, evoca simultaneamente mais de um sentido: tanto o *ludus gladiatorius* (OLD *ludus* 6b), lugar onde gladiadores se exercitavam – imagem reforçada pela haste de madeira em forma de espada (OLD *rudis* 2b), que servia não só para o treino como também para se premiar o gladiador ao final de sua carreira –, quanto o próprio jogo poético (cf. *ludicra*, v. 10) que Horácio tenciona abandonar.

² *Veianius* foi um famoso gladiador contemporâneo (Mayer, p. 88), que havia se retirado para o campo e consagrado suas armas após numerosas vitórias, segundo Sabbadini (p. 4), a *Hercules Fundan(i)us* (cf. Villeneuve, p. 35).

³ Alusão ao juramento que os gladiadores faziam ao mestre do *ludus* que frequentavam, bem como às fórmulas cujo juramento certas escolas filosóficas exigiam. (Villeneuve, p. 37; Mayer, p. 91)

*nunc in Aristippi furtim praecepta relabor
et mihi res, non me rebus subiungere conor.*

20 *Vt nox longa quibus mentitur amica, diesque
longa uidetur opus debentibus, ut piger annus
pupillis quos dura premit custodia matrum,
sic mihi tarda fluunt ingrataque tempora quae spem
consiliumque morantur agendi nauiter id quod*

25 *aeque pauperibus prodest, locupletibus aequae,
aeque neglectum pueris senibusque nocebit.*

*Restat ut his ego me ipse regam solerque elementis.
Non possis oculo quantum contendere Lynceus,
non tamen idcirco contemnas lippus inungui;*

30 *nec, quia desperes inuicti membra Glyconis,
nodosa corpus nolis prohibere cheragra.*

*Est quadam prodire tenus, si non datur ultra.
Feruēt auaritia miseroque cupidine pectus:
sunt uerba et uoces quibus hunc lenire dolorem*

35 *possis et magnam morbi deponere partem.*

Ora aos preceitos de Aristipo⁴ furtivamente retorno
e procuro, não submeter-me às coisas, mas as coisas a mim.
20 Como a noite parece longa a quem mente a amante, e o dia
longo aos que trabalham por um salário; como lento o ano
aos pupilos, a quem a dura custódia das mães reprime,
assim para mim fluem lentas e ingratas as horas que adiam
a esperança e a resolução de aplicar-me com fervor àquilo que
25 igualmente é útil aos pobres, aos ricos igualmente;
negligenciado, contudo, igualmente trará prejuízos a jovens e velhos.
Resta-me isto: que eu me dirija e console a mim mesmo com tais princípios.
Caso não possas, com os olhos, disputar com Linceu⁵,
nem por isso, todavia, desprezes os colírios quando remelento;
30 nem, por não teres esperança de possuir os membros do invicto Glícon⁶,
recusarás preservar-te o corpo do mal-de-gota.
É válido avançar até certo ponto, se não é dado ir além.
Referve-te o íntimo com cobiça e infeliz desejo?
Há palavras e invocações com que podes mitigar
35 essa dor e afastar grande parte da doença.

⁴ Aristipo de Cirene, predecessor de Epicuro (Mayer, p. 92), discípulo de Sócrates (Préaux, p. 31; cf Dilke, p. 73) e fundador da escola hedonista de Cirene (Villeneuve, p. 37). Segundo Diógenes Laércio (*apud* Villeneuve, *ibidem*), Aristipo dizia sobre sua mulher Láis: "Ἐχω, ἀλλ' οὐκ ἔχομαι, "eu a tenho, mas não pertenço a ela".

⁵ Linceu era um dos Argonautas, famoso por sua visão aguçada a longes distâncias (cf. lince).

⁶ Glícon de Pérgamo, lutador de pancrácio contemporâneo de Horácio e Mecenas.

*Laudis amore tumes: sunt certa piacula quae te
ter pure lecto poterunt recreare libello.*

*Inuidus, iracundus, iners, uinosus, amator,
nemo adeo ferus est, ut non mitescere possit,
40 si modo culturae patientem commodet aurem.*

*Virtus est uitium fugere et sapientia prima
stultitia caruisse. Vides, quae maxima credis
esse mala, exiguum censum turpemque repulsam,
quanto deuities animi capitisque labore;*

*45 impiger extremos curris mercator ad Indos,
per mare pauperiem fugiens, per saxa, per ignes;
ne cures ea quae stulte miraris et optas,
discere et audire et meliori credere non uis?*

*Quis circum pagos et circum compita pugnax
50 magna coronari contemnat Olympia, cui spes,
cui sit condicio dulcis sine puluere palmae?*

*Vilius argentum est auro, uirtutibus aurum.
“O ciues, ciues, quaerenda pecunia primum est;
uirtus post nummos”: Haec Ianus summus ab imo
55 prodocet, haec recinunt iuuenes dictata senesque*

Por amor de um elogio te inflas? Há expiações certas que te
poderão restabelecer, tendo lido francamente o livrinho três vezes.
Invejoso, iracundo, inerte, beberrão, amante,
ninguém é tão selvagem que não possa se abrandar,
40 caso empregue ouvido paciente à cultura.
Virtude é fugir do vício, e sabedoria, primeiramente,
ter se livrado da estultícia. Vês, daquilo que crês
serem os maiores males (renda exígua ou derrota eleitoral vergonhosa),
com que esforço e risco de morte te esquivas.
45 Infatigável corres como mercador aos confins da Índia,
pelo mar fugindo da pobreza, por pedras, por fogos;
para que não te ocupes com o que estultamente admiras e escolhes,
não desejas aprender e ouvir de quem é melhor, a ele confiar-te?
Quem lutou, nos vilarejos, nos cruzamentos,
50 desprezaria ser coroado na magna Olímpia, tivesse a esperança,
tivesse a certeza da doce palma da vitória sem a poeira da luta?
De menor valor que o ouro é a prata, e o ouro que as virtudes.
“Ó cidadãos, cidadãos, devem-se primeiro buscar as riquezas;
a virtude, só depois do dinheiro”: isso Jano⁷, de alto a baixo,
55 ensina, esse ditado recitam jovens e velhos

⁷ Jano era uma divindade romana associada às aberturas (*ianuae*): do ano (cf. janeiro), da guerra, da estrada etc., retratado em algumas moedas como uma cabeça de duas faces opostas. Certos comentadores (Villeneuve, p. 39; Sabbadini, p. 7) entendem que o trecho refere-se aos banqueiros (*argentarii*) romanos, os quais costumavam fazer negócios próximo ao arco de *Ianus medius*.

laeuo suspensi loculos tabulamque lacerto.

*Est animus tibi, sunt mores, est lingua fidesque,
sed quadringentis sex septem milia desunt:*

plebs eris. At pueri ludentes: "Rex eris" aiunt,

60 *"si recte facies": hic murus aeneus esto*

nil conscire sibi, nulla pallescere culpa.

*Roscia, dic sodes, melior lex an puerorum est
nenia, quae regnum recte facientibus offert,
et maribus Curiis et decantata Camillis?*

65 *Isne tibi melius suadet, qui "rem facias, rem,
si possis, recte, si non, quocumque modo rem,"*

*ut propius spectes lacrimosa poemata Pupi,
an qui Fortunae te responsare superbae*

liberum et erectum praesens hortatur et aptat?

70 *Quodsi me populus Romanus forte roget, cur
non ut porticibus sic iudiciis fruar isdem,*

*nec sequar aut fugiam quae diligit ipse uel odit,
olim quod uolpes aegroto cauta leoni*

respondit, referam: "Quia me uestigia terrent,

levando estojo e tabuinha sob o braço esquerdo.

Tu tens espírito, tens bons costumes, tens eloquência e virtude,
mas, para os quatrocentos mil, faltam seis ou sete mil sestércios:⁸

60 serás plebe. Mas as crianças brincando dizem: “Serás um rei,
se fizeres o correto”. Que este seja um muro de bronze,
nada de que se acusar, culpa alguma a empalidecer.

Dize-me, por favor, o que é melhor: a lei Róscia⁹ ou uma cantiga
de crianças, que oferece o reino aos que agem direito,
cantada por varões Cúrios e Camilos¹⁰?

65 Este te aconselha melhor, dizendo “faz riqueza, riqueza;
se puderes, corretamente; se não, de qualquer modo: riqueza”,
para que vejas mais de perto os poemas chorosos de Púpio¹¹,
ou aquele que te exorta e ajuda a enfrentar,
livre e confiante, à soberba Fortuna, te preparando?

70 Se acaso o povo Romano me perguntar por que
não desfruto, assim como os pórticos, os mesmos hábitos,
nem sigo o que ele ama ou fujo do que ele odeia,
o que outrora a raposa cauta ao leão enfermo
respondeu, direi: “as pegadas me aterrorizam porque

⁸ O valor de 400.000 sestércios era o necessário para se obter o status de *equus* (membro da classe dos equestres), conquistando, assim, regalias como um melhor lugar no teatro (Mayer, p. 100).

⁹ A lei Róscia, proposta pelo tribuno *L. Roscius Othon* em 67 a.C., reservava aos *equites* 14 fileiras no anfiteatro logo atrás dos senadores. Segundo Préaux (p. 38), foi bastante impopular.

¹⁰ *M. Curius Dentatus*, côsul por três vezes (290, 275 e 274 a.C.), e *M. Furius Camillus*, ditador em três ocasiões (396, 390 e 389 a.C.), são tipos consagrados da virtude antiga (*seueritas Romana*).

¹¹ Púpio foi, provavelmente, um tragediógrafo de quem nada mais se sabe (Sabbadini, p. 8).

- 75 *omnia te aduersum spectantia, nulla retrorsum.”*
Belua multorum es capitum. Nam quid sequar aut quem?
Pars hominum gestit conducere publica; sunt qui
frustis et pomis uiduas uenentur auaras
excipiantque senes, quos in uiuaria mittant;
- 80 *multis occulto crescit res fenore. Verum*
esto aliis alios rebus studiisque teneri:
idem eadem possunt horam durare probantes?
“Nullus in orbe sinus Bais praelucet amoenis”,
si dixit diues, lacus et mare sentit amorem
- 85 *festinantis eri; cui si uitiosa libido*
fecerit auspiciū, cras ferramenta Teanum
tolletis, fabri. Lectus genialis in aula est:
nil ait esse prius, melius nil caelibe uita;
si non est, iurat bene solis esse maritis.
- 90 *Quo teneam uoltus mutantem Protea nodo?*
Quid pauper? Ride: mutat cenacula, lectos,
balnea, tonsores, conducto nauigio aequē

75 todas apontam rumo a ti, nenhuma retrocede.”
 Besta de muitas cabeças és, ó povo. Então, quem ou o que devo seguir?
 Parte dos homens vangloria-se por recolher bens públicos¹²; há os que,
 com bocados e frutos, andam à caça de viúvas avaras e
 enredam os velhos e metem-nos em viveiros;

80 para muitos, a riqueza cresce com usura oculta. Certo,
 convenhamos que cada um tenha seus rumos e vontades próprias:
 conseguem os mesmos homens durante uma hora estimar as mesmas coisas?
 Se um rico diz: “nenhum golfo no mundo é tão esplendoroso
 quanto as amáveis Baías¹³”, lago e mar ressentem o amor

85 do patrão apressado; caso um desejo mórbido lhe
 tenha fornecido auspício: “amanhã, trabalhadores, carregareis
 as ferramentas até Teano¹⁴”. Se o leito nupcial está na sala¹⁵,
 ele diz que nada é superior, nada é melhor que a vida de solteiro;
 se ele é solteiro, jura que somente os casados são felizes.

90 Com que nó devo prender o vulto mutante de Proteu¹⁶?
 E o pobre? Ri: ele muda de sótão, de leito,
 de banho, de barbeiro; alugada uma embarcação, igualmente

¹² A expressão *conducere publica* (OLD *conduco* 5b) alude à profissão dos *publicani*, responsáveis não só por recolher impostos (Sabbadini, p. 9; Préaux, p. 40), mas também por abastecer o exército, por trabalhar em minas etc. (Dilke, p. 77).

¹³ Baías (parte norte da atual baía de Nápoles), praia da moda em que se refugiavam os ricos.

¹⁴ Teano (*Theanum Siticinum*), capital da Campânia, é uma cidade a 180 km ao sudeste de Roma.

¹⁵ À honra do *genius* (divindade que presidia o nascimento, também ligada à fecundação) do chefe da família, se consagrava o leito do casal dispondo-o no átrio da casa.

¹⁶ Proteu, divindade do mar, era um dos filhos de Netuno. É costumeiramente lembrado por sua incessante troca de forma, como relata a *Odisséia* IV, 446 e ss. (Dilke, p. 78).

nauseat ac locuples, quem ducit priua triremis.

Si curatus inaequali tonsore capillos

95 *occurri, rides; si forte subucula pexae*

trita subest tunicae, uel si toga dissidet impar,

rides: quid, mea cum pugnat sententia secum,

quod petiit spernit, repetit quod nuper omisit,

aestuat et uitae disconuenit ordine toto,

100 *diruit, aedificat, mutat quadrata rotundis?*

insanire putas sollemnia me neque rides

nec medici credis nec curatoris egere

a praetore dati, rerum tutela mearum

cum sis et praue sectum stomacheris ob unguem

105 *de te pendentis, te respicientis amici.*

Ad summam: sapiens uno minor est Ioue, diues,

liber, honoratus, pulcher, rex denique regum,

praecipue sanus, nisi cum pituita molesta est.

tem náuseas como o rico, que sua trirreme particular conduz.

Se, após ter meu cabelo alvorotado por um mau barbeiro,

95 tu me encontras, ris; se acaso uma camisa puída

levo sob a túnica nova, ou se a toga divide-se sem jeito,

ris; o que farás, quando meu pensamento luta consigo:

ele despreza o que tomou, retoma o que há pouco negligenciou,

inquieta-se e discrepa de toda a ordem da vida,

100 põe abaixo, constrói, troca o quadrado pelo redondo?

Julgas que tenho um desvario costumeiro e não ris,

nem crês que de médico ou de curador preciso,

designado pelo pretor, embora, de meus bens

sejas protetor e te irrites com a unha tortamente cortada

105 de teu amigo, que muito te preza e tem olhos apenas para ti.

Em suma: o sábio só é inferior a Júpiter; rico,

livre, honrado, belo, enfim, rei dos reis,

especialmente são, a não ser quando adoece pelo muco.

EPÍSTOLA I. 2

A Lólio

Horácio recomenda que Lólio leia Homero, deveras melhor que certos filósofos ao ensinar o que se deve (1-4). Na história da guerra de Tróia, vemos insanidades sem fim: uns querem acabar com a causa da batalha, outros se negam a acatar sugestões, Aquiles e Agamêmnon rivalizam, todos os vícios desfilam dentro e fora dos muros de Ílion (5-16). Já no relato do retorno de Ulisses, modelo de homem previdente, vemo-lo cruzar os mares sem sucumbir às dificuldades, evitando prudentemente as armadilhas e domando com sabedoria seus desejos, diferentemente de seus companheiros (17-26). Nós, vis perdulários como os pretendentes de Penélope ou os súditos de Alcínoo, vivemos diariamente em meio aos prazeres (27-31). Se os ladrões se preparam para o crime, não se deve preparar-se para evitá-lo? Cuidar de si e esforçar-se nos estudos é o melhor para escapar de futuros tormentos (32-37). Se Lólio tão logo se livra de algo incômodo, por que adia o educar de seu espírito (38-39)? Metade do feito é começar: que comece, sem esperar que a sabedoria lhe caia no colo (40-43). Felicidade há de vir, caso se domem as vontades: dinheiro não faz desaparecer as preocupações, melhor é boa saúde, do corpo e da alma, para se usufruir dos próprios bens (44-53). O primeiro odor é o que se impregna no vaso: que deixe de lado os prazeres e limite seu querer. Não se deve viver com inveja, o pior dos vícios (54-59). E que controle a ira, esse breve furor, para que não se arrependa mais tarde (60-63). Como o cavalo ou o cão domados quando novos, Horácio sugere que Lólio, enquanto é jovem, siga já os passos dos sábios: assim guardará longamente esses ares. E de nada serve correr adiante ou ficar para trás (64-71).

*Troiani belli scriptorem, Maxime Lolli,
dum tu declamas Romae, Praeneste relegi;
qui, quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non,
plenius ac melius Chrysippo et Crantore dicit.*

5 *Cur ita crediderim, nisi quid te distinet, audi.
Fabula, qua Paridis propter narratur amorem
Graecia barbariae lento conlisa duello,
stultorum regum et populorum continet aestum.
Antenor censet belli praecidere causam;*

10 *quid Paris? Vt saluus regnet uiuatque beatus
cogi posse negat. Nestor componere litis
inter Peliden festinat et inter Atriden;
hunc amor, ira quidem communiter urit utrumque.
Quidquid delirant reges, plectuntur Achiui.*

15 *Seditione, dolis, scelere atque libidine et ira
Iliacos intra muros peccatur et extra.*

- O escritor da guerra de Troia, Lólio Máximo¹,
 enquanto declamas em Roma, em Preneste² reli.
- O que seja mais belo, o que torpe, o que útil, o que não,
 mais claro e melhor que Crisipo e Crantor³, ele conta.
- 5 Por que eu acabei pensando assim, se nada te distrai, ouve.
 A história, em que se narra o lento duelo entre
 gregos e bárbaros lutando por causa do amor de Páris,
 retrata o desvario de reis e de povos tolos⁴.
 Antenor⁵ arrazoa acabar com a causa da guerra;
- 10 o que diz Páris? A reinar em paz e a viver feliz
 nega que possam obrigá-lo. Nestor a desfazer o conflito
 entre o Pelida e o Atrida se apressa⁶:
 a este o amor queima, mas na verdade a ira inflama igualmente os dois.
 No que quer que devaneiam os reis, sofrem os Aqueus.
- 15 Por sedição, dolos, crime, libido e ira
 peca-se dentro dos muros de Ílion, e também fora.

¹ O *escritor da guerra de Troia* ao qual Horácio se refere é Homero. *Maximus* aplicado a *Lollius* parece menos indicar um *agnomen* (acréscimo ao nome familiar, realçando certa qualidade, feito ou conquista) do que identificar um primogênito (Mayer, p. 111; cf. Dilke, p. 81 e Preaux, p. 49).

² Preneste (atual Palestrina), pequena cidade a 45 km ao leste de Roma. Há quem afirme que teria sido fundada pelo neto (*Telegonus*) ou bisneto (*Praenestes*) de Ulisses (Mayer, p. 111).

³ Crisipo de Solis (c. 280-207 a.C.), estoico notável e comumente citado por usar poesia para ilustrar sua doutrina. Crantor (c. 340-275 a.C.), também natural de Solis, filósofo da célebre Academia platônica, admirador de Homero e Eurípedes (Dilke, p. 82; Mayer, p. 111).

⁴ i.e. a *Ilíada*.

⁵ Antenor, famoso entre os soldados troianos por sua eloquência (cf. *Ilíada* VII, 347-353); Nestor, entre os aqueus (cf. *Ilíada* I, 254).

⁶ Pelida (filho de Peleu), Aquiles; Atrida (filho de Atreu), Agamêmnon, rei de Argos.

*Rursus, quid uirtus et quid sapientia possit,
utile proposuit nobis exemplar Vlixen,
qui domitor Troiae multorum prouidus urbes,
20 et mores hominum inspexit, latumque per aequor,
dum sibi, dum sociis reditum parat, aspera multa
pertulit, aduersis rerum immersabilis undis.
Sirenum uoces et Circae pocula nosti;
quae si cum sociis stultus cupidusque bibisset,
25 sub domina meretrice fuisset turpis et excors,
uixisset canis immundus uel amica luto sus.
Nos numerus sumus et fruges consumere nati,
sponsi Penelopae nebulones Alcinoique
in cute curanda plus aequo operata iuuentus,
30 cui pulchrum fuit in medios dormire dies et
ad strepitum citharae cessatum ducere curam.
Vt iugulent hominem surgunt de nocte latrones;
ut te ipsum serues, non expergisceris? Atqui
si noles sanus, curres hydropicus; et ni
35 posces ante diem librum cum lumine, si non*

De outro lado, o que pode a virtude, o que pode a sabedoria,
 ele nos propôs – como um útil exemplo – Ulisses,
 que, domador de Tróia, previdente, as cidades de muitos
 20 e os costumes dos homens observou, pelo amplo pélagos,
 enquanto a si, enquanto aos sócios prepara o retorno, agruras muitas
 sofreu, insubmergível às ondas adversas da ventura⁷.
 As canções das sereias e as poções de Circe⁸ tu conheces;
 essas, se com os sócios, estulto e ávido, tivesse bebido,
 25 sob o jugo de uma meretriz estaria, torpe e insano,
 teria vivido como cão imundo ou porco amigo da lama.
 Nós somos apenas números e nascemos para consumir os frutos,
 pretendentes de Penélope, cortesãos de Alcínoo⁹,
 juventude preocupada mais que o devido com o cuidado da pele,
 30 a quem era belo dormir até o meio do dia e,
 ao som da cítara, fazer uma preocupação se esvaecer.
 Para que degolem um homem, ladrões surgem à noite;
 para que cuides de ti mesmo, não acordarás? Mas
 se não queres fazê-lo são, correrás hidrópico; e se não
 35 pedires o livro com o lume de madrugada, se não

⁷ Os versos latinos de 19 a 22 “traduzem” o proêmio da *Odisseia*.

⁸ Para o canto das sereias, *Odisseia* XII, 39 e ss.; Circe, feiticeira da ilha de Eeia, primeiramente transforma os companheiros de Ulisses em porcos. Ulisses, contudo, consegue domá-la e resgatar seus companheiros do feitiço, seguindo para isso os conselhos de Hermes (*Odisseia* X, 135 e ss.).

⁹ Os pretendentes de Penélope consumiam os bens da realeza de Ítaca na ausência de Ulisses. Alcínoo, rei do Feácios, revela a Ulisses, ao acolhê-lo em seu palácio, que o banquete, a música, as danças, as roupas novas e os banhos muito lhes aprazem (*Odisseia* VIII, 248 e ss.).

*intendes animum studiis et rebus honestis,
inuidia uel amore uigil torquebere. Nam cur,
quae laedunt oculum, festinas demere, siquid
est animum, differs curandi tempus in annum?*

40 *Dimidium facti, qui coepit, habet; sapere aude,
incipere. Viuendi qui recte prorogat horam,
rusticus expectat dum defluat amnis; at ille
labetur et labetur in omne uolubilis aeuum.
Quaeritur argentum puerisque beata creandis*

45 *uxor, et incultae pacantur uomere siluae;
quod satis est cui contingit, nil amplius optet.
Non domus et fundus, non aeris aceruus et auri
aegroto domini deduxit corpore febris,
non animo curas; ualeat possessor oportet,*

50 *si comportatis rebus bene cogitat uti.
Qui cupit aut metuit, iuuat illum sic domus et res
ut lippum pictae tabulae, fomenta podagram,
auriculas citharae collecta sorde dolentis.
Sincerum est nisi uas, quodcumque infundis acescit.*

55 *Sperne uoluptates; nocet empta dolore uoluptas.
Semper auarus eget; certum uoto pete finem.*

empenhares teu ânimo nos estudos e em assuntos honestos,
a inveja ou o amor, na vigília, irão te torturar. Se
algo te fere o olho, apressas-te em remover; então, por que,
se algo devora-te o ânimo, postergar de ano em ano a hora de curar-te?
40 Metade do feito tem quem começou¹⁰; ousa ser sábio,
começa. Quem prorroga a hora de viver corretamente,
espera, como um campônio, que o regato seque; mas ele
corre e correrá fluindo por toda a eternidade.
Busca-se dinheiro e uma feliz esposa para criar
45 os filhos, e a selva rústica é domada pelo arado;
Aquele que alcança o que basta, que nada mais deseje.
Nem casa ou terra, nem pilha de bronze ou de ouro
removem a febre do corpo enfermo do senhor,
ou as preocupações de seu espírito. Boa saúde ao proprietário é oportuno,
50 se cogita bem usufruir dos bens acumulados.
Quem deseja ou teme, alegam-no uma casa e riquezas assim
como os quadros de pintura ao remelento, as compressas ao gotoso,
as cítaras aos ouvidos doentes graças à sujeira acumulada.
Se o vaso não está limpo, o que quer que se lhe acrescenta azeda.
55 Despreza os prazeres; o prazer comprado com a dor é prejudicial.
O avarento sempre tem necessidade; dá um limite certo a teu desejo.

¹⁰ Alusão ao provérbio grego ἀρχὴ ἥμισυ παντός, “o início é a metade do todo” (Dilke, p. 82).

*Inuidus alterius macrescit rebus opimis;
inuidia Siculi non inuenere tyranni
maius tormentum. Qui non moderabitur irae,
60 infectum uolet esse, dolor quod suaserit et mens,
dum poenas odio per uim festinat inulto.
Ira furor breuis est; animum rege, qui nisi paret,
imperat, hunc frenis, hunc tu compesce catena.
Fingit equum tenera docilem ceruice magister
65 ire uiam qua monstret eques; uenaticus, ex quo
tempore ceruinam pellem latrauit in aula,
militat in siluis catulus. Nunc adbibe puro
pectore uerba puer, nunc te melioribus offer;
quo semel est imbuta recens, seruabit odorem
70 testa diu. Quodsi cessas aut strenuus anteis,
nec tardum opperior nec praecedentibus insto.*

O invejoso definha com a opulência alheia.

Inveja: os tiranos Sicilianos não inventaram
maior tormento¹¹. Quem não moderar sua ira,

60 desejará não ter feito o que o ressentimento e o ímpeto lhe haviam persuadido,
enquanto urge castigos, por meio da violência, para um ódio impune.

A ira é um breve furor; doma teu ânimo, que, se não te obedece,
manda em ti; com freios, com correntes controla-o.

O mestre amansa o cavalo dócil, de cerviz ainda tenra,
65 a ir aonde mostra o cavaleiro; o cão de caça, logo após
o período em que latia para um cervo empalhado no quintal,
já caça na selva, ainda pequeno. Agora sorve, com o coração
puro, tais palavras, menino; agora, entrega-te a melhores.

O jarro guardará longamente o odor do qual foi primeiro impregnado
70 quando novo. Pois se te atrasas ou, apressado, te adiantas,
nem um retardatário espero, nem me apresso com os que vão na frente.

¹¹ Segundo Dilke (p. 83), Fálaris de Agrigento (séc. VI a.C.), Dionísio I de Siracusa (séc. V a.C.) e Agátocles de Siracusa (séc. IV a. C.) tornaram-se notórios pela crueldade, tendo sido lembrados por muito tempo (cf. Fairclough, p. 266; Villeneuve, p. 48).

EPÍSTOLA I. 3

A Júlio Floro

Dirigindo-se a Júlio Floro, Horácio busca notícias dos amigos: por onde andam Cláudio Tibério e a coorte (1-6)? Quem se encarrega de relatar os feitos de Augusto (7)? E o poeta Tício, como vai? Fazendo versos ao ritmo Tebano ou inflando-se com as tragédias (8-14)? Celso Albinovano, o que faz? Avise-o que busque seus próprios meios e evite outros textos, para não fazer papel de tolo (15-20). Por fim, Horácio pergunta ao próprio Júlio Floro: em que ocupa seu culto talento (21-22)? Na oratória, na defensoria pública, na poesia? Pois, no que se aplicar será premiado, chegará às alturas se abandonar certas frivolidades (23-27). Com tal empenho devemos nos portar para sermos valorosos (28-29). Fez as pazes com Munácio (30-31)? Ambos são jovens, impulsivos e inexperos, como potros ferozes, mas não rompam, adverte Horácio, os laços da amizade (32-34). Uma novilha espera-os numa futura visita (35).

Iuli Flore, quibus terrarum militet oris

Claudius Augusti priuignus, scire laboro.

Thracane uos Hebrusque niuali compede uinctus,

an freta uicinas inter currentia turris,

5 *an pingues Asiae campi collesque morantur?*

Quid studiosa cohors operum struit? hoc quoque curo.

Quis sibi res gestas Augusti scribere sumit?

bella quis et paces longum diffundit in aeuum?

quid Titius, Romana breui uenturus in ora,

10 *Pindarici fontis qui non expalluit haustus,*

fastidire lacus et riuos ausus apertos?

ut ualet? ut meminit nostri? fidibusne Latinis

Thebanos aptare modos studet auspice Musa,

an tragica desaeuit et ampullatur in arte?

Júlio Floro¹, em que terras do mundo milita
 Cláudio², enteado de Augusto, inquieto-me para saber.
 A Trácia e o Hebro³ que enregela os pés com neve,
 ou os estreitos que correm entre as torres vizinhas⁴,
 5 ou os férteis campos da Ásia e suas encostas vos retêm?
 Que obra prepara a empenhada coorte? Isso também me interessa.
 Quem se encarrega de escrever os feitos de Augusto?
 Guerras e pazes, quem as transmite ao longo tempo?
 E Tício⁵, em breve nas bocas Romanas,
 10 que não empalideceu ao sorver na fonte de Píndaro,
 e ousou desdenhar lagos e rios disponíveis?
 Ele está bem? Como se lembra de nós? Sob auspício da Musa,
 empenha-se em adaptar os metros Tebanos às cordas latinas,
 ou na arte trágica se estufa e retumba?

¹ *Iulius Florus*, orador, poeta, jurisconsulto, a quem Horácio endereçará a *Epístola* II. 2.

² *Tiberius Claudius Nero* (42 a.C – 37 d.C.), futuro imperador Tibério (cf. *Epístola* I. 10).

³ Passando pela Trácia, região centro-sul dos Balcãs (atual sudeste da Bulgária, Grécia continental e Turquia ocidental), a coorte de Tibério dirigia-se em missão ao Oriente (cf. Suetônio, *Tibério*, 70 *apud* Villeneuve, p. 13). O Hebro (hoje, Maritsa ou Evros), mais extenso rio da região, nasce nos montes Rila, na atual Bulgária, e deságua no mar Egeu, dividindo Grécia e Turquia hodiernas.

⁴ Referência às torres de Sesto e de Abidos, nas margens europeia e asiática, respectivamente, do Helesponto, famosas pela lenda de Hero e Leandro: Hero, sacerdotisa de Afrodite, morava na torre em Sesto e todas as noites acendia um farol para guiar seu amante Leandro, jovem de Abidos, que a nado atravessava o estreito. Numa tempestuosa noite de inverno, o vento apagou a luz, o amante se perdeu e afogou-se no mar, e Hero da torre se jogou (cf. *Heroides* XVIII e XIX de Ovídio).

⁵ A respeito de Tício, nada mais sabemos além do que diz Horácio nesta carta. Préaux (p. 62) supõe que talvez se trate do filho de *M. Titius, consul suffectus* em 31 a.C.

- 15 *Quid mihi Celsus agit? monitus multumque monendus,
priuatas ut quaerat opes et tangere uitet
scripta, Palatinus quaecumque recepit Apollo,
ne, si forte suas repetitum uenerit olim
grex auium plumas, moueat cornicula risum*
- 20 *furtiuus nudata coloribus.¹ Ipse quid audes?
quae circumuolitas agilis thyma? non tibi paruom
ingenium, non incultum est et turpiter hirtum;
seu linguam cauis acuis seu ciuica iura
respondere paras seu condis amabile carmen,*
- 25 *prima feres hederæ uictricis præmia. Quod si
frigida curarum fomenta relinquere posses,
quo te caelestis sapientia duceret, ires.
Hoc opus, hoc studium parui properemus et ampli,
si patriæ uolumus, si nobis uiuere cari.*
- 30 *Debes hoc etiam rescribere, sit tibi curæ
quantæ conueniat Munatius? an male sarta
gratia nequiquam coit et rescinditur, ac uos*

¹ O texto da edição *Les Belles Lettres* marca este verso com uma quebra (mudança no assunto da epístola?), a qual preferimos suprimir.

15 Que se passa com meu Celso⁶? Muito premuni e premunirei,
 que busque seus próprios recursos e evite tocar
 quaisquer livros que acolheu Apolo Palatino⁷,
 para que, se acaso o bando de aves tenha vindo um dia
 reaver suas penas, não provoque o riso – como a gralha
 20 descoberta com penas coloridas roubadas⁸. E tu, o que tentas?
 Andas leve ao redor de que flores? Não é pequeno teu
 engenho, não é inculto nem torpemente áspero;
 quer afies tua língua nos processos, quer te prepares
 para responder no direito civil, quer componhas amável verso,
 25 levarás o primeiro prêmio de hera vencedora. Porque se
 pudesses te apartar dos remédios ineficazes contra preocupações,
 irias aonde a sabedoria celeste te conduzisse.
 Essa obra, esse empenho aceleremos, pequenos e grandes,
 se à pátria caros quisermos viver, se a nós mesmos.

30 Também deves responder isto: tens de novo por
 Munácio⁹ a afeição que convém? Ou vossa amizade é como
 ferida mal cicatrizada, que em vão sara e torna a abrir?

⁶ *Celsus Albinovanus*, a quem a *Epístola* I. 8 se dirige, hoje desconhecido. Mayer (p. 174) cogita dois amigos de Ovídio com os quais seria possível identificá-lo.

⁷ Referência à biblioteca aberta, em 28 a.C., no templo dedicado a Apolo Palatino no mesmo ano.

⁸ Alusão à fábula esópica da gralha vaidosa, retomada por Fedro (I. 3, *graculus superbus et pauo*), Babrios (72) e La Fontaine (IV. 9, *le Geai paré des plumes du Paon*), dentre outros.

⁹ Munácio, segundo Villeneuve (p. 16), é o filho de *L. Munatius Plancus*, cônsul em 41 a.C., a quem Horácio dedica a *Ode* I. 7.

*seu calidus sanguis seu rerum inscitia uexat
indomita ceruice feros? ubicumque locorum
35 uiuitis, indigni fraternum rumpere foedus,
pascitur in uestrum reditum uotiua iuuenca.*

Alvoroça-vos seja o sangue quente, seja a ignorância das coisas,
potros de cerviz indômita. Onde quer que

35 vivais, indignos sereis ao romper os laços fraternos;

uma novilha consagrada é alimentada para vosso retorno.

EPÍSTOLA I. 4

A Álbio Tibulo

Horácio escreve ao poeta Tibulo para saber notícias: o que faz, resguardado no campo? Faz versos ou se ocupa, tácito, com o que é digno de um homem sábio (1-4)? Tibulo não tem do que reclamar: é belo, rico, sabe aproveitar a vida. O que mais pode desejar (5-11)? Um conselho: em meio às atribulações, aproveite cada dia como o último; grata virá a hora que não é esperada (12-14). E que venha visitá-lo quando quiser, convida, ao fim, Horácio (15-16).

*Albi, nostrorum sermonum candide iudex,
quid nunc te dicam facere in regione Pedana?
scribere quod Cassi Parmensis opuscula uincat,
an tacitum siluas inter reptare salubris,
5 curantem quicquid dignum sapiente bonoque est?
Non tu corpus eras sine pectore; di tibi formam,
di tibi diuitias dederunt artemque fruendi.
Quid uoueat dulci nutricula maius alumno,
qui sapere et fari possit quae sentiat, et cui
10 gratia, fama, ualetudo contingat abunde,
et mundus uictus non deficiente crumina?
Inter spem curamque, timores inter et iras
omnem crede diem tibi diluxisse supremum;
grata superueniet quae non sperabitur hora.
15 Me pinguem et nitidum bene curata cute uises,
cum ridere uoles, Epicuri de grege porcum.*

Álbio¹, de nossas Sátiras franco juiz,
o que direi que tu fazes agora na região de Pedo²?
A escrever algo que supere os opúsculos de Cássio de Parma³
ou, tácito, entre bosques salutareis a caminhar lentamente,
5 preocupando-te com o que quer que seja digno a um homem sábio e de bem?
Tu não eras um corpo sem espírito; os deuses te deram beleza,
os deuses te deram riquezas e a arte de fruir.
O que mais uma ama desejaria que um caro aluno,
que possa saber e falar o que sente, a quem
10 favores, fama, saúde caibam em abundância,
com elegantes meios de vida e não de bolsa vazia?
Entre esperança e preocupação, entre temores e iras
crê que todo dia raiou para ti como o último;
grata virá a hora que não é esperada.
15 Quando desejares rir, venhas visitar a mim, gordo e lustroso,
com a pele bem tratada, um porco da grei de Epicuro.

¹ Álbio Tibulo, poeta elegíaco que morreu no mesmo ano em que Virgílio, 19 a.C.

² Na região de Pedo, hoje desaparecida, localizada ao pé dos montes Sabinos (Fraenkel, p. 323) entre as cidades de Preneste, Túsculo e Tíbur, o poeta Tibulo possuía antiga propriedade familiar.

³ Cássio de Parma, ardoroso republicano, um dos conspiradores do assassinato de César. Quase nada restou de seus escritos (cf. Villeneuve, p. 54, nota 2) que nos permita melhor entender o que Horácio sugere na passagem.

EPÍSTOLA I. 5

A Torquato

Neste poema-convite, Horácio chama seu amigo Torquato para desfrutar consigo um jantar simples e um vinho especial (1-5). Que traga o que desejar e venha logo, o fogo ardente e a casa limpa o aguardam (6-7). E que deixe as preocupações para trás: festejarão o aniversário de Augusto e a festa autoriza a longa noitada (8-11). Se não se aproveita, de que serve a boa Fortuna (12)? A avareza é vizinha da insanidade: Horácio confessa preferir ser tido por louco (13-15). Pois, o que não desperta o vinho? Quem não se torna eloquente com seus cálices (16-20)? E novamente confessa: aplica-se voluntariamente nesse prazer; então, que as adversidades não atinjam seu amigo Torquato, que as amizades se estreitem (21-26). Butra, Septício e Sabino também devem vir: há lugar para mais, porém convivas demais desagrada (26-29). Enfim, demanda Horácio: diga quantos são, fuja dos negócios e venha (30-31).

*Si potes Archiacis conuiuia recumbere lectis
nec modica cenare times holus omne patella,
supremo te sole domi, Torquate, manebo.*

*Vina bibes iterum Tauro diffusa palustris
5 inter Minturnas Sinuessanumque Petrinum.*

Si melius quid habes, arcesse uel imperium fer.

Iamdudum splendet focus et tibi munda supellex.

*Mitte leuis spes et certamina diuitiarum
et Moschi causam; cras nato Caesare festus
10 dat ueniam somnumque dies; impune licebit
aestiuam sermone benigno tendere noctem.*

Quo mihi fortunam, si non conceditur uti?

Se podes deitar nos leitos de Árquias¹, como conviva,
 nem temes em módico prato cear todo tipo de hortaliça,
 ao pôr-do-sol em casa, Torquato, te aguardarei;
 beberás vinho, na jarra desde o segundo consulado de Tauro²,
 5 colhido entre a pantanosa Minturnas e Petrinos de Sinuessa³.
 Se tens algo melhor, manda buscar ou acata minha ordem⁴.
 Há muito brilha o braseiro para ti e a mobília limpa.
 Deixa as fúteis esperanças e as disputas por dinheiro
 e a causa de Mosco⁵; amanhã, aniversário de César⁶: o dia festivo
 10 dá desculpa ao sono prolongado; impunemente será permitido
 estender a noite estival em conversação amigável.
 Para que minha fortuna, se não se concede usufruir?

¹ Árquias era um artesão de móveis simples (Villeneuve, p. 58; Mayer, p. 157).

² O segundo consulado de *T. Statilius Taurus* foi em 26 a.C.

³ Minturnas é uma região situada a sudeste de Roma, a cerca de 1,5km da costa ocidental da Itália, na planície de Cécubo, próxima ao rio Liris, o qual separa o Lácio da Campânia. Petrinos é o nome de um monte na região de Sinuessa, a sudeste de Minturnas. Segundo Nisbet e Hubbard (p. 245), um vinho aí produzido teria especial valor para Torquato, cujo mais nobre antepassado, *T. Manlius Torquatus*, lutara importante batalha em 340 a.C. na região (*T. Lívio VIII. 2, apud Préaux*, p. 76).

⁴ Em artigo, Nisbet (1959, p. 73) atenta para a cuidadosa escolha vocabular da passagem, retomando observações de Münzer: *imperium*, no contexto, é a autoridade do *dominus conuiuii*, mas alude à proverbial *imperia Manliana*: se a *gens* de Torquato era conhecida por dar ordens, Horácio agora faz questão de ditá-las (cf. *imperator*, v. 21). O verbo *arcesso* pode também aludir à esfera jurídica (com o sentido de “citar, demandar, acusar”), em que é comum (Préaux, p. 77).

⁵ *Volcaci* *Moschus*, retórico de Pérgamo, não obstante as defesas tanto de Asínio Polião quanto de Torquato, foi condenado pela acusação de envenenamento e fugiu para Marselha (Dilke, p. 90).

⁶ i.e., Otávio Augusto, cujo aniversário se celebrava em 23 de setembro.

- Parcus ob heredis curam nimiumque seuerus
adsidet insano; potare et spargere flores*
- 15 *incipiam patiarque uel inconsultus haberi.
Quid non ebrietas dissignat? operta recludit,
spes iubet esse ratas, ad proelia trudit inertem,
sollicitis animis onus eximit, addocet artis.
Fecundi calices quem non fecere disertum,*
- 20 *contracta quem non in paupertate solutum?
Haec ego procurare et idoneus imperor et non
inuitus, ne turpe toral, ne sordida mappa
conruget naris, ne non et cantharus et lanx
ostendat tibi te, ne fidos inter amicos*
- 25 *sit qui dicta foras eliminat, ut coeat par
iungaturque pari. Butram tibi Septiciumque,
et nisi cena prior potiorque puella Sabinum
detinet, adsumam. Locus est et pluribus umbris,*

O avaro, graças à preocupação com herdeiros, demasiado severo,
 avizinha-se do insano; a beber e a semear flores
 15 começarei e aceitarei até ser tomado por insensato.
 O que não desperta a embriaguez? Revela segredos,
 ordena que esperanças se concretizem, às batalhas impele o inerte,
 aos espíritos aflitos exime o fardo, ensina mais artes.
 Quem cálices fecundos não fizeram eloquente,
 20 quem, acanhado pela pobreza, não libertaram?
 Dessas coisas eu, idôneo, ordeno ocupar-me e não
 contrariado: que nem colcha suja nem lenço sórdido
 te enrugue o nariz⁷; que o cântaro e o prato
 mostrem-te a ti⁸, que não se divulgue o que se diz
 25 entre fiéis amigos, para que se una o par
 e ao par seja acrescido. Receberei contigo Butra e Septício
 e, caso não haja uma ceia prévia nem a menina preferida
 o detenha, Sabino⁹. Há lugar também para muitos “sombas”¹⁰,

⁷ A expressão latina *conruget naris* sinaliza o desgosto, a repugnância da situação, e funciona como uma espécie de neologismo (Préaux, p. 79). Um trecho da *Institutio Oratoria* (XI. 3, 80) de Quintiliano esclarece: *Naribus labrisque non fere quicquam decenter ostendimus, tametsi derisus iis, contemptus, fastidium significari solet. Nam et “corrugare nares”, ut Horatius ait, (...) indecorum est.* “Com narizes e lábios mostramos quase tudo que não é decente, ainda que derrisão, desprezo, desdém costumem se expressar por meio deles. Pois, ‘enrugar os narizes’, como diz Horácio, (...) é indecoroso”.

⁸ i.e. sejam polidos ao ponto de refletir a imagem. Cântaro é um vaso com duas asas.

⁹ Nada mais se sabe sobre Butra, Septício e Sabino. Sobre esse último, Villeneuve (p. 59) diz que um *Sabinus Tiro* havia dedicado a Mecenas um livro sobre a arte dos jardins.

¹⁰ A palavra *umbra*, em latim, está sendo usada para denominar pessoas que vão aos encontros sem serem propriamente convidadas.

sed nimis arta premunt olidae conuiuia caprae.

30 *Tu quotus esse uelis rescribe, et rebus omissis
atria seruantem postico falle clientem.*

mas encontros apertados demais incomodam pelo fedor de cabra.¹¹

30 Tu, quantos quiseres que sejam, escreve-me e, deixados de lado os negócios, escapa, pela porta traseira, do cliente que vigia os átrios.

¹¹ Jean-Noël Robert (p. 129) comenta a importância do número de convidados nas refeições: no mínimo três (como as Graças), no máximo nove (como as Musas), deve-se também evitar um número par de convivas.

EPÍSTOLA I. 6

A Numício

Nada admirar: eis a chave para ser feliz (1-2). Uns veem tudo sem admiração: como Numício vê os frutos da terra, do mar, dos jogos? Como se deve observar tudo isso, indaga Horácio ao amigo (3-8). Os que temem padecem do mesmo mal que aqueles que desejam tudo contemplar (9-11). Importante é não se deixar aprisionar pela admiração, boa ou ruim (12-14). Mas buscar uma virtude além do devido é insanidade: que cuide, pois, de apreciar estátuas, vestimentas e outra artes, bem como de se fazer apreciado (15-19). Então, trabalhe, de manhã ao fim da tarde, para ser motivo de admiração (20-24). Como o tempo tudo muda, não se gabe de seus feitos: ainda resta ir adiante (25-27). Que fuja da doença, se há; e se quiser ser feliz, busque já a virtude, que não é só uma palavra, sem jamais descuidar dos negócios (28-33). Arredonde uma boa quantia: boa esposa, beleza, amigos, isso e mais o dinheiro dará, por intermédio dos deuses (34-38). Não seja sovina como certos reis, mas previdente como dizem de Luculo (39-44). Pobreza é tanto falta de abundância quanto de cuidados, que Numício seja o primeiro nessa lição (45-48). E se o prestígio e a pompa lhe alegam, Horácio recomenda-lhe comprar um escravo a fim de auxiliar no trato público; bem educado, que adote os tratamentos devidos (49-55). Se um bom jantar é viver bem, faça-o vir facilmente e, se preciso, até com propaganda (56-61). Regozijemo-nos sem nos importarmos com julgamentos alheios: vivamos entre amores e divertimentos, se tal nos deixa felizes (62-66). Siga isso Numício e compartilhe, se possuir, um conselho melhor (65-68).

*Nil admirari prope res est una, Numici,
solaque quae possit facere et seruare beatum.
Hunc solem et stellas et decedentia certis
tempora momentis sunt qui formidine nulla
5 imbuti spectent. Quid censes munera terrae,
quid maris extremos Arabas ditantis et Indos?
ludicra quid, plausus et amici dona Quiritis?
quo spectanda modo, quo sensu credis et ore?
Qui timet his aduersa, fere miratur eodem
10 quo cupiens pacto; pauor est utrubique molestus,
inprouisa simul species exterret utrumque.
Gaudeat an doleat, cupiat metuatne, quid ad rem,
si, quicquid uidit melius peiusue sua spe,
defixis oculis animoque et corpore torpet?
15 Insani sapiens nomen ferat, aequus iniqui,
ultra quam satis est uirtutem si petat ipsam.
I nunc, argentum et marmor uetus aeraque et artis
suspecte, cum gemmis Tyrios mirare colores;
gaude quod spectant oculi te mille loquentem;*

Nada admirar, Numício¹, é provavelmente a única coisa
(e só ela) que pode trazer e conservar a felicidade.
Este sol, as estrelas, as estações mudarem em momentos
certos, há quem, sem nenhum espanto,
5 os observe. Como julgas os dons da terra?
Como, os do mar, enriquecendo os confins Árabes e Indianos?
E os divertimentos, os aplausos e os dons do amigo Quirite?²
De que modo crês que se deve observar, com que cara e sentimento?
Quem teme o contrário dessas coisas, praticamente admira do mesmo
10 modo que quem as deseja. O pavor nos dois casos faz mal,
tão logo uma visão imprevista aterroriza ambos.
Que se regozije ou se aflija, deseje ou tema, que interessa
se tudo aquilo que viu, acima ou abaixo de sua expectativa,
lhe entorpece os olhos fixos e o corpo e a alma?
15 Que o sábio leve o nome de insano, o justo de injusto,
caso busque a própria virtude além do que é suficiente.
Vai, então, a prata e o velho mármore e o bronze e as artes
contempla, admira as cores tírias com gemas³;
alegra-te, pois mil olhos te observam discursando.

¹ Destinatário desconhecido, de quem nada mais se sabe.

² Quirite é o nome dado coletivamente aos cidadãos romanos, especialmente em registro solene. Aqui, o uso poético remete ao cidadão romano comum.

³ Tiro e Sídon (cf. *Epístola* I. 10, 18), cidades litorâneas ao leste do Mediterrâneo, atualmente no Líbano, eram famosas graças a tinta púrpura ali produzida (a partir de um peixe denominado *murex*) e usada no tingimento de vestidos de luxo, adornados com pedras preciosas no presente caso (Mayer, p. 147; Dilke, p. 94).

- 20 *nauos mane forum et uespertinus pete tectum,
ne plus frumenti dotalibus emetat agris
Mutus et (indignum, quod sit peioribus ortus)
hic tibi sit potius quam tu mirabilis illi.
Quicquid sub terra est, in apricum proferet aetas,*
- 25 *defodiet condetque nitentia. Cum bene notum
porticus Agrippae et uia te conspexerit Appi,
ire tamen restat, Numa quo deuenit et Ancus.
Si latus aut renes morbo temptantur acuto,
quaere fugam morbi. Vis recte uiuere (quis non?):*
- 30 *si uirtus hoc una potest dare, fortis omissis
hoc age deliciis. Virtutem uerba putas et
lucum ligna: caue ne portus occupet alter,
ne Cibyrica, ne Bithyna negotia perdas;
mille talenta rotudentur, totidem altera, porro et*
- 35 *tertia succedant et quae pars quadrat aceruum.
Scilicet uxorem cum dote fidemque et amicos*

20 Zeloso, busca cedo o fórum e, no fim da tarde, tua casa;
 que Muto⁴ não ceife, em seus campos dotalícios, mais
 grãos que ti e (que vergonha!, pois ele vem de origem menos nobre),
 não seja ele digno de admiração para ti, antes tu para ele.
 O que quer que há sob a terra, o tempo trará à luz,
 25 e enterrará e ocultará o que hoje brilha. Quando, bem conhecido,
 o porto de Agripa⁵ e a via de Ápio⁶ te divisarem,
 resta ir, contudo, aonde Numa e Anco chegaram⁷.
 Se o flanco e os rins são atacados por aguda doença,
 busca saída da doença. Queres viver bem (e quem não?):
 30 se apenas a virtude pode dar isso, bravamente, abandonados
 os prazeres, faz isso já. Pensas que a virtude é só uma palavra e
 um bosque-sagrado, só madeira: cuida para que outro não ocupe teu lugar,
 nem percas negócios em Cíbira ou na Bitínia⁸;
 que chegues a mil talentos redondos, a outro tanto ainda, e na sequência
 35 o terceiro mil suceda e outra parte te quadre um montão.
 Sabe-se que uma esposa com dote e fiel, além de amigos,

⁴ Personagem desconhecida. Vale notar que *mutus*, em latim, é o adjetivo para “mudo”.

⁵ Construído em 25 a.C. e decorado com pinturas das aventuras dos Argonautas, tornou-se uma popular área de lazer. Horácio visa a elogiar seu construtor, *M. Agrippa*, pois o porto era mais conhecido como “porto dos Argonautas” ou “porto de Netuno” (Dilke, p. 95; Villeneuve, p. 63).

⁶ A via Ápia, construída em 312 a.C. por *Ap. Claudius Caecus*, liga Roma à Campânia, passando pelas praias da baía de Nápoles, evocando uma vida de sucessos e prazeres (Villeneuve, p. 63).

⁷ Exemplos de celebridades históricas: a *Numa Pompilius*, segundo rei de Roma, credita-se a fundação das instituições religiosas da cidade; *Ancus Marcius* foi o quarto rei de Roma.

⁸ Bitínia, província da Ásia Menor no Mar Negro, possuía intensa atividade comercial. Ao sul dessa localizava-se o império da Frígia, em cujo sudoeste ficava Cíbira, cidade conhecida pela exportação de ferro.

*et genus et formam regina Pecunia donat,
ac bene nummatum decorat Suadela Venusque.
Mancupiis locuples eget aeris Cappadocum rex;
40 ne fueris hic tu. Chlamydes Lucullus, ut aiunt,
si posset centum scaenae praebere rogatus,
“Qui possum tot?” ait; “tamen et quaeram et quot habebo
mittam”; post paulo scribit sibi milia quinque
esse domi chlamydum; partem uel tolleret omnis.
45 Exilis domus est, ubi non et multa supersunt
et dominum fallunt et prosunt furibus. Ergo
si res sola potest facere et seruare beatum,
hoc primus repetas opus, hoc postremus omittas.
Si fortunatum species et gratia praestat,
50 mercemur seruuum, qui dictet nomina, laeuum
qui fodicet latus et cogat trans pondera dextram*

família, beleza, a rainha Pecúnia os dá,
 e ao bastante abastado condecoram Eloquência⁹ e Vênus.
 Rico em escravos, o rei da Capadócia¹⁰ precisa de dinheiro;
 40 tu não seas como ele. Contam que Luculo¹¹, ao lhe rogarem
 se podia dar cem clâmides¹² para a encenação,
 disse: “Como posso dar tantas? Contudo, procurarei e quantas encontrar
 enviarei”; pouco depois escreve ter consigo cinco
 mil clâmides em casa; que apanhassem parte ou mesmo tudo.
 45 Tacanha é a casa onde tanto não sobram muitas coisas
 quanto passam despercebidas ao senhor e são proveitosas aos ladrões. Portanto,
 se somente a riqueza pode trazer e conservar a felicidade,
 que sejas o primeiro a pôr mãos à obra – e o último a abandoná-la.
 Se esplendor e popularidade deixam afortunado,
 50 compremos um escravo, que recite os nomes¹³, que cutuque
 o lado esquerdo, e nos encete, atravessando as ruas¹⁴,

⁹ *Suadela* é a deusa da persuasão e da eloquência, em especial aplicadas à conquista amorosa.

¹⁰ A referência pode aplicar-se tanto a Arquelau, contemporâneo de Horácio e Numício, quanto a Ariobárzanes III, morto em 42 a.C. Ambos monarcas tornaram-se conhecidos pela extrema pobreza (Dilke, p. 95-6).

¹¹ *L. Licinius Lucullus* (c. 117-56 a.C.), general e administrador, conhecido por sua riqueza espetacular, foi homem de confiança de Sula. Plutarco (*Vida de Luculo*, 39, 5) relata esse mesmo episódio, porém não exagera como o faz o humor horaciano; diz apenas que, no dia seguinte, Luculo ofereceu duzentas clâmides, o dobro do que foi pedido.

¹² Manto que se prendia por um broche ao pescoço ou aos ombros.

¹³ Um escravo, denominado *nomenclator*, era encarregado de informar discretamente a seu senhor os nomes das pessoas que esse desconhecia.

¹⁴ A expressão latina *trans pondera* (lit.: “através dos blocos/paralelepípedos”), muito debatida pelos comentadores, não é clara na sentença. Seguimos a interpretação sugerida pelos escoliastas (Dilke, p. 96-7), porém outras são propostas: “através do balcão”, “através dos obstáculos” etc.

*porrigere: “Hic multum in Fabia ualet, ille Velina;
cui libet his fascis dabit eripietque curule
cui uolet inportunus ebur.”¹ “Frater”, “Pater” adde;
55 ut cuique est aetas, ita quemque facetus adopta.
Si bene qui cenat bene uiuit, lucet, eamus
quo ducit gula, piscemur, uenemur, ut olim
Gargilius, qui mane plagas, uenabula, seruos
differtum transire forum populumque iubebat,
60 unus ut e multis populo spectante referret
emptum mulus aprum. Crudi tumidique lauemur,
quid deceat, quid non obliti, Caerite cera
digni, remigium uitiosum Ithacensis Vlixei,
cui potior patria fuit interdicta uoluptas.
65 Si, Mimnermus uti censet, sine amore iocisque
nil est iucundum, uiuas in amore iocisque.
Viue, uale. Siquid nouisti rectius istis,
candidus inperti; si nil, his utere mecum.*

¹ Embora o texto adotado da edição *Les Belles Lettres* não sinalize o fechamento dessa fala com aspas duplas, julgamos conveniente fazê-lo. O verso 52 grafa *Fabiaualet*, conjunto que preferimos separado por considerá-lo simples falha tipográfica.

a estender a destra: “Este é muito poderoso na tribo Fábica; aquele na Velina¹⁵;
a quem agradar, esse dará as fascas e, inconveniente, tirará
de quem quiser a curul¹⁶ de marfim.” ‘Irmão’, ‘Pai’, trata
55 segundo a idade de cada um; assim, educado, adota o tratamento.
Se quem vive feliz ceia fartamente, ainda é dia, vamos
aonde conduz a gula. Pesquemos, cacemos como outrora
Gargílio¹⁷, que, pela manhã, redes, venábulos, escravos,
mandava transitar entre o fórum cheio de gente,
60 para que, um único burro, dentre muitos, trouxesse o javali
comprado – o povo a admirar. De barriga cheia, inchados, banhemo-nos
esquecidos do que convém e do que não, dignos da tábua de
Cere¹⁸, tripulação corrompida de Ulisses Itacense,
a quem um desejo proibido era melhor que a pátria.
65 Se, como julga Mimnermo¹⁹, sem amor e jogos
nada é prazeroso, vivas em amor e jogos.
Vive, passa bem! Se conheces algo mais correto que isso,
gentilmente compartilha; se não, usa-os comigo.

¹⁵ Fábica e Velina, duas das 35 tribos em que se distribuía os Romanos para fins eleitorais; ambas tribos rústicas, cuja soma de votos individuais superava a das quatro tribos urbanas (Mayer, p. 153).

¹⁶ Cadeira ornamentada portátil reservada aos mais altos dignatários (censores, cônsules, ditadores, imperadores etc.), símbolo do poder judiciário.

¹⁷ Personagem desconhecida, talvez de uma sátira de Lucílio (cf. Préaux, p. 89 e Dilke, p. 97).

¹⁸ Cere (atualmente Cerveteri), cidade italiana a cerca de 40km ao noroeste de Roma. A expressão *Caerite cera* (“tábua de Cere”) simboliza o ‘mérito da exclusão’ por se referir aos nomes dos moradores de Cere, os quais não podiam votar, inscritos em tábuas com cera (Fairclough, p. 291).

¹⁹ Mimnermo de Cólofon, poeta do século VI a.C., considerado o fundador da elegia. Horácio parece referir-se ao início de um fragmento de Mimnermo: τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ χρυσέης Ἀφροδίτης; “O que é a vida, o que é prazeroso sem áurea Afrodite?” (Dilke, p. 98).

EPÍSTOLA I. 7

A Mecenas

Horácio desculpa-se por sua longa estadia no campo: caso Mecenas lhe queira bem, que compreenda como o verão na cidade faz mal à saúde do poeta (1-10). Promete encontrá-lo, passadas as neves do inverno, para que possa ler ao amigo, e confessa: Mecenas deixou-o rico de bom grado, não ao modo do anfitrião calabrês (11-19). Ingratos dão aquilo que desprezam, assim fizeram e farão sempre; mas o sábio está de prontidão para os homens de bem e sabe dar valor ao dinheiro: assim, Horácio mostrar-se-á digno de seu benfeitor (20-24). Se Mecenas o quer consigo, que deixe-o como é, com os prazeres costumeiros (25-28). Diz a fábula que uma raposinha não conseguiu sair, depois de tanto comer, por onde entrara no cesto de grãos: se essa imagem se aplica a Horácio, a tudo há de renunciar, pois não vive a esbanjar, tampouco folgadoamente (29-36). Os louvores do poeta a Mecenas são públicos e notórios; não conseguiria alegremente abrir mão dos presentes (37-39). O exemplo de Telêmaco é conveniente: pequenezas aos pequenos; deseja o poeta não a realeza romana, mas a calma do interior (40-44). Por meio da história de Filipe e Mena, Horácio relata como um homem nobre e rico se aproxima de um sujeito simples, urbano e honesto, de afazeres humildes, sem grandes posses ou pretensões (45-71). Desse contato surgem jantares, passeios, empréstimos... Conta a história que de simples cidadão fez-se um camponês inexperiente e sonhador, o qual acabou se desgastando na lida, no arado, acumulando apenas prejuízos (72-87). Revoltado, ao patrão retorna, pedindo-lhe de volta a vida anterior (88-95). Se o que foi relegado é melhor que aquilo que se busca, que se volte atrás, aconselha Horácio. Meça-se cada um com sua própria medida (96-98).

- Quinque dies tibi pollicitus me rure futurum,
Sextilem totum mendax desideror. Atqui,
si me uiuere uis sanum recteque ualentem,
quam mihi das aegro, dabis aegrotare timenti,*
- 5 *Maecenas, ueniam, dum ficus prima calorque
dissignatorem decorat lictoribus atris,
dum pueris omnis pater et matercula pallet,
officiosaque sedulitas et opella forensis
adducit febris et testamenta resignat.*
- 10 *Quodsi bruma niues Albanis inlinet agris,
ad mare descendet uates tuus et sibi parcat
contractusque leget; te, dulcis amice, reuisset
cum Zephyris, si concedes, et hirundine prima.
Non quo more piris uesci Calaber iubet hospes*
- 15 *tu me fecisti locupletem. “Vescere, sodes.”¹
“Iam satis est.” “At tu, quantum uis, tolle.” “Benigne.”*

¹ O texto da edição *Les Belles Lettres* pontua com hífen o início de cada fala nos diálogos (versos 15 a 19, 63, 70 e 92). Preferimos adotar aspas duplas circunscrevendo-as, à inglesa.

Uns cinco dias a ti havia prometido que estaria no campo;
 por todo o sexto mês¹, com um tratante, sou aguardado. Bem,
 se queres que eu viva saudável e com forças,
 a benevolência que me dás quando adoço, tu darás,
 5 Mecenaz, a mim que temo adoecer, enquanto os primeiros figos² e o calor
 enfeitam o funeral, com seus litores³ de preto,
 enquanto, por seus pequenos, pai e mamãe empalidecem
 e a preocupação oficiosaz e a banalidade forense
 conduzem a febres e violam os sinetes dos testamentos.
 10 Mas se o solstício de inverno untar com neve os campos albanos,
 ao mar descerá teu vate e se poupará
 e encolhido⁴ lerá; a ti, caro amigo, irá rever
 com os Zéfiroz e a primeira andorinha⁵, se permitires.
 Tu me fizeste rico, não segundo o costume em que o anfitrião calabrês
 15 manda comer as pêraz: “Come, por favor”.
 “Estou satisfeito.” “Mas, quanto quiseres, leva.” “Não, obrigado.”

¹ O sexto mês, após 8 a.C., foi nomeado *augustus* pelo Senado romano, em homenagem ao imperador Otávio Augusto.

² A locução latina *ficuz prima* pode ser vista como perífrase do começo do outono (OLD *ficuz* 2), para qual emprestamos “os primeiros figos” da tradução de Antônio Luís de Seabra.

³ À letra, *dissignator*, em latim, é o oficial responsável pelo funeral, como um “agente funerário”. Litores são uma espécie de guardas, os quais acompanhavam certas figuras públicas, abrindo caminho entre a multidão. Carregavam os feixes (*fascuz*) de varaz com a machadinha, símbolo do poder de coerção dos magistrados superiores sobre os cidadãos.

⁴ Pode-se entender *contractuz*, nessa passagem latina, como “acabrunhado” (cf. *Epístola* I. 5, 20), “em voz baixa” ou “concentrado” (em oposição a *distractus*) e “encolhido”, como traduzimos (Courbaud, p. 285-6; cf. Santos, M. M. 1998/1999, p. 239).

⁵ i.e. no início da primavera.

“Non inuisa feres pueris munuscula paruis.”

“Tam teneor dono quam si dimittar onustus.”

“Vt libet; haec porcis hodie comedenda relinques.”

20 *Prodigus et stultus donat quae spernit et odit;*
haec seges ingratos tulit et feret omnibus annis.
Vir bonus et sapiens dignis ait esse paratus,
nec tamen ignorat quid distent aera lupinis;
dignum praestabo me etiam pro laude merentis.

25 *Quodsi me noles usquam discedere, reddes*
forte latus, nigros angusta fronte capillos,
reddes dulce loqui, reddes ridere decorum et
inter uina fugam Cinarae maerere proteruae.

Forte per angustam tenuis uolpecula rimam
30 *repperat in cumeram frumenti, pastaque rursus*
ire foras pleno tendebat corpore frustra;
cui mustela procul: “Si uis” ait “effugere istinc,
macra cauum repetes artum, quem macra subisti.”

Hac ego si compellor imagine, cuncta resigno;
35 *nec somnum plebis laudo satur altitium nec*
otia diuitiis Arabum liberrima muto.

“Não ofenderá se lewares às crianças esses presentinhos.”

“Sinto-me tão obrigado como se fosse embora com o presente.”

“Como quiser; essas, hoje tu as darás de comer aos porcos.”

20 O perdulário e o estulto dão o que desprezam e odeiam.

Esta seara produziu e produzirá ingratos todos os anos.

O homem bom e sábio diz estar de prontidão aos que merecem, não ignora, contudo, o que difere o dinheiro dos tremoços⁶; pronto mostrar-me-ei também, para a glória de meu benfeitor.

25 Mas se não queres que me aparte jamais, restituirás

o peito forte, os negros cabelos na fronte estreita,

restituirás o falar doce, restituirás o rir gracioso e

o lamentar, entre vinhos, a fuga da Cínara⁷ petulante.

Certa vez uma tênue raposinha, por uma estreita fenda,

30 arrastara-se para dentro de um cesto de grãos; saciada, de volta

lutava para sair, com a barriga cheia: em vão.

A ela disse de longe uma doninha: “se queres fugir daí,

magra retornes ao buraco apertado, onde magra entraste.”⁸

Caso essa imagem se aplique a mim, renuncio a tudo:

35 nem louvo o sono da plebe, farto de aves gordas, nem

meus ócios mais livres troco por riquezas árabes.

⁶ Tremoços eram usados para representar dinheiro em peças teatrais (Villeneuve, p. 69).

⁷ Figura feminina a quem Horácio voltará a se referir: *Ep.* I. 14, 33; *Odes* IV. 1, 4; IV. 3, 21 e ss.

⁸ Fábula esópica da raposa e da doninha, retomada por Babrius (86) e La Fontaine (III. 17, *La Belette entrée dans un grenier*), dentre outros.

*Saepe uerecundum laudasti rexque paterque
audisti coram nec uerbo parcius absens;
inspice si possum donata reponere laetus.*

- 40 *Haud male Telemachus, proles patientis Vlixei:
“Non est aptus equis Ithace locus, ut neque planis
porrectus spatii nec multae prodigus herbae;
Atride, magis apta tibi tua dona relinquam.”
Paruum parua decent; mihi iam non regia Roma,*
- 45 *sed uacuum Tibur placet aut inbelle Tarentum.
Strenuus et fortis causisque Philippus agendis
clarus, ab officiis octauam circiter horam
dum redit atque foro nimium distare Carinas
iam grandis natu queritur, conspexit, ut aiunt,*
- 50 *adrasum quendam uacua tonsoris in umbra
cultello proprios purgantem leniter unguis.*

Amiúde louvaste minha discrição; já me ouviste à tua frente
chamar-te de “rei”⁹ e “pai”; não mais parcimonioso sou em tua ausência;
vê se posso deixar de lado os presentes contente.

40 Nada mal agiu Telêmaco, prole do paciente Ulisses:

“Ítaca não é um lugar adequado aos cavalos, porque nem longos
espaços planos tem, nem é pródiga em pastos;

Atrida¹⁰, mais adequados a ti, teus dons deixarei contigo.”

Ao pequeno convêm as pequenezas; a mim, não mais a Roma real,

45 mas a solitária Tíbur ou a pacata Tarento¹¹ aprazem.

Vigoroso e corajoso, Filipe¹², brilhante nas causas

judiciais, concluídos os deveres, por volta da oitava hora¹³,

quando voltava para casa e queixava-se que, do fórum, as Carinas¹⁴

muito longe distavam, sendo já idoso, como dizem, vislumbrou

50 certo homem recém barbeado, na sombra vaga de uma barbearia¹⁵,

com o cutelo limpando sossegadamente as próprias unhas.

⁹ O termo *rex* também era usado pelos subalternos para chamar o patrão.

¹⁰ Menelau, filho de Atreu e irmão de Agamêmnon. O trecho em questão resume a resposta de Telêmaco a Menelau na *Odisseia* IV, 601 e ss.

¹¹ Tíbur (atual Tívoli), cidade a cerca de 30km a leste de Roma. Tarento, cidade litorânea na Calábria, no golfo do Mar Jônico, localiza-se a aproximadamente 550km a sudeste de Roma.

¹² *M. Marcius Philippus*, cônsul em 91, censor em 86 a.C., ficou conhecido em seu tempo pela eloquência marcante e por seu espírito folgazão (Villeneuve, p. 70).

¹³ Por volta das 13h (no inverno) e das 14h (no verão).

¹⁴ As Carinas, distrito nobre em Roma, localizado na parte alta do monte Esquilino, não era tão longe do Fórum (cerca de 500m), mas o caminho bastante íngreme (Dilke, p. 102).

¹⁵ Em latim, *tonsor* é propriamente o barbeiro, que tomamos por metonímia. Comentaristas explicam que, dada a hora avançada, a loja do barbeiro estaria vazia (Préaux, p. 102; Dilke, p. 102).

*“Demetri”, (puer hic non laeue iussa Philippi
accipiebat) “abi, quaere et refer, unde domo, quis,
cuius fortunae, quo sit patre quoue patrono.”*

55 *It, redit et narrat Volteium nomine Menam,
praeconem, tenui censu, sine crimine, notum
et properare loco et cessare, et quaerere et uti,
gaudentem paruisque sodalibus et lare certo
et ludis et post decisa negotia Campo.*

60 *“Scitari libet ex ipso quodcumque refers; dic
ad cenam ueniat.” Non sane credere Mena,
mirari secum tacitus. Quid multa? “Benigne,”
respondet. “Neget ille mihi?” “Negat improbus et te
neglegit aut horret.” Volteium mane Philippus*

65 *uilia uendentem tunicato scruta popello
occupat et saluere iubet prior; ille Philippo
excusare laborem et mercennaria uincla,
quod non mane domum uenisset, denique quod non
prouidisset eum. “Sic ignouisse putato*

70 *me tibi, si cenas hodie mecum.” “Vt libet.” “Ergo
post nonam uenies; nunc i, rem strenuus auge.”*

“Demétrio” (esse escravo não sem jeito acolhia de Filipe as ordens), “vai, pergunta e me traz: de que pátria, quem é, sua situação, quem é o pai e se é liberto.”

- 55 Vai, volta e conta que Vultéio Mena é o nome, pregoeiro, de pouca posse, sem transgressões, conhecido por trabalhar e por descansar adequadamente, por usufruir do que ganha, contente com os companheiros humildes, com a residência fixa, com os jogos e, depois de concluídos os negócios, com o Campo de Marte¹⁶.
- 60 “Gostaria de ouvir dele próprio isso que me contas; diz-lhe que venha jantar.” Mal pode acreditar Mena, a admirar-se consigo em silêncio. Para que mais palavras? “Não, obrigado”, responde. “Ele me negará o convite?” “Ousado, ele nega: ou te despreza ou te teme.” Pela manhã, Filipe a Volteio,
- 65 que vendia sucata barata ao povinho de túnica, primeiro se dirige e o cumprimenta. Ele a Filipe, a se desculpar pelo trabalho, pelos laços do ofício, por não ter ido à casa de manhã e, por fim, por não o ter visto. “Então, considera-te perdoado
- 70 se jantares hoje comigo.” “Como quiseres.” “Portanto, virás depois da nona hora¹⁷; agora, vai, com afinco, aumenta tua riqueza.”

¹⁶ Nos finais de tarde, os romanos costumavam ir ao Campo de Marte para passear, praticar exercícios e se divertir.

¹⁷ Por volta das 14h (no inverno) e das 15:30 (no verão).

*Vt uentum ad cenam est, dicenda tacenda locutus
tandem dormitum dimittitur. Hic ubi saepe
occultum uisus decurrere piscis ad hamum,
75 mane cliens et iam certus conuiuia, iubetur
rura suburbana indictis comes ire Latinis.
Impositus mannis aruum caelumque Sabinum
non cessat laudare. Videt ridetque Philippus,
et sibi dum requiem, dum risus undique quaerit,
80 dum septem donat sestertia, mutua septem
promittit, persuadet uti mercetur agellum.
Mercatur. Ne te longis ambagibus ultra
quam satis est morer, ex nitido fit rusticus atque
sulcos et uineta crepat mera, praeparat ulmos,
85 immoritur studiis et amore senescit habendi.
Verum ubi oues furto, morbo periere capellae,
spem mentita seges, bos est enectus arando,
offensus damnis media de nocte caballum
arripit iratusque Philippi tendit ad aedis.
90 Quem simul aspexit scabrum intonsumque Philippus:
“Durus” ait, “Voltei, nimis attentusque uideris*

Chegada a hora do jantar, Mena fala o que deve e o que não deve;
 enfim é enviado a dormir. Esse, quando é visto
 frequentemente a correr como peixe rumo ao anzol escondido,
 75 de manhã cliente e depois conviva infalível, é convidado
 a ir aos subúrbios como acompanhante, ao se anunciarem as férias latinas¹⁸.
 Colocado em um carro atrelado aos cavalos¹⁹, a terra e o céu Sabino
 não cessa de louvar. Filipe vê e ri
 e, enquanto busca para si ora recreio, ora risos de todo tipo,
 80 quando lhe dá sete mil sestércios, outros sete promete
 emprestar-lhe, persuade-o a comprar uma terrinha.
 Mena compra. Para não te retardar em longos rodeios além
 dos que já bastam, de cidadão fino torna-se camponês e
 de arados e vinhedos apenas tagarela, prepara os olmos,
 85 consome-se em esforços e, pelo desejo de possuir, envelhece.
 Todavia, quando as ovelhas perderam-se pelo furto, as cabras pela doença,
 quando a ceifa iludiu a esperança, o boi esfolou-se no arado,
 incomodado com os prejuízos, no meio da noite o cavalo
 toma e, irado, dirige-se à casa de Filipe.
 90 Assim que o viu imundo e barbudo, Filipe lhe
 diz: “Volteio, austero e preocupado demais parece

¹⁸ As *feriae Latinae*, em que se comemorava a paz entre Roma e os Latinos, não tinham data fixa, eram anunciadas pelos cônsules e costumavam ocorrer no início de maio. Suspendiam-se, assim, os negócios por quatro dias (Villeneuve, p. 71; Mayer, p. 170).

¹⁹ Usa-se aqui o plural de *mannus* (lit.: “ponei”) como metonímia do carro puxado (Dilke, p. 103).

esse mihi.” “Pol, me miserum, patrone, uocares,

si uelles” inquit “uerum mihi ponere nomen.

Quod te per Genium dextramque deosque Penatis

95 *obsecro et obtestor, uitae me redde priori.”*

Qui semel aspexit quantum dimissa petitis

praestent, mature redeat repetatque relictis.

Metiri se quemque suo modulo ad pede uerum est.

para mim.” Ele replica: “Por Pólux, patrão, chama-me miserável, se queres colocar-me um nome verdadeiro.

Por isso, por teu Gênio e tua destra e teus deuses Penates²⁰

95 te suplico e imploro, retorna-me a minha vida anterior.”

Quem uma vez observou quanto os bens abandonados superam os buscados, de pronto retorne e retome o que deixou para trás.

Medir-se cada um pela sua medida e por seu pé é a verdade.

²⁰ O *genius* familiar era uma divindade ligada à proteção e à proliferação dos membros da família, em especial de seu chefe. Rogar pela destra implica um pedido incisivo, forte (cf. a súplica de Dido na *Eneida* IV, 314). Penates eram os deuses do lar entre os romanos.

EPÍSTOLA I. 8

A Celso Albinovano

Horácio, por intermédio da Musa, saúda Celso, companheiro e secretário de Tibério na coorte (1-2). Caso Celso pergunte por Horácio, que ela diga que esse anda inquieto: não por mudanças do clima ou perdas de alguns bens, mas porque sua alma anda doente, irascível, preguiçosa, sem desejo de melhora, vacilante (3-12). Além de indagar a Celso se vai bem, como toca os negócios e se é bem aceito na coorte, que a Musa leve este conselho, caso ele responda que está bem: “Modere-se, pois convivemos consigo” (13-17).

Celso gaudere et bene rem gerere Albinouano

Musa rogata refer, comiti scribaeque Neronis.

Si quaeret quid agam, dic multa et pulchra minantem

uiuere nec recte nec suauiter, haud quia grando

5 *contunderit uitis oleamque momorderit aestus,*

nec quia longinquis armentum aegrotet in agris,

sed quia mente minus ualidus quam corpore toto

nil audire uelim, nil discere, quod leuet aegrum,

fidis offendar medicis, irascar amicis,

10 *cur me funesto properent arcere ueterno,*

quae nocuere sequar, fugiam quae profore credam,

Romae Tibur amem, uentosus Tibure Romam.

Post haec, ut ualeat, quo pacto rem gerat et se,

ut placeat iuueni, percontare, utque cohorti.

15 *Si dicet "recte", primum gaudere, subinde*

praeceptum auriculis hoc instillare memento:

"Vt tu fortunam, sic nos te, Celse, feremus."

A Celso Albinovano¹, alegria e prosperidade,
ó Musa por mim rogada, leva, ao companheiro e secretário de Nero².
Caso pergunte o que faço, dize que, apesar de muitas e belas promessas minhas,
nem sábia nem agradavelmente vivo, não porque o granizo
5 esmagou minhas videiras e minha oliveira o calor maltratou,
nem porque meu rebanho adoece nos campos longínquos,
mas porque no espírito estou menos são que no corpo inteiro
nada quero ouvir, nada aprender que alivie o doente,
com prestimosos médicos me ofendo, irrito-me com os amigos,
10 pois se apressam a me afastar de uma funesta letargia;
porque sigo o que me prejudica, fujo do que creio ser benéfico,
em Roma amo Tíbur³; como o vento, em Tíbur, Roma.
Depois disso, pergunta como está, de que modo conduz
os negócios e a si mesmo, se ele agrada ao jovem e à coorte⁴.
15 Se disser “bem”, primeiro de felicitar-lhe, em seguida,
este preceito em seus ouvidos lembra-te de instilar:
“Como tu à Fortuna, assim, Celso, nós a ti suportaremos.”

¹ Celso, que também integra a coorte de Tibério, é referido na *Epístola* I. 3, 15 e ss.

² *Tiberius Claudius Nero* (42 a.C – 37 d.C.), futuro imperador Tibério, a quem Horácio escreve a próxima epístola.

³ Tíbur (atual Tívoli), cidade a cerca de 30km a leste de Roma.

⁴ Tibério, chefe da coorte rumo ao Oriente (cf. *Epístolas* I. 3 e I. 10), tinha então pouco mais de vinte anos (Dilke, p. 105; Villeneuve, p. 74).

EPÍSTOLA I. 9

A Tibério Cláudio Nero

Por insistente pedido de Septímio, Horácio endereça a Tibério essa carta de recomendação (1-3). Visto como um homem influente (talvez mais que o devido, como alega), Horácio, depois de tentar dissuadir o amigo, confessa não poder fugir ao pedido: caso se esquive, poderiam colocar em dúvida o prestígio ou a influência do poeta; ou, pior, poderiam tomá-lo por egoísta ou mau amigo. Melhor evitar até a sugestão de tais equívocos (4-10). Se Tibério compreender a situação, que aceite Septímio na coorte. (11-13).

*Septimius, Claudii, nimirum intellegit unus,
quanti me facias; nam cum rogat et prece cogit,
scilicet ut tibi se laudare et tradere coner,
dignum mente domoque legentis honesta Neronis,
5 munere cum fungi propioris censet amici,
quid possim uidet ac nouit me ualdius ipso.
Multa quidem dixi cur excusatus abirem,
sed timui mea ne finxisse minora putarer,
dissimulator opis propriae, mihi commodus uni.
10 Sic ego, maioris fugiens opprobria culpae,
frontis ad urbanae descendi praemia. Quodsi
depositum laudas ob amici iussa pudorem,
scribe tui gregis hunc et fortem crede bonumque.*

Septímio¹, ó Cláudio², sem dúvida é o único a compreender
o valor que me dás; pois, quando ele me roga e compele com súplica –
vê bem! – para que eu tente apresentá-lo e louvá-lo a ti,
como digno do espírito e da casa de Nero (habitado a honrarias),
5 quando julga que eu assim cumpro meu dever de amigo íntimo,
ele vê e conhece o que eu posso melhor que eu mesmo.
Na verdade, muito lhe disse a fim de me esquivar com uma desculpa;
mas temi que pensassem que minha influência se fingisse menor,
dissimulador dos próprios recursos, conveniente a mim mesmo somente.
10 Assim, fugindo da vergonha de uma culpa maior, eu
curvei-me às recompensas da desfaçatez urbana. Pois, se
aprovas deixar de lado o pudor por causa das ordens de um amigo,
inscreve este em teu grupo e toma-o por bravo e bom homem.

¹ Provavelmente o mesmo amigo a quem Horácio se dirige na *Ode* II. 6.

² *Tiberius Claudius Nero* (42 a.C – 37 d.C.), futuro Imperador Tibério.

EPÍSTOLA I. 10

A Arístio Fusco

Saudações a Arístio Fusco, admirador da cidade, envia Horácio, amante do campo. Único ponto de discordância entre os dois amigos; se um louva o campo e sua paisagem amena, o outro sua cidade natal (1-7). Horácio confessa ter abandonado os prazeres urbanos, de que gosta Fusco, sem sentir-lhes falta (8-11). Onde melhor que o campo para estabelecer uma casa, para viver conforme manda a Natureza? Onde inverno e verão são mais agradáveis? Onde melhor se repousa (12-18)? Haveria na cidade mais belos adornos, água mais pura (19-21)? Elogiam-se as casas próximas do campo e abundam os jardins em meio às colunas de mármore (22-23). Caso se tente banir a Natureza, ela há de retornar e eliminar vãs frivolidades (24-25). É preferível distinguir o falso do verdadeiro a saber apenas diferenciar luxos urbanos; que deixe-os de lado Fusco e fuja das grandezas – isso recomenda Horácio –, para que não se acostume e depois seja abalado por mudanças: pode-se viver melhor que reis em uma casa simples (26-33). Quem teme a pobreza sempre levará nas costas sua própria insaciedade, como o cavalo carrega seu senhor (34-41). Quem não se satisfaz com o que tem, ora tropeça, ora se aperta (42-43). Que Arístio viva sabiamente, feliz com a própria sorte, emendando e corrigindo o comportamento do poeta quando preciso (44-46). O dinheiro é escravo ou senhor conforme o comportamento de cada um: essas coisas escreve Horácio, feliz, exceto pela ausência do amigo (47-50).

*Vrbis amatorem Fuscum saluere iubemus
ruris amatores, hac in re scilicet una
multum dissimiles, ad cetera paene gemelli
fraternis animis, quicquid negat alter, et alter,
5 adnuimus pariter, uetuli notique columbi.
Tu nidum seruas, ego laudo ruris amoeni
riuos et musco circumlita saxa nemusque.
Quid quaeris? uiuo et regno, simul ista reliqui
quae uos ad caelum fertis rumore secundo,
10 utque sacerdotis fugitiuus liba recuso,
pane egeo iam mellitis potiore placentis.
Viuere naturae si conuenienter oportet,
ponendaeque domo quaerenda est area primum,
nouistine locum potiozem rure beato?
15 est ubi plus tepeant hiemes, ubi gratior aura
leniat et rabiem Canis et momenta Leonis,
cum semel accepit Solem furibundus acutum?
est ubi diuellat somnos minus inuida cura?*

Ao amante da cidade Fusco¹ cumprimentos mandamos nós,
 amantes do campo. Nesse único ponto, é claro,
 somos muito diferentes; nos demais, quase irmãos
 de alma gêmea, o que quer que um rejeita, também o outro,
 5 concordamos juntos, como velhos e conhecidos pombos.
 Tu proteges teu ninho, eu louvo dos campos amenos
 os riachos e as pedras cobertas de musgo e a floresta.
 Que queres? Vivo e reino, desde que estas coisas abandonei,
 as quais vós ao céu elevais em meio aos aplausos;
 10 como o fugitivo do sacerdote, recuso a fogaça²,
 sinto falta do pão, preferível a tais bolos de mel.
 Se “é preciso viver em conformidade com a Natureza”³
 e se deve buscar primeiro a área para estabelecer a casa,
 conheces lugar melhor que o aprazível campo?
 15 Onde é mais tépido o inverno, onde mais agradável a brisa
 abranda tanto o furor do Cão quanto os movimentos de Leão⁴,
 no momento em que recebeu, enfurecido, o Sol penetrante?
 Onde é que a preocupação invejosa menos estorva o sono?

¹ A Arístio Fusco há referências nas *Sátira* I. 9. 61 e ss. e *Sátira* I. 10. 83, além da *Ode* I. 22, que Horácio lhe havia dedicado.

² Sacerdotes alimentavam seus escravos com uma espécie de bolo cozido consagrado (*liba*).

³ “Versão”, nas palavras de Horácio, de um dos princípios estoicos: ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν “viver em conformidade com a Natureza” (Fairclough, p. 315).

⁴ A Estrela de Cão (*Sirius*) surge no fim de julho. O Sol entra no signo de Leão, quinto signo do zodíaco, em 21 de julho. Durante a época mais quente no hemisfério norte, as constelações são comparadas ao leão enfurecido que é ferido com flechas/raios do Sol (Mayer, p. 184).

deterius Libycis olet aut nitet herba lapillis?

20 *purior in uicis aqua tendit rumpere plumbum*
quam quae per pronum trepidat cum murmure riuum?
nempe inter uarias nutritur silua columnas,
laudaturque domus longos quae prospicit agros.

Naturam expelles furca, tamen usque recurret
25 *et mala perumpet furtim fastidia uictrix.*

Non qui Sidonio contendere callidus ostro
nescit Aquinatem potantia uellera fucum
certius accipiet damnum propiusue medullis
quam qui non poterit uero distinguere falsum.

30 *Quem res plus nimio delectauere secundae,*
mutatae quatient. Siquid mirabere, pones
inuitus. Fuge magna; licet sub paupere tecto
reges et regum uita praecurrere amicos.

Ceruus equum pugna melior communibus herbis
35 *pellebat, donec minor in certamine longo*
implorauit opes hominis frenumque recepit;

A erva perfuma ou brilha pior que os mosaicos Líbios⁵?

20 Mais pura, nos quarteirões, a água dirige-se a atravessar os canos
do que quando pela inclinação palpita o rio com murmúrio?
Sem dúvida, entre várias colunas crescem arvoredos,
e se elogia uma casa que divisa à frente extensos campos.
Expulsarás a natureza com um forçado⁶; insistente, entretanto, ela retornará
25 e acabará furtivamente com tuas tolas repugnâncias, vitoriosa.
Quem, astuto, não sabe diferir a púrpura sidônia
das lãs embebidas na tintura púrpura de Aquino⁷
não sofrerá dano maior ou mais árduo ao âmago
do que quem não pode distinguir o verdadeiro do falso.

30 Quem a prosperidade deleitou por demais,
as mudanças abalarão. Se admiras algo, tu o abandonarás,
mesmo contrariado. Foge das grandezas; é possível, sob um teto pobre,
ultrapassar reis e amigos de reis no levar a vida.
O cervo, melhor na luta, expulsou o cavalo dos pastos
35 comuns, até que o perdedor, após longa batalha,
implorou auxílio do homem e recebeu o freio.

⁵ Paredes e pavimentos das casas de diversos nobres romanos eram decorados com mosaicos de pedrinhas coloridas de mármore (*lapillus*), as mais caras vindas da África (Dilke, p. 108).

⁶ Segundo Mayer (p. 185), o forçado (espécie de forquilha ou garfo) era um instrumento típico para remoções bruscas.

⁷ Sídon e Tiro (cf. *Epístola I. 6, 18*), cidades litorâneas ao leste do Mediterrâneo, atualmente no Líbano, eram famosas graças à tinta púrpura ali produzida (a partir de um peixe denominado *murex*) e usada no tingimento de vestidos de luxo. Em Aquino, cidade do Lácio, um líquen rochoso era usado para produzir coloração semelhante (Villeneuve, p. 82; Dilke, p. 108-109).

sed postquam uictor uiolens discessit ab hoste,

non equitem dorso, non frenum depulit ore.

Sic, qui pauperiem ueritus potiore metallis

40 *libertate caret, dominum uehet improbus atque*

seruiet aeternum, quia paruo nesciet uti.

Cui non conueniet sua res, ut calceus olim

si pede maior erit, subuertet, si minor, uret.

Laetus sorte tua uiues sapienter, Aristi,

45 *nec me dimittes incastigatum, ubi plura*

cogere quam satis est ac non cessare uidebor.

Imperat aut seruit collecta pecunia cuique,

tortum digna sequi potius quam ducere funem.

Haec tibi dictabam post fanum putre Vacunae,

50 *excepto quod non simul esses cetera laetus.*

Depois, em arroubo vitorioso afastou-se do inimigo,
mas não depôs o cavaleiro do dorso, nem o freio da boca.
Assim, quem teme a pobreza carece de liberdade,
40 mais valiosa que ouro; insaciável, carregará um senhor e
servirá eternamente, porque com pouco não sabe viver.
A quem não convêm seus bens: como o calçado de outrora,
se for maior que o pé, tropeçará; se menor, lhe apertará.
Feliz com tua sorte, viverás sabiamente, Arístio;
45 não me deixes sem correção, quando eu parecer
reunir mais que o suficiente e não repousar.
Escravo ou senhor de cada um é o dinheiro acumulado:
digno de seguir a coleira retorcida e não de conduzi-la.
Essas coisas te escrevia atrás do templo arruinado de Vacuna⁸,
50 exceto porque não estavas comigo nesse instante, de resto, feliz.

⁸ Deusa da vitória cultuada entre os Sabinos. Uma inscrição (cf. Dilke, p. 110 e Mayer, p. 189) sugere que Vespasiano, quando censor, restaurara um templo a Vacuna próximo à vila de Horácio. O nome *Vacuna* pode sugerir certa prostração ou lassidão, graças a semelhança com o verbo *uacare*, “estar vago, vazio, livre [espaço e tempo]; estar desocupado” (cf. *vagar*).

EPÍSTOLA I. 11

A Bulácio

O que Bulácio achou de Quios, Lesbos, Samos, Sardes, Esmirna, Cólofon, indaga Horácio. Fazem jus à fama ou não se comparam a Roma (1-4)? Gostou de alguma? Ou prefere o vilarejo de Lêbedo, retirado, para fugir de todos e de tudo (5-10)? Assim como quem viaja a Roma, sujo e ensopado, não pára e vive eternamente numa reles hospedaria, ou quem viaja longamente pelo frio não louva o banho quente como a grande exultação da vida, Bulácio não deve culpar os navios se os ventos balançam-no em alto mar (11-16). Ao homem inabalável, qualquer lugar pode lhe servir de abrigo, proteção ou refrigério (17-19). Portanto, que se louvem em Roma essas belas cidades (20-21). Que Bulácio aproveite bem todos os momentos dados pelos deuses e viva regaladamente, pois não são os lugares, mas a razão e a prudência que afastam as preocupações (22-26). Muda de céu, mas não de ânimo, quem cruza os mares; inquietos, buscamos a felicidade alhures, mas ela está aqui, aí, em qualquer lugar onde se tenha equilíbrio, diz Horácio (27-30).

*Quid tibi uisa Chios, Bullati, notaque Lesbos,
quid concinna Samos, quid Croesi regia Sardis,
Zmyrna quid et Colophon? maiora minoraue fama,
cunctane prae Campo et Tiberino flumine sordent?*

5 *an uenit in uotum Attalicis ex urbibus una?
an Lebedum laudas odio maris atque uiarum?
Scis Lebedus quid sit: Gabiis desertior atque
Fidenis uicus; tamen illic uiuere uellem,
oblitusque meorum, obliuiscendus et illis,*

10 *Neptunum procul e terra spectare furentem.
Sed neque qui Capua Romam petit, imbre lutoque
aspersus uolet in caupona uiuere; nec qui
frigus collegit, furnos et balnea laudat
ut fortunatam plene praestantia uitam;*

Bulácio,¹ que te pareceram Quios e a famosa Lesbos,
a formosa Samos,² Sardes, a corte de Cresos,
Esmirna e Cólofon?³ Maiores ou menores que a fama?
Juntas, em face ao Campo de Marte e ao rio Tibre,⁴ não agradam?
5 Ou apenas uma recebeu tua preferência dentre atálicas⁵ cidades?
Ou Lêbedo⁶ louvas, em ódio aos mares e às viagens?
Sabes o que é Lêbedo: uma vila mais deserta que
Gábios e Fidena;⁷ contudo, ali gostaria de viver,
tendo-me esquecido dos meus, fazendo-me esquecer por eles,
10 longe, à beira-mar, contemplando Netuno furioso.
Mas quem vai de Cápua⁸ a Roma, de chuva e lama
ensopado, não desejará viver na bodega; nem, quem
experimentou o frio, louva os fornos e os banhos
como a excelência em uma vida plenamente afortunada;

¹ Destinatário desconhecido.

² Quios, Lesbos e Samos são ilhas no mar Egeu, próximas à costa jônica, no oeste da Ásia Menor. Lesbos é a maior ilha da costa, ao norte de Quios. Samos, ao sul da Jônia, é bastante montanhosa.

³ Sardes, Esmirna e Cólofon são ilustres cidades no oeste da Ásia Menor. Sardes, a cerca de 68km do mar Egeu, foi a capital do reino da Lídia, cujo célebre monarca foi Cresos. Esmirna localiza-se no golfo epônimo, à foz do rio Hermo, e Cólofon, ao sudeste de Esmirna, fica a 13km do mar.

⁴ O Campo de Marte era um espaço público em Roma destinado à prática de exercícios e aos passeios ao ar livre. Terceiro rio mais extenso da Itália, o Tibre cruza a cidade de Roma.

⁵ O adjetivo latino *attalicas* sugere tanto suntuosidade, esplendor, quanto o vínculo das cidades e da região mencionada à dinastia dos monarcas de Pérgamo, Átalo I, II e III.

⁶ Lêbedo é também uma cidade jônica, perto de Esmirna e Cólofon, mas insignificante na época.

⁷ Gábios e Fidena são duas cidades italianas, próximas a Roma, associadas à fundação do Império, porém abandonadas na época (Dilke, p. 111).

⁸ Cápua, também conhecida como Volturno e Capeva, cidade do interior da Campânia, a cerca de 26km de Nápoles. Pela via Ápia (cf. *Ep.* I. 6, 26) se viajava de Cápua a Roma.

- 15 *nec si te ualidus iactauerit Auster in alto,
idcirco nauem trans Aegaeum mare uendas.
Incolumi Rhodos et Mytilene pulchra facit quod
paenula solstitio, campestre niualibus auris,
per brumam Tiberis, Sextili mense caminus.*
- 20 *Dum licet ac uoltum seruat Fortuna benignum,
Romae laudetur Samos et Chios et Rhodos absens.
Tu quamcumque deus tibi fortunauerit horam
grata sume manu neu dulcia differ in annum,
ut quocumque loco fueris uixisse libenter*
- 25 *te dicas; nam si ratio et prudentia curas,
non locus effusi late maris arbiter aufert,
caelum, non animum mutant, qui trans mare currunt.
Strenua nos exercet inertia; nauibus atque
quadrigis petimus bene uiuere. Quod petis, hic est,*
- 30 *est Vlubris, animus si te non deficit aequus.*

15 e caso o Austro vigoroso tenha te perseguido em alto mar,
por isso não venderás tua nau do outro lado do mar Egeu.
Ao incólume, Rodes e a bela Mitilene⁹ fazem o que faz
um capuz no solstício e uma choupana durante os ventos nevosos;
durante o inverno, o rio Tibre, no sexto mês,¹⁰ um forno caseiro.

20 Enquanto for permitido e a Fortuna conservar rosto benigno,
em Roma seja louvada Samos, e Quios, e Rodes de longe.
Tu, quaisquer momentos que um deus a ti afortunara,
toma-os de mãos gratas e as delícias não adies de ano em ano
de modo que, em qualquer lugar que tenhas estado, digas que viveras
25 prazenteiramente; pois, se a razão e a prudência removem
as preocupações, não um lugar que contempla ampla extensão de mar,
aqueles que correm através dos mares mudam de céu, mas não de ânimo.
Infatigável inércia nos inquieta; com navios e
quadrigas vamos em busca do bem viver. Aquilo que buscas, está aqui,
30 está em Úlubras,¹¹ se ao ânimo não te falta equilíbrio.

⁹ Rodes é a principal cidade da ilha homônima, famosa por sua riqueza e pelo ilustre Colosso. Mitilene é uma cidade portuária voltada para a Ásia Menor no sudeste da ilha de Lesbos.

¹⁰ O sexto mês, quente no hemisfério norte, foi nomeado “agosto” em 8 a.C. (cf. *Ep.* I. 7, 1).

¹¹ Úlubras foi um pequeno vilarejo pantanoso a sudeste de Roma, na vizinhança de Velitras, cidade da região do Lácio (Fairclough, p. 325; Villeneuve, p. 87).

EPÍSTOLA I. 12

A Ício

Como administrador de Agripa, nada melhor há de ter Ício se souber aproveitar o que reúne na Sicília, adverte Horácio: jamais será pobre (1-4). Caso tenha saúde, nada mais acrescentarão os tesouros da realza (5-6). Que aprenda já a viver com sobriedade, se ainda não vive, pois caso lhe advenham riquezas, essas não saberão mudar-lhe o caráter, o qual há de buscar apenas a virtude (7-11). Admira-nos Ício, em meio a tantos bens e propriedades, divague e medite tão nobres questões: as forças do mar, as fases do tempo, o movimento dos astros, da lua, a natureza da matéria (12-19). Empédocles está certo (20)? Enfim, qual seja sua filosofia, que acolha e atenda Pompeu Grosfo, homem valoroso, espécie rara no mercado de amigos baratos (20-23). Mas que não se descuide dos assuntos romanos, como as vitórias de Agripa, de Tibério ou do próprio Augusto, que subjugou os Partos e lhes tomou de volta os estandartes (24-28). A deusa da Abundância copiosamente presenteia a Itália (28-29).

*Fructibus Agrippae Siculis quos colligis, Icci,
si recte frueris, non est ut copia maior
ab Ioue donari possit tibi; tolle querellas;
pauper enim non est cui rerum suppetit usus.*

5 *Si uentri bene, si lateri est pedibusque tuis, nil
diuitiae poterunt regales addere maius.*

*Si forte in medio positorum abstemius herbis
uiuus et urtica, sic uiues protinus, ut te
confestim liquidus Fortunae riuus inauret,*

10 *uel quia naturam mutare pecunia nescit
uel quia cuncta putas una uirtute minora.*

*Miramur, si Democriti pecus edit agellos
cultaque, dum peregre est animus sine corpore uelox,
cum tu inter scabiem tantam et contagia lucri*

15 *nil paruū sapias et adhuc sublimia cures;
quae mare compescant causae, quid temperet annum,
stellae sponte sua iussaene uagentur et errent,
quid premat obscurum lunae, quid proferat orbem,
quid uelit et possit rerum concordia discors,*

Os proveitos de Agripa na Sicília que reúnes, Ício¹,
se os aproveitas corretamente, não há recurso maior que
por Jove possa ser dado a ti; acaba com as queixas;
pois pobre não é a quem abunda o necessário à vida.

5 Se estás bem do estômago, do peito e dos teus pés, nada
mais te poderão acrescentar os tesouros da realeza.

Se acaso, sóbrio em meio a tuas posses, com ervas
e urtiga vives, de tal sorte viverás doravante, ainda que te
enchas de riquezas rapidamente o lépido rio da Fortuna:

10 seja porque o dinheiro não sabe mudar a tua natureza,
seja porque tudo mais julgas inferior a um só bem, a virtude.

Admiramos se o gado de Demócrito comeu suas campinas
e seus cultivos, enquanto a viajar está o espírito, longe do corpo, veloz,
enquanto tu, entre tanta comichão e contágios de fartura,

15 ainda meditas algo nada trivial e te ocupas de questões sublimes:
que causas refreiam o mar, o que regula o ano,
se as estrelas vagueiam e erram por conta própria ou mandadas,
o que obscurece a lua, o que lhe revela o círculo,
o que significa e pode a harmonia discordante das coisas,

¹ Ício, a quem Horácio dedicara a *Ode* I. 29, foi administrador (*procurator*) das propriedades na Sicília de *M. Agripa*, esse último, censor, cônsul, comandante e amigo de infância de Augusto.

- 20 *Empedocles an Stertinium deliret acumen?*
Verum, seu piscis seu porrum et caepe trucas,
utere Pompeio Grospho et, siquid petet, ultro
defer; nil Grosphus nisi uerum orabit et aequum.
Vilis amicorum est annona, bonis ubi quid dest.
- 25 *Ne tamen ignores quo sit Romana loco res,*
Cantaber Agrippae, Claudii uirtute Neronis
Armenius cecidit; ius imperiumque Phraates¹
Caesaris accepit genibus minor; aurea fruges
Italiae pleno defundit Copia cornu.

¹ Mayer (p. 72), Préaux (p. 130) e Villeneuve (p. 91) grafam *Prahates*; Sabbadini (p. 54), *Phrahates*; Dilke (p. 56), Fairclough (p. 330), Juvenius (p. 265), Plessis e Lejay (p. 501), bem como Wickham (p. 221) adotam *Phraates*, grafia que seguimos tendo em vista sua passagem ao português.

20 Empédocles ou a agudeza de Estertínio delira²?

No entanto, sejam peixes, sejam alho-poró e cebola que tu trucidas³,
sê amigo de Pompeu Grosfo⁴ e, se te pede algo, espontaneamente
lhe concede; Grosfo nada te demandará que não seja correto e equânime.
Barato é o mercado de amigos quando falta algo aos homens de bem.

25 Todavia, não ignores a situação em que estão as coisas em Roma:

os cântabros sucumbiram pela virtude de Agripa;
pela de Cláudio Nero, os armênios⁵; lei e poder Fraates⁶,
de joelhos, recebeu-os de César. A áurea Abundância
de seu chifre pleno derrama os frutos sobre a Itália⁷.

² Empédocles (ca. 490-430 a.C.), filósofo pré-socrático, além de propor a divisão entre fogo, terra, água e ar para toda matéria, explicava o universo pelo perpétuo enfrentamento de princípios contrários, o Amor (φιλότης) e a Discórdia (νεῖκος). De Estertínio, sabemos apenas o que nos diz a *Sátira* II. 3: um pregador dos princípios do estoicismo, o “oitavo dos sábios” (segundo a ironia horaciana, aludindo aos sete sábios da Grécia, no verso 296), que, segundo ps.-Ácron, escrevera em latim 220 volumes de filosofia estoica (Villeneuve, p. 91; Dilke, p. 115).

³ Comentadores explicam essa passagem como uma alusão à teoria pitagórica da metempsicose, segundo a qual a alma humana, ao fim da vida, pode transmigrar-se para animais ou vegetais (Fairclough, p. 330; Villeneuve, p. 91).

⁴ Pompeu Grosfo, grande proprietário siciliano e *eques* (membro da classe dos equestres), a quem Horácio dedicara a *Ode* II. 16.

⁵ *M. Agripa*, em 20 a.C., conquistou definitivamente os cântabros, ao norte da Espanha. No mesmo ano, *Tiberius Claudius Nero*, futuro Imperador Tibério (cf. *Epístolas* I. 9 e I. 3), colocou Tigranes como chefe dos armênios, após dominá-los, substituindo Artáxias (Villeneuve, p. 91).

⁶ Fraates, então o rei dos partos, em 20 a.C. devolveu a Augusto os estandartes romanos, tomados de Crasso, no ano de 53 a.C., em Carras (cf. *Epístola* I. 18, 56). Horácio novamente versará sobre o episódio na *Ode* IV. 15, 6-8.

⁷ O chifre é um atributo comum da deusa Abundância.

EPÍSTOLA I. 13

A Vínio

Horácio instrui Vínio a levar até Augusto os três livros de suas *Odes*: que os entregue quando solicitados e não seja inoportuno ao ponto de torná-los odiados (1-5). Caso o fardo seja pesado demais, que o abandone a fim de não ser motivo de piada por ter se esforçado ao extremo (6-9). Atravessará um longo e árduo caminho para nas mãos do destinatário depositar cuidadosamente a remessa, altivo, de postura honrada, jamais embriagado (7-14). Que não se gabe da tarefa ao vulgo: que siga sempre em frente, zeloso da carga que leva, previne Horácio (15-19).

- Vt proficiscentem docui te saepe diuque,
Augusto reddes signata uolumina, Vinni,
si ualidus, si laetus erit, si denique poscet;
ne studio nostri pecces odiumque libellis*
- 5 *sedulus inportes opera uehemente minister.
Si te forte meae grauis uret sarcina chartae,
abicitio potius quam quo perferre iuberis
clitellas ferus inpingas Asinaeque paternum
cognomen uertas in risum et fabula fias.*
- 10 *Viribus uteris per cliuos, flumina, lamas.
Victor propositi simul ac perueneris illuc,
sic positum seruabis onus, ne forte sub ala
fasciculum portes librorum, ut rusticus agnum,
ut uinosa glomus furtivae Pyrria lanae,*
- 15 *ut cum pilleolo soleas conuiuia tribulis.*

- Como te instruí ao partires, tantas vezes e por tanto tempo,
 a Augusto entregarás meus volumes selados¹, Vínio²,
 se ele estiver bem de saúde, se contente, se, enfim, os demandar.
 Não procedas mal pelo empenho em me servir e antipatia aos livrinhos
 5 não tragas, como um servente cioso da obra ao extremo.
 Se, acaso, te atrita a bagagem pesada de meus papéis³,
 joga-a fora; melhor isso que, aonde tu és mandado levar,
 forçares ferozmente as albardas e transformares o paterno
 nome “Ásina” em riso e virares fábula do povo⁴.
 10 De tuas forças te servirás nas encostas, nos rios, nos pântanos.
 Vitorioso em teu propósito, assim que tiveres chegado lá,
 de tal modo cuidarás da carga depositada que não portes debaixo do braço
 casualmente o feixe de livros como um rústico a seu cordeiro,
 como a embriagada Pírria e seu novelo de lã furtada⁵,
 15 como um conviva humilde com o barrete e suas sandálias⁶.

¹ Os três livros de *Odes*, em rolos, fechados exclusivamente para o destinatário com o selo do autor.

² Personagem desconhecida. Dilke (p. 116-7) comenta as variações dos manuscritos e algumas hipóteses para a identificação do destinatário, dentre elas a de R. G. M. Nisbet (1959, p. 75-6) que propõe sê-lo *Vinnius Valens*, centurião da guarda pretoriana de Augusto.

³ Como notam Fairclough (p. 334) e Villeneuve (p. 94), aqui o uso de *gravis* (pesado) é metafórico.

⁴ Em latim, *asina* é a forma feminina de *asinus*, asno, jumento.

⁵ Nome cuja grafia é incerta, Pírria, segundo ps.-Ácron (*apud* Villeneuve p. 94 e Préaux p. 140), é uma servente-ladra de uma *fabula togata* de Titínio, a qual, tendo roubado um grande novelo de lã e, em seguida, se embriagado, carregava-o de modo a deixar claro que o havia furtado.

⁶ Fairclough (p. 334) assim esclarece essa cena: o *tribulis*, homem simples a quem um membro rico da mesma tribo convida para jantar por motivos políticos, não possui um escravo para lhe carregar o barrete e os calçados, necessários à viagem pelo campo, mas não na casa do nobre à sala de jantar.

*Ne uolgo narres te sudauisse ferendo
carmina quae possint oculos aurisque morari
Caesaris; oratus multa prece, nitere porro.
Vade, uale, caue ne titubes mandataque frangas.*

Não narres a todo mundo que suaste carregando
versos que possam reter os olhos e os ouvidos
de César; requisitado por muitos rogos, prossegue em frente.
Vai, te cuida. Previne-te para que não tropeces nem rasgues as encomendas.

EPÍSTOLA I. 14

Ao caseiro da propriedade rural

Horácio, cujas terras tanto estima, propõe a seu caseiro um embate de preferências (1-5). Embora retido na cidade, a consolar o amigo Lâmia, o poeta confessa ansiar pelo campo, enquanto o caseiro anseia pela cidade (5-10). Ambos desejam a sorte alheia e, tolos, culpam o lugar em que estão por seus infortúnios; culpado é o espírito, que de si não foge (11-13). O caseiro que outrora amara o campo, agora o despreza, enquanto Horácio sempre vai entristecido à cidade: em suma, o lugar que um busca, o outro rejeita (14-21). O poeta compreende que seu empregado goste do prostíbulo, da taberna, do vinho, da cortesã: no campo há trabalho, arado, bois a cuidar, haja ou não preguiça (22-30). Mas o que realmente os distingue é outro ponto: Horácio já havia se divertido, entre vinhos e mulheres; hoje lhe apraz uma ceia simples e o ameno descanso campestre (31-35). O passado não lhe vexa, mas o envergonharia continuar na farra (36). No campo não há olho gordo que lhe tire o sono, quando muito riem de sua falta de jeito com a terra (37-39). O caseiro, contudo, preferiria torrar o salário com outros escravos na cidade, enquanto certos liguarudos lhe invejam a fartura de seu bem-viver (40-42). Enfim, o boi quer a sela; o cavalo, o arado: que cada um faça de bom grado o que sabe melhor (43-44).

- Vilice siluarum et mihi me reddentis agelli,
quem tu fastidis habitatum quinque focis et
quinque bonos solitum Variam dimittere patres,
certemus spinas animone ego fortius an tu*
- 5 *euellas agro, et melior sit Horatius an res.*
- Me quamuis Lamiae pietas et cura moratur,
fratrem maerentis, raptio de fratre dolentis
insolabiliter, tamen istuc mens animusque
fert et amat spatii obstantia rumpere claustra.*
- 10 *Rure ego uiuentem, tu dicis in urbe beatum;
cui placet alterius, sua nimirum est odio sors,
stultus uterque locum inmeritum causatur inique;
in culpa est animus, qui se non effugit umquam.*
- Tu mediastinus tacita prece rura petebas,*
- 15 *nunc urbem et ludos et balnea uilicus optas;
me constare mihi scis et discedere tristem,
quandocumque trahunt inuisa negotia Romam.*
- Non eadem miramur; eo disconuenit inter
meque et te; nam quae deserta et inhospita tesqua*

Ó caseiro dos meus bosques e da terrinha que me devolve a mim mesmo,
 que tu desprezas, apesar de habitada pelos cinco lares e
 habituada a enviar os cinco honestos pais a Vária¹,
 pelejemos se tu arrancas, com mais empenho, espinhos da terra (ou
 5 eu, do ânimo), e qual esteja melhor, Horácio ou o terreno.
 Embora me retenha a piedade, o cuidado para com Lâmia²,
 triste pelo irmão, pela perda do irmão inconsolavelmente
 aflito, no entanto para aí minha mente e meu ânimo
 dirigem-se e amam romper os ferrolhos, obstáculo às distâncias.
 10 No campo, eu digo; tu dizes que na cidade se vive contente.
 A quem agrada a do outro, não admira que sua sorte lhe aborreça.
 Estultos, ambos injustamente dão como pretexto o lugar, que não tem culpa.
 Culpado é o espírito, o qual não escapa jamais de si próprio.
 Tu, quando eras escravo comum, em prece íntima o campo demandavas;
 15 agora que és um caseiro, a cidade, os jogos, os banhos preferes.
 Sabes que sou coerente comigo mesmo e que me retiro do campo triste
 sempre que me arrastam desagradáveis negócios a Roma.
 Não admiramos o mesmo; por isso há discordância entre
 mim e ti. Pois os locais que consideras um ermo só e

¹ As famílias e casas citadas eram provavelmente de colonos que moravam nas terras de Horácio, as quais se dirigiam à cidade de Vária (atual Vicôvaro, no Lácio, a 55km a nordeste de Roma) para ir ao mercado ou por motivos eleitorais (Fairclough, p. 338).

² *Lucius Aelius Lamia*, cônsul em 2 d.C. (Villeneuve, p. 98). Três *Odes* (I. 26; I. 36; III. 17) homenageiam homens de sobrenome *Lamia*, mas não é possível decidir com certeza a quem se refere a epístola (Mayer, p. 206-7).

20 *credis, amoena uocat mecum qui sentit, et odit
quae tu pulchra putas. Fornix tibi et uncta popina
incutiunt urbis desiderium, uideo, et quod
angulus iste feret piper et tus ocius uua,
nec uicina subest uinum praebere taberna*

25 *quae possit tibi, nec meretrix tibicina, cuius
ad strepitum salias terrae grauis; et tamen urges
iampridem non tacta ligonibus arua bouemque
disiunctum curas et strictis frondibus explet;
addit opus pigro riuus, si decidit imber,*

30 *multa mole docendus aprico parcere prato.
Nunc age, quid nostrum concentum diuidat, audi.
Quem tenues decuere togae nitidique capilli,
quem scis immunem Cinarae placuisse rapaci,
quem bibulum liquidi media de luce Falerni,*

35 *cena breuis iuuat et prope riuum somnus in herba;
nec lusisse pudet, sed non incidere ludum.
Non istic obliquo oculo mea commoda quisquam
limat, non odio obscuro morsuque uenenat;
rident uicini glaebas et saxa mouentem.*

20 inóspitos, alguém, que pensa como eu, lhes chama ‘amenos’ e odeia
 aqueles que tu julgas belos. O lupanar e a bodega engordurada em ti
 incutem o desejo pela cidade, compreendo, e que
 esse recanto há de produzir pimenta e incenso mais rápido que a uva,
 nem há por perto uma taberna vizinha que te possa
 25 fornecer vinho, nem uma cortesã tocadora de flauta, a cuja
 música tu dances pesadão sobre a terra. E ainda assim remexes
 a terra há tempos intacta com a enxada e do boi
 desatrelado cuidas e com folhas compactadas o sacias.
 Dá trabalho o riacho ao preguiçoso, caso caia a chuva:
 30 por vasta vala³ deve-se guiá-lo, para poupar o prado ensolarado.
 Agora atenta, ouve o que divide nossa harmonia.
 A quem convinham togas finas e cabelos luzidios,
 quem, sem presentes, tu sabes, agradava à interesseira Cínara⁴,
 quem bebia, no meio do dia, do límpido Falerno⁵,
 35 agora uma ceia modesta alegre e, à margem do rio, um sono na relva.
 Ter me divertido não me vexa; mas envergonharia não parar com a diversão.
 Por aí, com olho torto, meu bem-estar ninguém
 perturba, nem com ódio dissimulado ou mordida envenena.
 Riem os vizinhos de mim revolvendo torrões de terra e pedras.

³ A expressão latina *multa mole* pode ter dois sentidos na passagem: 1. “grande esforço, enorme dificuldade”; 2. “volumosa barragem, vasta vala”, como escolhemos traduzir.

⁴ Figura feminina referida na *Epístola* I. 7, 28 e em outras *Odes* (IV. 1, 4; IV. 3, 21 e ss.).

⁵ Famoso vinho era produzido próximo ao monte Falerno, na Campânia, e levava esse nome.

40 *Cum seruis urbana diaria rodere mauis;
horum tu in numerum uoto ruis, inuidet usum
lignorum et pecoris tibi calo argutus et horti.
Optat ephippia bos piger, optat arare caballus;
quam scit uterque, libens, censebo, exerceat artem.*

40 Com uns escravos preferes estar roendo um ordenado urbano;
no íntimo, tu te lanças ao número destes; inveja-te a provisão
das lenhas, do gado e da horta o criado tagarela.
Deseja a sela o boi preguiçoso, deseja o arado o cavalo;
a técnica que cada um sabe, de bom grado – creio –, a exerça.

EPÍSTOLA I. 15

A Vala

Horácio indaga de Vala: como é o clima em Vélia e Salerno, cidades de praia? Como está a estrada (1-2)? E desabafa: os banhos frios que o médico lhe receita em Baias deixam-no mal-humorado, porque parece desaforo ir até lá e não usufruir dos banhos sulfurosos, comuns em Clúcio (3-9). É imperioso mudar de lugar, ir aonde ainda não fora, mesmo contrariando certas ordens (10-13). Portanto, continua com as perguntas: qual das duas cidades tem melhor colheita, melhor água (14-16)? Pois, à beira-mar, Horácio declara sua necessidade de beber um bom vinho, que lhe revigore o ânimo (17-21). Qual cidade tem melhores crias e caças? Qual, mais peixes para se fartar (22-24)? Isso Vala deve lhe informar (25). E recorda o poeta o caso de Mêmio, que, após ter gasto toda a herança, transformou-se num parasita, sem casa, valendo-se de tudo para conseguir uma boa refeição (26-32); alegrava-se com o pouco ou nada que conseguia, recriminando os perdulários (33-36). Quando tinha, então, algo a mais, deleitava-se até não sobrar nada, louvando a boa comida. Assim como Mêmio, Horácio confessa portar-se, amante do simples e do pacato, mas forte quando advêm as dificuldades (37-43). Todavia, quando entre riquezas, elogia a boa vida e a sabedoria de Vala em suas majestosas cidades (44-46).

*Quae sit hiems Veliae, quod caelum, Vala, Salerni,
quorum hominum regio et qualis uia (nam mihi Baias
Musa superuacuas Antonius, et tamen illis
me facit inuisum, gelida cum perluor unda
5 per medium frigus; sane murteta relinqui
dictaque cessantem neruis elidere morbum
sulpura contemni uicus gemit, inuidus aegris
qui caput et stomachum supponere fontibus audent
Clusinis Gabiosque petunt et frigida rura.
10 Mutandus locus est et deuersoria nota
praeteragendus equus. “Quo tendis? non mihi Cumas
est iter aut Baias”, laeua stomachosus habena
dicet eques; sed equi frenato est auris in ore);*

Como é o inverno em Vélia, qual é o clima, Vala¹, em Salerno²,
 território de quais homens, e como está a estrada (pois Antônio Musa³
 faz as Baías⁴ supérfluas para mim, e todavia torna-me
 odioso a elas, ao banhar-me no mar gelado
 5 bem no meio do inverno; certamente, ao se abandonarem os bosques
 e, conhecidos por extrair dos nervos um longo mal,
 ao se desprezarem os banhos sulfurosos, a vila se remói, inveja os doentes
 que ousam mergulhar cabeça e estômago nas fontes
 de Clúsio⁵ ou rumam a Gábios⁶ e ao frio campestre.
 10 É preciso mudar de lugar: além das conhecidas pousadas
 é preciso conduzir o cavalo. “Aonde vais? Meu caminho
 não é para Baías ou Cumas⁷” com a rédea na mão esquerda dirá
 o cavaleiro irritado; mas o ouvido do cavalo está na boca com o freio)?

¹ Vala, segundo os escoliastas (Préaux, p. 154; Villeneuve, p. 22), era um homem rico e culto pertencente à *gens Numonia*, poderosa família com importantes relações na Itália meridional.

² Vélia (denominada Eleia por seus fundadores gregos), cidade da Lucânia, no sudeste da Itália, próxima à fronteira com a Campânia, a cerca de 90km ao sul de Salerno, importante cidade no centro-leste da Campânia, a cerca de 270km a sudeste de Roma.

³ Antônio Musa, liberto grego e médico que receitava a hidroterapia fria (cf. Suetônio, *Divus Augustus*, 59), com a qual salvou o imperador de grave doença em 23 a.C., popularizando o tratamento, apesar de, no mesmo ano, não ter salvo *Marcellus*, jovem sobrinho de Augusto (Dilke, p. 122).

⁴ Baías (parte norte da atual baía de Nápoles) era uma praia da moda onde se refugiavam os ricos (cf. *Epístola I. 1*, 84); à certa elevação, nos bosques próximos, encontravam-se cavernas artificiais com água quente e sulfurosa usada em tratamentos medicinais (Fairclough, p. 344; Villeneuve, p. 103). Segundo Mayer (p. 213), a *uia Popilia* era a estrada que ligava Salerno a Baías.

⁵ Clúsio (atual Chiusi, na Toscana), no interior da Etrúria, a cerca de 160km ao norte de Roma, fundada sobre uma formação vulcânica. Segundo comentadores (Dilke, p. 123; Mayer, p. 214), não há outra referência antiga a fontes termais em Clúsio além desta.

⁶ Gábios, cidade italiana próxima a Roma, ligada à fundação do Império (cf. *Epístola I. 11*, 8).

⁷ Cumas tornou-se, como Baías, uma praia de descanso na baía de Nápoles.

*maior utrum populum frumenti copia pascat,
15 collectosne bibant imbres puteosne perennis
iugis aquae (nam uina nihil moror illius orae;
rure meo possum quiduis perferre patique;
ad mare cum ueni, generosum et lene requiro,
quod curas abigat, quod cum spe diuitem manet
20 in uenas animumque meum, quod uerba ministret,
quod me Lucanae iuuenem commendet amicae);
tractus uter pluris lepores, uter educet apros,
utra magis piscis et echinos aequora celent.
pinguis ut inde domum possim Phaeaxque reuerti,
25 scribere te nobis, tibi nos adcredere par est.
Maenius, ut rebus maternis atque paternis
fortiter absumptis urbanus coepit haberi
scurra, uagus non qui certum praesepe teneret,
inpransus non qui ciuem dinosceret hoste,
30 quaelibet in quemuis opprobria fingere saeuus,
pernicies et tempestas barathrumque macelli,*

- Qual dos dois povos possui maior abundância de grãos?
- 15 Bebem água recolhida da chuva ou de poços permanentes
de água viva (pois não me importo com os vinhos daquela região;
nas minhas terras posso suportar e experimentar qualquer coisa;
mas quando vou à beira-mar, um vinho de boa cepa e brando busco,
que afaste as preocupações, que corra com a rica esperança
- 20 nas veias e em meu espírito, que me conceda palavras,
que me entregue, rejuvenecido, à amiga da Lucânia⁸)?
Das duas terras, qual há de criar mais lebres, qual mais javalis?
Qual dos dois mares esconde mais peixes e ouriços,
para que dali eu possa retornar à casa como um gordo Feácio⁹?
- 25 Escrever, tu a nós; nós acreditarmos em ti: eis o par de deveres.
Mênio¹⁰, devoradas as heranças materna e paterna
com arrojo, começou a se tornar um esperto
aproveitador, um errante que não tinha morada fixa,
um esfaimado que não discernia cidadão de inimigo,
- 30 cruel ao fantasiar ultrajes vários contra qualquer um,
a destruição, a tempestade, o abismo das provisões;

⁸ Como o destinatário estivesse na Lucânia (verso 1), Horácio estaria sugerindo, ao ir visitá-lo, segundo Mayer (p. 215), um retorno à vida de prazeres, prescrita por ordens médicas.

⁹ i.e. do país dos Feácios, reino de Alcínoo, proverbial pelo bem-estar de sua corte, como narra, por exemplo, a *Odisseia* VII, 122 e ss. (cf. *Epístola* I. 2, 28). O adjetivo latino *pinguis* denota “gordo” (cf. *Epístola* I. 4, 15), em sentido próprio, mas também “fértil”, “rico”, “lento, pesado, indolente”, de modo figurado.

¹⁰ Um notório gastador, nas palavras de Mayer (p. 216), já referido por Horácio na *Sátira* I. 3, 21 e, segundo os escoliastas, inspirado em personagem de Lucílio (Villeneuve, p. 103).

quicquid quaesierat, uentri donabat auaro.
Hic ubi nequitiae fautoribus et timidis nil
aut paulum abstulerat, patinas cenabat omasi,
35 *uilis et agninae, tribus ursis quod satis esset,*
scilicet ut uentres lamna candente nepotum
diceret urendos correctus Bestius. Idem,
quicquid erat nactus praedae maioris, ubi omne
uerterat in fumum et cinerem: "Non hercule miror",
40 *aiebat, "si qui comedunt bona, cum sit obeso*
nil melius turdo, nil uolua pulchrius ampla".
Nimirum hic ego sum; nam tuta et paruola laudo,
cum res deficiunt, satis inter uilia fortis;
uerum ubi quid melius contingit et unctius, idem
45 *uos sapere et solos aio bene uiuere, quorum*
conspicitur nitidis fundata pecunia uillis.

o que quer que conseguia, dava a seu ventre insaciável.
Esse, quando nada ou pouco obtinha dos que defendiam
ou temiam sua vilania, jantava tigelas de picado bovino
35 ou de cordeiro barato, que seria suficiente para três ursos,
decerto para que proclamasse que os ventres dos perdulários, com lamina
candente, devessem ser marcados, convertido em Béstio¹¹. Esse mesmo homem,
tendo topado um butim maior, quando tudo
tivesse virado fumaça e cinza, dizia: “Por Hércules, não me
40 espanta que alguns comam seus bens, pois nada é melhor
que um gordo tordo, nada mais belo que um farto bucho de porca.”
Em verdade esse sou eu, pois coisas tranquilas e humildes louvo,
quando recursos me faltam, bravo o bastante na pobreza;
porém, quando algo melhor e mais lauto provém, sendo ainda o mesmo homem,
45 eu digo que somente vós sabeis e viveis bem, cujo
patrimônio, assentado em suntuosas vilas, logo se nota.

¹¹ Personagem desconhecida, provavelmente um tipo *bon vivant* e esbanjador que se emenda e acaba se transformando num tipo moralista, extraído de alguma sátira de Lucílio (Villeneuve, p. 104; Dilke, p. 124).

EPÍSTOLA I. 16

A Quíncio

Para evitar perguntas de Quíncio sobre os prados e os pomares de sua propriedade, Horácio lhe propõe descrevê-la longamente (1-4). Entre montes, com boa sombra e agradável sol, de clima ameno, com flores e frutas várias a alimentar o gado, uma verdadeira Tarento, com uma benigna fonte d'água, é nesse retiro que seu dono se resguarda em setembro (5-16). Se o que dizem de Quíncio é verdade, eis um homem sábio, louvado por toda Roma (17-18). Mas Horácio o aconselha a manter a autoconfiança e a perseverar na virtude, evitando elogios e dissimulações prejudiciais, a reconhecer os elogios a Augusto e a não se blasonar com as homenagens: quem as fez pode muito bem retirá-las quando quiser (19-35). E que não se aflija com os falsos insultos, apenas os falsários o fazem (36-40). Pois, quem é o homem de bem? “Aquele que respeita as leis, proclama a justiça e se mostra honrado”, como dizem (41-43)? Todos lhe conhecem as falsidades revestidas sob uma cara respeitosa (44-45). Se o escravo disser que não furtou nem fugiu, lhe respondemos que não apanhará; se diz que não matou, que não irá para a cruz; mas jamais cremos que ele é honesto (46-49). Cauteloso como o lobo ou o gavião, teme-se na verdade a punição; quem rouba onde abunda não se exime do erro (50-56). O homem de bem reza a Júpiter e a Apolo em público, mas murmura consigo proteção divina para suas falcatruas (57-62). O avarento não é mais livre ou melhor que o escravo, pois viverá sempre com medo: portanto, enricar é deserdar-se, enterrar-se (63-68). Não mate o cativo: venda-o ou que lhe sirva de outro modo (69-72). Como no diálogo trágico entre Baco e Penteu, mantenha-se íntegro até a morte, nossa última fronteira (73-79).

*Ne perconteris, fundus meus, optime Quincti,
aruo pascat erum an bacis opulentet oliuae,
pomisne et pratis an amicta uitibus ulmo,
scribetur tibi forma loquaciter et situs agri.*

- 5 *Continui montes, ni dissocientur opaca
ualle, sed ut ueniens dextrum latus aspiciat sol,
laeuum discedens curru fugiente uaporet.
Temperiem laudes. Quid, si rubicunda benigni
cornu uepres et pruna ferant, si quercus et ilex*
- 10 *multa fruge pecus, multa dominum iuuat umbra?
Dicis adductum propius frondere Tarentum.
Fons etiam riuo dare nomen idoneus, ut nec
frigidior Thraecam nec purior ambiat Hebrus,
infirmitati capiti fluit utilis, utilis aluo.*
- 15 *Hae latebrae dulces et, iam si credis, amoenae
incolumem tibi me praestant septembribus horis.*

Para que não perguntes, meu bom Quíncio¹, se minha propriedade alimenta seu senhor com o arado ou enriquece-o com bagos de azeitona, com pomares e prados ou com olmo revestido de videiras, descrever-te-ei verbosamente a beleza e a posição do sítio.

5 Contínuos montes, divididos apenas por um assombreado vale²; mas, ao nascer, o sol contempla-lhe a margem direita, ao se pôr em seu carro veloz, aquece a esquerda.

Louvarás a temperatura. Que dirás, se benignos espinheiros estão carregados de rubis pilritos³ e ameixas, se azinheiras⁴ e carvalhos
10 com muitos frutos recreiam o gado, com muita sombra, o proprietário?

Dirás que Tarento⁵, com seu verdor, foi para ali perto transportada.

Até a fonte, que basta para dar seu nome a um rio, pois nem mais frio nem mais puro o Hebro corre pela Trácia⁶, à cabeça enferma flui propício, propício ao ventre.

15 Esse retiro suave e, se agora crês, ameno preserva-me são e salvo para ti nos dias de setembro.

¹ Não se sabe ao certo quem é o Quíncio a quem Horácio se dirige, talvez *Quinctius Hirpinus* da *Ode* II. 11 (Fairclough, p. 348), talvez *T. Quinctius Crispinus Sulpicianus*, cônsul em 9 a.C., um dos amantes de Júlia, filha de Augusto, como sugere McGann (1960, p. 207) em artigo.

² O vale do rio Digência (hoje, Licenza), próximo ao qual, na parte norte, se encontram as ruínas denominadas “vila de Horácio” (vide mapa anexo).

³ Fruto do pilriteiro, árvore da família das rosáceas.

⁴ A azinheira (cujo nome científico é *Quercus ilex*) é um tipo de carvalho (família *Quercus*).

⁵ Tarento, cidade litorânea na Calábria, no golfo do Mar Jônico, localiza-se a aproximadamente 550km a sudeste de Roma (cf. *Ep.* I. 7, 45).

⁶ Na região da Trácia, ao centro-sul dos Balcãs (sudeste da atual Bulgária, Grécia continental e Turquia ocidental), o rio Hebro (hoje, Maritsa/Evros), mais extenso da região, nasce nos montes Rila, na Bulgária, e deságua no mar Egeu, entre Grécia e Turquia hodiernas (cf. *Ep.* I. 3, 3).

- Tu recte uiuis, si curas esse quod audis.*
- Iactamus iampridem omnis te Roma beatum;*
sed uereor, ne cui de te plus quam tibi credas
- 20 *neue putes alium sapiente bonoque beatum,*
neu, si te populus sanum recteque ualentem
dictitet, occultam febrem sub tempus edendi
dissimules, donec manibus tremor incidat unctis.
Stultorum incurata pudor malus ulcera celat.
- 25 *Siquis bella tibi terra pugnata marique*
dicat et his uerbis uacuas permulceat auris:
“Tene magis saluum populus uelit an populum tu,
seruet in ambiguo qui consulit et tibi et urbi
Iuppiter”, Augusti laudes adgnosere possis;
- 30 *cum pateris sapiens emendatusque uocari,*
respondesne tuo, dic sodes, nomine? “Nempe
uir bonus et prudens dici delector ego ac tu.”
Qui dedit hoc hodie, cras si uolet auferet, ut, si
detulerit fasces indigno, detrahet idem.
- 35 *“Pone, meum est”, inquit; pono tristisque recedo.*

Tu vives sabiamente se cuidas ser o que se ouve de ti.
 Há muito toda Roma te proclamamos um homem feliz.
 Mas temo que te fies, no que te toca, mais em outrem que em ti;
 20 ou que creias que outro, senão o homem sábio e de bem, seja feliz;
 ou, caso o povo fique a repetir que tu estás são e com boa
 saúde, que dissimules uma febre oculta na hora da
 refeição, até que incida um tremor em teus dedos lambuzados⁷.
 O pudor falso dos estultos esconde úlceras não tratadas.
 25 Se alguém falar das guerras lutadas por ti em terra
 e mar e com estas palavras deliciar-te os ouvidos desocupados:
 “Tua salvação é mais cara ao povo que a do povo a ti?
 Que nos conserve a dúvida aquele que olha por ti e por Roma,
 Júpiter”⁸, que possas reconhecer o elogio a Augusto.
 30 Ao permitires ser chamado de sábio e irrepreensível,
 diz-me, por favor: respondes em teu nome? “Com certeza
 ser chamado homem bom e prudente deleita tanto a mim como a ti”.
 Quem deu isso hoje, amanhã, se desejar, retomará, do mesmo modo que,
 caso tenha entregue os fâsces a um homem indigno, irá resgatá-los.
 35 “Larga, é meu”, ele diz. Largo-o e triste me retiro.

⁷ Fairclough (p. 352) anota: os antigos comiam com as mãos.

⁸ Segundo os escoliastas (Villeneuve, p. 108; Fairclough, p. 352; Sabbadini, p. 70), os versos citados são do *Panegírico a Augusto*, de Vário, poeta amigo de Virgílio. Mayer (p. 222), contudo, sugere certa influência de Calímaco no elogio, contestando-lhes a fonte atribuída.

*Idem si clamet furem, neget esse pudicum,
contendat laqueo collum pressisse paternum,
mordeat opprobriis falsis mutemque colores?
falsus honor iuuat et mendax infamia terret*

40 *quem nisi mendosum et medicandum? Vir bonus est quis?*
*“Qui consulta patrum, qui leges iuraque seruat,
quo multae magnaeque secantur iudice lites,
quo res sponsore et quo causae teste tenentur.”*
Sed uidet hunc omnis domus et uicinia tota

45 *introrsum turpem, speciosum pelle decora.*
“Nec furtum feci nec fugi,” si mihi dicat
seruos: “Habes pretium, loris non ureris”, aio.
“Non hominem occidi.” “Non pasces in cruce coruos.”¹
“Sum bonus et frugi.” Renuit negitatque Sabellus.

50 *Cautus enim metuit foueam lupo accipiterque*
suspectos laqueos et opertum miluus hamum.
Oderunt peccare boni uirtutis amore;
tu nihil admittes in te formidine poenae;
sit spes fallendi, miscebis sacra profanis.

¹ O texto da edição *Les Belles Lettres* pontua com hífen o início de cada fala nos diálogos dos versos 48 a 49 e 75 a 78. Preferimos adotar aspas duplas circunscrevendo-as, à inglesa.

Caso esse mesmo grite que sou ladrão, negue que sou honrado,
alegue que eu tenha enforcado meu pai:

vou me morder por insultos falsos e mudar de cor?

A que homem a falsa honraria alegre e a difamação caluniosa amedronta,

40 senão ao dissimulado e ao que deve ser medicado? Quem é o homem de bem?

“Quem guarda os decretos do senado, as leis e o direito,

quem vários e vastos litígios soluciona como um juiz,

quem as fortunas têm-no como fiador e as causas como testemunha.”

Mas sua casa toda e a vizinhança inteira lhe vê

45 a torpeza interior, esplêndido em pele decente.

Se me disser um escravo: “não fúrtei nem fugi”,

replico: “tens teu prêmio: pelos chicotes não serás queimado”.

“Não matei nenhum homem”: “não alimentarás os corvos na cruz.”

“Sou bom e honesto.” Isso o Sabelo⁹ nega e renega.

50 Cauto, pois, o lobo teme a fossa, o gavião,

os laços suspeitos e o milhafre¹⁰, o anzol escondido.

Odeiam transgredir os bons, por amor à virtude;

tu nada perpetrarás contra ti pelo medo do castigo;

caso haja esperança de fraude, confundirás o sacro e o profano.

⁹ Aos Sabelos ou Samnitas, antigo povo da Itália central que reunia diversas tribos (Sabinos, Marrucinos, Vestinos etc.), se creditavam certas tradições e valores antigos que desapareceram ou se transformaram (no presente caso, uma inata desconfiança rústica).

¹⁰ Designação comum a um grupo de aves de rapina, semelhante ao falcão.

- 55 *Nam de mille fabae modiis cum subripis unum,
damnum est, non facinus mihi pacto lenius isto.
Vir bonus, omne forum quem spectat et omne tribunal,
quandocumque deos uel porco uel boue placat:
“Iane pater!” clare, clare cum dixit: “Apollo!”*
- 60 *labra mouet, metuens audiri: “Pulchra Lauerna,
da mihi fallere, da iusto sanctoque uideri,
noctem peccatis et fraudibus obice nubem.”
Qui melior seruo, qui liberior sit auarus,
in triuiis fixum cum se demittit ob assem,*
- 65 *non uideo; nam qui cupiet, metuet quoque, porro
qui metuens uiuet, liber mihi non erit umquam.
Perdidit arma, locum uirtutis deseruit, qui
semper in augenda festinat et obruitur re.
Vendere cum possis captiuum, occidere noli;*
- 70 *seruiet utiliter; sine pascat durus aretque,
nauiget ac mediis hiemet mercator in undis,
annonae prosit, portet frumenta penusque.*

55 Pois, de mil moios¹¹ de fava, ao roubares um único,
meu dano é menor, não o teu erro, segundo esse ajuste.
O homem de bem, a quem todo o fórum e todo o tribunal contempla,
sempre que imola um porco ou um boi aos deuses,
diz em alto e bom som “Pai Jano!”, em alto e bom som “Apolo!”
60 mas murmura com os lábios, temendo ser ouvido: “Bela Laverna¹²,
dá-me fraudar, dá-me parecer justo e honesto,
lança noite em minhas transgressões e nuvem em minhas fraudes.”
Em que o avaro é melhor que o escravo, em que é mais livre,
quando na encruzilhada se abaixa por causa de um asse encravado –
65 não vejo. Então, quem deseja, também teme, ademais
quem vive com medo para mim não será livre nunca.
Perdeu as armas, o posto da virtude desertou quem
sempre se apressa a enriquecer e se enterra na riqueza.
Quando puderes vender o cativo, não o mates:
70 irá te servir melhor; se ríspido, que ele pastoreie ou trabalhe no arado,
ou navegue e seja mercador entre as ondas no inverno,
que te apóie no mercado, que transporte os grãos e as provisões.

¹¹ Antiga medida de volume equivalente a 8,64 litros.

¹² Laverna, divindade protetora dos ladrões (Villeneuve, p. 110; Dilke, p. 130).

*Vir bonus et sapiens audebit dicere: "Pentheu,
rector Thebarum, quid me perferre patique
75 indignum coges?" "Adimam bona." "Nempe pecus, rem,
lectos, argentum; tollas licet." "In manicis et
compedibus saeuo te sub custode tenebo."
"Ipse deus, simul atque uolam, me soluet." Opinor,
hoc sentit: "Moriar". Mors ultima linea rerum est.*

O homem sábio e de bem ousará dizer: “Penteu,
senhor de Tebas, que indignidade me coagirás a praticar
75 e a sofrer?” “Tomarei teus bens.” “Pois não: o gado, a terra,
os leitões, o dinheiro; leva-os, tudo bem.” “Com algemas e
grilhões a ti deterei sob um guarda cruel.”
“O próprio deus, assim que eu desejar, me libertará.”¹³ Creio que
significa isto: “morrerei”. A morte é o derradeiro limite das coisas.

¹³ Diálogo inspirado em *As Bacantes* de Eurípedes, versos 492-498. Este verso latino (78) “traduz” o verso 498 da tragédia: Λύσει μ’ ὁ δαίμων αὐτὸς, ὅταν ἐγὼ θέλω – “Libertar-me-á o próprio deus, quando eu quiser”.

EPÍSTOLA I. 17

A Ceva

Ainda que saiba cuidar de si próprio e lidar com os grandes, Ceva deve ouvir as lições do humilde poeta e delas tirar algo de útil (1-5). Caso Ceva aprecie as venturas do campo e lhe irrite as balbúrdias da cidade, Horácio sugere-lhe uma pequena vila: os que passam pela vida despercebidos também podem ser felizes (6-10). Pois, que viva melhor, usufrua de uma boa mesa, que não viva sempre com tão pouco, mas que saiba viver como rei, se puder (11-15). Propõe o poeta que se avaliem as posturas de Aristipo e Diógenes, a fim de perceberem como o primeiro melhor se porta (16-18). Aristipo vive e trabalha para si, sem rebaixar-se como o outro, almejando aprimorar-se; mas sempre sereno, portando-se bem onde e quando convier, sem descartar as benesses que o outro teima em rejeitar por tolos princípios (19-32). Belos feitos a todos ostentar, eis a glória divina, celestial; agradar aos nobres poderosos não é obra pequena (33-35). Ainda que o sucesso não seja dado a todos, que não fique parado: vá até o fim, com bravura; enquanto uns esmorecem de tanto medo, outros superam a si próprios (36-41). Virtude não vem em vão: que se busquem honradamente os prêmios (42-43). Melhor ganha quem não reclama, que se valorize a discrição: quem muito se lamenta acaba tendo que dividir uma pequena esmola; que coma em silêncio para evitar brigas e invejas (43-51). O acompanhante de viagem que amiúde se queixa se assemelha à meretriz que chora por tudo e, de tanto chorar, não mais lhe dão crédito (52-57). Quem foi outrora zombado, sabe ignorar os lamúrios do impostor que se finge de doente; a esse, aquele apenas responde: “quem não te conhece que te compre” (58-62).

*Quamuis, Scaeva, satis per te tibi consulis et scis,
quo tandem pacto deceat maioribus uti,
disce, docendus adhuc quae censet amicus, ut si
caecus iter monstrare uelit; tamen aspice, siquid
5 et nos, quod cures proprium fecisse, loquamur.
Si te grata quies et primam somnus in horam
delectat, si te pulvis strepitusque rotarum,
si laedit caupona, Ferentinum ire iubebo;
nam neque diuitibus contingunt gaudia solis,
10 nec uixit male, qui natus moriensque fefellit.
Si prodesse tuis pauloque benignus ipsum
te tractare uoles, accedes siccus ad unctum.
“Si pranderet holus patienter, regibus uti
nollet Aristippus.” “Si sciret regibus uti,¹
15 fastidiret holus qui me notat.” Vtrius horum
uerba probes et facta, doce, uel iunior audi
cur sit Aristippi potior sententia. Namque*

¹ O texto da edição *Les Belles Lettres* pontua com hífen o início dessa fala, ao qual preferimos aspas duplas, circunscrevendo-a à inglesa.

Embora, Ceva¹, por teus próprios meios cuides bem o bastante de ti e saibas
em que termos, enfim, convém lidar com os poderosos,
aprende o que pensa teu humilde amigo, que ainda tem o que aprender, como se
um cego quisesse mostrar o caminho; vê, contudo, se nós
5 ainda falamos algo que consideres ter sido útil a ti.
Se um grato repouso e o sono até a primeira hora² te
aprazem; se a poeira, o barulho das ruas,
se te incomoda a taberna, ordenarei que vás a Ferentino³;
Pois as alegrias não tocam apenas aos ricos,
10 nem viveu mal quem ao nascer e morrer passou despercebido⁴.
Se queres ser útil aos teus e tratar a ti próprio um pouco
mais generosamente, que sedento te aproximes da mesa opulenta.
“Se resignadamente almoçasse legumes, lidar com reis
não desejaria Aristipo⁵.” “Se soubesse lidar com reis,
15 os legumes enjoariam a quem me reprova.” Desses dois,
quais palavras e atos aprovas, diz-me; ou, como és jovem, ouve
por que é melhor a opinião de Aristipo. Eis que

¹ Personagem desconhecida.

² Ao sol nascer, por volta das 5h 30min (no verão) e 8h (no inverno).

³ Ferentino, pacato município hérnico no Lácio, a 65km a sudeste de Roma.

⁴ Preceito epicurista, λάθῃ βιώσας, “passa despercebido teu viver” (Fairclough, p. 360), que parece também ecoar no verso de Ovídio *bene qui latuit bene uixit*, “bem viveu quem bem se escondeu” (*Tristia* III. 4, 25 *apud* Tosi, p. 487).

⁵ Inicia-se aqui uma espécie de diálogo entre Diógenes, filósofo grego nascido em Sínope, representante do grupo dos Cínicos, e Aristipo, natural de Cirene, predecessor de Epicuro e fundador da escola hedonista de Cirene (Mayer, p. 92; Villeneuve, p. 37); vide *Epístola* I. 1. 18 sobre esse último. O historiador e biógrafo Diógenes Laércio relata esse diálogo em II. 8, 68 (Fairclough, p. 360).

mordacem Cynicum sic eludebat, ut aiunt:

“*Scurror ego ipse mihi, populo tu; rectius hoc et*
20 *splendidius multo est. Equus ut me portet, alat rex,*
officium facio; tu poscis uilia, uerum
dante minor, quamuis fers te nullius egentem.”

Omnis Aristippum decuit color et status et res,
temptantem maiora fere, praesentibus aequum,
25 *contra, quem duplici panno patientia uelat,*
mirabor, uitae uia si conuersa decebit.

Alter purpureum non expectabit amictum;
quidlibet indutus celeberrima per loca uadet
personamque feret, non inconcinnus utramque;
30 *alter Mileti textam cane peius et angui*
uitabit chlanidem, morietur frigore, si non
rettuleris pannum; refer et sine uiuat ineptus.

Res gerere et captos ostendere ciuibus hostis
attingit solium Iouis et caelestia temptat;
35 *principibus placuisse uiris non ultima laus est.*

assim se esquivava do Cínico mordaz, como dizem:

“Eu faço graça a mim mesmo; tu, para o povo. Minha conduta é mais acertada,
 20 é muito mais notável. Para que o cavalo me transporte, que o rei me alimente,
 faço meu dever; tu mendigas vilezas, na verdade,
 de quem te dá ficas abaixo, embora presumas carecer de ninguém.”

Toda nuance, situação e riqueza convém a Aristipo,
 almejando melhorar quase sempre e, com as coisas presentes, equânime.

25 Ao contrário, aquele a quem a resignação veste com duplo pano⁶,
 ficarei admirado se uma mudança no estilo de vida lhe convier.

Um não esperará o manto de púrpura:

vestido de qualquer jeito pelos lugares mais freqüentados desfilará
 e atuará com ambas as máscaras, sem desleixo algum.

30 O outro evitará a clâmide tecida em Mileto⁷

pior que cão ou cobra, morrerá de frio se não

lhe devolveres seu trapo; devolve e deixa que viva esse parvo.

Realizar proezas e ostentar aos cidadãos os inimigos capturados
 alcança o trono de Jove e toca as alturas celestiais;

35 ter agradado aos viris líderes não é uma glória ínfima.

⁶ Os cínicos, por abdicarem de uma roupa por baixo da veste externa, dobravam a única vestimenta que trajavam (cf. διπλοῖς, “dupla-veste”), denominada não sem troça *pannus* (Fairclough, p. 362).

⁷ Mileto, cidade próxima ao litoral no sul da Jônia. Segundo Villeneuve (p. 114), ali se fabricavam elegantes roupas de lã (cf. Dilke, p. 133).

*Non cuiuis homini contingit adire Corinthum.
Sedit qui timuit ne non succederet; esto;
quid? qui peruenit, fecitne uiriliter? atqui
hic est aut nusquam quod quaerimus. Hic onus horret,
40 ut paruis animis et paruo corpore maius;
hic subit et perfert. Aut uirtus nomen inane est,
aut decus et pretium recte petit experiens uir.
Coram rege suo de paupertate tacentes
plus poscente ferent; distat, sumasne prudenter
45 an rapias; atqui rerum caput hoc erat, hic fons.
“Indotata mihi soror est, paupercula mater,
et fundus nec uendibilis nec pascere firmus”,
qui dicit, clamat: “Victum date!”; succinit alter:
“Et mihi”; diuiduo findetur munere quadra.
50 Sed tacitus pasci si posset coruus, haberet
plus dapis et rixae multo minus inuidiaeque.*

Não é dado a todo homem ir a Corinto⁸.

Ficou parado quem temeu não obter o sucesso; assim seja,

mas, e aquele que chegou ao fim, não agiu com virilidade? Pois bem,

aqui ou em lugar nenhum está o que procuramos. Esse treme diante do fardo,

40 maior que suas pequenas forças e seu pequeno corpo;

aquele o suporta e o leva até o fim. Ou a virtude é um nome vã,

ou honra e prêmio busca com retidão o homem empreendedor.

Em presença do seu senhor, os que se calam sobre sua pobreza

ganharão mais do que o pedinte; é diferente pegares reservadamente

45 e arrebatades de súbito; mas isso é o cerne das coisas, essa a fonte.

“Minha irmã não tem dote; minha mãe, pobrezinha;

minha quinta não é vendável nem é capaz de nos alimentar” –

quem assim diz, está gritando: “dai-nos comida!”. O outro recita em coro:

“para mim também!”. Agora um quarto de pão será dividido: regalo partilhado.

50 Mas se em silêncio o corvo pudesse comer, teria

mais comida e muito menos rixa e invejosos.

⁸ Corinto, cidade grega no istmo do Peloponeso. A *sententia* latina, embora sugira uma virtude inalcançável para alguns, recorda um célebre provérbio grego: *ὅτι παντὸς ἀνδρὸς ἔς Κόρινθον ἔσθ' ὁ πλοῦς*, “nem a todo homem é dado navegar até Corinto”, que expressava a proverbial riqueza da cidade (Mayer, p. 237; cf. Tosi, p. 238).

*Brundisium comes aut Surrentum ductus amoenum
qui queritur salebras et acerbum frigus et imbres,
aut cistam effractam et subducta uiatica plorat,
55 nota refert meretricis acumina, saepe catellam,
saepe periscelidem raptam sibi flentis, uti mox
nulla fides damnis uerisque doloribus adsit.
Nec semel inrisus triuiis attollere curat
fracto crure planum, licet illi plurima manet
60 lacrima, per sanctum iuratus dicat Osirim:
“Credite, non ludo; crudeles, tollite claudum.”
“Quaere peregrinum”, uicinia rauca reclamat.*

O acompanhante de viagem a Brindes ou à amena Sorrento⁹
que se queixa dos caminhos ruins e do frio severo e das chuvas,
ou da cesta quebrada e de suas provisões de viagem roubadas se lamenta,
55 remonta aos conhecidos truques da meretriz, chorando amiúde pela cadelinha,
amiúde pela tornozeleira que lhe roubaram, de modo que dentro em breve
nenhuma fé haja em seus verdadeiros danos ou dores.
Quem foi uma vez escarnecido, não se inquieta por levantar nos cruzamentos
o impostor de perna quebrada, embora esse lhe verta copiosas
60 lágrimas e demande, jurando pelo santo nome de Osíris¹⁰:
“Acreditai-me, não burlo; cruéis, levantai o coxo.”
“Pede a um viandante”, a vizinhança rouca responde.

⁹ Brindes (atual Brindisi, na região da Puglia), cidade costeira italiana voltada para o Adriático, a cerca de 560km a leste-sudeste de Roma (cf. *Epístola I. 18, 20*). Sorrento, cidade litorânea na baía de Nápoles, a cerca de 270km a sudeste de Roma (Dilke, p. 135; Mayer, p. 239).

¹⁰ Osíris, divindade egípcia: ou o impostor é estrangeiro ou tenta impressionar (Mayer, p. 240).

EPÍSTOLA I. 18

A Lólio

Que Lólio não é dado a bajulações, isso o declara Horácio: o adulator está para um fiel amigo assim como a meretriz para a matrona (1-4). Porém pior, talvez, seja um comportamento rústico e deselegante que se arroga virtuoso e livre: virtude é afastar-se de ambos esses vícios (5-9). Aquele teme o homem rico e lhe repete tudo como um menino ao professor; aqueloutro briga e brada em público por ninharia (10-18). O que está em jogo? O melhor caminho à praia (19-20)? O amigo rico, cheio de vícios, evita o homem simples aspirante à riqueza, quando não o manipula, mas é sincero ao recomendar-lhe que não se rivalizem pelas posses (20-30). Eutrápelo dava roupas caras e vistosas aos que queria prejudicar: com a nova aparência, de sonhadores passavam a devedores e depois a escravos ou vis empregados (31-36). Horácio recomenda que Lólio não procure descobrir os segredos do amigo rico, nem tagarele sobre o que sabe; que não se blasona, nem reprima os gostos alheios; que ceda aos pedidos do amigo, deixe de lado os poemas e vá à caça, evitando rixas e separações: que se mostre companheiro à altura no jantar (37-48). Na caça, atividade tradicional, Lólio se sai bem, porque é ágil, robusto e destro nas armas: já estivera com Augusto em importante batalha (49-57). Pois, que não fuja para o sítio paterno para encenar teatrinhos de guerra (58-65). E acresce mais conselhos: que atente ao que diz, sobre quem e para quem; que fuja do curioso impertinente; que não se envolva com criados dalgum amigo, pode incomodar ou atormentar; que esteja atento ao indicar alguém, para que esse não o embarace, que cuide apenas daqueles que lhe são fiéis, sem negligenciar quem tenta envergonhá-lo (66-85). Não é simples lidar com os poderosos, que o faça enquanto pode (86-88). Homens de temperamentos opostos não se aturam: evite passar-se por sombrio ou antipático (89-95). E Lólio ainda lerá: que questione os sábios sobre o conduzir da vida, a origem da virtude, a essência da tranquilidade (96-104). Em sua vida pacata, Horácio, por fim, lhe revela como faz sua oração – e como se deve fazê-la – a Jove (105-112).

*Si bene te noui, metues, liberrime Lolli,
scurrantis speciem praebere, professus amicum.*

*Vt matrona meretrici dispar erit atque
discolor, infido scurrae distabit amicus.*

5 *Est huic diuersum uitio uitium prope maius,
asperitas agrestis et inconcinna grauisque,
quae se commendat tonsa cute, dentibus atris,
dum uolt libertas dici mera ueraque uirtus.
Virtus est medium uitiorum et utrimque reductum.*

10 *Alter in obsequium plus aequo pronus et imi
derisor lecti sic nutum diuitis horret,
sic iterat uoces et uerba cadentia tollit,
ut puerum saeuo credas dictata magistro
reddere uel partis mimum tractare secundas;*

15 *alter rixatur de lana saepe caprina,
propugnat nugis armatus: "Scilicet, ut non
sit mihi prima fides et, uere quod placet, ut non
acriter elatrem? pretium aetas altera sordet."
Ambigitur quid enim? Castor sciat an Docilis plus,*

Se bem te conheço, franquíssimo Lólio, recearás
fazer tipo de adulator após teres declarado uma amizade.

Como a matrona diferirá da meretriz na essência e
nos modos, o amigo distará do adulator infiel.

5 Há um vício oposto a esse vício e talvez maior:
uma aspereza rústica, deselegante e grosseira,
a qual recomenda cabelos raspados e dentes negros,
enquanto quer se passar por mera liberdade e verdadeira virtude.
A virtude está no meio dos vícios, afastada a igual distância de um e outro¹.

10 Um homem, inclinado além do devido à complacência, parasita
do último lugar à mesa, tanto treme ao menor aceno do rico,
tanto repete os termos e recolhe as palavras proferidas,
que acreditarias ser um menino a reproduzir ditados para o severo
professor ou um ator a representar papéis secundários;

15 Outro alterca freqüentemente por lã de cabra,
briga armado de ninharias: “Realmente, pensar que não
me deem crédito de primeira, que não possa bradar aos berros
aquilo em que acredito? A tal preço, outra vida de nada vale.”
O que, então, está em questão? Castor sabe mais, ou Docile²?

¹ Como anotam Dilke (p. 136) e Mayer (p. 243), um trecho da *Ética a Nicômaco* (II. 6, 15 ou 1006 b36-1007 a2), de Aristóteles, desenvolve esse mesmo tema, do qual destacamos uma das definições de virtude (ἀρετή): μεσότης δὲ δύο κακιῶν, τῆς μὲν καθ’ ὑπερβολὴν τῆς δὲ κατ’ ἔλλειψιν (“meio entre dois vícios: por um lado, o excesso, por outro, o defeito”).

² Castor e Docile, nomes de atores, gladiadores ou gramáticos (Mayer, p. 244-5).

- 20 *Brundisium Minuci melius uia ducat an Appi.*
Quem damnosa Venus, quem praeceps alea nudat,
gloria quem supra uires et uestit et unguet,
quem tenet argenti sitis inportuna famesque,
quem paupertatis pudor et fuga, diues amicus,
- 25 *saepe decem uitiiis instructor, odit et horret,*
aut, si non odit, regit ac ueluti pia mater
plus quam se sapere et uirtutibus esse priorem
uolt et ait prope uera: “Meae (contendere noli)
stultitiam patiuntur opes; tibi paruola res est;
- 30 *arta decet sanum comitem toga; desine mecum*
certare.” Eutrapelus cuicumque nocere uolebat
uestimenta dabat pretiosa; beatus enim iam
cum pulchris tunicis sumet noua consilia et spes,
dormiet in lucem, scorto postponet honestum
- 35 *officium, nummos alienos pascet, ad inum*
Thraex erit aut holitoris aget mercede caballum.
Arcanum neque tu scrutaberis illius umquam,
commissumque teges et uino tortus et ira;

20 Que melhor via leva a Brindes, a via Ápia ou a de Minúcio³?
 Aquele a quem a ruínosa Vênus ou os dados, esse precipício, despiram,
 a quem a vaidade veste e unge além de seus recursos,
 a quem uma inconveniente sede e apetite por dinheiro tomam,
 bem como a vergonha e o temor da pobreza, um rico amigo,
 25 não raro dez vezes melhor aparelhado de vícios, odeia-o e evita-o.
 Ou, se não odeia, controla-o e, como uma mãe afetuosa,
 deseja-o mais sábio e virtuoso que ele próprio.
 E diz quase a verdade: “meus recursos (não tentes
 rivalizar) me permitem certa loucura; tu tens pouquinho;
 30 uma toga estreita convém a um cliente sensato; desiste de rivalizar
 comigo”. Eutrápelo, a quem quer que quisesse prejudicar,
 dava roupas preciosas: “Feliz, então, já vai ele,
 com suas belas túnicas arrogará novos planos e esperanças,
 dormirá de dia, pela meretriz adiará um honesto
 35 negócio, engordará os usurários e, ao fim,
 num gladiador se converterá ou conduzirá, por salário, o cavalo do verdureiro.”
 Tu não escutarás o segredo dele⁴ nunca,
 o que te foi confiado guardarás, mesmo torturado com vinho e ira;

³ Brindes (atual Brindisi, na região da Puglia), cidade costeira italiana voltada para o Adriático, a cerca de 560km a leste-sudeste de Roma (cf. *Ep.* I. 17, 52). Era possível viajar de uma à outra tanto pela famosa Via Ápia (cf. *Ep.* I. 6, 25), construída em 312 a.C. por *Appius Claudius Caecus*, passando por Ânxur, Sinuessa, Cápua, Venúsia e Tarento, quanto pela Via Minúcia, proposta pelo cônsul de 305 a.C., *Tiberius Minucius Augurinus*, passando por Herdónea, Canúcio, Rubi, Bário e Gnácia, tendo sido essa, mais tarde, substituída pela Via Trajana (Villeneuve, p. 119).

⁴ i.e. do amigo rico (verso 24), espécie de patrão ou senhor.

*nec tua laudabis studia aut aliena reprendes,
40 nec, cum uenari uolet ille, poemata panges.
Gratia sic fratrum geminorum, Amphionis atque
Zethi dissiluit, donec suspecta seuro
conticuit lyra. Fraternalis cessisse putatur
moribus Amphion; tu cede potentis amici
45 lenibus imperiis, quotiensque educet in agros
Aetolis onerata plagis iumenta canesque,
surge et inhumanae senium depone Camenae,
cenes ut pariter pulmenta laboribus empta;
Romanis sollemne uiris opus, utile famae
50 uitaeque et membris, praesertim cum ualeas et
uel cursu superare canem uel uiribus aprum
possis. Adde, uirilia quod speciosius arma
non est qui tractet; scis quo clamore coronae
proelia sustineas campestris. Denique saeuam
55 militiam puer et Cantabrica bella tulisti
sub duce qui templis Parthorum signa refigit*

nem enaltecerás teus gostos, nem repreenderás os alheios;
 40 quando ele quiser caçar, não fiques a escrever poemas.
 Assim a concórdia dos irmãos gêmeos, Anfíon e
 Zeto⁵, se dissolveu, até que, vista com suspeição pelo severo,
 calou-se a lira. Julga-se que ao temperamento fraterno
 cedeu Anfíon; tu, cede às brandas ordens
 45 de teu poderoso amigo e, todas as vezes que ele conduzir ao campo
 os cães e os jumentos carregados com redes etólias⁶,
 levanta-te e deixa de lado a languidez da Musa insociável,
 para que jantes em iguais condições as iguarias adquiridas com esforços.
 Exercício de tradição para os varões romanos, útil tanto à fama
 50 e à vida quanto aos membros, sobretudo quando és robusto e
 podes ou superar o cão na corrida ou na força
 o javali. Acresce que, armas viris, mais elegante,
 não há quem maneje; conheces o clamor do círculo de espectadores
 quando lutas no Campo de Marte⁷. Enfim, ainda menino,
 55 da severa milícia e das batalhas cantábricas participaste,
 sob o comando de quem aos templos dos Partos arrancou as insígnias⁸

⁵ Anfíon e Zeto, a quem se atribui a construção das muralhas de Tebas na Beócia, são filhos de Antíope e Zeus. Zeto era um pastor e caçador; Anfíon, poeta e músico, recebera de Hermes uma lira mágica, com cuja música era capaz de mover as pedras. Na tragédia *Antíope*, de Eurípedes, os irmãos gêmeos rivalizam por seus méritos na música e na caça. Essa mesma peça foi posteriormente reproduzida, com o mesmo nome, por Pacúvio (Dilke, p. 140; Fairclough, p. 370).

⁶ O epíteto “etólias”, segundo comentadores (Mayer, p. 248; Fairclough, p. 372), seria apenas decorativo, referindo-se à mitológica caça de Meleagro ao javali em Cálidon, cidade da Etólia.

⁷ Os romanos passeavam e se exercitavam no Campo de Marte (cf. *Ep.* I. 7, 59).

nunc et, siquid abest, Italis adiudicat armis.

Ac ne te retrahas et inexcusabilis absis,

quamuis nil extra numerum fecisse modumque

60 *curas, interdum nugaris rure paterno:*

partitur lintres exercitus, Actia pugna

te duce per pueros hostili more refertur;

aduersarius est frater, lacus Hadria, donec

alterutrum uelox Victoria fronde coronet.

65 *Consentire suis studiis qui crediderit te,*

fautor utroque tuum laudabit pollice ludum.

Protinus ut moneam, siquid monitoris eges tu,

quid de quoque uiro et cui dicas, saepe uideto.

Percontatorem fugito; nam garrulus idem est,

70 *nec retinent patulae commissa fideliter aures,*

et semel emissum uolat inreuocabile uerbum.

Non ancilla tuum iecur ulceret ulla puerue

intra marmoreum uenerandi limen amici,

ne dominus pueri pulchri caraeue puellae

e agora, se ainda resta algo, adjudica às armas itálicas.

Todavia, não te retraias ou te ausentes inescusável;

embora te preocupes em ter feito nada além da medida e

60 do tom, algumas vezes te distrais brincando nos campos paternos:

as tropas dividem os barquinhos, a batalha de Ácio⁹

(tu, o comandante) representam teus escravos como se entre inimigos;

o adversário é teu irmão; o lago, o Adriático, até que

a veloz Vitória coroe um ou outro com louros.

65 Aquele que vier a acreditar que tu partilhas de seus gostos,

como um defensor aplaudirá tua brincadeira com ambas as mãos¹⁰.

Para que ainda te aconselhe, se é que precisas de conselheiro,

deves sempre ver o que dizes, de quem e para quem falas.

Foge do curioso, pois o mesmo é tagarela;

70 seus ouvidos escancarados não retêm fielmente o que lhe foi confiado

e, uma vez pronunciada, a palavra voa sem volta.

Que criada alguma ou rapazinho não fira teu coração

entre os limiões de mármore de um venerável amigo,

nem o senhor de um belo rapaz ou de uma cara moça

⁸ Augusto lutou contra os Cântabros em 26 e 25 a.C.; recuperou, em 20 a.C., os estandartes romanos que haviam sido roubados pelos partos em 53 a.C. (cf. *Epístola I. 12, 26-27*).

⁹ Célebre batalha travada em Ácio, no litoral noroeste grego, em 31 a.C., em que as tropas romanas lideradas por Augusto derrotaram Marco Antônio e seu exército coligado aos egípcios.

¹⁰ A expressão *utroque pollice* (lit.: “com os dois polegares”) integra uma extensa discussão entre especialistas sobre a interpretação de tais gestos com as mãos (Mayer, p. 251; Dilke, p. 141). Entendemo-la como o reforço de uma aprovação (cf. *laudabit*), como confirma Sabbadini (p. 86), por isso a imagem do aplauso na tradução.

- 75 *munere te paruo beet aut incommodus angat.*
Qualem commendes, etiam atque etiam aspice, ne mox
incurtiant aliena tibi peccata pudorem.
Fallimur et quondam non dignum tradimus; ergo
quem sua culpa premet, deceptus omitte tueri,
- 80 *ut penitus notum, si temptent crimina, serues*
tuterisque tuo fidentem praesidio; qui
dente Theonino cum circumroditur, ecquid
ad te post paulo uentura pericula sentis?
Nam tua res agitur, paries cum proximus ardet,
- 85 *et neglecta solent incendia sumere uires.*
Dulcia inexpertis cultura potentis amici;
expertus metuit. Tu, dum tua nauis in alto est,
hoc age, ne mutata retrorsum te ferat aura.
Oderunt hilarem tristes tristemque iocosi,
- 90 *sedatum celeres, agilem nauumque remissi;*
[potores bibuli media de nocte Falerni]¹
oderunt porrecta negantem pocula, quamuis
nocturnos iures te formidare tepores;

¹ Este verso, segundo os comentadores das edições consultadas, não aparece nos bons manuscritos, sendo, portanto, considerado espúrio pela tradição filológica. A edição *Les Belles Lettres*, cujo texto latino adotamos, discute-o em nota; todavia, preferimos apresentá-lo no corpo do texto.

75 te contente com tão pequeno presente ou, incomodado, te atormente.
O tipo de pessoa que recomendas, cada vez mais e mais observa, para que em breve os pecados alheios não te incutam vergonha.
Eventualmente nos equivocamos e apresentamos alguém indigno; portanto, uma vez enganado, deixa de defender aquele a quem pesa a própria culpa,
80 para que cuides de quem conheces profundamente, caso acusações ultrajem-no, e defendas alguém fiel a tua assistência. Quando uma pessoa é mordida por dente Teonino¹¹, por acaso sentes, um pouco depois, os perigos se aproximando de ti? Pois se trata de assunto teu, quando a parede vizinha está queimando,
85 os incêndios negligenciados também costumam ganhar força.
Doce aos inexperientes, o cultivar a amizade de um poderoso; o experiente teme fazê-lo. Tu, enquanto tua nau está em alto mar, faz isso, que um vento mudado não te traga para trás.
Os tristes odeiam o hilário; os jocosos, o triste;
90 os apressados, o quieto; os lerdos, o ágil e ativo.
Bebedores que bebem à meia noite do Falerno¹² odeiam quem nega os copos oferecidos, conquanto jures que temas os calores noturnos.

¹¹ Expressão para a calúnia, de origem desconhecida. Escoliastas notam que Téon foi um liberto, cuja mordaz sagacidade tanto enfureceu o patrão que esse o abandonou, deixando-lhe a quantia exata para que comprasse uma corda e se enforcasse (Dilke, p. 142).

¹² Famoso vinho era produzido próximo ao monte Falerno, na Campânia, e levava esse nome.

deme supercilio nubem; plerumque modestus

95 *occupat obscuri speciem, taciturnus acerbi.*

Inter cuncta leges et percontabere doctos,

qua ratione queas traducere leniter aeuum,

num te semper inops agitet uexetque cupido,

num pauor et rerum mediocriter utilium spes,

100 *uirtutem doctrina paret naturane donet,*

quid minuat curas, quid te tibi reddat amicum,

quid pure tranquillet, honos an dulce lucellum,

an secretum iter et fallentis semita uitae.

Me quotiens reficit gelidus Digentia riuus,

105 *quem Mandela bibit, rugosus frigore pagus*

quid sentire putas, quid credis, amice, precari?

“Sit mihi quod nunc est, etiam minus, et mihi uiuam

quod superest aevi, siquid superesse uolunt di;

sit bona librorum et prouisae frugis in annum

110 *copia, neu fluitem dubiae spe pendulus horae.”*

Sed satis est orare Iouem quae ponit et aufert;

det uitam, det opes; aequum mi animum ipse parabo.

Tira da sobrancelha a nuvem; muitas vezes o modesto
95 passa por um tipo sombrio; o taciturno, por antipático.
Em meio a tudo isso, lerás; pergunta aos sábios
como poderás conduzir agradavelmente a vida;
se o sempre insatisfeito desejo te arrasta e alvorota,
se o medo e a esperança de uns bens banais;
100 se a doutrina alcança a virtude ou a natureza a concede;
o que diminui as preocupações; o que te fará amigo de ti mesmo;
o que tranqüiliza virtuosamente, honra ou um doce e pequeno lucro,
ou um caminho secreto, senda de uma vida despercebida.
Quantas vezes me refaz o Digência, esse rio gelado,
105 do qual Mandela bebe, povoado enrugado pelo frio¹³;
o que pensas que sinto, amigo, o que achas que peço em oração?
“Que eu tenha o que tenho agora, ainda menos, e que eu viva para mim
os dias que me restam, se os deuses querem que algo me reste;
que eu tenha abundância de livros e uma fartura antecipada de alimentos
110 para o ano, e que eu não flutue como um pêndulo pela esperança da hora dúbia.”
Mas suficiente é pedir para Jove as coisas que ele provê e tira;
que me dê a vida, me dê os recursos; ânimo equilibrado eu mesmo preparar-me-ei.

¹³ Próximo à parte norte do rio Digência (hoje, Licenza), encontram-se as ruínas denominadas “vila de Horácio” (cf. *Epístola* I. 16, 5 e ss.). Mandela, pequeno povoado próximo, atual vila de Cantalupo Bardella (vide mapa anexo).

EPÍSTOLA I. 19

A Mecenas

Se, por um lado, bons poemas não podem ser escritos por quem não bebe vinho, bebê-lo em excesso, por outro, trará boa poesia, questiona o poeta a Mecenas (1-5). Pois, se dizem que Homero teceu elogios ao vinho e que Ênio não versava sem antes ter bebido, Horácio sugere proclamar: “que os sóbrios não cantem” (6-9). Conclusão: um séquito de bêbados (10-11). Contudo, imitar o hábito de Catão torna alguém virtuoso? Imitações erradas podem ter más conseqüências (12-18). “Imitadores baratos, servis”, queixa-se Horácio (19-20). Pois ele, confiante, emulou os grandes, trouxe ao Lácio ritmos e metros de Arquíloco, imitado também por Safo e Alceu (21-31); e de ter propagado aos latinos esse mesmo Alceu, disso muito se orgulha, tendo sido lido pelos nobres (32-34). Mas por que os leitores amam-lhe os versos em casa e os escurraçam porta afora, indaga a Mecenas, a quem responde, convicto: a aversão do poeta à compra de votos e vontades do público, aos juízos de gramáticos querelosos (35-40). E se lhe taxarem de orgulhoso por preferir a avaliação de Augusto, declara que não trará luta: embate leva à ira e a ira, a infestas inimizades (41-49).

*Prisco si credis, Maecenas docte, Cratino,
nulla placere diu nec uiuere carmina possunt
quae scribuntur aquae potoribus; ut male sanos
adscripsit Liber Satyris Faunisque poetas,
5 uina fere dulces oluerunt mane Camenae;
laudibus arguitur uini uinosus Homerus;
Ennius ipse pater numquam nisi potus ad arma
prosiluit dicenda. "Forum putealque Libonis
mandabo siccis, adimam cantare seueris":
10 hoc simul edixi, non cessauere poetae
nocturno certare mero, putere diurno.
Quid? si quis uoltu toruo ferus et pede nudo
exiguaeque togae simulet textore Catonem,
uirtutemne repraesentet moresque Catonis?*

Se crês, douto Mecenas, no velho Cratino¹,
 agradar ou viver por muito tempo verso algum pode,
 se escrito por bebedores de água; desde que Líber²
 inscreveu os poetas insanos entre Sátiros e Faunos,
 5 as doces Camenas passaram a exalar vinho já de manhã.
 Pelos elogios ao vinho, do vinho afirma-se que Homero era amante;
 o próprio pai Ênio³ nunca se lançou a cantar as armas
 sem ter bebido. “Ao Fórum, ao Puteal de Libão⁴
 mandarei ir os que não beberam, proibirei os severos de cantar”.
 10 Depois que proclamei isso, não cessaram os poetas
 de brigar pelo puro vinho à noite, de feder vinho durante o dia.
 O quê? Se alguém, bravo, com rosto severo e pés descalços
 e ajudado por um alfaiate, imitar Catão com uma curta toga,
 apresentaria a virtude e os costumes de Catão⁵?

¹ Cratino, comediógrafo grego do século V a.C., compôs uma peça intitulada πτυνίη (a garrafa) cujo fragmento ficou célebre: “Υδωρ δὲ πίνων οὐδὲν ἄν τέκοις σοφόν, “se beberes água, não produzirás nada sábio” (Dilke, p. 144; Préaux, p. 203).

² Um dos nomes de Baco.

³ *Quintus Ennius* (239-169 a.C.) é comumente visto como pai da poesia romana, a que o título *pater* presta também reverência. Dentre suas obras, das quais são conhecidos apenas fragmentos, encontra-se um vasto poema épico denominado *Annales*, que relata a história de Roma.

⁴ O puteal (pequeno muro de pedra que circunda a boca de um poço) de Libão, construído por *Scribonius Libo* em 204 a.C., ficava no próprio Fórum Romano, ao redor do qual costumavam se encontrar agiotas e devedores para tratar de negócios.

⁵ Horácio, nas *Odes*, refere-se a dois homens distintos de nome Catão: de um lado, na *Ode* I. 12, 35-6, a expressão *nobile letum* relembra a morte, ou melhor, o suicídio “nobre” (ou “famoso”) do jovem Catão de Útica, defensor da república romana e usualmente tido por seguidor exemplar de um estoicismo incorruptível; de outro, na *Ode* III. 21, 11-2, diz-se que a *virtus* do velho Catão (*prisci Catonis*) amiúde se esquentava com o vinho puro (segundo a tradição, esse último,

- 15 *Rupit Iarbitam Timagenis aemula lingua*
dum studet urbanus tenditque disertus haberi.
Decipit exemplar uitii imitabile; quodsi
pallerem casu, biberent exsanguae cuminum.
O imitatores, seruum pecus, ut mihi saepe
- 20 *bilem, saepe iocum uestri mouere tumultus!*
Libera per uacuum posui uestigia princeps,
non aliena meo pressi pede. Qui sibi fidet,
dux reget examen. Parios ego primus iambos
ostendi Latio, numeros animosque secutus
- 25 *Archilochi, non res et agentia uerba Lycamben;*
ac ne me foliis ideo breuioribus ornes
quod timui mutare modos et carminis artem,
temperat Archilochi Musam pede mascula Sappho,
temperat Alcaeus, sed rebus et ordine dispar,
- 30 *nec socerum quaerit, quem uersibus oblinat atris,*

15 Arruinou Iarbitas sua língua, imitadora de Timágenes⁶,
 ao esforçar-se por parecer espirituoso e continuar eloquente.
 Conduz a engano o modelo imitável em seus defeitos; se acaso
 me tornasse pálido, beberiam do cominho que torna exangue.
 Ó imitadores, rebanho servil, quantas vezes vosso
 20 tumulto provocou-me a bÍlis, quantas, o riso!
 Eu primeiro pus minhas livres pegadas por veredas ainda vazias,
 não marquei alheias com meu passo. Quem em si confiar,
 como líder, conduzirá o enxame. Primeiro eu os Pários iambos⁷
 apresentei ao Lácio, seguindo o ritmo e o espírito
 25 de ArquÍloco, não os temas e as palavras agressivas a Licambes⁸.
 Mas não me ornes a frente com louros inferiores
 porque temi mudar os metros e a forma de seus versos:
 com o ritmo de ArquÍloco, tempera sua Musa a viril Safo,
 tempera-a Alceu⁹, mas com temas e disposição díspares,
 30 não busca um sogro, a quem denigra com versos mordazes,

conhecido como “Catão, o velho” ou “o censor”, era o bisavô daquele). Como ambos podem ter vivido de modo simples e com hábitos rústicos, difícil seria elucidar essa referência.

⁶ Sobre Iarbitas nada se sabe (segundo escoliastas, teria sido um escritor gétulo, como nos relata Villeneuve, p. 127). Timágenes de Alexandria foi um historiador e professor de retórica cujas insolências e mordacidade indispueram-no com Augusto (Mayer, p. 261).

⁷ Unidade métrica típica dos versos de ArquÍloco (c. 680–645 a.C.), poeta da ilha grega de Paros.

⁸ Diz a tradição que Licambes havia prometido sua filha, Neobule, em casamento a ArquÍloco, porém desfez a promessa. O poeta atacou-os com versos tão cáusticos que pai e filha se suicidaram (Dilke, p. 147; Conte, p. 297).

⁹ Safo e Alceu, poetas líricos do século VII a.C. e provenientes da ilha grega de Lesbos, são ambos modelos para Horácio por seguirem também metros de ArquÍloco. Horácio parece preferir Alceu, pelo papel ativo na vida cívica, a Safo, mais célebre pela poesia amorosa (Fairclough, p. 383).

nec sponsae laqueum famoso carmine nectit.

*Hunc ego, non alio dictum prius ore, Latinus
uolgaui fidicen; iuuat inmemorata ferentem
ingenuis oculisque legi manibusque teneri.*

35 *Scire uelis, mea cur ingratus opuscula lector
laudet ametque domi, premat extra limen iniquus;
non ego uentosae plebis suffragia uenor
inpensis cenarum et tritae munere uestis;
non ego nobilium scriptorum auditor et ultor*
40 *grammaticas ambire tribus et pulpita dignor.*

*Hinc illae lacrimae... “Spissis indigna theatris
scripta pudet recitare et nugis addere pondus,”
si dixi: “Rides” ait, “et Iouis auribus ista
seruas; fidis enim manare poetica mella*

45 *te solum, tibi pulcher.” Ad haec ego naribus uti
formido et, luctantis acuto ne secer ungui,
“Displicet iste locus” clamo et diludia posco.
Ludus enim genuit trepidum certamen et iram,
ira truces inimicitias et funebre bellum.*

não ata um laço para a esposa em poema difamatório.

Esse Alceu, por outros lábios ainda não cantado, eu poeta-lírico latino propaguei. Alegra-me, ao trazer cantos desconhecidos, ser lido por olhos nobres e tomado por nobres mãos.

35 Queres saber por que o leitor ingrato meus opúsculos louva e ama em casa e, injusto, os escorraça porta afora.

Eu não ando à caça de votos de um povo volúvel ao alto preço de jantares e aos presentes de veste usada.

Eu não me reduzo, ouvinte e “debatedor” de escritores

40 tão nobres, ambicionando tribos de gramáticos e seus púlpitos.¹⁰

Por isso aquelas lágrimas...¹¹ Se eu falei: “A um auditório repleto envergonha-me recitar meus escritos indignos e conferir peso a bagatelas”,

dizem-me: “Tu te gabas e para os ouvidos de Jove¹² tais palavras guardas; pois crês que tu destilas o mel da poesia,

45 e apenas tu, belo a ti mesmo”. Contra esse, temo torcer-lhe

o nariz; e, se lutar comigo, que não me corte com unha afiada;

“não me agrada este lugar” grito e o arremate peço.

Pois o combate gera movimentada disputa e ira;

a ira, inimizades atroztes e guerra funesta.

¹⁰ Os versos 39-40 em latim trouxeram bastante discussão – difícil decidir se a expressão *nobilium scriptorum* é irônica ou não (Préaux, p. 211).

¹¹ *hinc illae lacrimae*, em latim, é uma expressão proverbial tomada da peça *Andria* (v. 126) de Terêncio, usada para se afirmar que a verdadeira causa de um comportamento ou de uma situação foi descoberta (Dilke, p. 148).

¹² i.e. Augusto (personificação divina).

EPÍSTOLA I. 20

Ao livro: desfecho

Ao perceber que este livro contempla Jano e Vertuno, anseia mudanças, vendas, amplos públicos e despreza os pacatos leitores, Horácio lança-lhe a advertência: que siga em frente; mas uma vez livre, jamais retornará (1-6). Arrependimentos não serão aceitos, ciente que mesmo os leitores mais dedicados hão de se enfadar (6-8). Se não lhe prejudicarem certas vilezas, terá sucesso em Roma, até que lhe fuja a juventude e o povo o ensebe: já sujo, ou será entregue às traças, ou fugirá para cidades distantes (9-13). Então Horácio zombará de seus versos: de nada adianta contrariar-lhes a vontade (14-16); no tempo em que forem já velhos, ensinarão as primeiras letras às crianças (17-18). Quando se aproximarem ouvintes, que este livro lhes conte que Horácio é filho de pai liberto, tendo o poeta alcançado mais que o almejado, dadas suas condições, e que recebeu os favores até dos mais nobres de Roma (19-23); acrescente que é homem de corpo miúdo, grisalho, de ânimo irritável mas fácil de se aplacar, completados os quarenta e quatro anos de idade quando Lólio e Lépido foram cônsules (24-28).

*Vortumnum Ianumque, liber, spectare uideris,
scilicet ut prostes Sosiorum pumice mundus.*

*Odisti clauis et grata sigilla pudico,
paucis ostendi gemis et communia laudas,*

5 *non ita nutritus. Fuge quo descendere gestis;
non erit emisso reditus tibi: "Quid miser egi?
quid uolui?" dices, ubi quid te laeserit; et scis
in breue te cogi, cum plenus languet amator.*

Quodsi non odio peccantis desipit augur,

10 *carus eris Romae donec te deserat aetas;
contrectatus ubi manibus sordescere uolgi
coeperis, aut tineas pasces taciturnus inertis
aut fugies Vticam aut uinctus mitteris Ilerdam.*

Ridebit monitor non exauditus, ut ille

15 *qui male parentem in rupes protrusit asellum*

Para Vertuno e Jano¹, ó livro, tu pareces estar olhando,
 decerto para que te presentes à venda polido pela pedra-pomes dos Sósios².
 Odeias as chaves e os sinetes³, caros ao pudico;
 lamurias seres apresentado a uns poucos e os lugares públicos louvas,
 5 não tendo sido assim instruído. Foge para onde anseias descer;
 uma vez livre, não terás retorno: “Infeliz de mim, o que fiz?
 O que desejei?” – dirás, quando algo te ferir; e ainda sabes
 em que aperto te confinias quando, cheio de ti, se enfadar teu amante⁴.
 A não ser que, dada a irritação com tuas vilezas, o áugure desvarie,
 10 serás amado em Roma até que te deserte a juventude;
 ensebado, quando pelas mãos do vulgo começares
 a sujar-te, ou quieto alimentarás as traças insossas⁵,
 ou fugirás para Útica, ou amarrado serás enviado a Lérida⁶.
 Rirá teu conselheiro, a quem não acataste, como aquele
 15 que, irado, empurrou ao penhasco seu asno

¹ Vertuno (ou Vortumno), divindade de origem etrusca, associada pelos Romanos à mudança das estações do ano e às mudanças e trocas em geral (cf. *uertere*: voltar, virar, girar, trocar etc.): uma estátua o homenageava na *uicus Tuscus*, famosa rua de comércio em Roma, onde havia toda sorte de comerciantes, de livreiros a proxenetas (Mayer, p. 269; Villeneuve, p. 131). Jano, divindade romana associada às aberturas (*ianuae*): do ano (cf. ‘janeiro’), da guerra, da estrada etc., retratado em algumas moedas como uma cabeça de duas faces opostas (cf. *Epístola* I. 1, 54).

² Os Sósios eram uma conhecida família de livreiros, mencionados também na *Ars Poetica*, 345. A pedra-pomes era usada para desbastar as bordas dos rolos (Fairclough, p. 388).

³ Era costume guardar os rolos (“livros” da época) envoltos e fechados com um sinete, reunidos num *scrinium*, espécie de estojo ou bolsa fechada à chave (Mayer, p. 270).

⁴ i.e. o livro há de retornar ao *scrinium* apertado onde estava guardado.

⁵ O adjetivo *iners* etimologicamente significa “sem arte” (*in* + *ars*), “filisteu”, “sem instrução”.

⁶ Útica, cidade costeira no norte da África (atual Tunísia), a cerca de 50km a noroeste de Cartago. Ilerda (Lérida), cidade no nordeste espanhol, na atual Catalunha, próxima ao rio Sicoris (*Segre*).

iratus; quis enim inuitum seruare laboret?

Hoc quoque te manet, ut pueros elementa docentem

occupet extremis in uicis balba senectus.

Cum tibi sol tepidus pluris admouerit auris,

20 *me libertino natum patre et in tenui re*

maiores pinnas nido extendisse loqueris,

ut quantum generi demas, uirtutibus addas;

me primis urbis belli placuisse domique,

corporis exigui, praecanum, solibus aptum,

25 *irasci celerem, tamen ut placabilis essem.*

Forte meum siquis te percontabitur aeuum,

me quater undenos sciat impleuisse Decembris

collegam Lepidum quo duxit Lollius anno.

desobediente; de fato, quem se esforçaria para salvar um sujeito contrariado?

Isto também te espera: que uma velhice gaguejante te alcance,
ensinando aos meninos o abecedário, nos bairros afastados.

Quando junto a ti o sol tépido trouxer mais ouvintes,

20 dirás que sou filho de pai liberto e que, com poucos

recursos, asas maiores que o ninho estendi;

quanto tiraste ao nascimento, acrescentes aos méritos;

que os primeiros em Roma me favoreceram, na guerra e na paz;

de corpo exíguo, prematuros cabelos brancos, amante dos banhos de sol,

25 irrito-me com facilidade, embora eu me aplaque rapidamente.

Por acaso se alguém te perguntar minha idade,

saiba que completei quatro vezes onze Dezsembros⁷

no ano em que Lólio trouxe Lépidio como colega⁸.

⁷ A expressão *quater undenos* (literalmente, “quatro vezes 11 a 11”, i.e. 44 anos), além de poética, encaixando-se adequadamente no hexâmetro, evita numerais longos, como o cardinal *quadraginta quattuor* ou o ordinal *quadragessimus quartus*.

⁸ Em 22 a.C., *M. Lollius* foi eleito para acompanhar Augusto no consulado durante o ano 21 a.C.; Augusto, contudo, afastou-se de Roma e recusou o consulado. Em outra eleição ao final de 22 a.C., *Q. Aemilius Lepidus*, filho do triúnviro, foi eleito (Mayer, p. 274).



VITA HORATI



A VIDA DE HORÁCIO

VITA HORATI

Q. Horatius Flaccus, Venusinus, patre ut ipse tradit libertino et exactionum coactore (ut vero creditum est, salsamentario, cum illi quidam in altercatione exprobrasset: “Quotiens ego uidi patrem tuum brachio se emungentem!”) bello Philippensi excitus a M. Bruto imperatore, tribunus militum meruit; victisque partibus venia impetrata scriptum quaestorium comparavit. Ac primo Maecenati, mox Augusto insinuatus non mediocrem in amborum amicitia locum tenuit. Maecenas quantopere eum dilexerit satis testatur illo epigrammate:

*Ni te visceribus meis, Horati,
Plus iam diligo, tu tuum sodalem
Ninnio¹ videas strigiosorem;*

sed multo magis extremis iudiciis tali ad Augustum elogio: “Horati Flacci ut mei esto memor”. Augustus epistolarum quoque ei officium optulit, ut hoc ad Maecenatem scripto significat: “Ante ipse sufficebam scribendis epistulis amicorum, nunc occupatissimus et infirmus Horatium nostrum a te cupio abducere. Veniet ergo ab ista parasitica mensa ad hanc regiam et nos in epistulis scribendis iuvabit.” Ac ne recusanti quidem aut suscensuit quicquam aut amicitiam suam ingerere desiit. Exstant epistulae, e quibus argumenti gratia pauca subieci: “Sume tibi aliquid iuris apud me, tamquam si convictor mihi fueris; recte enim et non temere feceris, quoniam id usus mihi tecum esse volui, si per valitudinem tuam fieri possit.” Et rursus: “Tui qualem habeam memoriam,

¹ Adotamos, como o texto da coleção “Loeb”, a lição *Ninnio*, ainda que desconhecida a pessoa ou personagem mencionada, ao invés de *nimio*, *hinnulo* ou *simio*, encontradas em outras edições.

A VIDA DE HORÁCIO, POR SUETÔNIO

Quinto Horácio Flaco, de Venosa, filho de pai liberto, como ele próprio relata, e cobrador de impostos;¹ como na verdade se acredita, vendedor de peixe salgado, como alguém numa contestação lhe teria censurado: “quantas vezes eu mesmo vi teu pai assoando-se com o braço!”.

Levado à batalha de Filipos pelo então general Marcos Bruto, serviu como comandante da infantaria. Após seu partido ter sido vencido, obtido o perdão, tornou-se escrivão dos questores.

Tendo sido primeiro apresentado a Mecenas e depois a Augusto, conseguiu posição nada comum na amizade de ambos.

Até que ponto Mecenas o tenha estimado, dá prova suficiente aquele célebre epigrama:

Se já não estimo a ti, Horácio,
mais que às minhas entranhas, que tu
vejas teu amigo mais escaveirado que Nínio.

Mas, muito maior, em suas palavras derradeiras, é o elogio que deixou a Augusto: “Lembra-te de Horácio Flaco como de mim”.

Augusto ofereceu-lhe também o cargo de secretário das epístolas, como se percebe por este escrito a Mecenas: “Antes, eu mesmo dava conta de escrever as cartas aos amigos; agora, ocupadíssimo e debilitado, nosso Horácio desejo tomar de ti. Ele virá, portanto, dessa tua mesa parasítica para esta, régia, e nos ajudará escrevendo epístolas”. Mas, mesmo aquele tendo recusado, não se encolerizou em nada nem deixou de oferecer sua amizade. Epístolas existem, de que transcrevi uma pequena parte como exemplo: “Assume sobre mim algum direito, como se fosses

¹ Mais precisamente, impostos dos leilões públicos.

poteris ex Septimio quoque nostro audire; nam incidit ut illo coram fieret a me tui mentio. Neque enim si tu superbus amicitiam nostram sprevisi, ideo nos quoque ἀνθυπερηφανοῦμεν. Praeterea saepe eum inter alios iocos “purissimum penem” et “homuncionem lepidissimum” appellat, unaque et altera liberalitate locupletavit. Scripta quidem eius usque adeo probavit mansuraque perpetuo opinatus est, ut non modo Saeculare carmen componendum iniunxerit sed et Vindelicam victoriam Tiberii Drusique, privignorum suorum, eumque coegerit propter hoc tribus Carminum libris ex longo intervallo quartum addere; post Sermones uero quosdam lectos nullam sui mentionem habitam ita sit questus: “Irasci me tibi scito, quod non in plerisque eiusmodi scriptis mecum potissimum loquaris. An vereris ne apud posteros infame tibi sit, quod videaris familiaris nobis esse?”. Expressitque eclogam ad se, cuius initium est:

*Cum tot sustineas et tanta negotia solus,
Res Italas armis tuteris, moribus ornes,
Legibus emendes: in publica commoda peccem,
Si longo sermone morer tua tempora, Caesar.*

Habitu corporis fuit brevis atque obesus, qualis et a semet ipso in saturis describitur et ab Augusto hac epistula: “Pertulit ad me Onysius libellum tuum, quem ego ut excusantem, quantuluscumque est, boni consulo. Vereri autem

meu convidado; pois tu o farias correta e não temerariamente, porque desejei que esse fosse meu modo de lidar contigo, se tua saúde possa permitir”. E, por outro lado: “Poderás também ouvir de nosso Setímio a natureza da lembrança que tenho de ti; pois aconteceu que na frente dele fiz menção de ti. Então, se tu, soberbo, desprezaste nossa amizade, nem por isso nós também *pagaremos na mesma moeda*”.

Depois disso, chama-o amiúde “pau puríssimo” e “espirituosíssimo homenzinho”, dentre outras brincadeiras, e com uma ou outra liberalidade o enriquecia.

Realmente, a tal ponto sempre louvou os escritos dele e acreditou que eternamente assim haveriam de permancer, que impôs que ele compusesse não só o Hino Secular, mas também sobre a vitória Vindélica de Tibério e Drúcio, seus enteados; e incitou-o, por causa disso a acrescentar aos três livros de Odes um quarto, depois de longo intervalo. De fato, depois de lidas certas cartas, assim se queixou de não haver nelas qualquer menção sua: “Saibas que estou bravo contigo, porque não falas sobretudo comigo nos vários escritos desse gênero; ou por acaso temes que entre os pósteros isto te seja motivo de infâmia: que sejas visto como meu amigo?”. E escreveu uma composição para ele, cujo início é assim:

Como te encarregas de tantos e tão grandes negócios, sozinho,
Defendes com armas a Itália, a ornamentos com costumes,
Corriges com leis: contra os interesses públicos eu iria,
Se, com longo discurso, eu ocupasse teu tempo, César.²

Na feição do corpo, era pequeno e gordo, qualidades que se vêem descritas por ele mesmo nas sátiras, bem como por Augusto nesta epístola: “Trouxe-me Onísio teu livro, com o qual, ainda que seja pequenininho, como uma desculpa,

² *Epístola* II. 1, 1-4.

mihī videris ne maiores libelli tui sint quam ipse es; sed tibi statura deest, corpusculum non deest. Itaque licebit in sextariolo scribas, quo circuitus voluminis tui sit ὀγκωδέστατος, sicut est ventriculi tui.”

*Ad res Venerias intemperantior traditur; nam speculato cubiculo scorta dicitur habuisse disposita, ut quocumque respexisset ibi ei imago coitus referretur. Vixit plurimum in secessu ruris sui Sabini aut Tiburtini, domusque ostenditur circa Tiburni luculum. * * * * Venerunt in manus meas et elegi sub titulo eius et epistula prosa oratione quasi commendantis se Maecenati, sed utraque falsa puto; nam elegi vulgares, epistula etiam obscura, quo vitio minime tenebatur.*

Natus est VI. Idus Decembris L. Cotta et L. Torquato consulibus, decessit V. Kal. Decembris C. Marcio Censorino et C. Asinio Gallo consulibus post nonum et quinquagesimum diem quam Maecenas obierat, aetatis agens septimum et quinquagesimum annum, herede Augusto palam nuncupato, cum urgente vi valitudinis non sufficeret ad obsignandas testamenti tabulas. Humatus et conditus est extremis Esquiliis iuxta Maecenatis tumulum.

dou-me por satisfeito. Mas, a mim, tu pareces temer que teus livros sejam maiores do que tu próprio és. Estatura falta a ti, mas um corpinho não falta. Assim, poderás escrever em cima dum vaso de um sesteiro,³ de modo que o enrolar de teu volume⁴ fique *inflatíssimo*, conforme é tua barriga”.

Com os prazeres de Vênus conta-se que não tinha moderação, pois, num quarto espelhado, segundo se diz, possuía meretrizes de tal modo dispostas que, para onde quer que olhasse, a imagem do coito se lhe refletisse.

Viveu a maior parte no retiro de seu campo Sabino ou Tiburtino, e sua casa se dá a ver à margem do bosque de Tiburno.

Chegaram às minhas mãos tanto elegias em seu nome, quanto uma carta em prosa como se fosse um discurso de recomendação de si para Mecenas, mas ambas me parecem espúrias; pois as elegias são vulgares e a carta, ademais, obscura, defeito que ele absolutamente não tinha.

Nasceu no sexto dia antes dos Idos de Dezembro,⁵ sob o consulado de Lúcio Cota e Lúcio Torquato, e faleceu no quinto dia antes das Calendas de Dezembro,⁶ quando Gaio Márcio Censorino e Gaio Asínio Gallo eram cônsules, 59 dias depois que Mecenas morrera, com 57 anos de idade, tendo publicamente nomeado Augusto como herdeiro, uma vez que rapidamente, por força da gravidade da doença, não mais conseguia por o sinete nas tábuas do testamento.

Foi enterrado e depositado no extremo do monte Esquilino, ao lado do túmulo de Mecenas.

³ Medida de volume para líquidos (*ca.* 540ml).

⁴ Cumpre lembrar que os rolos, de materiais como o papiro, o pergaminho etc., eram os volumes, os “livros” na Antiguidade.

⁵ 8 de dezembro, 65 a.C.

⁶ 27 de dezembro, 8 a.C.

ALEXANDRE PRUDENTE PICCOLO

Intertexto épico
no
livro I das *Epístolas*



Intertextualidade: algumas questões

E il naufragar m'è dolce in questo mare.
G. Leopardi, *L'infinito*.

Quase ao final do filme *De volta para o futuro III*, vemos um duelo entre o protagonista Marty McFly e seu algoz no velho oeste, Bufford 'Mad Dog' Tannen.¹ O jovem Marty, ciente de sua incapacidade para vencer o pistoleiro, previne-se usando uma chapa de ferro na parte debaixo do poncho, como uma espécie de colete à prova de balas. A cena é uma **alusão/estilização** do duelo final de *Por um punhado de dólares* (1964; ITA: *Per un pugno di dollari*; EUA: *A fistful of dollars*), primeiro *western* de Sergio Leone. Nesse, "Joe", personagem vivido por Clint Eastwood, usa do mesmo recurso para se proteger no duelo final, quando enfrenta o bandido Ramón Rojo, interpretado por Gian Maria Volonté.

Mais curioso, contudo, é que o segundo filme da trilogia *De volta para o futuro* havia já **citado**, de maneira explícita, essa mesma cena de Eastwood: o vilão Biff Tannen, em um "alterado 1985", assiste na tela, no conforto de seu luxuoso palacete, ao duelo final do filme de Sérgio Leone, quando Marty o interrompe desligando o vídeo pelo controle remoto. Ao espectador atento da trilogia (e que assistiu ao faroeste em questão), essa *citação* prenuncia aquela *alusão/estilização* e permite que se vislumbrem nuances estimulantes no conjunto da obra de ficção científica. Por exemplo, a sugestão do *tempo circular*: o Biff "do futuro" vê na tela (*citação*) algo similar a que seu antepassado há de viver na pele (*alusão*), cena final do terceiro e último filme da série com que iniciamos o texto.

Tomamos a liberdade de começar nossa abordagem sobre intertexto com essa "reflexão cinematográfica" por alguns motivos: não é nossa intenção enfatizar que

¹ Vividos por Michael J. Fox e Thomas F. Wilson, respectivamente.

esse fenômeno intertextual permeia as artes de um modo geral,² fato conhecido de todos. Cumpre destacar que a especificidade do exemplo escolhido permite que tracemos paralelos, por meio de certas observações teóricas de nossa proposta de estudo, de detalhes comuns entre o *intertexto* cinematográfico e o literário, que tencionamos explorar.

(1) Nossa percepção da referida apropriação cinematográfica visa menos aos meandros do debate teórico do que à discussão detida na *relação* entre as obras em jogo – e dos consequentes efeitos de sentido ampliados pela discussão. Dito de modo mais extenso, nosso trabalho pretente, primeiro, identificar trechos no livro I das *Epístolas* de Horácio que se apropriam de determinadas passagens dos épicos de Homero (seja citando ou traduzindo, palavra por palavra, versos da *Odisseia*, seja evocando o nome de algum personagem da *Iliada*, por exemplo), por isso nossa insistência quanto aos termos *citar*, *aludir*, *estilizar*; em seguida, se propõe explorar, em cuidadas releituras, os efeitos dessas apropriações, questionando, por exemplo: de que modo um texto altera a percepção dos sentidos operados pelo outro? Assim, sem privilegiar uma ou outra abordagem teórica específica, sem nos determos propriamente na discussão de seus aspectos teóricos, escolhemos nos deter nas leituras que ampliam interpretações do fenômeno manifesto e detectado.

(2) Assim como os dois episódios cinematográficos mencionados, nos diferentes modos que citam o filme de *western* ou lhe aludem operando alguma estilização, os trechos latinos das *Epístolas* I com que trabalhamos também definem uma espécie de “evento intertextual” marcado nas palavras e estruturas

² Apenas para lembrar Giorgio Pasquali (1968, p. 276): “Nem esse procedimento é particular da literatura, mas a mim parece, e é razoável que seja, comum a todas as artes.” ~> [“Né questo procedimento è particolare della letteratura, ma a me sembra, ed è ragionevole sia, comune a tutte le arti.”]; ou Don Fowler (2000, p. 121), mais sintético: “intertextualidade é um fenômeno geral do sistema semiótico.” ~> [“intertextuality is a general phenomenon of semiotic system.”].

direta e notadamente relacionadas aos épicos homéricos que menciona. Do mesmo modo em que há uma cena em um filme que **cita** o outro, *incorporando-o*, há certos versos no poema latino que **citam** os gregos, *palavra por palavra*; como a ficção científica **alude**, em seu desfecho, ao final do *western*, estabelecendo uma ligação direta entre os filmes, assim as epístolas horácianas também **aludem** à épica grega, permitindo que se interliguem, em formas e momentos variados, poemas distintos. Ambas as obras, cinematográfica e literária, permitem que se esmiucem movimentos na relação em jogo, daí extraíndo possíveis efeitos de sentido. Mas a citação é, via de regra, patente; quase “entre aspas”. A distinção terminológica entre os conceitos destacados comenta-se a seguir.

(3) Os diferentes gêneros cinematográficos mencionados (ficção científica, talvez subclassificado como “filmes de viagem no tempo”, e *western*) permitem entretecer ligações diversas entre seus *modelos*, assim como os gêneros literários em questão, epistolar e épico, podem também ser relacionados pelo leitor/intérprete, com o intuito de se explorarem pontos estruturais de contato entre as obras. Por exemplo, regras (comuns, díspares, complementares etc.) nas produções artísticas que obedecem a uma tradição retórico-genérica partilhada. Embora não se intencione abordar tal tarefa, estamos cientes dos proveitos que poderiam surgir por meio desse enfoque metodológico, de caráter também *intertextual*, se quisermos. A simples menção ao gênero da obra, cinematográfica ou literária, pode trazer à cena do debate questões conceituais importantes, como as transformações e as fronteiras da chamada *hipertextualidade*, para usar o conceito e a nomenclatura de Gérard Genette (1982, p. 11-2).³ Enfim, estratégias de leitura que devem ao menos estar no horizonte das relações possíveis “entre textos”, posto que não exploradas.

³ “Toda relação unindo um texto B (que nomearei *hipertexto*) a um texto anterior A (que nomearei *hipotexto*, claro) sobre o qual ele se enxerta de uma maneira que não é a do comentário. (...) B não

(4) É impossível especificar ligações mais ou menos implícitas ou pressupor intenções e subentendidos na relação tanto entre os filmes quanto entre os textos. Segundo outra expressão, não se pode precisar quanto a cena que cita ou alude se distancia ou se aproxima do filme citado ou aludido, da mesma forma que é impossível delimitar quanto um texto se apropria de outro. Com isso, lembramos que, ao se esmiuçar uma relação intertextual, não se busca uma solução interpretativa para os textos e filmes em contato, tampouco se propõe a decifração de um sentido oculto, numa espécie de mensagem cifrada ou pressuposta. Mesmo as reflexões que propõem simples separações entre “citações que refutam o texto citado” e “citações que reforçam-no” estão sujeitas a constantes reavaliações e questionamentos. Antes, a leitura intertextual visa a enriquecer a interpretação dos textos (e filmes) em jogo, a propor tensões entre as obras que, por meio dessa avaliação conjunta, nos permitam ao menos olhar para as mesmas obras sob diferentes vieses. Em ampla medida, se quisermos estender as fronteiras desse raciocínio às chamadas práticas de leitura, acabaremos concordando com Don Fowler (2000, p. 127) que diz:

Intertextualidade, como todos os aspectos da recepção literária, está finalmente localizada na prática de leitura, não em um sistema textual: o sentido é apreendido no ponto da recepção, e o que se leva em conta como um intertexto e o que se faz com isso depende do leitor.⁴

fala absolutamente de A, mas não poderia existir como tal sem A, do qual ele resulta ao fim de uma operação que qualificarei de *transformação*, ainda provisoriamente, e que, em consequência, ele evoca mais ou menos manifestamente, sem necessariamente falar dele e o citar.” ~> [“(…) toute relation unissant un texte B (que j’appellerai *hypertexte*) à un texte antérieur A (que j’appellerai, bien sûr, *hypotexte*) sur lequel il se greffe d’une manière qui n’est pas celle du momentané. (...) B ne parle nullement de A, mais ne pourrait cependant exister tel quel sans A, dont il résulte au terme d’une opération que je qualifierai, provisoirement encore, de *transformation*, et qu’en conséquence il évoque plus ou moins manifestement, sans nécessairement parler de lui et le citer.”].

⁴ “Intertextuality, like all aspects of literary reception, is ultimately located in reading practice, not in a textual system: meaning is realized at the point of reception, and what counts as an intertext and what one does with it depends on the reader.”

Mesmo tendo feito tais considerações sobre esse uso *marcado* ou *manifesto* que um texto faz de outro, quase como se o citasse “entre aspas” – *evento* (e não *objeto*, como pontua Barchiesi, 2001, p. 142) principal de nosso estudo – ainda há espaço para se precisarem certas colocações. Como bem nota o mesmo Fowler (2000, p. 115-6):

‘Intertextualidade’ é um termo muito usado hoje em dia, tanto entre [estudos] clássicos e de modo mais amplo, mas na verdade nem sempre é claro o que ele traz consigo que é novo em comparação com termos concorrentes, como ‘alusão’, e como as práticas de leitura associadas a ele diferem daqueles tradicionais entre os estudos clássicos.⁵

Em meio à indecisão de um termo, ao mesmo tempo, tão larga e especificamente usado, Schneider (1990, p. 59) chega até a dizer que (em circunstâncias e com propósitos diferentes), “sob o nome sábio de intertextualidade, o plágio voltou a ser alguma coisa que não é mais uma fatalidade, mas sim um procedimento de escritura como outro qualquer, às vezes reivindicado como único.”⁶ Como alertamos páginas atrás, não é nossa intenção debater nem as fronteiras terminológicas de diferentes teorias, nem a própria diversidade teórica que encampam tais termos. Todavia, acrescentemos uma ou outra particularidade que pode se revelar produtiva em nosso estudo.

⁵ “‘Intertextuality’ is a term much used today, both within classics and more widely, but it is indeed not always clear what it brings with it that is novel in comparison with competing terms such as ‘allusion’, and how the reading practices associated with it differ from those traditional within classical studies.”

⁶ Como observa Sírio Possenti (2003, p. 253), pelo viés da análise do discurso (mais especificamente do interdiscurso): “Sob diversos nomes – polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade – cada um implicando algum viés específico, como se sabe, o interdiscurso reina soberano há algum tempo.” De uma maneira também ampla, propondo redefinir intertextualidade no viés da “memória poética”, diz Gian Biagio Conte (1996, p. 28-9): “Para mim, alusão é parte da retórica que sistematicamente constitui o discurso literário (...) Não é difícil, portanto, aceitar hoje a ideia de que um texto pode apenas ser lido em conexão com, e em oposição a, outros textos.” ~> [“For me allusion is part of the rhetoric that systematically constitutes literary discourse. (...) It is therefore not difficult today to accept the idea that a text can be read only in connection with, and in opposition to, other texts.”]

Nossa abordagem procura separar, caso haja necessidade de algum formalismo, o que se entende por *interdiscurso* e *intertexto*, a fim de deixar de lado as aporias envolvidas no debate daquele termo/fenômeno linguístico e, então, se centrar na observação “materialmente marcada” que se articula nesse último – seguindo, por exemplo, a distinção proposta por Fiorin (2003). Dessa forma, como propõe o estudioso, “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (FIORIN, 2003, p. 30).⁷ Tais finalidades de reprodução ou transformação do sentido, como dissemos atrás, ainda que tenham sido bem pensadas e generalizadas na formulação que citamos, podem ser sempre questionadas, mas não é esse nosso propósito.

Segundo esse viés metodológico, Fiorin distingue três possíveis separações dentro do chamado processo intertextual, que nos parecem úteis para precisar (e também nuançar) esse fenômeno da incorporação material entre os textos, embora não sigamos à risca a mesma distinção de conceitos. Assim, denomina-se **citação à referência explícita** que, no texto não-artístico, costuma-se marcar com aspas (e usualmente reportar a fonte de onde se extraiu a citação, para se evitar a alcunha depreciativa do **plágio**); na produção artística, a marcação como que descaracterizaria essa “incorporação criativa”, cabendo, tanto aos indícios textuais deixados pelo autor, quanto à experiência do leitor, a identificação da citação.

Um dos exemplos do texto de Fiorin tornou-se já um clássico: *Os Lusíadas*, de Camões, cita, em seu verso inicial (“As armas e os barões assinalados”), as primeiras palavras da *Eneida* (*arma uirumque cano*). Notemos que, mesmo entre línguas distintas (quando usualmente se fala em “tradução”), é possível vislumbrar

⁷ De outro lado, para contrastar com o conceito, também propõe Fiorin (2003, p. 32, *grifos nossos*): “interdiscursividade é o processo em que se incorporam *percursos temáticos* e/ou *percursos figurativos*, *temas* e/ou *figuras* de um discurso em outro.”

esse processo de incorporação, uma vez que existem efeitos de sentido, mais ou menos óbvios, em jogo na relação criativa estabelecida: por exemplo, uma nova epopeia (que nasce) cita a antiga, já consagrada, seja para declarar sua filiação, seja para propor superá-la – dentre outros possíveis.

“Considerada sob esse ponto de vista”, na bela imagem que traça Valery Larbaud (2001, p. 200-1),

uma citação bem escolhida enriquece e ilumina o parágrafo em que aparece, como um raio de sol enriquece uma paisagem: os raios dos fins de tarde desenharam, precisam, embelezam até paisagens nuas e monótonas como os montes do Epiro vistos do mar ou da baía de Corfu. O próprio fato de que isso, esse verso, essa frase entre aspas, venha de outro lugar alarga o horizonte intelectual que eu traço ao redor do leitor. É um apelo ou uma convocação, uma comunicação estabelecida: toda a Poesia, todo o tesouro da literatura evocados brevemente, postos em relação com a minha obra no pensamento daquele que a lê.

É verdade que tanto as imagens sugeridas quanto as proposições que evocam a citação no excerto propõem um amplo entendimento da noção de citação. Assim como o faz Antoine Compagnon (1979, p. 99), após ter explorado definições várias para o conceito, desde o formalismo de Tynianov ao verbete do *Petit Robert*: “o elemento formal da citação pode satisfazer a um amplo leque de funções”.⁸ Eis que citar passa a ser (muito) mais que citar, para muitos autores.

Por outro viés, Gérard Genette (1982, p. 8) diz perceber cinco tipos de relações transtextuais.⁹ Em sua divisão (e nomenclatura), “essa relação de copresença entre dois ou vários textos, (...) pela presença efetiva de um texto no outro” – que chamou-se até aqui de *citação* – leva o nome de *intertextualidade*, termo emprestado de Julia Kristeva, porém definido pelo estudioso de maneira

⁸ “L’élément formel de la citation peut satisfaire un large éventail de fonctions.” O capítulo III, “La préhistoire de la citation”, vasculha uma espécie de remota cronologia para definições do termo *citação*, sempre visto amplamente por Compagnon.

⁹ A saber (por ordem de abstração, tendo o autor frisado que tais classes não são nem definitivas nem estanques): intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

mais restritiva. Segundo ele, o exemplo explícito é a *citação* (com “aspas”); o menos explícito e canônico, o *plágio* (como em Lautréamont); ainda menos explícito e menos literal, a *alusão* (“um enunciado cuja plena compreensão supõe a percepção duma relação entre ele e um outro ao qual ele remete necessariamente uma que outra de suas inflexões, de outra maneira não receptível”.¹⁰ GÉNETTE, 1982, p. 8). Debaixo da vastidão de sua noção de intertextualidade, Génette inclui os estudos de Antoine Compagnon (*La seconde main, ou le travail de la citation*), Michael Riffaterre (*Sémiotique de la poésie*) e Harold Bloom (*The anxiety of influence*), todos, de maneiras específicas (e ora comuns), interessados nos “mecanismos ou princípios de influência textual”, que vinculam um “novo” texto (criativo) a um conjunto de textos “passados”, produzindo significado nessa relação, quer seja direta, estrutural, modelar ou de outra natureza.

Se retornarmos ao estudo e às duas outras separações propostas por Fiorin, veremos que ambas se encontram, de algum modo, dispersas nos conceitos e estudos acima mencionados; mas, ainda assim, cabe precisá-las. Fiorin (2003, p. 31, *grifos nossos*) denomina **alusão** a uma referência entre textos em que “não se citam as palavras (todas ou quase todas), mas reproduzem-se *construções sintáticas* em que certas *figuras* são substituídas por outras, sendo que todas mantêm *relações hiperonímicas* com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema.” A definição tão restritiva atende ao exemplo (também já clássico) das “variantes” da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias.¹¹

¹⁰ “(...) *l'allusion*, c'est-à-dire d'un énoncé dont la pleine intelligence suppose la perception d'un rapport entre lui et un autre auquel renvoie nécessairement telle ou telle de ses inflexions, autrement non recevable.”

¹¹ Fiorin menciona apenas a *Canção do Exílio* de Murilo Mendes (a das “macieiras da Califórnia”), como exemplo de alusão – talvez para atender a sua definição –, mas outros poemas poderiam ser acrescidos nessa relação alusiva (flexibilizando-se levemente a definição proposta): *Nova Canção do*

Por sua vez, Fiorin (*ibidem*) denomina **estilização** à “reprodução do conjunto de procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do *estilo* de outrem” – notando que estilo deve ser entendido, segundo a formulação de Denis Bertrand, “como o conjunto de referências formais tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo (manifestado, é claro) que produzem um efeito de sentido de individualização.” Aqui, as imprecisões da noção de *estilo* contrastam com os pormenores propostos para a definição de *alusão* (perguntamo-nos: por que insistir nessa “relação entre hiperônimos”, nem sempre verificável?). Talvez os dois conceitos possam coincidentemente se completar. Enfim, delimitar modos de apropriação dos textos, sejam em conceitos amplos ou restritos, estanques ou coincidentes, é realmente tarefa das mais árduas.

De qualquer forma, a proposta de Fiorin nos parece útil porque se detém no evento linguisticamente marcado, claramente identificável nessa relação entre textos, não obstante os infintos pormenores que possam sempre ser questionados. Unida às avaliações de Pasquali, Barchiesi, Fowler, Conte, Lowell Edmunds e muitos outros eminentes estudiosos, nosso arcabouço teórico se completa, embora possa parecer vago ou inconcluso. Cientes de que existem abordagens teóricas diversas sobre esse fenômeno (semiótico) da intertextualidade, escolhemos um modesto (e abreviado) conjunto teórico cuja especificidade da nomenclatura, bem como a objetividade dos conceitos, nos parecem adequadas ao estudo aqui pretendido, sem preterir as demais correntes de pensamento. Em outras palavras, preferimos deixar de lado, por exemplo, os estudiosos do estruturalismo russo, as proposições de Bakhtin e as provocações de Roland Barthes não porque as julgamos inferiores ou inadequadas (podem indubitavelmente fornecer ótimos

Exílio, de Drummond; *Canção do Exílio*, de Casimiro de Abreu; *Canto de Regresso à Pátria*, de Oswald de Andrade; até mesmo *Sabiá*, de Chico Buarque e Tom Jobim; dentre outros.

influxos argumentativos), mas em especial porque os autores escolhidos (e utilizados) nos pareceram já proveitosos ao estudo da relação intertextual “mais marcada”, como é o nosso.

Acrescentemos, então, algumas palavras finais apenas para deixar clara a fronteira entre *citação* e *alusão/estilização*, termos que usou-se distintamente, no início do texto, ao comentarmos as apropriações cinematográficas. Para a **citação**, a incorporação textual funciona como se estivesse “entre aspas”: é direta, patente, palavra por palavra, por assim dizer – como a cena de um filme cabalmente incorporada a outro filme. Para a **alusão/estilização**, elementos (diferentes e variados) podem ser percebidos (notados, apontados, discutidos etc.), sejam na estrutura, sejam em partes isoladas, numa relação ainda direta que conecta os dois (ou mais) textos: há *algo sutil* que remete um texto a outro, apenas de maneira não tão completa ou óbvia, como ocorre na citação. Tentamos usar, na medida do possível, essa proposta de separação; contudo, como certos casos analisados não raro fogem à limitação teórica aqui imposta, os termos acabam sendo usados, na prática, quase como sinônimos (num breve parêntese: “teorias”, criadas para dar conta de certos exemplos, nem sempre se mostram adequadas aos ‘novos casos’ que vão surgindo).

Apenas para contrastar com nossa proposta, vejamos o que diz a *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 830), no verbete *Omero*, sobre essa presença épica nos versos **líricos** de Horácio:

Na lírica horaciana o elemento homérico representa-se essencialmente em três formas: com a alusão ao episódios inteiros do *epos* com poucos traços fortemente condensados à maneira alexandrina; com a recorrência alusiva dos epítetos e fórmulas características da poesia homérica; com a citação e adaptação literal de passos determinados, com

concentrada tradução-emulação. Muitas vezes, então, Horácio tem em mente todo um excerto homérico cujos fragmentos múltiplos aparecem impactados numa ode.¹²

Embora haja leves distinções, a abordagem que propomos certamente vê algo semelhante entre o que foi apontado para a poesia lírica e o que comentaremos para o texto epistolar, mesmo não nos apegando de modo tão arraigado à separação terminológica entre os casos detectados.

Nosso olhar sobre o livro I das *Epístolas* de Horácio, além da detecção dessa relação intertextual entre textos latino e grego (homérico), e da exploração dos efeitos de sentido ativados, sejam pela citação, sejam pela alusão/estilização, também visa a notar como o poeta latino interpreta *alegoricamente* uma ou outra passagem épica, ou seja, como sua leitura e interpretação dos versos gregos propõe sutis lições de cunho moral endereçadas ao jovem Lólio, como veremos na *Epístola* I. 2. Outras menções a personagens ou situações descritas na *Ilíada* e na *Odisseia* passam a funcionar, no texto horaciano, como elementos que ora ilustram a mensagem (geral ou pontual) da epístola, ora conferem coesão a sua teia argumentativa – ponto também a ser analisado. Dito de modo amplo, parece haver uma provocação horaciana (sobretudo na *Epístola* I. 2) ao preconizar a poesia homérica como guia ou fonte de lições morais, em detrimento dos manuais ou sectos filosóficos e suas interpretações restritas ou restritivas: o poeta, que diz abandonar a poesia para dedicar-se ao estudo ou à produção filosófica, escolhe um outro poeta para guiá-lo moralmente em meio aos questionamentos da vida. Eis parte de nossa investigação nas páginas seguintes.

¹² “Nella lirica oraziana, l’elemento omerico si presenta essenzialmente in tre forme: con l’allusione ad interi episodi dell’*epos* con pochi tratti fortemente condensati alla maniera alessandrina; con la ripresa allusiva di epiteti e formule caratteristici della poesia omerica; con la citazione e adattamento letterale di passi determinati, con concentrata traduzione-emulazione. Più volte, poi, H. ha in mente tutto un brano omerico di cui compaiono molteplici frammentari influssi in un’ode.”

“Em termos de uma metáfora comum”, como afirma Fowler (2002, p. 119) “textos predecessores deixam ‘traços’ em textos posteriores”.¹³ Por último, graças especialmente ao uso do termo *citação*, traço importante nas relações intertextuais deste estudo, cabe acrescentar que não há intenção alguma de se descobrirem ou se apontarem exaustivamente as “fontes homéricas” na obra horaciana escolhida, no sentido da *Quellenforschung*. Não se pretende, tampouco, erigir Homero em predecessor de Horácio, ou formular qualquer outra comparação similar. Ora, nossa preocupação é propor leituras que permitam ampliar o horizonte de sentidos dos textos em jogo, fazendo uso inclusive dos apontamentos de estudiosos que já notaram tais “fontes” (menções, citações, alusões etc.) – não obstante a moderna “bagagem cultural” que inevitavelmente se leva às leituras que fazemos.

Assim, o olhar sobre os textos analisados, de algum modo, se enriquece: “a noção de texto”, segundo Pietro Pucci (1995, p. 19), “é, enfim, a soma de suas leituras, que é, não uma fonte de sentido, mas um repositório aberto de sentidos”.¹⁴ Em suma, não buscamos desvendar nem precursores nem epígonos, mas sim *relações* cuja análise possa acrescentar algo a textos tão lidos e debatidos em nossa tradição ocidental.

¹³ Extraímos apenas o trecho inicial de todo o período de Fowler: “In terms of a common metaphor, previous texts leave ‘traces’ in later texts, and the relationship between those traces, wheter figured as additive or combative, is a central concern of any study of intertextuality: but the traces left are always multiple”.

¹⁴ Não conseguimos manter o jogo *source/re-source* evidente no trecho original, que citamos: “In this way I have respected the notion that a text is finally the sum of its readings, that is, not a source of meaning, but an open re-source of meanings.”

A obra escrita: gênero epistolar, forma poética

El concepto de texto definitivo no corresponde sino a la religión o al cansancio.
Jorge Luis Borges, *Discusión*, “Las Versiones Homéricas”

Não há dúvidas de que o período de Augusto consolida no texto escrito, especialmente na produção poética de autores sofisticados como Virgílio e Horácio, sua máxima expressão artística. Em textos ao mesmo tempo inovadores e reverentes à tradição letrada antiga (também romana, ainda que incipiente, mas sobretudo grega), novos conteúdos conseguem, aos poucos, se infundir em consagradas formas herdadas. Como diz Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001, p. 23-4, *grifo nosso*) sobre esse fazer literário romano:

Fruto de uma cultura agora eminentemente escrita e que venera seus modelos e os reutiliza de todas as formas, surge uma poesia culta paralelamente à figura do filólogo erudito, exegeta dos textos da tradição. Por princípio, um poeta jamais partirá do nada, mas criará a partir de outros textos modelares, *especialmente do homérico*, cultuado como paradigma e matriz fecundante de novos textos além de fonte de todos os gêneros literários.

Leitura e absorção dessa refinada arte da palavra, portanto, envolvem incansável resgate de uma tradição poética modelar, em cujos ombros (quase imperceptíveis) tais poetas estão apoiados. Ora, a proposição de Giorgio Pasquali (1968, p. 277, *grifo nosso*) vem reforçar tal argumento:

A poesia do período augustano é tanto quanto ou mais literária que a poesia moderna. Esse procedimento é naquela não apenas difuso mas, direi, essencial. Aliás, se os advogados, médicos, padres, que por séculos leram na escola Virgílio e Horácio e os transmitiram de memória, e enfeitaram de citações (mas são sempre as mesmas) seus escritos e seus discursos, não estão nem de acordo; esses dois poetas, para calar sobre os menores, pressupõem que o leitor tenha em mente, até em pequenos detalhes, *Homero* e Hesíodo, Apolônio e Arato e Calímaco e talvez quantos outros

alexandrinos, dos Romanos pelo menos Ênio e Lucrécio, mas também mesmo contemporâneos.¹⁵

Esse labor literário profícuo, aparentemente tão distante do vulgo comum, pode induzir a isolamentos ou exclusivismos temerários. “Para os romanos, contudo, a *imitação* não é apenas uma prática que transparece nos textos e em sua produção, mas também uma *atividade educativa* das mais importantes”, segundo o próspero ajuste de Barchiesi e Conte (1989, p. 82, *grifo nosso*), cuja reflexão prossegue: “é um fato que grande parte de sua formação cultural mais elevada ligava-se à prática intertextual: ler, estudar, escrever significava também ‘manipular’ textos, tratar o corpo dos textos com intervenções diversas.”¹⁶ O livro I das *Epístolas* de Horácio dá prova dessa influência literária em seu plano temático e em seu conteúdo (como abordaremos adiante); documenta também, em trechos vários, um *manuseio* ‘concreto’ do texto, do objeto livro, por assim dizer: por exemplo, Horácio, redige uma carta na qual recomenda “bons modos” ao escravo encarregado de transportar seus *uolumina* (dos três livros de *Odes*, se infere: Ep. I. 13, 2) até as mãos de Augusto – ao que se juntam termos diversos que se referem ao livro e à obra nessa epístola: *libellis, opera, chartae, fasciculum librorum, carmina*.

À materialidade do livro exemplificada se podem acrescentar muitas outras facetas dessa *cultura eminentemente escrita*: menções a obras e volumes escritos

¹⁵ “La poesia augustea è altrettanto e più letteraria che la poesia moderna. Quel procedimento è in essa non soltanto diffuso ma, direi, essenziale. Anche se gli avvocati, medici, preti che per secoli hanno letto a scuola Virgilio e Orazio e l’hanno mandato a memoria, e fregiano di citazioni (ma sono sempre le stesse) i loro scritti e le loro dicerie, non se ne sono accorti; quei due poeti, per tacere dei minori, presuppongono che il lettore abbia in mente, anche in particolari minuti, Omero ed Esiodo, Apollonio e Arato e Callimaco e chissà quanti altri Alessandrini, dei Romani per lo meno Ennio e Lucrezio, ma anche propri contemporanei.”

¹⁶ “Per i Romani, però, l’imitazione non è solo una prassi che traspare dai testi e dallo loro produzione, ma anche un’attività educativa fra le più importanti. È un fatto che molta parte della loro formazione culturale più elevata aveva a che fare con l’intertestualità: leggere, studiare e scrivere significava anche “maneggiare” testi, trattare il corpo dei testi con interventi diversi.”

perpassam quase todas as epístolas,¹⁷ cujo desfecho, dedicado ao próprio livro, funciona igualmente como *sphragis* (espécie de selo ou fecho do rolo antigo, evocado metaforicamente) e prenúncio de um destino decadente para a coleção de cartas;¹⁸ a declaração nos primeiros dois versos da Ep. I. 2 confessa um hábito de leitura silenciosa (ou ‘releitura’: *relegi scriptorem belli Troiani*, “reli o escritor da guerra troiana”, i. e. Homero); a predição de recolhimento durante o inverno que o poeta faz a Mecenas na Ep. I. 7, 12: *contractusque leget*, “e encolhido lerá”;¹⁹ a imagem do *ditar* os versos para que sejam escritos, no desfecho da carta ao Arístio Fusco (Ep. I. 10), enseja reflexões sobre o próprio processo de composição textual das epístolas.²⁰

Se, por um lado, esse elenco de exemplos testemunha o papel vivo e notório da cultura escrita na sociedade romana da época, por outro, o próprio gênero epistolar permite que também se vislumbrem a presença e a circulação da carta (privada e/ou pública) como documento escrito nesses mesmos grupo e período históricos. Em outras palavras, enviar e receber cartas são atos que não só fornecem evidências materiais de hábitos culturais diretamente ligados à escrita, mas propiciam reflexões sobre a influência desses textos “pessoais” no cotidiano privado do romano antigo. Caso se estenda essa divagação às epístolas poéticas, tornadas

¹⁷ Ep. I. 1, 37: *libello*, “livrinho”; Ep. I. 2, *librum*, “livro”; Ep. I. 3, 7: *scribere*, “escrever”, verso 17: *scripta*, “os escritos”; Ep. I. 18, 109-10: *copia librorum*, “abundância de livros”, dentre outros. O capítulo *Reading in Rome, First Century B.C.E.* do livro de Lowell Edmunds (2001, p. 108-32) aborda os temas tanto da “leitura privada” quanto do “ato de leitura”, adicionando exemplos de outros autores.

¹⁸ Ep. I. 20, 11-8.

¹⁹ Em artigo à revista *Classica* (vol. 11/12, 1998/1999), Marcos Martinho do Santos (p. 239) explica outra possível leitura para o participio *contractus* (“em voz baixa”), termo usado por Cícero para designar as espécies de vozes (em oposição a *distractus*). Courbaud (1911, p. 285-6) propõe outras interpretações (a saber: “concentrado” e “encolhido”) para a mesma passagem.

²⁰ Curtius (1996, p. 116) comenta o uso de *dictare* e sua passagem à Idade Média. Mudadas circunstâncias e personagens históricas, Dom Paulo Evaristo Arns (2007, p. 43-64) tece interessantes observações sobre a composição por meio do ditado em *A técnica do livro segundo São Jerônimo*.

públicas e reunidas para formar um volume, como um “livro de poemas”, os limites desse cenário cultural antigo ganham contornos ainda mais complexos.

Propostas tais circunstâncias, cumpre observar também certa particularidade nas *Epístolas* de modo a distanciá-las das *Sátiras* de Horácio (com as quais há semelhanças) – mesmo que o façamos de modo breve. Como diz Roland Mayer (1994, p. 25), em comparação com as *Sátiras*, “Horácio [nas *Epístolas*] está punindo seu estilo para aproximá-lo ao tom mais formal de um documento escrito”²¹ – sobretudo quando se têm em vista as ligações das *Sátiras* horacianas com as comédias de Terêncio ou as sátiras de Lucílio. O diálogo satírico, ágil e amiúde ácido, quase teatral, dá lugar ao “monólogo sábio” epistolar, aconselhador, ao mesmo tempo *guia* para uma vida sábia e *arauto* de notícias privadas para os amigos.

Segundo Rolando Ferri (2007, p. 121), os manuscritos de Horácio apresentam dois diferentes livros de *epistulae*, assim intitulados pelos copistas: o primeiro, *epistularum liber primus*, é uma coleção de 20 poemas de tamanho variado, de 13 a 112 linhas, em versos hexamétricos, provavelmente reunidos e publicados no ano de 20 ou 19 a.C. e compostos durante os três ou quatro anos anteriores. Quanto ao segundo livro, maiores são as controvérsias, fruto da inclusão (ou exclusão) nem um pouco uniforme, no conjunto de apenas duas longas cartas (uma endereçada a Augusto e outra a Floro), da chamada *Epistula ad Pisones*, mais conhecida como *Ars Poetica*.

A prática da “carta em versos” apresentada nas *Epístolas* de Horácio dá continuidade a uma tradição reconhecida desde a Grécia Antiga, tradição essa que se altera no período Helenístico mas que contará, na Roma pré-augustana, com poetas que dão vazão, ainda que de modo nada sistemático, a esse exercício de

²¹ “Horace is chastening his style to approximate it to the more formal tone of a written document.”

“gêneros cruzados”, como fizeram Catulo e Propércio.²² Comumente associadas às sátiras horácianas, sobretudo graças às semelhanças formal e linguageira, as epístolas de Horácio podem ser classificadas como um dos representantes do *genus sermonum*, juntamente com a sátira, o diálogo, a diatribe e a homilia, como mostra Marcos Martinho do Santos (1997, p. 63-4). Diferem, contudo, das *Sátiras* (ou *sermones*, segundo comentadores dos textos horácianos),²³ porque essas se dirigem aos presentes, enquanto as *Epístolas* aos ausentes, distinção já antiga também traçada por Gian Biagio Conte (1994, p. 312-3):

Deve ter sido difícil para os antigos comentadores horácianos (leitores-gramáticos, guardiães de regras, gêneros literários e definições) conceber uma fórmula crítica que pudesse distinguir as *Epístolas* das duas coleções de *Sátiras*. (...) Na análise final (...), a diferente intensidade de duas vozes: *hoc solum distare videntur, quod hic quasi ad absentes loqui videtur, ibi autem quasi ad preaesentes loquitur*, [“parecem se diferenciar apenas nisto, que nas *Epístolas* ele parece falar aos ausentes, enquanto nas *Sátiras* fala aos presentes”] (*Pseudoacronis scholia in Horatium vetustiora*, prefácio à *Epístola* I. 1).²⁴

²² Ferri (2007, p. 121-3) cita alguns poemas de Píndaro que a tradição nomeava *apostolikē odē*; a seguir elenca os poemas 13, 35, 65 e 68 de Catulo e os I. 11, III. 22 e IV. 3 de Propércio, além das epístolas do *Corpus Tibullianum*, como exemplos romanos nesse gênero misto. Por fim, diz: “De modo mais geral, a escolha da epístola está estreitamente relacionada com a afeição calimaqueana e comumente helenística pelos gêneros poéticos menores, em que as relações pessoais podiam ser traçadas em retratos mais íntimos, semelhantes à vida, e em que até as pequenas coisas e os detalhes mundanos da vida podiam ter seu espaço.” ~> [“More generally, the choice of the epistle tied in with the Callimachean and generally Hellenistic fondness for minor poetic genres, in which more intimate, life-like pictures the personal relationships could be drawn, and where even the little things and mundane details of life could be given a space.”] Após ressalvas similares, Conte (1994, p. 313) acrescenta: “mas uma coleção sistemática de cartas em verso como as de Horácio é provavelmente um experimento original” ~> [“but a systematic collection of verse letters such as Horace’s is probably an original experiment”.] Anna de Pretis (2002, p. 33-7) apresenta um breve e ótimo apêndice ao capítulo I de seu livro: “The origins of the epistolary genre in Latin Literature”.

²³ Mayer (1994, p. 12) diz: “Se quisermos acreditar em Porfírio, comentador do segundo – ou terceiro – século, as *Epístolas* diferem das *Sátiras* apenas no título.” ~> [“If we are to believe Porphyrio, a second- or third-century commentator, the *Epistles* differ from the *Sermones* in nothing but title.”] Cf. o artigo “The *Satires*”, de Frances Muecke, no volume organizado por Stephen Harrison (2007), *The Cambridge Companion to Horace*.

²⁴ “It must have been difficult for the ancient Horatian commentators (grammarian-readers, guardians of rules, literary genres, and definitions) to devise a critical formula that could distinguish the *Epistles* from the two collections of *Satires*. (...) In the final analysis (...), the different intensity of

Mas não apenas isso. A tal comentário, acrescenta adiante que às *Epístolas* “falta aquela agressão cômica que, para Horácio, ainda é a marca óbvia do gênero satírico.”²⁵ Embora não seja nossa intenção neste trabalho questionar ou debater as fronteiras entre sátira e epístola, ambas redigidas em hexâmetros por Horácio, a pergunta “no que elas diferem?” talvez mereça uma ou outra breve consideração.

Entendida a noção de *sermo* como uma abstrata interlocução entre *personas* num ágil “discurso dialogado”, é preciso que se note algo distinto, nas composições do poeta latino, para que se possam separar os dois *sermões*, além do simples “tom confessional” do *non eadem est aetas, non mens* (Ep. I. 1, 4). A proposição de Edward Fraenkel (1957, p. 309, **grifo nosso**) extrai ideias possíveis, levando em conta certos ingredientes comuns tanto às *Sátiras* quanto às *Epístolas* de Horácio:

Porém, apesar das potencialidades da sátira horaciana estarem exaustas, as potencialidades do *sermo* horaciano não estavam. O refinado e flexível estilo que o poeta havia moldado para suas sátiras podia ser adaptado para **temas diferentes** e expressar um diferente estado de espírito.²⁶

two voices: *hoc solum distare videntur, quod hic quasi ad absentes loqui videtur, ibi autem quasi ad praesentes loquitur*, (*Pseudoacronis scholia in Horatium vetustiora*, preface to epistle I. 1).”

²⁵ “(...) lack that comic aggression that for Horace is still the obvious mark of the satiric genre”. (CONTE, 1994, p. 314). Lembremos, *en passant*, a **adjetivação peculiar** conferida a Horácio, no canto IV do *Inferno* (86-90), quando Virgílio mostra os grandes poetas da Antiguidade a Dante:

*Mira colui con quella spada in mano,
che vien dinanzi ai tre sì come sire:*

Veja aquele com uma espada na mão,
que vem à frente dos três como um senhor:

*quelli è Omero poeta sovrano;
l'altro è Orazio satiro che vene;
Ovidio è 'l terzo, e l'ultimo Lucano.*

aquele é Homero, poeta soberano;
o outro é **Horácio satírico** que vem;
Ovídio é o terceiro, e o último Lucano.

²⁶ “But though the potentialities of the Horatian satira were exhausted, the potentialities of the Horatian *sermo* were not. The fine and flexible style which the poet had shaped for his satires could be adapted to different themes and express a different frame of mind.” Anna De Pretis (2002, p. 101) diz algo similar, noutra formulação: “De fato, se abordarmos as cartas pelo axioma de que são sátiras, inevitavelmente seremos despontados por sua falta de *verve* satírica.” ~> [“In fact, if we approach the letters from the axiom that they are satires, we will inevitably be disappointed by their lack of satiric *verve*.”]

Por esse viés, os frequentes diálogos das sátiras acabam como que “transformados” nas epístolas em sapientes *monólogos*, como dissemos, lidos usualmente como recomendações éticas ou morais. Em outras palavras, muda-se, grosso modo, de tom e de tema na passagem do texto satírico, em que abundam os diálogos entre personagens, para o epistolográfico, cujas reflexões propõem também levar notícias aos amigos ausentes – ainda que se apontem *tópoi* e passagens comparáveis em ambas as obras.

Assim, segundo uma abordagem já desapegada das *Sátiras*, Stephen Harrison prefere vasculhar a presença marcante desse conteúdo de “natureza filosófica”, desenvolto nos conselhos lapidares aos amigos a quem Horácio escreve, apoiando-se sobretudo na tradição do gênero epistolar na Antiguidade. Quem ou que obras servem de modelo para Horácio, caberia indagar. Assim, o estudioso afirma que

cartas eram bem conhecidas como um meio de apresentar filosofia no mundo antigo (notem as epístolas existentes atribuídas a Platão e Epicuro, e as epístolas perdidas de Aristóteles), e algumas das técnicas usadas na apresentação da filosofia nas *Epístolas* têm claras relações com as prescrições de antiga teoria epistolográfica.²⁷ (HARRISON, 1995, p. 47-8)

Para buscarmos tais prescrições, recorreremos aos compêndios de literatura latina. Paolo Cugusi (1989), estudioso responsável pelo capítulo sobre a Epistolografia²⁸ no volume 2 da coleção *Lo Spazio Letterario di Roma Antica*, propõe olhares diversos para esse conjunto de textos tão distintos que são as cartas, cuja multiplicidade atesta a impossibilidade de categorizações estanques: epístolas privadas e públicas, literárias e não-literárias, divididas quanto à extensão (breves,

²⁷ “(...) letters were well known as a means of presenting philosophy in the ancient world (note the extant epistles ascribed to Plato and Epicurus, and the lost epistles of Aristotle), and some of the techniques used in the presentation of philosophy in the *Epistles* have clear links with the prescriptions of ancient epistolographical theory.”

²⁸ *L'epistolografia. Modelli e tipologie di comunicazione.*

médias, longas), quanto ao registro (*sermo cotidianus*, *humilis*, *ornatus* etc.), quanto aos destinatários (nobres ou não), quanto ao conteúdo (cotidiano, filosófico-moral, doutrinário, de arte, de propaganda política etc.), dentre outras múltiplas maneiras de se pensar essa tipologia epistolar. Na síntese de seu estudo, as *Epístolas* de Horácio enquadrar-se-iam no âmbito das **epístolas públicas**, no subtipo *lettere poetiche*, às quais acrescenta Cugusi (1989, p. 400): “são cartas que interessam pela história da forma poética mais que pela tradição epistolar.”²⁹ Sob a suspeita de não terem sido sequer remetidas como cartas tradicionais, as *Epístolas* I passam a interessar principalmente porque se apresentam como cartas-poemas.

Ora, segundo o próprio Cugusi (1989, p. 392), o louvor a um *precursor* representa uma relevante característica no âmbito da epistolografia antiga, como o faz Sêneca ao elogiar as cartas de Epicuro e Cícero. Se atentarmos, Horácio foge a essa regra: caso se aponte que o poeta latino chega a elogiar numa das cartas³⁰ seus precursores líricos (Arquíloco, de cujos metros Horácio se serve em seus *Epodos*, bem como Alceu e Safo, nas *Odes*), vale frisar, então, que ele não o faz com um epistolográfico. Assim, poder-se-ia pensar que não se louva um precursor porque não o há? A voz do poeta proclama na mesma *Epístola* I. 19, 21-2: *Libera per uacuum posui uestigia princeps, / non aliena meo pressi pede*, “eu primeiro pus minhas livres pegadas por veredas ainda vazias, / não marquei alheias com meu passo”. Assim, se “o caminho da produção de um texto procede de uma dimensão ‘velha’ e familiar rumo à formação do novo”, como dizem Barchiesi e Conte (1989, p. 84), múltiplas são as vias que desaguam nesse texto horaciano, desde a épica homérica (de que analisamos um breve viés) até os manuais filosóficos, os poemas

²⁹ “Sonno lettere che interessano la storia delle forme poetiche piuttosto che la tradizione epistolare.”

³⁰ Ep. I. 19, 23-34.

dispersos com nuances epistolográficas, a tradição didascálica etc. Seria impossível, pois, fixar uma origem única, dominante ou exclusiva.

Vale notar que a tradição não prescreve versos à redação das epístolas – eis uma das novidades importantes. Se as categorias propostas nos compêndios, como se sabe, são formuladas *a posteriori*, ou seja, não ditaram nem acompanharam o desenvolvimento do gênero (apenas contemplam-no à distância, em meio à miríade de exemplos), a afirmação de Catharine Edwards (2006, p. 270) nos parece mais que razoável: “as *Epístolas* de Horácio constituem a primeira coleção desse tipo de escritos.”³¹ Nessa reunião, a impressão do conjunto poético se destaca: não se redigiu uma única carta, um único poema burilado a um só destinatário; vinte epístolas, todas em verso, com extensão, temas e destinatários diferentes, foram compostas para figurar juntas, em ordem, compondo uma espécie de “volume personalíssimo de poemas”, se quisermos. Por assim dizer, o estilo poético permite que se una, mais uma vez, *forma e conteúdo*, ou seja Horácio alia a sua pessoal “mensagem filosófica” a dicção e o registro cuidadosos do hexâmetro latino: um conselho individual, mas que pode facilmente ser aplicado à moral cotidiana de qualquer romano, ganha forma lapidar, primorosa, como que inesquecível.

Stephen Harrison (1995, p. 52-3) pondera sobre esse uso do hexâmetro:

É claro, pois, que Horácio está consciente nas *Epístolas* de que o hexâmetro adiciona uma dimensão extra à apresentação dos preceitos filosóficos, permitindo ao poeta comunicar visões filosóficas, ora gerais ora particulares, com pontualidade e clareza epigramáticas em uma unidade memorável e singular, indisponível aos escritores da prosa.³²

³¹ “Horace’s Epistles constitute the first collection of such writings.”

³² “Thus it is clear that Horace is aware in the *Epistles* that hexameter verse adds an extra dimension to the presentation of philosophical precepts, enabling the poet to communicate philosophical views, whether general or particular, with epigrammatic point and neatness in a single and memorable unit not available to writers of prose.” Criou-nos um duradouro amargor essa última oração de Harrison: é claro que tais recursos estavam *available* aos prosadores (basta usá-los!), talvez

Afinal, como diz Quintiliano (*Inst. Orat.*, XII, 10, 48) acerca da eficácia retórica das *sententiae*: *feriunt animum et uno ictu frequenter impellunt et ipsa breuitate magis haerent et delectatione persuadent*, “ferem o espírito e, de um único golpe, impelem-no amiúde, pela própria brevidade se fixam e, com deleite, persuadem.”

Pode-se adicionar que “um dos pontos mais característicos da composição poética de Horácio para as frases [nas *Epístolas* I] é sua afeição pela *parataxis*, a coordenação dos elementos de um pensamento complexo”,³³ como aponta Mayer (1994, p. 25). Essa característica tão peculiar à *compositio* da obra não só apresenta com clareza os preceitos enunciados por Horácio (deixando-os mais fáceis de se memorizar, como se estivessem encadeados numa lista), mas também permite que se vincule essa disposição peculiar à sintaxe épica, tipicamente paratática. Nos épicos também se opta frequentemente pela parataxe, de encadeamento simples e ágil de cenas, ações, descrições, ideias... em detrimento da subordinação mais longa, intrincada e concatenada, mais apropriada a outros registros. Como o estilo homérico é paratático, a tradição dele derivada consagra-lhe esse traço.

Evitamos acima dizer “mensagem filosófica”, sem uso das aspas, por ao menos dois motivos: primeiramente, porque Horácio não propõe nessas cartas-poemas nenhuma doutrina, nem a sistematização de suas lições, nem mesmo um simples tratado (como reforçaremos nos comentários seguintes); em segundo lugar, porque o poeta parece menos preocupado em solucionar problemas gerais concernentes à filosofia do que em dirigir conselhos íntimos, pessoais e redigidos diretamente a

não estivessem em evidência tão marcada como na poesia. Enfim, provavelmente foi apenas um lapso da expressão do estudioso.

³³ “One of the most characteristic features of Horace’s poetic composition of sentences is his fondness for *parataxis*, the co-ordination of the elements of a complex thought.”

seus (prováveis) amigos – não por acaso Kilpatrick intitula seu estudo sobre as Epístolas I *The poetry of friendship*. Assim, se o poeta menciona o nome de um ou outro filósofo (como Aristipo: Ep. I. 1, 18; Crantor e Crisipo: Ep. I. 2, 4; Epicuro: Ep. I. 14, 16 etc.), parece fazê-lo mais para desacreditá-los do que para aboná-los. Como aponta Harrison (1995, p. 48), em outro tom:

Horácio lida não com o relativamente recôndito assunto da física de Epicuro, mas com os problemas centrais da conduta ética e pessoal, tópicos comuns da conversação educada em Roma e deveras aplicável à vida cotidiana.³⁴

Vale lembrar que o poeta latino não despreza a reflexão filosófica em suas *Epístolas* I, haja visto as observações que tece nas cartas a Numício e Ício.³⁵ Mas esse não é seu foco. Insistimos na recomendação individual, nos “conselhos íntimos”: *utere Pompeio Grospho*, Horácio diz, por exemplo, ao mesmo Ício (Ep. I. 12, 22), “sê amigo de Pompeu Grosfo”, como traduzimos; ou o aviso para que Lólio não fique isolado brincando na propriedade paterna (Ep. I. 18, 58-60), dentre outros pareceres semelhantes que se poderiam catalogar. É em tal intimidade que se pode tentar ver e vasculhar um autor Horácio de “carne e osso” – não obstante o risco dessa empreitada – como (muito provavelmente...) foram de “carne e osso” os destinatários Mecenas, Tibério, Floro etc.

Mas é preciso apontar um certo paradoxo: se o conselho é pessoal, escrevê-lo num hexâmetro como que adiciona uma dimensão lapidar à recomendação; assim, se o verso se torna memorável, a orientação que ele guarda não pode ser tão particular ou privada, ao contrário, acaba se estendendo aos demais leitores, cujo acesso está garantido pela publicação da epístola. O imediatismo associado à

³⁴ “Horace deals not with the relatively recondite subject of Epicurean physics but with the central matters of ethics and personal conduct, common topics of educated conversation at Rome and closely applicable to everyday life.”

³⁵ Respectivamente, Ep. I. 6 e Ep. I. 12.

mensagem individual de cada carta acaba por se desdobrar na expressão solene de preceitos nada imediatos, antes, perenes. Tal impasse amplia não só a aplicação moral dos versos e suas recomendações, mas desloca a esfera particular da carta para um amplo público poético-epistolar. Expresso em outra formulação, a pontualidade de certas advertências, originalmente endereçadas a leitores específicos (mencionados na abertura de cada uma das cartas), se amplia na leitura aberta (pública) do verso, tomado como um “epigrama hexamétrico” de nuances filosóficas. Ao leitor anônimo, o poeta se torna menos um amigo íntimo (de “carne e osso”) do que uma voz no texto, uma *persona*-poética. Por isso essa contradição: cartas individuais formando uma coleção de epístolas-poemas, de *sententiae* ao mesmo tempo públicas e privadas, de recomendações íntimas, mas que também funcionam como anônimo “direcionamento filosófico”.

Enfim, Horácio engendra algo inovador que, de um lado, diz respeito ao instante particular e privado dos remetentes nomeados nas cartas, mas que, de outro, tangencia a perenidade de um conselho bem formulado, de vasta aplicação. A formulação elaborada de Anna de Pretis (2002, p. 31) propõe que se leiam as *Epístolas* horacianas como “private *and* public, letters *and* poems”, dualidade que, em ampla medida, recorda a reflexão proposta por Edmond Courbaud (1914, p. 29-31):

Assim, tomando seus modelos aqui e ali em autores de simples bilhetes em versos, bem como nos sábios redatores das *Epistolicae quaestiones*, Horácio criou algo que não se parece com nada do que existia antes dele. Ele é criador com o mesmo título que era, na sátira, aquele Lucílio que Horácio chama precisamente com o nome de *inuentor*. (Sat. I, 10, 48). (...) Como Lucílio, Horácio fez uma reunião, uma mistura, e essa “contaminação” é sua obra. A epístola é doravante um ensinamento, em seu fundo, uma verdadeira carta, em sua forma. (...) Os dois aspectos que ele lhe conferiu tornaram-se inseparáveis do gênero. (...) O ensinamento pelas verdades gerais que ele introduz, garante à epístola uma solidez, uma duração com a qual a carta comum não saberia contar, coisa leve que causa apenas um prazer fugidio (*gaudium uolucra*). Mas

a forma da epístola, por sua vez, presta serviço ao ensinamento: ela lhe permite ser mais bem acolhido.³⁶

Se posasse de sábio arrogante, os conselhos que Horácio profere certamente não seriam vistos com bons olhos. Antes, sua máscara poética traça-o como alguém que também está em busca da sabedoria – e compartilha com seus interlocutores, reais ou infintos, os passos e as dificuldades rumo a esse “saber viver” inatingível. Por exemplo, nos últimos versos da *Epístola* I. 2, Horácio dá a entender a Lólio que também caminha em direção à sabedoria (e quer partilhar com o jovem essa caminhada): *quodsi cessas aut strenuus anteis, / nec tardum opperior nec praecedentibus insto*, “pois se te atrasas ou, apressado, te adiantas, / nem um retardatário espero, nem me apresso com os que vão na frente”. Que o menos experiente aprenda com o mais ‘experto’ (mas não *pleno sábio*). Por outro lado, sabe-se que Sêneca, por exemplo, desenvolve esse tema segundo o rótulo do *proficiens*, aquele que caminha constante e paulatinamente rumo ao ideal de sabedoria, em contínuo processo de “aperfeiçoamento espiritual” (e a imagem do “caminho” é tópica). Assim, o filósofo jamais se retrata como alguém que atingiu a plena sabedoria; a prática de admitir fraquezas é não só retórica e exercício constante, mas passo importante em direção à seu ideal.

A argumentação de Stephen Harrison (1995, p. 51, **grifo nosso**) segue nessa direção, ao dizer que:

³⁶ Ainsi, en prenant ses modèles à droite et à gauche chez les auteurs de simples billets en vers comme chez les savants rédacteurs d'*Epistolicae quaestiones*, Horace a créé quelque chose qui ne ressemble à rien de ce qui existait avant lui. Il est créateur au même titre que l'était, dans la satire, ce Lucilius qu'Horace précisément appelle du nom d'*inuentor* (Sat. I, 10, 48). (...) Comme Lucilius, Horace a fait une réunion, un mélange; et cette “contamination” est son oeuvre. L'épître est désormais, par le fond, un enseignement, par la forme, une véritable lettre. (...) Les deux caractères qu'il lui a imprimés sont devenus inséparables du genre. (...) L'enseignement, par les vérités générales qu'il introduit, assure à l'épître une solidité, une durée à laquelle ne saurait prétendre la lettre ordinaire, chose légère qui ne cause qu'un plaisir fugitif (*gaudium uolucrae*). Mais la forme de l'épître, à son tour, rend service à l'enseignement: elle lui permet d'être mieux accueilli.

Horácio vai evidentemente além ao incentivar seus amigos em questões éticas **sem posar como um sábio onisciente**. A bem humorada e falível autoimagem do poeta como um filósofo nas *Epístolas* I ajuda a transmitir sua mensagem “protréptica” da forma mais efetiva e aceitável.³⁷

Muitos outros apontamentos como esse ainda poderiam ser feitos, mas não é nossa intenção esgotá-los. Cumpre, contudo, atentar para o fato de que olhar para a coleção das *Epístolas* I como simples poemas parece redutor, tanto quanto vislumbrá-las exclusivamente como cartas pessoais ou exemplos de um tipo específico de diálogo ou sátira (*sermones*). A obra mescla preceitos de um gênero corriqueiro com a forma notória do hexâmetro épico-filosófico; deixa clara a leitura privada da epístola (destinatário expresso) e, ao mesmo tempo, torna sua mensagem aberta, por meio da reunião e publicação da coleção; abre mão de um “diálogo” mais corrosivo para centrar-se num discurso de eminente tom didático, para o qual dirige mensagens, ao mesmo tempo, perenes (bem formuladas, ao leitor anônimo) e instantâneas (particulares, a um leitor individual). Eis parte da dialética que se observa nesse texto.

Esquemáticamente, seria possível confrontar as seguintes características, que contribuem ativamente para refletirmos sobre a realização dessa obra tão peculiar, de difícil redução a esquemas prontos, estanques. Se certas características ajudam-nos a enquadrar um texto em um determinado *gênero textual*, a *forma do texto* não raro impele-o a outras direções (nem sempre coincidentes), propiciando essa tensão tão produtiva:

³⁷ “Horace is evidently going to get further in interesting his friends in ethical topics by not posing as an omniscient sage. The humorous and fallible self-image of the poet as a philosopher in *Epistles* I helps to convey its protreptic message in the most effective and acceptable way.” Sobre essa autoimagem bem humorada, lembremos da descrição “porco da grei de Epicuro” (Ep. I. 4, 16).

Gênero Epistolar	Forma Poética
Mensagem individual/pessoal	Texto publicado (para ampla leitura)
Instante particular	Perenidade póstuma
Simplicidade do registro íntimo	Sofisticação/Elegância do hexâmetro
Conselho individual, pontual	Formulação ampla e lapidar, epigramática
Destinatários reais (de “carne e osso”)	Leitores anônimos
Remetente real (de “carne e osso”)	<i>Persona</i> -poética textual
Uma única carta	Coleção de epístolas
Imediatismo	Eternidade

Não por acaso a tradição classifica tais cartas como *Epístolas literárias*,³⁸ que trazem algo de novo ao cânone, sem desprezá-lo (ao contrário, trabalhando com ele). E muito ainda pode ser dito sobre esse aspecto *dialético* da obra, parte da estratégia retórica horaciana para convencer com “estilo”, para ser – a um só tempo – poeta e “filósofo”, amigo e conselheiro, para persuadir enquanto educa com graça e encanta sem aborrecimentos.

³⁸ Ver sobretudo EDMUNDS, L. 2001, p. 108 e CONTE, G. B. 1994, p. 313.

Remetente ou *persona*-poética?

Tu ne connaîtras jamais bien les Mayas.
Guillaume Apollinaire, *Lettre-Océan*

Algumas palavras sobre o papel do enunciador no chamado gênero epistolar, de modo mais geral, bem como certas observações textuais a respeito da *persona* horaciana nesse conjunto latino de cartas-poemas, de forma mais específica, podem auxiliar a refletir a respeito desse remetente (desconhecido?) e seu papel, antigo e constantemente renovado, sobre cujas epístolas nos debruçamos. Afinal, *quem* escreve as epístolas em questão, quem é essa *voz em primeira pessoa*? Por que escreve tais cartas e as publica? Como quer ser visto e como seu texto nos faz vê-lo?

Esta afirmação de Demétrio soa apropriada, pois não apenas traz ao debate uma voz da Antiguidade, mas também direciona nossa reflexão sobre o que se espera de um escritor, de modo geral, em suas cartas:

Πλεῖστον δὲ ἔχέτω τὸ ἠθικὸν ἢ ἐπιστολή, ὥσπερ καὶ ὁ διάλογος·
σχεδὸν γὰρ εἰκόνα ἑκάστος τῆς ἑαυτοῦ ψυχῆς γράφει τὴν ἐπιστολήν
(Demetrius, *De Elocutione*, 227 *apud* MALHERBE, 1988, p. 18)

Grande parte moral [do homem] está na epístola, assim como no diálogo: por assim dizer, cada um grava a imagem de sua própria alma na epístola.

A proposição de Demétrio é valiosa por, pelo menos, dois motivos.

Primeiro: ao aproximar duas produções distintas, o diálogo (ὁ διάλογος) e a epístola (ἡ ἐπιστολή), quanto ao aspecto ético (τὸ ἠθικὸν), Demétrio nota uma particularidade comum em textos de formato e conteúdo diversos. Contudo, tal aproximação pode conduzir a outras equiparações de características nem sempre equiparáveis. Por exemplo, interlocução frequente, presença de interjeições e uso de exclamações típicas do discurso oral, dentre outros traços comuns (via de regra) às produções reunidas sob o rótulo do *diálogo*, talvez possam sugerir certa

“espontaneidade” ou “desembaraço” a esse gênero, *impressões* (equivocadas, como se poderia debater) que, vez ou outra, podem-se ver atribuídas também ao gênero epistolar, quer seja pela aproximação entre diálogo e epístola, quer seja pelo elenco de outras características das cartas que possam conferir-lhes tal “espontaneidade” (como, por exemplo, uma “intimidade” cogitada entre remetente e destinatário). Enfim, a aproximação proposta por Demétrio recorda-nos que é preciso cautela em tais comparações.

Segundo: a oração introduzida pela expressão *σχεδὸν γὰρ*,³⁹ que traduzimos “por assim dizer” (Malherbe usa “it may be said”), propõe uma espécie de delimitamento da alma da pessoa (τῆς ἐαυτοῦ ψυχῆς), estabelecido (ou melhor, grafado) na carta por ela escrita. Parece senso comum que uma epístola se escreve para comunicar algo, pessoal ou não, a outrem. Mas qual texto não o faz? Talvez divagação similar tenha levado Jaques Derrida a propor que “a carta, a epístola... não é um gênero mas todos os gêneros, a própria literatura”,⁴⁰ desconstrução que não propomos fazer. Ao contrário, cabe-nos lembrar que qualquer texto instancia uma *voz do autor*, que não se deve misturar à pessoa de “carne e osso” que em algum momento o produziu. Em outras palavras, é uma espécie de “personagem” ou “voz” que *fala* no texto, não o(s) homem(ns) ou a(s) mulher(es) que o escreveu(ram). Os autores, indivíduos que ainda vivem ou que um dia existiram (ou nem isso!), podem mudar de ideia, envelhecer e morrer, ser varridos pelo esquecimento; as palavras, por sua vez, permanecem e, ao serem lidas, não recuperam ou trazem de volta os *seres* que as proferiram um dia. Ainda que grafar certas palavras possa sugerir guardar a *alma* daqueles que as usaram, cumpre

³⁹ LSJ: *σχεδόν* (Adv.) III: asserção com sentido de modéstia, às vezes de ironia. ~> [“assertion with a sense of modesty, sts. of irony.”]

⁴⁰ “the letter, the epistle... is not a genre but all genres, literature itself” (*apud* EDWARDS, C. 2006, p. 270).

lembrar que as palavras e o sistema em que elas articulam sentidos é público e também mutante, é partilhado e coletivo. Tal aparte se faz necessário para que não se atribuam, sem restrições, ressalvas ou alguma cautela, observações e conclusões notados **no texto** à (suposta) pessoa *física* que o escreveu, incorrendo em equívoco consueto. A afirmação de Demétrio, tomada isoladamente, não vê essa mesma separação; se nos dá um testemunho antigo, em boa medida também corrobora para uma leitura “biografista” a se extrair do texto epistolar.

Esses apartes, por nós propostos, não buscam suplantam as formulações da Antiguidade, nem menoscabá-las – longe disso. Nossa intenção visa a distinguir essa identificação entre *persona* do texto e autor (de “carne e osso”), estabelecida desde o instante inicial de escrita do texto, do *pacto* natural entre leitor e texto, demandado pela leitura de qualquer texto. Vale insistir, qualquer leitura solicita esse *pacto*, quase como se estivéssemos a prestar atenção a alguém que nos conta algo: é esse *contrato* que nos faz concentrar na história narrada, conferir ao texto o *crédito* devido no instante em que o lemos. Se a história aconteceu ou não, se é “verdadeira” ou “mentirosa”, esses são méritos distintos do *pacto* estabelecido no *ato de leitura*, que a recepção de qualquer texto requer, repitamos. Como leitores, nosso acesso ao texto se dá por meio dessa “relação contratual” com o texto, a que chamamos *pacto*.

Por meio desse pacto ou contrato entre texto e leitor, temos acesso tanto ao conteúdo do texto (*aquilo* que é descrito), quanto à *persona* que nos dispõe esse conteúdo (*quem* descreve). É a essa personagem que dá *voz* ao texto que podemos chegar como leitores, jamais ao **autor** de “carne e osso” – instância distinta da *persona* do texto. Notemos a figura a seguir, que ilustra, de modo esquemático e simplificado, nossas proposições:

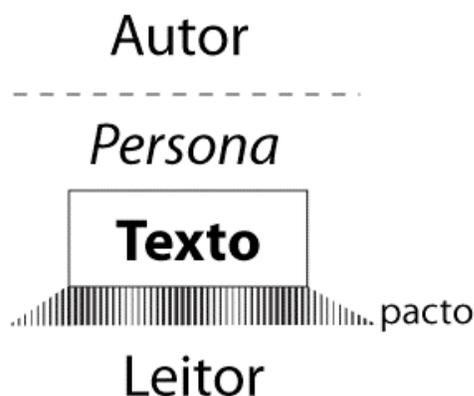


Figura 1

É verdade que o gênero textual ajuda a predispor o leitor/ouvinte a certas *especificidades* daquilo que se vai ler ou ouvir. Por exemplo, de um poema épico, se espera o relato de uma guerra e/ou de algo grandioso; de uma comédia, se espera apreender uma situação engraçada, hilariante. Contudo, o pacto ainda permanece: é ele que nos faz crer naquilo que lemos/ouvimos *enquanto* o fazemos.

Nessas circunstâncias, certos textos, ou melhor, certos gêneros textuais, por motivos vários, intensificam o “contato com a realidade” apresentada ao(s) leitor(es), fazendo com que se passe do pacto textual à(s) realidade(s) descrita(s) no texto de modo quase natural ou imediato, sem reservas – bem como, num passo similar, da imagem da *persona* do texto à figura do autor de “carne e osso”. Por exemplo, somos instados pelo gênero epistolar, por diversas vezes, a ignorar a separação entre autor e *persona* do texto, uma vez que não é difícil imaginar que o autor (de “carne e osso”) escreve a carta a um leitor (também de “carne e osso”) e que as circunstâncias descritas na epístola integram uma realidade que interessa a ambos, de modo praticamente inquestionável (“por que não seria verdade?”, alguém poderia perguntar). Assim, essa missiva prescindiria de qualquer tipo de pacto ou contrato de leitura, já que trazem “verdades” que interessam aos dois lados

da epístola, remetente e destinatário. Enfim, se já se tomaram trechos dos épicos homéricos como contendo descrições reais, mais fácil, pois, seria crer na “realidade” de uma carta de *alguém real* para *outrem* também *real*. Se a recepção da produção lírica já instaura grande confusão em relação às figuras do autor e da *persona*-poética dos textos, nas epístolas tal separação praticamente tende a desaparecer.⁴¹

Assim, mais adequado será percebermos a posição do enunciador da carta não como um homem-autor de “carne e osso”, mas como um *artifício* inerente tanto ao texto quanto à linguagem (se quisermos), que busca uma maior eficiência expressiva (i.e. retórica) em sua composição final. O livro I das *Epístolas* de Horácio foi compilado e publicado em um conjunto; como tal foi manuseado por leitores os mais diversos (até que as páginas fiquem sujas e sirvam de abecedário aos meninos, lembra a Ep. I. 20). Qualquer impressão de sinceridade ou veros-

⁴¹ Demos essa grande “volta” para enfrentarmos, por nós mesmos, as dificuldades dessas separações, que julgamos tão importantes às análises propostas neste trabalho. Não é nossa intenção postular abordagem ideal, nem terminologia adequada, tampouco propor solução a questões tão instigantes e vastas nos domínios tanto da linguística quanto dos estudos literários.

O mérito da “realidade” epistolográfica estabelece uma complexa *cenografia* envolvendo, por um lado, tanto o remetente quanto os destinatários da carta, bem como, por outro, uma ampla rede de circunstâncias evocadas no texto, que delineiam para o leitor (seja ele o destinatário ou não) não apenas o assunto, o propósito e as minúcias de que fala a carta, mas a própria *face* desse remetente – misturando novamente autor (de “carne e osso”) e *persona* do texto. Exemplos como as *Heróides* de Ovídio, as *Cartas de Abelardo e Heloísa*, *As Relações Perigosas* de Laclós, o *De Profundis* de Oscar Wilde, a *Carta ao Pai* de Kafka, as *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis ou mesmo as *Cartas a um Jovem Poeta* de Rilke (as únicas verdadeiras cartas dessa lista...), no momento em que se as lê, partilham desse mesmo “espírito epistolográfico” que mistura o pacto de leitura e o apego imediato à realidade descrita nas cartas à confusão autor-*persona*, por mais variadas e distintas que sejam as situações e circunstâncias literárias evocadas nessas obras – e em muitas outras classificadas também como epistolares.

A bibliografia sobre o assunto é tão vasta que, como propusemos uma articulação segundo nossas próprias palavras, não teríamos sequer por onde começar a elencá-la. Cabe, contudo, menção especial ao estudo de Paulo Sérgio de Vasconcellos, nosso orientador (que tantas vezes debateu conosco essa questão), cujo texto ataca importante viés dessa questão: VASCONCELLOS, P. S. *Realidade biográfica no “romance amoroso” de Catulo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990 (Dissertação de Mestrado inédita). Um resumo desse trabalho se transformou no livro CATULO. *O cancionário de Lésbia*. São Paulo: Hucitec, 1991.

semelhança oculta, na verdade, a arte (técnica) que transmite uma mensagem aparentemente íntima ou exclusiva a um único destinatário. Por mais confessa ou pungente que uma das cartas da coleção possa parecer, nossa leitura se realiza na esfera pública; melhor nos parece analisá-las sempre por meio do pacto que nos liga aos textos.

Epístolas que se publicam, ou seja, que também se destinam à leitura do grande público e que podem ser lidas abertamente por qualquer leitor, inclusive pelo mesmo destinatário inicial expresso (tendo-a lido ou não previamente), escolhem mostrar não mais uma face íntima ou reservada, tanto de seu remetente quanto dos destinatários. Ao contrário, convidam seus leitores a refletir sobre as aparentes imagens construídas no texto (autobiográfica/verdadeiras ou não: é impossível resolver esse dilema). Como diz Roland Mayer (1994, p. 3):

Se as cartas em verso de Horácio fossem genuínas e espontâneas, elas deixariam de ser imitação e, para olhos antigos, perderiam seu status como literatura. Como nas *Odes*, o destinatário não é necessariamente uma convenção, porque o tema escolhido pode refletir seus interesses pessoais e preocupações, mas nenhuma das cartas é meramente ocasional.⁴²

Explicitar essa longa reflexão visa a evitar a cilada das “leituras biografistas”, por mais pessoal que o gênero epistolográfico possa parecer. Defrontamo-nos com um texto, não com um homem; logo, deve-se ler o primeiro, não cogitar ou inventar o segundo. Assim, elucubrar absurdos, como supor que o autor dos versos tinha aversão às viagens marítimas ou terrestres⁴³ porque esse ou aquele verso parece condená-las, soa – no mínimo – sem propósito. Em nosso trabalho, ainda

⁴² “If Horace’s verse letters were genuine and spontaneous they would cease to be imitations and, in ancient eyes, lose their status as literature. As in the *Odes* the addressee is not necessarily a convention, for the chosen theme may reflect his personal interests and preoccupations, but none of the letters is merely occasional.”

⁴³ Por exemplo, em meio a uma leitura biografista que julgamos inoportuna, Dante Tringali (1995, p. 117) diz de Horácio: “Deixa patente também sua aversão pelos caminhos do mar e pela estradas da terra, *odio maris atque viarum* (Epist. 1. 11, 6)”.

que se usem expressões como “Horácio afirma/diz que” ou “conforme canta o poeta”, dentre outras, tencionamos sempre extrair as afirmações do texto a nossa frente, nunca do poeta ou da pessoa (do autor de “carne e osso”), embora o sujeito gramatical dessas afirmações lhe remetam.

Para nós, leitores, seu texto fala (e deve falar) por si.

Partimos das reflexões antigas (de Demétrio): a elas cabe retornar, depois dessa longa digressão. Assim, nossos questionamentos podem, sim, se confrontar com outra parte importante da tradição poética da Antiguidade greco-latina, que eleva a figura do poeta a um papel central na expressão do pensamento de sua comunidade, conferindo-lhe autoridade sobre determinados assuntos públicos. Pensar tal imagem do poeta que traz ao público suas cartas (seus *sermones*), segundo o conjunto dessas circunstâncias antigas, significa delinear-lhe contornos históricos mais adequados (ainda que essa observação tenha sido, para nós, despertada por comentadores e estudiosos modernos). A observação de Gordon Williams (1968, p. 48) auxilia esses passos:

A outra tradição remonta ao passado grego dos grandes gêneros literários, como o épico, e apresenta o poeta não como um indivíduo privado mas como um profeta que fala não por si mesmo em sua capacidade privada, mas como o representante impessoal de uma autoridade que vem de fora dele. Na medida em que um poeta fala por si mesmo, é em sua *persona* como poeta e não como um cidadão individual: assim Ênio fala de si mesmo e Cícero e Lucrecio e Catulo – em alguma amplitude – em seus poemas mais extensos.⁴⁴

Esse balanço entre *persona*-poética (não como figura individual) e representante (“iluminado”, como se tivesse sido divinamente eleito para sua função)

⁴⁴ “The other tradition goes far back into the Greek past of the great literary genres like epic, and it presents the poet not as a private individual but as a prophet who speaks not for himself in this private capacity but as the impersonal representative of an authority that comes from outside him. In so far as such a poet speaks of himself, it is in his *persona* as poet and not as an individual citizen: so Ennius speaks of himself and Cicero and Lucretius and Catullus – to some extent – in his longer poems.”

responsável por sua comunidade é o que propomos buscar (será possível?) delinear, espécie de imagem esfumada desse emissor do texto, *voz* que ecoa um conjunto.

Com elegância e simplicidade que dispensam a divagação que fizemos, o mesmo Williams (1968, p. 29) notara que “a mais marcante característica das *Epístolas* é o modo em que a forma convida, realmente compele, a declarações aparentemente autobiográficas.”⁴⁵ Não raro se lê o poeta falando de si mesmo, como num educativo solilóquio, que Mayer (1994, p. 4) assim pondera:

Assim, a carta, um documento, mas de tom meramente conversacional, oferece estratégias frescas para lidar com questões antigas. A questão central continua sendo o próprio Horácio. Isso é seguramente apropriado para uma carta; nossos amigos querem saber o que nós estamos fazendo. Mas mais rumo ao ponto, é a tradição Romana de olhar a si mesmo como exemplo a ser dado.⁴⁶

Tomemos um exemplo prático: a *Epístola* I. 8.

Nessa carta, o primeiro detalhe a chamar nossa atenção é que Horácio se dirige a Celso Albinovano não de forma direta, como nas demais epístolas, mas por intermédio da Musa: *Musa rogata refer*, solicita o verso dois. Se acreditarmos ser o mesmo *Celsus* invocado na Ep. I. 3, pela indicação dos versos 15 e seguintes, talvez se trate de poetaastro, que não se cansa de usar “recursos alheios” no lugar dos seus próprios. Enfim, entre tais conjecturas possíveis (talvez reprováveis), cuida lembrar que é essa Musa invocada por Horácio que há de levar a notícia do remetente ao destinatário. Talvez apenas dessa forma seu interlocutor lhe dê ouvidos.

Grosso modo, os versos 3 a 12 da Ep. I. 8 descrevem uma aparente dificuldade da *persona*-poética horaciana para lidar com seu próprio mau humor.

⁴⁵ “a most marked feature of the *Epistles* is the way in which the form invites, indeed compels, statements apparently autobiographical”

⁴⁶ “Thus the letter, a document but conversational in tone, offers fresh strategies for dealing with old issues. The central issue remains Horace himself. This is of course appropriate to a letter; our friends want to know what we are up to. But more to the point is the Roman tradition of seeing oneself as setting an example.”

Numa leitura simplista, dir-se-ia que o poeta se encontra indisposto, consigo e com o mundo. O verso 8 reforça seu mal-estar: *nil audire uelim, nil discere, quod leuet aegrum*, “nada quero ouvir, nada aprender que alivie o doente”. Destinatário ou não, qualquer leitor minimamente “sensível” se *compadeceria* do poeta atormentado. Deixada a “sensibilidade” de lado, cabe nos perguntarmos: por que endereçar, por meio da Musa, esses “lamentos pessoais” (de ordem mental, como diz o verso 7: *quia mente minus ualidus quam corpore toto*, “porque no espírito estou menos são que no corpo inteiro”) a um “suposto poetastro”, numa carta para ser lida por todos, pública? O que vem expresso além da dor confessa?

Ora, das *Epístolas* I. 1 a 7, Horácio propõe lições individuais variadas (a outros destinatários) que ditam rumos distintos ao bem viver: o poeta declara não ter propriamente um guia filosófico (será, enfim, guiado pela poesia!), mas dirige “conselhos” misturados a comentários e sugestões que mencionam sectos filosóficos diversos – eis uma faceta importante que abordaremos no capítulo seguinte. Assim, ao chegar à *Epístola* I. 8, a própria *persona*-poética horaciana pode ter se perdido; ou melhor, o próprio leitor da obra em sua sequência de cartas.

Vistas como “tratados” ou “pequenos manuais filosóficos”, nada seria mais disperso, eclético ou disforme do que essas epístolas encadeadas. Nem mesmo o próprio poeta conseguiria encontrar um rumo seguro se se mantivesse fiel às suas recomendações. Eis o efeito máximo desejado pelo autor – e ensejado pelo texto. Ora, quem estivesse a ler suas epístolas na ordem de publicação, isento da “sensibilidade” que mencionamos atrás, perceberia não (só) a expressão sofrida e contraditória do “homem Horácio” na *Epístola* I. 8, mas sim o artifício retórico da *persona*-poética do texto, que articula as dificuldades de seguir um leque tão amplo de conselhos à própria realização concreta do texto. Eis o artifício. Para acentuar-lhe a expressão, a epístola, de algum modo, diz: seu autor adoeceu por

tentar por em prática recomendações tão diversas que teceu aos amigos, está realmente à deriva. Assim, o verso 12 da Ep. I. 8, *Romae Tibur amem, uentosus Tibure Romam*, se revela expressão máxima dessa deriva poético-filosófica.

Os “preceitos filosóficos” apregoados (até essa epístola da coleção) são contraditórios: eis uma boa abordagem para se ler essa *Epístola* I. 8. A leitura conduzida ao tom da intimidade pessoal pode levar a caminhos impossíveis de se provarem: o sofrimento do poeta (de “carne e osso”), isolado, dilacerado por um “mal do espírito”, são suposições tão aceitáveis quanto inocentes, indiferentes à compreensão do texto a que temos acesso. A dificuldade, enfim, é não ver essa carta exclusivamente como uma confissão íntima. A realização poética quer destacar o íntimo e “esconder” os percalços rumo a um ideal de *sapientia*, as idas-e-vindas dessa expressão que parecem pessoais, mas são programáticas (eis o artifício), que unem o aspecto didático (subjacente ao texto) à aparente confissão do poeta, inerente à impressão de realidade provocada no leitor.

Portanto, talvez se possa dizer que a imagem que Horácio constrói de si mesmo nas epístolas tem um propósito retórico e varia segundo o destinatário e a suposta intenção da mensagem. Emprestando mais uma vez uma formulação de Stephen Harrison (1995, p. 50), “essa combinação de humor autodepreciativo e entusiasmo ao comunicar seu interesse filosófico é a indicação de qualidade e legitimidade da autorrepresentação de Horácio no livro I das *Epístolas*”.⁴⁷ Resumindo esses mesmos modos diversos pelos quais Horácio se autorrepresenta nas *Epístolas* I:

Assim, vemos que nos variados tipos distintos de autorrepresentação, Horácio combina estratégias de ambiguidade e ofuscamento, autodepreciação e humor, galhofa e má-direção. A obra de um dos poetas aparentemente mais autobiográficos da

⁴⁷ “This combination of self-deprecating humour and enthusiasm in conveying his philosophical interest is a hallmark of Horace’s self-presentation in the first book of *Epistles*.”

Antiguidade de fato fornece uma série cuidadosamente matizada e amiúde divertidamente enganosa de autorrepresentação, que igualmente exercita e entretém seus leitores. (HARRISON, 2007, p. 35)⁴⁸

Concluimos, pois, nossas indagações com a pergunta de Catharine Edwards (2006, p. 275), tão oportuna:

Enfim o verdadeiro Horácio está ao alcance do leitor, talvez? Porém muitas características desses poemas, em particular, a pluralidade dos destinatários, servem para tornar o ‘eu’ que emerge escorregadio e cambiante.⁴⁹

Assim, deixamos essa breve reflexão textual sobre a *persona*-poética do autor para passarmos às análises dos exemplos (variados) de intertexto que motivam o presente trabalho.

⁴⁸ “Thus we see that in various different type of self-representation, Horace combines strategies of ambiguity and obfuscation, self-deprecation and humour, playfulness and misdirection. The works of one of the most apparently autobiographical poets of antiquity in fact provide a carefull nuanced and often amusingly misleading series of self-presentations, which both exercise and entertain his readership.”

⁴⁹ “At last the real Horace is within the reader’s grasp, perhaps? But numerous features of these poems, in particular, the plurality of addressees serve to make the ‘self’ that emerges slippery and shifting.”

Citações e alusões à poesia épica homérica

*Neque enim dubitari potest, quin artis
pars magna contineatur imitatione.*

Quintiliano, *Inst. Orat.* X. 2, 1.

Nesta parte do trabalho analisaremos trechos das *Epístolas* I que mencionam textualmente passagens dos épicos homéricos ou lhes aludem mais indiretamente.

Primeiramente, algumas poucas palavras sobre Homero podem ajudar a recordar sua importante presença na chamada literatura do Ocidente, com breve destaque para seu “aparecimento” na cultura greco-romana, bem como para o aspecto alegórico-pedagógico que muitas interpretações conferem a seus textos.

A seguir, explicamos sucintamente como a leitura de certos traços homéricos em algumas das *Epístolas* I permite delinear a presença dos célebres épicos gregos no conjunto da obra latina: antes de propriamente se pontuarem tais observações com seu necessário vagar, esclareceremos como está organizada a divisão do estudo que segue.

Em direção ao Homero das *Epístolas* de Horácio

O mito é o nada que é tudo.
Fernando Pessoa, *Ulisses*.

Assim como não se sabe como se começou a contar histórias, também não se sabe quem foi Homero, sequer se houve um. Melhor seria dizer que Homero é a soma de tudo o que já se falou e se contou dele, algo imponderável. E se o que dele se conhece propriamente são seus épicos, que se incluíam em sua “biografia” as inúmeras sessões orais que se perderam, os milênios de leitores e leitura, os séculos de tradutores e traduções pelas quais o Ocidente o conheceu e nelas se inspirou para enriquecer todas as artes, incluída a literária. O Homero que nunca se viu ou se conheceu é, na verdade, fruto dum longo e inescrutável percurso de leitura dos textos que a tradição lhe consagrou.

Seria impossível mensurar a influência que exerceu o vate grego na cultura ocidental. Citemos o resumo que lhe traça Montaigne, ao escolher os três homens que julga excelentes, dos quais primeiro lugar cabe a Homero:

Foi contra a ordem natural que ele fez a mais excelente produção que possa existir; pois o nascimento habitual das coisas é imperfeito; elas vão aumentando e fortalecendo-se com o crescimento; ele tornou madura, perfeita e completa a infância da poesia e de várias outras ciências. Por causa disso podemos chamá-lo o primeiro e último dos poetas, de acordo com o belo testemunho que a Antiguidade nos deixou dele, que, não havendo antes ninguém a quem pudesse imitar, não houve depois ninguém que pudesse imitá-lo. Suas palavras, segundo Aristóteles, são as únicas palavras que têm movimento e ação; são as únicas palavras substanciais. Alexandre o Grande, tendo encontrado entre os despojos de Dario um cofrezinho muito rico, ordenou que lhe fosse reservado para nele guardar seu Homero, dizendo que era o melhor e mais fiel conselheiro que tivera em seus assuntos militares. Por essa mesma razão dizia Cleômenes, filho de Anaxandridas, que ele era o poeta dos lacedemônios, porque era *ótimo mestre* da arte militar. Este elogio singular e pessoal também lhe coube, na opinião de Plutarco: que é o único autor do mundo que nunca enfastiou nem aborreceu os homens, mostrando-se aos leitores sempre diferente e florescendo sempre com nova graça. O excêntrico Alcibiade, tendo pedido a *alguém que professava as letras* um livro de Homero, deu-lhe uma bofetada porque não o tinha – como quem encontrasse um de nossos padres sem breviário. Xenófanes queixava-se um dia a Híeron, tirano de Siracusa, de que era tão pobre que não tinha com que

alimentar dois criados. “E daí? – respondeu-lhe este. – Homero, que era muito mais pobre do que tu, *alimenta* mais de dez mil, morto como está.” E o que mais isso poderia significar, para Panécio, quando chamava Platão de “o Homero dos filósofos”? Além disso, que glória se pode comparar à dele? Não há nada que viva na boca dos homens como seu nome e suas obras; nada tão conhecido e tão aceito quanto Troia, Helena e suas guerras, que talvez nunca tenham acontecido. Nossos filhos ainda são chamados com os nomes que ele criou há mais de três mil anos. Quem não conhece Heitor e Aquiles? Não apenas algumas famílias privadas, mas a maior parte das nações buscam as origens em suas invenções. (*Ensaíos*, II: “Dos homens mais excelentes”, p. 627-9 – *grifos nossos*)

A voz de nosso Camões retoma o mesmo Plutarco (que Montaigne cita), recordando-nos também que:

Lia Alexandro a Homero de maneira
que sempre lhe sabe à cabeceira (*Os Lusíadas* V, 97, 7-8)

Iliada e *Odisseia*, fontes milenares de narrativas, episódios e personagens, nutriram com passagens e versos não apenas a poesia, em suas variadas divisões, mas também o que viria a se tornar a caudalosa prosa ocidental; obras que ajudaram a engendrar novos gêneros e formas literárias, espécie de matriz de todo tipo de retórica, como bem resume Francis Cairns (1972, p. 35),

do quinto século a.C. em diante, os heróis homéricos eram amiúde vistos como os primeiros exemplos de habilidades retóricas e o próprio Homero como o inventor de todos os ramos e aspectos da arte da retórica.¹

Da Grécia pré-Socrática à Roma de Augusto e demais Césares, incontáveis povos e gerações ouviram ou leram os épicos homéricos e neles se inspiraram para fundar suas literaturas – escusado o anacronismo. A presença de Homero na literatura latina não é mera influência: é fator constitutivo dessa mesma arte no

¹ “(...) from the fifth century BC onwards, the Homeric heroes were frequently regarded as the first exemplars of rhetorical abilities and Homer himself as the inventor of all branches and aspects of the art of rhetoric.”

Lácio,² desde sua primeira obra fundadora (a *Odussia* de Lívio Andronico) até os textos mais consagrados de Virgílio, Horácio, Ovídio e outros sofisticados poetas. Como chega a propor Paul Veyne (2008, p. 43), “toda a aristocracia romana leu Homero em grego”. Assim, se o passo horaciano³ tantas vezes citado reconhece o papel civilizador que a dominância cultural grega exerceu sobre as artes romanas, a Homero se deve atribuir o gérmen primeiro dessa tão celebrada cultura da Hélade.

Como se lê no relato de Montaigne, o texto de Homero desempenhou para os mais diferentes homens papéis variados, dentre esses a função de “texto escolar”. Pedagogos, gramáticos, retores, filósofos e seus sectos diversos promoveram leituras “educativas” diversificadas a partir desses textos já consagrados, de personagens ao mesmo tempo célebres e *vivos* na imaginação dos antigos. A leitura dita alegórica dos épicos homéricos, ainda que a nomenclatura varie ao longo dos séculos, como veremos, cumpre papel educacional há milênios, tendo inspirado lições de incontáveis mestres, como diz Sabbadini (1970, p. 13):

A tendência a considerar alegoricamente os poemas homéricos (...) é bastante antiga. Alcidamente, citado por Aristóteles, chama a *Odisseia* “um belo espelho da vida humana”; para o próprio Aristóteles a *Iliada* figurava as turbulentas paixões humanas (παθητικὸν ποίημα, “poema patético”), a *Odisseia* a modesta virtude prática (ἠθικὸν ποίημα, “poema ético”).⁴

² Sobre esse tema, vejam-se vários exemplos no capítulo “*Imitatio* e intertextualidade na literatura latina” do volume *Efeitos Intertextuais na ‘Eneida’ de Virgílio* de Paulo Sérgio de Vasconcellos.

³ Ep. II. 1, 156-7 (tradução de Paulo Sérgio de Vasconcellos, *apud op. cit.*):

*Graecia capta ferum uictorem cepit et artes
intulit agresti Latio*

A Grécia, capturada, capturou seu feroz vencedor e as artes
introduziu no rústico Lácio...

⁴ “La tendenza a considerare allegoricamente i poemi omerici (...) è abbastanza antica. Alcidamante, citato per Aristotile, chiamava l’*Odissea* “un bello specchio della vita umana”; per Aristotile stesso l’*Iliade* raffigurava le turbolente passioni umane (παθητικὸν ποίημα), l’*Odissea* le modeste virtù pratiche (ἠθικὸν ποίημα)”. Sabbadini extrai sua reflexão a respeito de Aristóteles da *Poética* XXIV, 1459c.

O complemento tão perfeito de dois textos do mesmo autor não poderia ser mais fortuito. Se um revela vícios e desmedidas sem fim, o outro mostra como ultrapassá-los, diria uma lição. Tomemos um exemplo prático: o confronto entre as vidas de Ulisses e Aquiles, que parece se adequar perfeitamente ao louvor à virtude, usual em adágios estoicos, conforme nos demonstra Buffière (1973, p. 376):

Um outro aspecto de Ulisses que seduziu os estoicos é sua pouca sorte na vida. Façam o paralelo Aquiles-Ulisses. O primeiro é um privilegiado da fortuna que o encheu de tudo aquilo que se chama comumente de bens: coragem, beleza física, valores esportivos; pais nobres, uma pátria ilustre, a assistência dos maiores deuses; Ulisses recebeu na partilha apenas inteligência e uma alma forte: ele não tem nem a estatura, nem a agilidade de Aquiles; seus pais não são muito celebrados, sua pátria é uma ilha desconhecida, ele é perseguido pelo segundo dos grandes deuses, Poseidon. Ele não será menos glorioso, tanto quanto Aquiles: e sua glória, ele a fará ele mesmo, por força da ‘virtude’.⁵

Tal confronto de heróis recebe menção indireta na *Epístola* I. 2, emoldurada por um discurso προτρεπτικός, ou seja, que *persuade*, como que *estimulando e impelindo à frente*. Notável será a aplicação moralizante, como veremos. Se a *Iliada* mostra despautérios de reis e do povo, paixões desenfreadas e toda sorte de vícios, diz Horácio a Lólio, a *Odisseia* revela, por meio da figura de Ulisses, como é possível domar nossos desejos e paulatinamente nos tornarmos mais sábios.

Esse mesmo Ulisses jamais percorreu uma vida fácil, de plenos prazeres, assim como Hércules, herói tantas vezes evocado pelos romanos; ao contrário, ambos representam a vitória pelo esforço próprio, pela autossuperação, valores que os

⁵ “Un autre aspect d’Ulysse qui a séduit les Stoïciens, c’est son peu de chance dans la vie. Faites le parallèle Achille-Ulysse. Le premier est un privilégié de la fortune qui l’a comblé de tout ce qu’on appelle communément des biens: courage, beauté physique, qualités sportives; de nobles parents, une patrie illustre, l’assistance des plus grands dieux; Ulysse n’a reçu en partage que l’intelligence et une âme forte: il n’a ni la taille ni l’allure d’Achille; ses parents ne sont pas très célèbres, sa patrie est une île inconnue, il est persécuté par le second des grands dieux, Poseidon. Il n’en sera pas moins glorieux, autant qu’Achille: et sa glorie, il la fera lui-même, à force de ‘vertu’.”

versos finais das *Epístolas* I louvam.⁶ Se Hércules simboliza o típico campeão pela força e vigor físico, a Ulisses se podem listar seus vários combates contra as vicissitudes, como se figurassem as incansáveis lutas do homem sábio contra vícios e tentações mundanas – aspecto alegórico de que trataremos adiante.

Nessas circunstâncias, o comentário de Sêneca (*De Constantia Sapientis*, II,

1) atesta a importância dos valores transmitidos pelos dois heróis:

Pro ipso quidem Catone securum te esse iussi; nullam enim sapientem nec iniuriam accipere nec contumeliam posse, Catonem autem certius exemplar sapientis viri nobis deos immortalis dedisse quam Vlixem et Herculem prioribus saeculis. Hos enim Stoici nostri sapientes pronuntiaverunt, invictos laboribus et contemptores voluptatis et victores omnium terrorum.

Quanto ao próprio Catão, ordenei-te estares seguro, uma vez que sobre o sábio nem injúria nem afronta alguma possam incidir; mas os deuses imortais para nós deram Catão, como mais confiável exemplo de homem sábio, mais que Ulisses e Hércules para os séculos anteriores. Pois, a esses, nossos estoicos aclamaram sábios, nunca vencidos pelas dificuldades, desdenhadores do prazer, vencedores de todos os terrores.

Esse Ulisses modelar, exemplo (“quase estoico”) de virtude moral prática, em seu épico de regresso a Ítaca, bem como seu confronto com as vilanias da *Iliada*, é o “mote de leitura” proposto na *Epístola* I. 2, que veremos Horácio recomendar a Lólio. Mas não sejamos ingênuos de pensar que apenas o estoicismo se servia de Homero para ilustrar os propósitos e as lições de sua doutrina – nem inocentes de atribuir essa reflexão à modernidade. Os antigos já reconhecem esse uso “versátil” do texto homérico, adequado aos propósitos de cada secto em particular, como atesta a reflexão do mesmo Sêneca na carta 88 a Lucílio (livro 11, LXXXVIII, 4-8):

Videndum, utrum doceant isti uirtutem an non: si non docent, ne tradunt quidem; si docent, philosophi sunt. Vis scire, quam non ad docendam uirtutem consederint? Aspice, quam dissimilia inter se omnium studia sint: atqui similitudo esset idem docentium. 5 Nisi forte tibi Homerum philosophum fuisse persuadent, cum his ipsis, quibus colligunt, negent: nam modo Stoicum illum faciunt,

⁶ Na *Epístola* I. 20, notem-se os versos 19 a 22, sobretudo esse último: *ut quantum generi demas, uirtutibus addas*, “quanto tiraste ao nascimento, acrescentes aos méritos” – que pode ser lido segundo a chave do *self-made man*.

uirtutem solam probantem et uoluptates refugientem et ab honesto ne immortalitatis quidem pretio recedentem, modo Epicureum, laudantem statum quietae, ciuitatis et inter conuiuia cantusque vitam exigentis, modo Peripateticum, tria bonorum genera inducentem, modo Academicum, omnia incerta dicentem. Apparet nihil horum esse in illo, quia omnia sunt: ista enim inter se dissident. Demus illis Homerum philosophum fuisse: nempe sapiens factus est antequam carmina ulla cognosceret: ergo illa discamus, quae Homerum fecere sapientem. 6 Hoc quidem me quaerere, uter maior aetate fuerit, Homerus an Hesiodus, non magis ad rem pertinet quam scire, cum minor Hecuba fuerit quam Helena, quare tam male tulerit aetatem. Quid? inquam, annos Patrocli et Achillis inquirere ad rem existimas pertinere? 7 Quaeris, Vlixes ubi errauerit, potius quam efficias, ne nos semper erremus? Non uacat audire, utrum inter Italiam et Siciliam iactatus sit an extra notum nobis orbem, – neque enim potuit in tam angusto error esse tam longus: – tempestates nos animi cotidie iactant et nequitia in omnia Vlixis mala impellit. Non deest forma quae sollicitet oculos, non hostis; hinc monstra effera et humano cruore gaudentia, hinc insidiosa blandimenta aurium, hinc naufragia et tot uarietates malorum. Hoc me doce, quomodo patriam amem, quomodo uxorem, quomodo patrem, quomodo ad haec tam honesta uel naufragus nauigem. 8 Quid inquiris, an Penelopa inpudica fuerit, an verba saeculo suo dederit? an Vlixem illum esse, quem uidebat, antequam sciret, suspicata sit? Doce me quid sit pudicitia et quantum in ea bonum, in corpore an in animo posita sit.

Vejam os mestres das artes liberais ensinam ou não a virtude; se não a ensinam, não podem transmiti-la; se a ensinam, então são filósofos. Queres verificar até que ponto é verdade que eles não ensinam a virtude? Repara como a especialidade de cada um difere da de todos os outros; ora, se todos professassem a mesma doutrina haveria semelhança entre eles. A menos que consigam convencer-te de que Homero foi filósofo, quando os próprios argumentos que usam provam o contrário. Às vezes fazem dele um estoico, incapaz de se desviar da conduta moral mesmo a troco da imortalidade; outras vezes um epicurista que aprecia a situação pacífica da cidade e passa a vida entre banquetes e recitais; outras, um peripatético, que considera três categorias de bens; outras ainda, um académico, afirmando que tudo quanto existe é incerto. É evidente que em Homero não existe nenhuma destas teorias simplesmente porque as há todas, e todas diferem umas das outras. Admitamos que Homero foi filósofo: nessa altura, é porque foi um sábio ainda antes de saber o que fosse a poesia; estudemos então as matérias que fizeram de Homero um sábio. Pôr-me a indagar qual dos dois era mais velho, se Homero, se Hesíodo, importa-me tanto como saber por que motivo Hécuba, que de resto era mais nova do que Helena, suportava tão mal o peso da idade. Pois quê? Havemos de considerar matéria de peso saber quantos anos tinham Pátrocolo ou Aquiles? Investigar por onde andou Ulisses errante, em vez de procurar não andar errantes nós? Não há vagar para disrecrear se Ulisses passou tormentas entre a Sicília e a Itália, ou se ultrapassou os limites do mundo conhecido (já que uma errança tão longa mal caberia em tão curto espaço): é quotidianamente que as tempestades da alma nos assaltam, que a perversidade nos arrasta por todos os males por que passou Ulisses. Não faltam coisas belas que nos atraíam perigosamente os olhos, não faltam inimigos. De um lado há monstros cruéis, ávidos de sangue humano; de outro, insidiosas lisonjas aos nossos ouvidos; de outro, naufrágios e calamidades de toda a espécie. Ensina-me a amar a pátria, a esposa, o pai; ensina-me como, mesmo após um naufrágio, eu poderei singrar na vida da honestidade. Para quê indagar se

Penélope foi casta ou não, se com as suas palavras se conseguiu enganar os contemporâneos? Ou se, ainda antes de ter a certeza, ela já suspeitava de que o homem que estava à sua frente era Ulisses? Ensina-me, sim, o que é a castidade, até que ponto ela é um bem, e se está dependente do corpo ou do espírito. (Tradução de J. A. Segurado e Campos, p. 416-8)

Se Sêneca se mostra atento à apropriação estoica, epicurista, acadêmica etc. dos textos homéricos, chegando mesmo a rejeitá-las, Horácio, por sua vez, prefere não rotular tais épicos e, sim, extrair dessa poesia as lições “puras” como guias de seu bem viver. É bem verdade que essa insistência senequiana em extrair dos versos homéricos o máximo de ensinamento moral possível se assemelha, em boa medida, ao que veremos Horácio fazer, na prática, na *Epístola* I. 2, porém sem insitir nesse “excesso de preocupação com a sabedoria” que Sêneca parece pregar a Lucílio, nem se incomodar com isso. Em outra formulação, talvez a preocupação de Sêneca, que evita indagar o que julga serem pormenores do texto homérico (a idade de Aquiles e Pátroclo, por onde andou Ulisses etc.), seja algo próxima da de Horácio – que, contudo não expressa seu “descontentamento” em relação ao debate de tais minúcias (como veremos, o próprio poeta latino diz que no texto homérico há de tudo: *quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non* – Ep. I. 2, 3). Se o poeta latino, por um lado, insiste que seu jovem amigo Lólio comece já a se dedicar aos estudos (Ep. I. 2, 40-1: *sapere aude, incipe*), por outro, ele sabe que é preciso medida adequada, mesmo na busca da virtude⁷ ou da sabedoria.⁸

Nessas circunstâncias, as personagens homéricas no texto horaciano não terão suas idades ou personalidades indagadas – como propõe essa abordagem de Sêneca. Quem sabe é melhor dizermos que, assim como Homero não se preocupou em

⁷ Ep. I. 18, 9: *Virtus est medium uitiorum et utrimque reductum*, “A virtude está no meio dos vícios, afastada a igual distância de um e outro”.

⁸ Ep. I. 6, 15-6: *Insani sapiens nomen ferat, aequus iniqui, ultra quam satis est uirtutem si petat ipsam*, “Que o sábio leve o nome de insano, o justo de injusto, caso busque a própria virtude além do que é suficiente.”

definir a natureza do bem, a origem ou a essência da coletividade, a substância da justiça, dentre outros questionamentos caros aos filósofos, Horácio parece também se esquivar dessas questões para se preocupar apenas em extrair dos gregos suas lições morais de vida. Enfim, essas são algumas das reflexões que tentaremos cursar, cotejando as epístolas latinas de Horácio aos épicos gregos de Homero.

Na *Epístola* II. 2, 41-4, Horácio escreve a Floro (o mesmo destinatário da Ep. I. 3, segundo se infere) confessando que foi cedo em sua educação que travou contato com Homero. Eis o que diz o poeta:

*Romae nutrir mihi contigit atque doceri
iratus Grais quantum nocuisset Achilles.
Adiecere bonae paulo plus artis Athenae,
scilicet ut uellem curuo dinoscere rectum
atque inter siluas Academi quaerere uerum.* (Ep. II. 2, 41-5)

Em Roma aconteceu de eu ser educado e de aprender
quanto o irado Aquiles prejudicou os gregos.
Acrescentou a boa Atenas um pouco à minha cultura,
de tal forma que eu deseje distinguir o curvo do reto
e, entre os bosques da Academia, buscar a verdade.

Não nos cabe investigar elementos tão importantes dessa carta a Floro – não é esse nosso enfoque nesta dissertação –, cheia de nuanes literárias entremadas a confissões pessoais: poderíamos pensar, por exemplo, a quanto tempo Horácio conhece Homero, ou como lida, desde jovem, com escolas e conceitos filosóficos gregos. Não o façamos para não perder nosso rumo. Apontemos apenas que essa menção que citamos é uma das diversas vezes em que Horácio fala de Homero, menciona-lhe alguma personagem, cita ou traduz algum trecho épico.

Caberia, então, perguntar se aparecem, ainda que de modo passageiro, outras menções e alusões ao textos homéricos nas demais cartas horacianas do livro I. Se sim, como? Que papel, pois, desempenha Homero no conjunto dessa obra horaciana? Se “a influência de um livro nunca é simples e direta”, como diz Alberto

Manguel (2008a, p. 89), posto que haja dificuldades, é preciso abrir caminhos e trilhá-los para que se vasculhem não as “influências” propriamente, mas os possíveis intertextos e seus sentidos.

Eis o que buscamos debater a seguir.

Alguns exemplos nas *Epístolas* I

É bem de ver que um comentador moderno se servirá do trabalho daqueles que o precederam no mesmo afã, e os citará amiúde textualmente.

Erich Auerbach, *Introdução aos estudos literários*, p. 39

Nem todas as epístolas desse conjunto possuem citações textuais tão diretas dos épicos de Homero como as possui a *Epístola* I. 2; por isso, nem todas seguem comentadas. Recolhemos, assim, apontamentos de comentadores e estudiosos que realcem citações e alusões mais ou menos sutis, acrescidas de algumas de nossas considerações.

Organizamos o estudo de modo a se vislumbrar certa coerência no conjunto de menções a Homero. Por isso inciamos nossos comentários com a *Epístola* I. 1, com o intuito de perceber como suas alusões sutilíssimas progridem em direção à carta seguinte – e um certo “vazio” ou “silêncio” percebido nessa progressão pode ser preenchido pela leitura sequencial da obra. À provocação horaciana feita ao início da *Epístola* I. 2, acrescentamos um confronto de passagens-chaves da *República* de Platão que dialogam com a proposta de leitura alegórica que poeta latino faz da épica grega. A seguir, anotamos com vagar os versos que citam textualmente os dois épicos, apontando reflexões diversas. Reunimos, por fim, em partes que ora agrupam menções, ora trabalham-nas isoladamente em suas cartas, as demais menções ao texto e à figura do poeta Homero no conjunto das *Epístolas* I.

Ao confrontar muitas das passagens e perceber certos efeitos de sentido em tal confronto não nos eximimos, no presente texto, nem de repetir os versos latinos de Horácio anteriormente traduzidos, nem de trazer alguns trechos em grego, tanto da *Ilíada* quanto da *Odisseia*, bem como da *República* platônica, ou outras passagens em latim, ora com nossas traduções, ora com a de outros estudiosos e poetas, sempre acompanhadas das devidas referências.

Epístola I. 1: um “silêncio homérico”

Há cousas que melhor se dizem calando.
Machado de Assis, *Mem. Póst. de Brás Cubas*, CXL

“O mais harmonioso dos livros de Horácio”, nas palavras de Eduard Fraenkel (1957, p. 309), cuja epístola de abertura é sem dúvida a mais comentada, citada e debatida de toda a coleção, inicia-se com um habitual louvor a Mecenas:

*Prima dicte mihi, summa dicende Camena,
spectatum satis et donatum iam rude quaeris,
Mæcēnās, it̄erum āntīquō || me īnclūdērē lūdō?* (Ep. I, 1, 1-3)

Principiei por ti e a ti deverei cantar minha última Camena,
tendo sido assaz admirado e premiado já com o bastão, procuras,
Mecenas, de novo encerrar-me nesse antigo jogo?

O louvor foi dito acima “habitual”, porque obras anteriores às *Epístolas I* também se iniciam com um primeiro texto dedicado a tão caro amigo e “protetor”. A homenagem, contudo, não é sempre a mesma: nem toca os mesmos temas, tampouco usa as mesmas palavras. Ao contrário, parece interpelar Mecenas com algo distinto e renovador: ora ressalta a afeição entre ambos, ora lança perguntas “filosofantes”, ora destaca a origem nobre do *patronus*. Se o primeiro *Epodo*⁹ começa com o singelo anúncio do receio que “sente” o poeta ante a partida do

⁹ Como não é nosso intuito discutir todos os inícios das obras à exaustão, citamos apenas uns poucos primeiros versos. *Epodo 1, 1-6* (tradução de Paulo Sérgio de Vasconcellos *apud* NOVAK, M. da G.; NERI, M. L., 2003, p. 91):

*Ibis Liburnis inter alta navium,
amice, propugnacula,
paratus omne Caesaris periculum
subire, Maecenas, tuo:
quid nos, quibus te vita sit superstite
iucunda, si contra, gravis?*

Irás, em liburnas, entre navios de altas
torres, amigo,
disposto a enfrentar todos os riscos de César,
ó Mecenas, com teu próprio risco.
E quanto a nós, para quem a existência só será agradável
se estiveres vivo, caso contrário, um peso?

amigo; se a primeira *Sátira* I¹⁰ principia propondo a Mecenas uma indagação sobre o inconstante (des)contentamento dos homens; se a primeira *Ode* I¹¹ inicia-se com um solene louvor de Mecenas e de seus ascendentes, elencando a seguir diferentes ideais de vida; o tributo que abre a primeira das *Epístolas* I, ainda que também cite o nome do *patronus* logo aos primeiros versos, destoa desses outros proêmios.

A menção aos versos anteriormente cantados e a promessa de novas homenagens, em versos ainda por vir (promessa aparentemente não realizada por Horácio), cumprem o papel não só de relembrar ao amigo os “textos-homenagens” precedentes, mas sobretudo de alertar sobre a mudança que há de surgir na própria obra do “protegido”. Todo o verso 2 prenuncia uma espécie de cansaço do poeta (notemos, além do advérbio *satis* aplicado a *spectatum*, a expressão *donatum iam rude*), por meio da imagem dum gladiador “aposentado”, que se reforçará nos versos seguintes. Notemos ainda que, embora estejam ambos presentes, poeta e protetor, com seus respectivos étimos¹² no mesmo verso (outra novidade nessa

¹⁰ *Sátira* I. 1, 1-3 (tradução de Antônio Luís de Seabra, s/d., p. 19):

<i>Qui fit, Maecenas, ut nemo, quam sibi sortem</i>	Mecenas, donde vem, que satisfeito
<i>seu ratio dederit seu fors obiecerit, illa</i>	Ninguém vive no estado, que elegera,
<i>contentus vivat, laudet diversa sequentis?</i>	Ou que a sorte lhe dera: e aplaude aqueles
	Que a diverso propósito se aplicam?

¹¹ *Ode* I. 1, 1-2 (traduções de Elpino Duriense *apud* PÉREZ, J., 1941, p. 21, primeira, e Bento Prado de Almeida Ferraz, 2003, p. 9, a seguir):

<i>Maecenas atavis edite regibus,</i>	De reis avós Mecenas descendente,
<i>o et praesidium et dulce decus meum,</i>	Ó meu amparo, ó doce glória minha:

Mecenas, meu apoio e minha glória,
claro rebento de uma régia estirpe,

Ainda sobre a demonstração de afeto do poeta com seu protetor, ao final da *Epístola* I. 1, ao retomar a interlocução direta com Mecenas (v. 94 e ss.), Horácio chama-o *rerum tutela mearum* (“protetor de meus bens” – verso 103). Anna de Pretis (2002, p. 48-50) desenvolve mais longamente a relação entre a *Ode* I. 1 e essa epístola. McGann (1969, p. 33) sugere o confronto com o *Carmen Saeculare*: “sua celebração anterior de Mecenas como um adorador revoca atos de piedade precedentes” ~> [“his former celebration of Maecenas as a worshipper recalls former acts of piety”].

¹² Notem-se, no verso 3, *Maecenas...me*, separados por uma cesura fraca no 4º pé.

abertura), uma mudança de rumo poético é proposta, subentendida no “questionamento da reinclusão” (*quaeris iterum me includere...?*). Em outras palavras, as três linhas iniciais, assim como toda a epístola, tanto prestam uma homenagem, a qual recorda versos passados e promete alusões futuras, quanto fazem uma sutil admoestação: há de surgir um novo texto, um novo tipo de poema.

“O primeiro poema de uma coletânea e os primeiros versos de uma obra poética na literatura antiga”, como explica Paulo Sérgio de Vasconcellos (*apud* MENDES, O., *Bucólicas*, 2008, p. 40), “têm caráter programático: revelam a filiação do poeta a uma tradição genérica, a um predecessor ilustre, a uma arte poética particular.” Deste modo, cabe-nos buscar tal filiação. Uma interessante e rica vereda intertextual foi proposta e traçada por Marcos Martinho dos Santos (1997, p. 46-51). A “digressão” levou o estudioso às “águas de Homero”,¹³ mais precisamente ao início do discurso de Nestor a Agamêmnon no canto IX da *Ilíada*:

Ἀτρεΐδη κύδιστε ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγάμεμνον
ἐν σοὶ μὲν λήξω, σέο δ' ἄρξομαι, ... (*Ilíada* IX, 96-7)

Ó Atreide honradíssimo, ó rei dos homens, Agamêmnon,
em ti terminarei, por ti começarei, ...

Não é inválido rememorar o começo dessa cena: Agamêmnon reunira em sua tenda os gregos notáveis, era preciso ouvir os conselhos do concílio. Um banquete, como de costume, é preparado. Nestor é o primeiro a saciar sua fome e seu desejo por vinho (v. 92) e, em sua sabedoria (v. 94: οὗ καὶ πρόσθεν ἀρίστη φαίνετο

¹³ Remigio Sabbadini (1970, p. 4) aponta essa mesma alusão.

βουλή, “em quem primeiro a determinação parecia a melhor”¹⁴), inicia o pronunciamento que sugerirá a proposta de paz com Aquiles (v. 96-113).

Não obstante outras vias intertextuais,¹⁵ é possível traçar um paralelo direto entre o verso inicial das *Epístolas* I e a passagem citada da *Iliada*. Assim como Horácio dirige-se a Mecenas, Nestor dirige-se a Agamêmnon, em posições passíveis de comparação: os homens “tidos como mais sábios” aconselhando seus “superiores”; os “mais versados no discurso”, seja poético, seja admonitório, prometendo falar de seus homenageados; ambos declaram em suas “falas” que primeiro haviam principiado por esses mesmos homenageados; e os dois sugerem mudanças em curso, um mais, outro menos diretamente. Ao evocar tal relação, certa pompa ilustre, que nos parece revestir a fala de Nestor na passagem homérica, poderia também passar a se aplicar aos versos horacianos, os quais se mostram orgulhosos por se dirigirem com tanta intimidade à figura de Mecenas, sem jamais negligenciarem a liberdade e o autocontrole da *persona*-poética horaciana, como se pode ler, no questionamento do “retorno ao velho jogo”.

Esse primeiro poema programático parece realmente, como observa Mayer (1994, p. 110), “projetado para oferecer ao leitor uma antecipação da coleção inteira”.¹⁶ Direta já em sua abertura, cujos temas diversos reaparecerão em cartas subsequentes, a *Epístola* I. 1 não raro é lida como uma *apologia à filosofia* ou uma *antecipação à virada moral* tornadas públicas por Horácio. Contudo, as provocações lançadas por Gordon Williams (1968, p. 1-6) nos obrigam a repensar

¹⁴ Tentamos ser o mais “literal” possível. Mais sonoro é Odorico Mendes (“o que antes sábio/tanto agradara”: I-OM, 73-4); mais guiado pelo original, Carlos Alberto Nunes (“cujá opinião, desde muito, era sempre julgada a mais certa”: I-CAN, 94); mais enxuto, Haroldo de Campos (“príncipe em conselhos”: I-HC, 93, referindo-se mais concretamente à μῆτιν no verso grego anterior).

¹⁵ Para tal, veja a “digressão” proposta por Marcos Martinho dos Santos (1997, p. 46-8), que, além de Homero, relaciona Teócrito e Virgílio, depois Calímaco e Propércio, aos versos iniciais da epístola.

¹⁶ “designed to offer the reader a foretaste of the whole collection”.

avaliações imediatas ou “historicamente” embasadas (às vezes imaginadas, conjecturadas, supostas ou pré-estabelecidas) do texto, e a fazer ecoar, a cada releitura, dúvidas latentes (resultado não necessariamente ruim):

O que é impossível, nessas circunstâncias, é entender com alguma precisão a intenção do autor, a maneira como ele desejou que a obra fosse lida, sua seriedade, seu humor, mordacidade ou ironia. (...) É sempre difícil dizer o que se entende por ‘publicação’ no mundo antigo e (...) é difícil julgar o tom de um autor sofisticado, antigo ou moderno: compreensão, ironia, exagero, humor são difíceis de detectar. (...) Há algum meio de decidir sua data? (...) não há nada no poema para apoiar a hipótese de que Horácio escreveu-a [Ep. I. 1] mais tarde, encobrindo intencionalmente o desgosto e a frustração sentida na recepção de sua obra lírica. (...) De forma patente o poema é endereçado a Mecenas; mas de fato, sua maior parte é endereçada a um representante sem face da espécie humana. Consequentemente, uma distinção pode ser feita entre a finalidade dramática da carta (...) e o verdadeiro tema do poema.¹⁷

Uma leitura que se atenha ao material linguístico disponível (e talvez o único confiável), o texto, e que proponha relações com outros textos (no nosso caso, os épicos homéricos), com o intuito de expandir a compreensão articulada de ambos, sem jamais intentar verdades absolutas ou sentidos exclusivos nesses discursos, mostra-se uma alternativa menos improdutiva ou suspeita.

Roland Mayer (1994, p. 100), por exemplo, propõe um sutil eco de uma expressão homérica no início do verso 59 da epístola. Diz o texto horaciano:

*Est animus tibi, sunt mores, est lingua fidesque,
sēd quādrīngēntīs || sēx sēptēm mīllā dēsūnt:
plebs eris.* (Ep. I. 1, 57-9)

¹⁷ “What is impossible, in these circumstances, is to understand with any precision the intention of the author, the way in which he wished the work to be read, his seriousness, his humour, bitterness, or irony. (...) It is always hard to say what is meant by ‘publishing’ in the ancient world and (...) is hard to judge the tone of a sophisticated writer, ancient or modern: understanding, irony, exaggeration, humour, are difficult to detect. (...) Is there any means of deciding its date? (...) there is nothing in the poem to support a hypothesis that Horace wrote it late, deliberately concealing the chagrin and frustration felt at the reception of his lyric poetry. (...) Ostensibly the poem is addressed to Maecenas; but in fact, the major part of it is addressed to a faceless representative of human kind. Consequently a distinction may be made between the dramatic purpose of the letter (...) and the real theme of the poem.”

Tu tens espírito, tens bons costumes, tens eloquência e virtude,
mas, para os quatrocentos mil, faltam seis ou sete mil sestércios:
serás plebe.

Embora sejam encadeados tantos elogios, depreende-se certa preocupação excessiva com o dinheiro (não sem algum pedantismo: o peso dos cinco espondeus no verso 58, além do recorrente som sibilante que o marca e prossegue): o pouco que falta ao montante necessário para se tornar um equestre, na verdade, reafirma a condição de homem da plebe, um ninguém entre muitos – invalidando os louvores iniciais.

Já na *Iliada*, no canto XII, após a espantosa visão do golpe de contra-ataque que uma cobra monstruosa aplica na águia que a carregava sob as garras, segundo o épico, uma cena-prenúncio de algo terrível por vir, Polidamante diz a Héctor:

Ἔκτορ ἀεὶ μὲν πῶς μοι ἐπιπλήσσεις ἀγορησῖν
ἔσθλα φραζομένῳ, ἐπεὶ οὐδὲ μὲν οὐδὲ ἔοικε
δῆμον ἑόντα παρέξ ἀγορευέμεν, οὔτ' ἐνὶ βουλῇ
οὔτε ποτ' ἐν πολέμῳ, σὸν δὲ κράτος αἰὲν ἀέξειν: (*Iliada* XII, 211-4)

Sempre te contrapões a mim, ó Priâmeo, na ágora,
ainda quando eu proponha boas coisas. Ninguém
do povo há de erguer contra ti, na ágora, a voz,
ou na guerra, mas sim acrescentar tua força. (I-HC, 210-3)

O uso de δῆμος para realçar *um comum*, um qualquer da “plebe”, na expressão δῆμον ἑόντα (“sendo *um* do povo”), segundo Mayer (1994, p. 100), é igualmente incomum quanto *plebs* por *plebeius* na expressão horaciana *plebs eris* do verso 59 da epístola. A alusão proposta pelo comentador parece-nos sutilíssima, quase imperceptível, mas não menos plausível ou interessante. Ressaltemos que ambas expressões iniciam respectivamente seus versos com uma menção nominal ao *povo*, seguida por uma forma verbal: o texto grego usa um particípio no acusativo (ἑόντα), o latino um futuro na 2ª pessoa do singular (*eris*).

A extrema sutileza da alusão dá indícios da gradativa aparição das menções aos épicos homéricos no decorrer da obra. Há uma presença latente no conjunto, tanto a *Ilíada* quanto da *Odisseia*, percebida inicialmente em tais sutis relações intertextuais, que se intensificam sobretudo na passagem da primeira para a segunda epístola – e não por acaso. Talvez se possa dizer que há uma “menção velada” aos épicos homéricos nessa epístola introdutória, sugerida tanto pela ausência de um “guia filosófico” expresso, como veremos a seguir, quanto pela disposição das cartas no conjunto da obra. Em outras palavras, pode-se perceber o cuidado horaciano de não se deixar filiar a nenhum mestre ou escola filosófica, ainda que sejam insistentes tanto as indagações sobre seus rumos filosóficos, quanto os enunciados com lições de natureza moral; ao mesmo tempo, um “silenciamento” das alusões aos épicos homéricos, alusão que se notou já no primeiro verso do volume, vai dando lugar a sutis “lampejos de citação” nessa carta inicial, emergindo plenamente na *Epístola* I. 2 e reaparecendo em outros trechos esparsos da obra.

No desenrolar dessa epístola primeira, nota-se a lacuna na pergunta que ecoa: “quem guia o poeta?” – desde o início, ao verso 13 (*quo me duce*, “quem me lidera”), até a última parte do poema, ao verso 76 (*quid sequar aut quem?*, “quem ou o que devo seguir?”). Expresso de outro modo, a *persona*-poética de Horácio, ao persistir nos questionamentos, não enuncia qual secto ou escola pretende seguir em tal “mudança de conduta”, proposição dos versos iniciais da *Epístola* I. 1. Ao contrário, refuta de antemão a interrogação conjecturada, seja pelo leitor, seja pelo próprio Mecenas:

*Ac ne forte roges quo me duce, quo Lare tuter;
nullius addictus iurare in uerba magistri,
quo me cumque rapit tempestas, deferor hospes.* (Ep I. 1, 13-5)

Mas não rogues acaso quem me lidera, sob qual Lar me asseguro;
não estou obrigado a jurar nas palavras de um mestre,
por onde me arrasta o tempo, deixo-me levar como um hóspede.

Ao se eximir dos juramentos, o poeta não só declara sua independência filosófica, como também reitera a imagem do gladiador aposentado (*Veianius* nos versos de 4 a 6), classe que também costumava jurar ao *magister* do *ludus gladiatorius* em que treinava.¹⁸ Se gladiadores e ingressantes nas escolas filosóficas proclamavam o vínculo a seus líderes, Horácio esquivava-se com esmero desses juramentos mencionando, a seguir, sectos e líderes filosóficos diversos.

A alternância das proposições encabeçadas por *nunc* (v. 16 e 18) parecem menos marcar filiação do que aleatoriedade. Se, no verso 16, *agilis* (segundo Dilke, 1980, p. 73, tradução do grego πρακτικός) e *ciuilibus undis* (“em ondas civis”) soam como palavras típicas de preceitos estoicos, orientados para o conceito de uma ativa vida pública em meio à “verdadeira virtude” (Préaux, 1968, p. 31), a menção ao líder filosófico Aristipo, fundador da escola cirenaica, célebre por seu hedonismo, no verso 18, destoa de qualquer “retidão” filosófica. Ora, por que mencionar o filósofo? Nas palavras de Roland Mayer (1986, p. 64), de cujo ensaio intitulado “Horace’s *Epistles* I and Philosophy”¹⁹ somos tributários: “sugiro que Horácio escolheu Aristipo porque ele era um hedonista, e também porque o secto Cirenaico não era mais uma força”.²⁰ Assim, num curto trecho da mesma epístola, lado a lado se posicionam estoicismo cívico e hedonismo decadente. Cumpre notar que em tal aproximação não há propriamente um ecletismo filosófico, como reitera Mayer (1986, p. 64–5), postura que possuía regras e padrões devidos:

Pelos padrões antigos, Horácio não era nem mesmo um eclético, porque sua escolha de preceitos dos vários sectos não formam uma unidade coesa como um sistema. Um

¹⁸ Mayer (1994, p. 91) reforça tal sentido citando Petronônio, *Satyricon* 117.5: *legitimi gladiatores domino corpora animasque religiosissime addicimus*, “como legítimos gladiadores, a nosso senhor consagramos solenemente nossos corpos e almas”.

¹⁹ *American Journal of Philology*, n. 107 (1986 Spring), p. 55–73.

²⁰ “I suggest that Horace chose Aristippus because he was a hedonist, and also because the Cyrenaic sect was no longer a force.”

sistema pode ser ensinado; os ensinamentos de Horácio funcionam apenas para amigos particulares, em situações particulares, e para ele próprio (e, enfim, nem sempre confiavelmente). (...) Ele não é portanto um verdadeiro filosófico eclético.²¹

Portanto, o aparente confronto dos “sistemas filosóficos” citados, por meio da proximidade dos étimos e dos versos, visa não ao ecletismo, mas sim à fuga de qualquer filiação. Notemos que até o vocabulário ‘sentencioso’ parece escolhido de modo a não se deixar filiar: *et mihi res, non me rebus subiungere conor* (“e procuro, não submeter-me às coisas, mas as coisas a mim”) – não apenas aqui ou nessa epístola, mas em toda a coleção, como avalia Mayer (1986, p. 61):

É notável (para mim) que nas *Epístolas* Horácio consiga, em geral, evitar tal linguagem grosseiramente técnica, e nunca pergunte qual é o τέλος do bem. Foi preciso algum vigor para se livrar tanto das respostas quanto das perguntas dos sectos.²²

Caso antecipemos a sequência de epístolas, podem-se encontrar os nomes de Crisipo, um Estoico notável, e Crantor, um Acadêmico, ambos naturais da cidade de Solis (na Cilícia), e os dois rejeitados em prol dos épicos homéricos. O tom de provocação dos versos 2 a 4 da *Epístola* I. 2 pode propor um instigante debate com certas colocações de Sócrates na *República* de Platão, que menoscaba, via de regra, a poesia como instrumento confiável de ensino – ponto de que trataremos a seguir.

Caberia reiterar que as lições proferidas por Horácio revelam-se de cunho pessoal, não se coordenam para configurar um sistema ou uma doutrina, sequer um breviário. Apontemos dois exemplos para não só notar a particularidade dos destinatários, mas para também ampliarmos o leque de sectos mencionados pelo

²¹ “By ancient standards, Horace was not even an eclectic because his choice of precepts from various sects does not hang together as a system. A system can be taught; Horace’s instruction works only for particular friends in particular situations and for himself (and then not always reliably). (...) He is not therefore a true philosophical eclectic.”

²² “It is remarkable (to me) that in the *Epistles* Horace manages to avoid such baldly technical language in the main, and he never asks what the τέλος of the good is. It took some energy to cut free from both the answers and the questions of the sects.”

poeta, sem propriamente lhes aderir. Para tal, que o leitor nos permita confrontar dois trechos de duas outras epístolas desse primeiro volume:

1) Rumo ao final da carta a Álbio (Ep. I. 4), Horácio aconselha seu amigo a se alegrar, aproveitando intensamente cada instante, em versos que, segundo as palavras de um Fraenkel (1980, p. 325) enternecido, “são tão cheios de vigor e profundo sentimento e cujas palavras dispõem-se com tão perfeita harmonia que depositam-se em nossa memória para sempre”:²³

*Intēr spēm cūrāmq̄, || tīmōrēs intēr ēt irās
omnem crede diem tibi diluxisse supremum;
grata superueniet quae non sperabitur hora.* (Ep. I. 4, 12-4)

Entre esperança e preocupação, entre temores e iras
crê que todo dia raiou para ti como o último;
grata virá a hora que não é esperada.

Um dos passos mais conhecidos das *Epístolas* I. Depois de haver enumerado as qualidades e vantagens (*forma, diuitia, ars fruendi*, v. 6-7, além de *sapere, fari, gratia, ualetudo, mundus uictus*, v. 9-11) de que dispõe seu amigo-poeta (*scribere*, v. 3), mas antes de propriamente proferir seu conselho, Horácio coloca em evidência típicas conturbações do espírito humano usando a própria concretude de sua enunciação: atentemos, além dos quatro acusativos (*spem, curam, timores, iras*) que dão nome a atribuições distintas e comuns, para a dissimetria entre os dois hemistíquios do verso 12 (notem-se as posições e quantidades da preposição *inter*, além das coordenações com *-que* e com *et*), ao que cabe acrescentar a expressividade do encadeamento consoante-vogal (*timores inter et iras*), espécie de *sandhi* a realçar a fusão das agruras.²⁴ Pintada essa cena tão angustiante, o poeta

²³ “the three lines (...) are so full of vigour and deep feeling and worded with such perfect harmony that they sink into our memory for good”.

²⁴ Kilpatrick (1986, p. 59-60), retomando M. von Albrecht, comenta a impressionante variedade rítmica (10 das 16 combinações possíveis nos quatro primeiros pés do hexâmetro) nos versos iniciais

aconselha, em versos que operam “índices básicos do discurso lírico”²⁵ (ou seja, “o agora, o dia” figurando o efêmero: *diem supremum* e *grata hora*, além do verbo *dīlūxīssē*, enfático e diluindo-se em sua breve final), a fruição de cada momento, admoestação nada inédita no conjunto da lírica horaciana, por meio duma condição paratática: se passares a crer que todo dia é teu último, horas inesperadas serão gratas... Se o amigo anda cabisbaixo, que se alegre, aproveitando bem cada instante do dia; assim, surge o convite.

Ao final da carta, após convidar seu amigo para visitar-lhe (*me uises*, “que venhas me ver”, v. 15), nas derradeiras palavras do último verso, Horácio chega a se denominar “porco da grei de Epicuro” (*Epicuri de grege porcum*), imagem que recordará, graças a menção ao mesmo animal (mas não com o mesmo vocábulo!), a descrição dos companheiros de Ulisses (*amica luto sus*, “porco amigo da lama”, Ep. I. 2, 26), como veremos adiante, e que talvez seja retomada, ao final da coleção, por um “novo epíteto”: gordo Feácio (*pinguis Phaeax*, Ep. I. 15, 24). Contudo, essa autodenominação horaciana na epístola-convite dirigida a Álbio soa menos ortodoxa e sistemática do que prazenteira: o poeta não propaga ensinamentos de Epicuro nem deles faz apologia, tampouco pretende convencer seu destinatário de uma ou outra filiação de âmbito filosófico.²⁶ Ele conclui nomeando a si próprio um “porco de um conjunto”, em oposição a seu amigo-poeta que é descrito como se estivesse taciturno, a caminhar lentamente (ou melhor, “a se arrastar”) por entre

dessa curtíssima epístola, reflexão linguística que muito acresce à interpretação: a descrição do *esprit* do destinatário também se realça ritmicamente.

²⁵ A expressão é de Francisco Achcar (1994, p. 59).

²⁶ Como diz Kilpatrick (1986, p. 58): “Mas a epístola 1.4 não é uma chamada para um epicurismo doutrinário, não mais que uma séria repreensão dos gostos poéticos de Álbio. (...) O epicurismo dessa prescrição é tratado com bem-humorado distanciamento – como uma delicada e gentil forma de permitir que Álbio entre em contato com o conselho de Horácio.” ~> [“But Epistle 1.4 is not a call to doctrinaire Epicureanism any more than a serious reproof of Albius’ poetic tastes. (...) The Epicureanism of this prescription is treated with humorous detachment – as a tactful and gentle way of allowing Albius to come to terms with Horace’s advice.”].

bosques salutareis (*tacitum siluas inter reptare salubris*, v. 4), imagem de solidão e tristeza. O convite é pessoal, é bom que se diga, e incita Álbio a alegrar-se e a fazer-lhe uma visita, na busca tanto de companhia quanto de algum prazer – sem pretensões de apostolar ou doutrinar o amigo. Refletindo também sobre o emprego genérico da epístola, diz Anna de Pretis (2002, p. 127), em instigante abordagem:

a oposição, dessa vez, não é entre cidade (*negotia*) e paisagem (a filosofar), mas entre duas diferentes paisagens, dois caminhos filosóficos diferenciados, o epistolar (aquele de Horácio), caracterizado por relatividade e troca, e aquele de Álbio, revestido de exagero e isolamento. Quando Horácio convida Álbio para encontrá-lo ele está reivindicando os méritos do gênero epistolar.²⁷

Enfim, mais um secto filosófico mencionado, ao qual Horácio não se filia nem se deixa vincular propriamente.

2) Ao início da *Epístola* I. 6, dirigida a Numício, Horácio escreve:

*Nil admirari prope res est una, Numici,
solaque quae possit facere et servare beatum.* (Ep. I. 6, 1-2)

Nada admirar, Numício, é provavelmente a única coisa
(e só ela) que pode trazer e conservar a felicidade.

A sugestão horaciana é de serenidade, propõe uma certa atitude impassível, imperturbável, que visa à tranquilidade. Como apontaram Dilke (1980, p. 92-3) e Mayer (1994, p. 143-4), a expressão *nihil admirari* traduz a máxima grega τὸ μηδὲν θαυμάζειν (“não espantar-se com nada”),²⁸ adotada – com denominações particulares – em escolas filosóficas diversas desde os pitagóricos, passando por Demócrito (*athambia*), por Epicuro e cétricos (*ataraxia*), bem como por Estoicos

²⁷ “The opposition, this time, is not between city (*negotia*) and countryside (philosophizing), but between two different countrysides, two differing philosophical paths, the epistolary one (that of Horace), characterized by relativity and exchange, and that of Albius, invested with exaggeration and isolation. When Horace invites Albius to meet him he is vindicating the merits of the epistolary genre.”

²⁸ Plutarco, *Moralia* 44b *apud* Mayer (1994, p. 143-4).

(*apatheia*). Como nota Courbaud (1911, p. 105), é um “preceito da sabedoria antiga”.²⁹ Ademais, amplo questionamento poderia ser feito, por parte de um filósofo, para o trecho *facere et seruire beatum*: Horácio evita fazê-lo. Parece-nos admirável que expressões horacianas, a um só tempo, não se alonguem em longas explanações, nem permitam filiações filosóficas exclusivas. Horácio muito provavelmente havia escolhido “a dedo” essa fórmula inicial tão isenta. Perpassando um *tópos* caro a diversos grupos filosóficos, o poeta latino consegue, ainda sim, se mostrar independente em sua recomendação.

Ao final dessa mesma epístola, a carta orienta Numício não apenas à prática da contemplação serena, mas também à fruição de uma vida de prazeres, evocando conselhos de outro poeta, Mimnermo:

*Si, Mimnermus uti censet, sine amore iocisque
nil est iucundum, uiuas in amore iocisque.* (Ep. I. 6, 65-6)

Se, como julga Mimnermo, sem amor e jogos
nada é prazeroso, vivas em amor e jogos.

Se a repetição é notória (*amore iocisque*, ora com *sINE*, ora com *in*) e reforça a necessidade de tais prazeres, a lição parece particularíssima: que se viva com os prazeres do amor e dos jogos, e que simultaneamente se evitem aquela admiração ou surpresa, aquele pasmo ou espanto, seja diante desses mesmos prazeres, seja diante de qualquer outra coisa, para que continue sendo feliz. Algo muito pouco próximo de um sistema ou de uma doutrina que reflita sobre a felicidade e vise a ela conduzir. Como diz Roland Mayer (1995, p. 156-7) ao final da *Epístola* I. 6:

Até agora Horácio não mostrou nenhum interesse em uma abordagem sistemática para a busca de uma boa vida. Ele mencionou em I, II e IV alguns dos principais sectos, Estoicos, Acadêmicos e Epicuristas, mas por fim evitou vincular-se a qualquer escola, e **preferiu deixar-se guiar pela poesia** (II), a que ele retorna nessa epístola com

²⁹ “Il serait plus exact de dire que c’était *un précepte de la sagesse antique*.” (*grifo nosso*).

reminescências de Hesíodo, Sófocles, Homero e Mimnermo. (...) Com efeito, a carta justifica a postura eclética enunciada no início da primeira epístola. O mote do próprio Horácio, *nil admirari*, não é de fato propriedade de nenhuma escola contemporânea, outra indicação (como seu vínculo com Aristipo) de sua abordagem independente. (**grifos nossos**)³⁰

Ora, nota-se o esforço em evitar tanto os termos marcados quanto os questionamentos de conceitos-chaves filosóficos, que exigiriam desenvolvimentos e explicações. Ao contrário, seus conselhos – quando há – são simples, diretos, sem circunlóquios. Assim, ressaltar vínculos a qualquer escola filosófica, de modo irrestrito ou nuançado, como sugere McGann numa breve passagem,³¹ nos parece bem pouco apropriado segundo essa leitura do conjunto das *Epístolas* I.

Retornemos, enfim, à *Epístola* I. 1: em seu desenrolar não há novas menções a escolas, grupos ou sectos filosóficos que haveriam de guiar o poeta. Conforme enunciado por Horácio nos versos 36-40, em especial em seu trecho final (*nemo adeo ferus est, ut non mitescere possit, / si modo culturae patientem commodet aurem*, “ninguém é tão selvagem que não possa se abrandar, / caso empregue ouvido paciente à cultura”), o conceito de **filosofia** parece desenvolver-se num sentido amplo – “a prática do exame de consciência, os estudos pessoais, as estadias prolongadas no campo”,³² como escreve Edmond Courbaud (1914, p. 59). Algo próximo ou semelhante ao que propõe Cícero nas *Tusculanas*: *cultura animi*

³⁰ “Up to now [Ep. I. 6] Horace has shown no interest in a systematic approach to the search for the good life. He referred in I, II and IV to some of the leading sects, Stoics, Academics and Epicureans, but after all he refrained from attaching himself to any school and clung rather to the guidance of poetry (II), to which he reverts in this epistle with reminiscences of Hesiod, Sophocles, Homer and Mimnermus. (...) In effect, the letter justifies the eclectic stand enuntiated at the beginning of the first epistle. Horace’s own motto, *nil admirari*, is not in fact owed to any contemporary school, another indication (like his attachment to Aristippus) of his independent approach.”

³¹ McGann (1969, p. 9): “(...) ele é, ou está tentando ser, um estoico *sapiens* no estilo romano, tal como o jovem Catão procurou sê-lo.” ~> “[“(...) he is, or is trying to be, a Stoic *sapiens* in the Roman style, such as the younger Cato sought to be”].

³² “(...) la pratique de l’examen de conscience, les études personnelles, le séjour prolongé aux champs”.

philosophia est, “filosofia é o cultivo da alma” – sem a mesma “precisão terminológica”.³³ Entretanto, nada impede que questionamentos se repitam: enfim, “a quem ele segue”, “como ou por quem ele se deixa guiar” – perguntas da própria carta. Como respondê-los? O próprio verso 76 indaga: *nam quid sequar aut quem?* (“então, quem ou o que devo seguir?”).

Ora, é a própria sequência das epístolas que pode preencher tais lacunas: um espaço vazio ou uma dúvida na precedente se esclarece na epístola sucessora, ideia que traduz a formulação de Mayer (1986, p. 67): “sugiro que Horácio colocou os poemas juntos de modo que o segundo suple o primeiro. Cartas subsequentes também dão precisão a nossa compreensão da edição”.³⁴ Por isso ousamos afirmar acima que a ausência de um guia expresso poderia fornecer pistas para o papel dos épicos homéricos na *Epístola* I. 1 – quiçá em todo o conjunto. Em outras palavras, as alusões ao texto homérico que começam sutilíssimas, como se silenciassem, reaparecem ao final da epístola e emerge na próxima carta, na forma de referências diretas e citações claras tanto à *Ilíada* quanto à *Odisseia*, e tal aparição preenche o espaço vazio de um guia filosófico por que urge essa epístola inicial.

³³ Courbaud (1914, p. 202-3) aponta essa relação, reforçada depois por Kilpatrick (1986, p. 3). Toda a passagem soa apropriada ao confronto, como se lê em Cícero (*Tusc.* II. 13):

ut ager quamvis fertilis sine cultura fructuosus esse non potest, sic sine doctrina animus; ita est utraque res sine altera debilis. Cultura autem animi philosophia est; haec extrahit vitia radicitus et praeparat animos ad satus accipiendos eaque mandat eis et, ut ita dicam, serit, quae adulta fructus uberrimos ferant.

Como o campo que, por mais fértil que seja, sem cultura não pode ser frutífero, dessa forma, sem instrução, é o espírito. Assim, uma coisa sem a outra é débil. Mas, a filosofia é o cultivo da alma; extrai os vícios pela raiz e prepara o espírito para receber o plantio; ela lhes recomenda e, por assim dizer, ela planta, para que, quando adultos, tragam frutos abundantes.

³⁴ “I suggest that Horace has put the poems together so that the second supplements the first. Subsequent letters also give precision to our grasp of the issue.”

Como já dissemos, o comentário usual sobre essa primeira epístola costuma classificá-la como programática, introdutória,³⁵ funcionando não só como abertura à coleção, mas também como mensageira das “mudanças no gênero, na forma e no tema” da obra horaciana, a qual não hesita em expressar um claro deslocamento: da poesia lírica à “reflexão filosófica”, ou seja, do alusivo jogo poético (que faz uso de metros gregos variados) ao “filosófico hexâmetro dialogado”, por assim dizer, que não prescinde nem do cuidado poético formal, tampouco das citações e alusões aos textos literários mais diversos, dentre eles Homero. A síntese das lições de seu “bem viver” extraem-se logo ao princípio, nos versos 10 a 12:

*Nunc itaque et uersus et cetera ludicra pono,
quid uerum atque decens, curo et rogo et omnis in hoc sum;
cōndo ēt cōmpōnō || quæ mōx dēprōmērē pōssīm.* (Ep. I. 1, 10-2)

Agora, então, os versos e outros divertimentos abandono;
o que é correto e convém, disso cuido, indago e nisso estou por inteiro;
conservo e reúno as coisas de que logo possa usufruir.

O neutro plural *ludicra* (“joguinhos, bagatelas”) retoma o *ludus* do verso 3, ampliando-lhe o sentido (vide nota 1 na tradução); porque se refere aos *Carmina* (i.e. aos três livros de *Odes*, compostos anteriormente), marca o distanciamento entre os versos “epistolares” e os “líricos”, ao que acrescenta Stephen Harrison (1995, p. 49-50): “o protesto é solene, mas tingido com não pouco humor: afinal, Horácio está renunciando poesia no contexto de introduzir um livro de poemas, um tipo de ficção irônica encontrado em outro ponto de sua poesia hexamétrica”.³⁶

³⁵ Muitos são os estudiosos que tomam tal partido: Courbaud, p. 197-202; Préaux, p. 27; Dilke, p. 71; Sabbadini, p. IX; Fraenkel, p. 308-9; McGann, p. 31-6; Kilpatrick, p. 2-7, dentre outros. Na contramão, veja o instigante capítulo “Some Characteristic Problems and Difficulties” do já mencionado volume *Tradition and Originality in Roman Poetry*, de Gordon Williams, sobretudo as páginas de 1 a 7.

³⁶ “the protestation is solemn, but tinged with not a little humour: Horace is after all renouncing poetry in the context of introducing a book of poems, a type of ironic fiction found elsewhere in his hexameter poetry”.

Os verbos *curo* e *rogo* completam-se com um neutro *quid* devidamente acompanhado: *uerum* e *decens*. No verbete *uerus* do OLD, a acepção de número 9 contempla o sentido não-marcado a que Horácio se refere: “o que é moralmente correto, justo, honesto”. Conceito-chave ao conjunto das *Epístolas* I, o adjetivo *decens* (particípio de *decet*, que por sua vez se liga aos étimos *decor* e *decorus*, amiúde presentes na obra) revela a outra preocupação desses versos horacianos. Ainda que se queira taxá-lo como um termo tipicamente estoico, suas demais aparições pela obra,³⁷ aliadas aos versos seguintes (v. 12 e ss.), parecem impedi-lo. A terminologia técnica dos verbos *condo*, *compono* e *depromere*,³⁸ associada à composição literária bem como à armazenagem do vinho,³⁹ amplia um leque não propriamente filosófico, mas de “boas condutas”, de um “agir para uma vida sábia e feliz” com que a *persona*-poética declara se preocupar, excluindo-os da tipificação dos sectos filosóficos, repitamos.⁴⁰

Emprestando novamente as palavras de Roland Mayer (1986, p. 61):

Concorda-se que a primeira epístola é programática, que ela introduz a coleção por dispor alguns dos temas que serão desenvolvidos nas cartas seguintes. (...) O programa é imediatamente determinado como um afastar-se da escrita da poesia e um dirigir-se rumo a... não digamos *filosofia* ou mesmo *ética*, mas sim *conduta*.⁴¹

³⁷ cf. Ep. I. 6, 62; Ep. I. 7, 44; Ep. I. 17, 2 e 26; Ep. I. 18, 25 e 30.

³⁸ OLD *condo* 14: “compor, escrever (um poema ou outra obra literária)” ~> [“to compose, write (a poem or other literature work)”]; OLD *compono* 8: “compor, escrever (um livro, discurso, carta etc.)” ~> [“to compose, write (a book, speech, letter etc.)”]; OLD *depromo* 2: “trazer para fora, expressar (pensamentos, informação etc.)” ~> [“to bring out, utter (thoughts, information, etc.)”].

³⁹ OLD *condo* 2b: “to preserve, to store up, to bottle (wine, oil) for keeping”.

⁴⁰ Sobre esse mesmo verso 12, cf. MACLEOD, C. W. (1979) no artigo “The Poetry of Ethics: Horace, *Epistles*”, especialmente as páginas 22 e ss.

⁴¹ “It is agreed that the first epistle is programmatic, that it introduces the collection by setting out some of the themes that will be developed in the following letters. (...) The programme is immediately stated as a turning away from the writing poetry and turning towards... let us not say *philosophy* or even *ethics*, but rather *conduct*”.

De outro modo, mas não sem semelhanças, propõe Conte (1994, p. 314): “A sensibilidade horaciana para a inexorável passagem do tempo, aguçada pela impressão de uma velhice prematura, faz a conquista da sabedoria parecer uma tarefa urgente que não pode ser postergada. Mas ao

Ora, é a essa proposta de *conduta* (não de uma doutrina ou sistema filosófico) que os épicos homéricos poderão servir de exemplo, como guia daquilo que deve ser observado, meditado, feito ou evitado. Se a poesia pode melhor conduzir à reflexão, que melhor guia que Homero?

O desenrolar da *Epístola* I. 1 retrata, sob formas diversas, homens em ocupações variadas em busca de riquezas, preterida a virtude (v. 77-82). A vontade volátil dos ricos pinta-se pela evocação das praias de Baias, pelas ordens impetuosas aos trabalhadores, pela imagem do cidadão solteiro que anseia pelo casamento e do casado que inveja a vida de solteiro (v. 83-9). O “silêncio alusivo” que sugerimos parece ter fim quando a epístola se encaminha a seu desfecho: a menção do deus marinho, cuja forma se alterna incessantemente, conclui e resume esse elenco de *desejos instáveis* proposto por Horácio. Eis o vulto mutante de Proteu, divindade presente no canto IV da *Odisseia*.

O verso horaciano, marcado pela alternância vocálica nas sílabas dentais /t/ e /d/, como se mudassem de forma como a personagem, assim diz:

Quō tēnēām uōltūs || mūtāntēm Prōtēā nōdō? (Ep. I. 1, 90)

Com que nó devo prender o vulto mutante de Proteu?

A disjunção *quo...nodo*, não transposta na tradução, parece realçar o enlace em questão: os sintagmas extremos, vocalizados apenas com /o/, como que envolvem e prendem concretamente as sílabas mutantes do interior do verso.

Adentrando na *Odisseia*, lembremos que Proteu é capturado por Menelau e seus homens, após terem recebido instruções divinas de Idoteia, a “deusa da forma”,

mesmo tempo Horácio já não parece preparado para construir, nem para ele próprio nem para os outros, um modelo satisfatório de vida.” ~> [“The Horatian sensibility for the inexorable passage of time, sharpened by the impression of a premature old age, makes the achievement of wisdom seem an urgent task that cannot be postponed. But at the same time Horace no longer seems prepared to construct, either for himself or for others, a satisfying model of life.”]

filha do próprio deus mutante (*Odisseia* IV, 364 e ss.). É Proteu quem lhes narra, após ter sido capturado, o paradeiro dos demais aqueus: como voltaram a suas casas, que destino lhes reservaram os deuses. Chega, inclusive, a lhes revelar a saída da ilha de Faros para que retornem a Esparta. Talvez seja excessivo vasculhar outros porquês dessa menção nominal ao estilo formular: notemos o acusativo grego *Protea*, adjetivado pela expressão *mutantem uultus*. A imagem literária certamente era não só conhecida por Mecenas (e demais leitores) como bastante adequada. Todavia, não nos parece vã esta última comparação: Proteu foi capturado, como talvez possam ser “domadas e amarradas” as vontades, ainda que mutantes;⁴² o auxílio alheio e amigo, por meio de conselhos e instruções sobre como se portar, sobre o que fazer, parece igualmente necessário à empreitada (notem-se os versos 33 a 37, quando Horácio sugere *uerba, uoces, piacula, libello* para refrear certos espíritos desejosos...), como foram necessárias, ao aprisionamento de Proteu, as instruções de Idoteia. Aos que desejam dominar tal “força mutante”, conselhos sábios de outrem são indispensáveis.⁴³

⁴² “Para Clemente de Alexandria, que parece resumir algum comentário homérico e procede de preferência por alusão, Proteu simboliza a degradação crescente do homem que entrega-se a suas paixões e se deixa governar pela parte mais baixa de sua alma, *épithymia*: mais exatamente, as metamorfoses de Proteu são os aspectos diversos, cada vez mais rudes, que a *épithymia* toma.” ~> [“Pour Clément d’Alexandrie, qui semble résumer quelque commentaire homérique et procède plutôt par allusion, Protée symbolise la dégradation croissante de l’homme qui s’abandonne à ses passions et se laisse gouverner par la plus basse partie de son âme, l’*épithymia*: plus exactement les métamorphoses de Protée sont les divers aspects, de plus en plus grossiers, que prend l’*épithymia*.”] (BUFFIÈRE, 1973, p. 340-1).

⁴³ Como último e breve adendo, lembremos que Virgílio canta nas *Geórgicas* IV um episódio (com curioso intertexto homérico) envolvendo o *uates caeruleus Proteus* (v. 387-8), o “vate azulado Proteu”. Aristeu se aventura a capturá-lo, após ouvir as instruções paternas, que terminam com as seguintes palavras, tradução de Antônio Feliciano de Castilho:

<i>Sed quanto ille magis formas se uertet in omnes,</i>	Quanto mais variar fantásticas figuras,
<i>tanto, nate, magis contendit tenacia uincla,</i>	tanto mais, filho meu, lhe aperta as prisões duras,
<i>donec talis erit mutato corpore, qualem</i>	até que volva ao ser em que dormido o achaste.
<i>uideris, incepto tegeter cum lumina somno</i>	

As *tenacia uincla* soam como resposta “concreta” à indagação de Horácio, *quo nodo*.

Epístola I. 2: provocando Platão

ὅτι παλαιὰ μὲν τις διαφορὰ φιλοσοφία τε καὶ ποιητικῆ.
Plat. Rsp. X 607b

Gian Biagio Conte (1994, p. 295) sintetiza com propriedade o tema desta epístola endereçada a Lólio: “uma meditação a respeito das lições morais a serem apreendidas pela leitura de Homero”. Salvo Mecenas, Lólio é o único destinatário a receber mais de uma carta na coleção e, não por acaso, sua identidade *histórica* trouxe já bastante debate: se, por um lado, o *puer* do verso 68 descarta a identificação do menino com o cônsul em 21 a.C., *M. Lollius* (mencionado no último verso da *Ep.* I. 20), ponto em que parece haver consenso, por outro, não há como provar que o destinatário da epístola seja filho do mesmo cônsul; acrescentem-se as dúvidas geradas pelo adjetivo *Maximus* que o acompanha: *cognomen* ou simples primogênito?⁴⁴ A dissensão entre os estudiosos apenas sublinha as incertezas.

A polêmica de que se exime Killpatrick (1986, p. 26), relativa ao debate da preferência de Horácio pela literatura em detrimento dos manuais filosóficos, leva-nos não ao burburinho, propriamente dito, entre especialistas, mas a possíveis diálogos intertextuais com a *República* de Platão, embate prenhe de relações provocantes. Não obstante a sutil variação, motivo de alguma discussão, a fórmula *planius* ou *pleniús ac meliús* (v. 4) parece ditar o tom da “brincadeira”, num verso em que dois nomes, de um filósofo e de um acadêmico, ambos representantes dos sectores filosóficos *stricto sensu*, são contrastados com Homero, “poeta máximo” e

⁴⁴ Fraenkel (1957, p. 315), em nota, traça o percurso da discussão. Dilke (1966, p. 79) e Sabbadini (1970, p. 13) veem-no como *cognomen*, Préaux (1968, p. 49), como primogênito (= *natu maxime*).

“educador da Hélade”.⁴⁵ Mayer (1994, p. 112) nos informa que “Crisipo usava frequentemente poesia para ilustrar sua doutrina”⁴⁶ e “Crantor, além de ter ele mesmo composto poesia, era também um admirador de Homero e Eurípedes”, ambos comentários apoiados em Diógenes Laércio.⁴⁷ O excerto dá destaque ao aprendizado possível por meio do contato franco com os épicos homéricos, sem intermediários ou intérpretes. Mais: ressalta que a leitura direta talvez possa trazer melhores resultados, pois Homero nos conta *quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non* (“o que seja mais belo, o que torpe, o que útil, o que não”) de modo mais claro (ou mais abundante) e **melhor** que aqueles que o interpretam. Melhor como, poder-se-ia indagar: de forma menos enfadonha, mais aberta a interpretações, menos doutrinária? Ainda que haja espaço para discussão, pode-se ver não apenas a preferência do poeta latino pelo vate grego, mas também sua opção pela experiência da leitura em seu âmbito privado, como comentaremos adiante.

Há inúmeros pontos de contato entre *Epístola I. 2* e a *República* de Platão,⁴⁸ em cuja obra não pretendemos nos aprofundar. Nesse diálogo tão célebre, Sócrates propõe a seus interlocutores, em sua busca pela origem e natureza (ou essência) da justiça,⁴⁹ definir uma cidade ideal desde os primórdios, a fim de servir de modelo à observação – e, por meio dessa, encontrar o surgimento de justiças e injustiças que

⁴⁵ Plat. Rsp. X 606e-607a: ποιητικώτατον ε τὴν Ἑλλάδα πεπαίδευκεν οὗτος ὁ ποιητὴς. As expressões citadas tomamos emprestadas da tradução de Carlos Alberto Nunes (1988, p. 399).

⁴⁶ Ou, como diz Montaigne (2002, 219-20): “O filósofo Crisipo misturava a seus livros não apenas passagens mas obras inteiras de outros autores, e num deles a *Medeia* de Eurípedes; e dizia Apolodoro que, se suprimissem deles o que havia de alheio, seu papel ficaria em branco.”

⁴⁷ “Chrysippus (280-207 B.C.), a most eminent Stoic, is cited just because he often used poetry to illustrate his doctrine (Diog. Laert. 7.180). Crantor (340-275 B.C.), an Academic, also admired Homer and Euripedes, and even composed poems himself (Diog. Laert. 4.25-6).”

⁴⁸ Detivemo-nos sobretudo nos livros II, III e X. Agradecemos ao prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos essa sugestão que nos permitiu enriquecer o presente trabalho.

⁴⁹ Plat. Rsp. II 359a: γένεσίν τε καὶ οὐσίαν δικαιοσύνης.

lhes sirvam de exemplo nessa cidade imaginária.⁵⁰ Assim, decididos a iniciar tal exame pela educação dos cidadãos, diz Sócrates a Adimanto e Glauco:

Οὐκοῦν οἴσθ' ὅτι ἀρχὴ παντὸς ἔργου μέγιστον, ἄλλως τε καὶ νέω καὶ ἀπαλῶ ὄτρωϋν; μάλιστα γὰρ δὴ τότε πλάττεται, καὶ ἐνδύεται τύπος ὃν ἂν τις βούληται ἐνσημήνασθαι ἐκάστῳ. (Plat. Rsp. II 377a-b; grifo nosso)

Mas, como sabes, o mais importante em tudo é o começo, máxime se se tratar de seres novos e delicados. Nessa fase, justamente, é que se formam e aprofundam os traços que pretendemos imprimir em qualquer pessoa. (trad. Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 106)

Ora, Horácio escreve a Lólio, em tom sentencioso: *dimidium facti, qui coepit, habet* (“metade do feito tem quem começou”, v. 40), incitando o jovem a começar já a dedicar-se aos estudos sapienciais (*sapere aude*, “ousa saber/ser sábio”). Essa máxime, segundo Villeneuve,⁵¹ recorda o provérbio grego ἀρχὴ δέ τοι ἡμισυ παντός (“o início é a metade do todo”), atribuído a Pitágoras e retomado por Sófocles, Platão e Aristóteles. O signo para “meio, metade”, tanto em latim quanto em grego, provavelmente desperta a ligação entre as duas passagens. Já na sentença 802 de seu dicionário, Renzo Tosi traça o longo percurso do provérbio grego rumo ao verso horaciano, bem como seus desdobramentos no mundo medieval. Naquela vereda inclui-se, dentre outros, o trecho de Platão que grifamos acima.

Tanto o poeta latino quanto o filósofo grego atestam o cuidado com o começo ou início da “empreitada”. Se, por um lado, a *sententia* grega soa mais abstrata (ἀρχὴ παντὸς ἔργου μέγιστον, “o início de toda obra [é] o máximo, o mais importante” – há apenas nomes e subentende-se o verbo ἐστίν) e serve tanto para inaugurar a preleção sobre os primórdios da cidade ideal, quanto para começar

⁵⁰ Plat. Rsp. II 369a.

⁵¹ Vide nota 3: Sófocles fr. 747 Nauck; Platão, *Leis* VI 753e; Aristóteles, *Ética a Nicom.* I 7.

a avaliação pela educação de crianças e jovens, **molde** primeiro dos cidadãos ideais, por outro, Horácio compõe um verso carregado em verbos (notemos *coepit*, *habet* e *facti*, particípio perfeito de *facio*),⁵² que incita o jovem Lólio à ação imediata, ou seja, à pronta dedicação ao “estudo filosófico”, a começar imediatamente esse “viver com sabedoria”.

A preocupação de Sócrates com a formação das crianças, princípio de seu “cidadão modelar”, leva-o a uma “ferrenha” vigilância sobre os criadores de fábulas (μυθοποιοῖς, Plat. Rsp. II 377b), uma vez que mães e amas podem *moldar*⁵³ as almas infantis por meio de histórias “pré-aprovadas”:

Τοὺς δ' ἐγκριθέντας πείσομεν τὰς τροφούς τε καὶ μητέρας λέγειν τοῖς παισίν, καὶ πλάττειν τὰς ψυχὰς αὐτῶν τοῖς μύθοις πολὺ μᾶλλον ἢ τὰ σώματα ταῖς χερσίν. (Plat. Rsp. II 377c)

As [histórias] recomendadas, convenceremos as amas e as mães a contar às crianças, e a moldar as almas delas com histórias muito mais do que [fazem], com as mãos, aos corpos.⁵⁴

Tal preocupação com as “primeiras palavras” infantis também se verbaliza na epístola de Horácio, segundo outra formulação. Por meio da comparação do menino (que vai ser educado) com o jarro (no qual se verte um líquido pela primeira vez), o poeta latino figura um cuidado similar ao platônico em relação à educação juvenil. Ao invés desse *moldar* da alma, sugestão mais concreta, Horácio propõe a permanência de um odor, como se perdurasse um bom perfume, algo

⁵² Caso se observe todo o verso 40, há 7 palavras, das quais 5 são formas verbais.

⁵³ Note-se, na passagem citada e na seguinte, a repetição do verbo πλάσσω (DGP: “dar forma, moldar, modelar; modelar com cuidado; formar”).

⁵⁴ Eis a anotação de Daniel Rossi (*apud* GUINSBURG, J. 2006, p. 86): “No diálogo *As Leis* (cf. Livro VII, 789e), Platão diz que as mães e as amas costumavam apalpar o corpo das crianças para que adquirisse uma boa conformação.”

mais brando e, talvez, uma metáfora mais corriqueira, como marca Préaux (1968, p. 58).⁵⁵ Notemos a passagem horaciana:

*Nunc adbibe puro
pectore uerba puer, nunc te melioribus offer;
quo semel est imbuta recens, seruabit odorem
testa diu.* (Ep. I. 2, 67-70)

Agora sorve, com o coração
puro, tais palavras, menino; agora, entrega-te a melhores.
O jarro guardará longamente o odor do qual foi primeiro impregnado
quando novo.⁵⁶

Os versos latinos detêm-se nos correlatos do jarro e de seu líquido: o verbo *adbibe*, completado por *uerba*, prenuncia a figura do vaso. O adjetivo *puro*, que faz lembrar a limpeza do interior do próprio vaso preparado para receber um líquido, aplica-se na verdade ao rapazinho, *puer*, ou melhor, a seu *pectore*, centro simbólico de sua razão e sentimento, como diríamos para alma ou coração. Cumpre notar que esse *pectore*, próximo da conclusão do texto da carta, pode soar como extrato das noções de *corpore*, *animo* e *mens* já referidas nos versos 48, 49 e 60 da epístola, respectivamente.⁵⁷ E, além do calembur *puro/puer*, tão próximos, notemos como as consoantes bilabiais /b/ e /p/ reforçam sugestivamente, como lábios tocando um jarro, a instrução *adBiBe Puro Pectore uerBa Puer*. Acrescente-

⁵⁵ “Essa comparação devia ser corrente, a julgar por Quintiliano I. 1, 5.” ~> [“cette comparaison devait être courante à en juger par QUINTILIEN, I, I, 5.”]

⁵⁶ Santo Agostinho (*De Ciuitate Dei* I. 3) cita esse verso para ilustrar a presença marcante da *Eneida* virgiliana na educação das crianças romanas, nota que não encontramos nos comentadores.

⁵⁷ Kilpatrick (1986, p. 57) informa: “A antítese entre *corpus* e *pectus* é bastante comum em Latim; *pectus* (como ‘alma’ ou ‘coração’) é algo necessário para a totalidade. Ao Ájax de Ovídio (na visão de Ulisses) falta *pectus* suficiente para apreciar a obra de arte de Vulcano nas armas de Aquiles (*Met.* 13. 290). Quintiliano relaciona *pectus* (*quod disertus facit*, “que torna eloquente”) a *vis mentis*, “força da mente” (10.7.15).” ~> [“The antithesis between *corpus* and *pectus* is a common enough one in Latin; *pectus* (like ‘soul’ or ‘heart’) is something required for wholeness. Ovid’s Ajax (in Ulysses’ view) lacks sufficient *pectus* to appreciate Vulcan’s artistry on the arms of Achilles (*M.* 13.290) Quintilian relates *pectus* (*quod disertus facit*) to *vis mentis* (10.7.15).”]

se a imagem do vaso previamente enunciada nos versos da epístola, promulgando apenas parcialmente a lição:

Sincerum est nisi uas, quodcumque infundis acescit. (Ep. I. 2, 54, **grifo nosso**)

Se o vaso não está limpo, o que quer que se lhe acrescenta azeda.

Ora, é preciso que o vaso (cabe destacar a variação lexical: primeiramente *uas*, depois *testa*) esteja limpo e seja embebido, quando novo, de bons líquidos, cujos perfumes hão de acompanhá-lo doravante. Assim, desfazendo a metáfora, o rapazinho deve ouvir e atentar (“beber”) as palavras sábias, além de confiar sua educação a homens mais sábios e experientes que ele próprio, para que leve consigo as palavras e lições da sabedoria.

De volta ao texto de Platão, recordemos que, no trecho citado, as histórias (τοῖς μύθοις) são o instrumento com o qual as crianças podem ser *moldadas*, *formadas* (ou ensinadas). É por isso que Sócrates demonstra um cuidado vigilante com poetas e suas histórias, fonte de tantos ensinamentos; sua justificativa inicial diz respeito à “qualidade da mentira” que transmitem:

“Ὅπερ, ἦν δ’ ἐγώ, χρῆ καὶ πρῶτον καὶ μάλιστα μέμφεσθαι, ἄλλως τε καὶ ἕάν τις μὴ καλῶς ψεύδηται (Plat. Rsp. II 377d)

Isso mesmo, eu dizia, é preciso primeira e principalmente censurar, sobretudo se alguém não mente primorosamente.

As *más mentiras* que Sócrates nos aponta são descrições errôneas da natureza de deuses e heróis. Por exemplo, segundo o filósofo, Hesíodo revela atrocidades praticadas tanto por Urano quanto por Cronos, que teria sido melhor silenciar: não deveriam ser contadas “a jovens imaturos” (πρὸς ἄφρονάς νέους). Assim, eis a conclusão de seu interlocutor: λόγοι χαλεποί, “discursos/relatos perigosos, difíceis

de se lidar”.⁵⁸ À afirmação de que tais histórias não devem ser proferidas na cidade, uma vez que poderiam incentivar jovens a praticar vinganças contra faltas paternas (provavelmente incentivados por fábulas como a de Hesíodo...), novamente seu interlocutor responde: inadequadas.⁵⁹

Na sequência, o leque de histórias reprovadas aumenta. Não apenas aquelas “inverossímeis”, mas fábulas de guerra entre os deuses, batalhas de gigantes são vetadas a fim de se evitar a inimizade entre cidadãos, por meio de uma simples associação, nesse espaço de convívio idealizado. Até mesmo crianças e jovens devem ser alertados,

‘Ο γὰρ νέος οὐχ οἷός τε κρίνειν ὅ τι τε ὑπόνοια καὶ ὁ μή, ἀλλ’ ἂ ἄν
τηλικούτος ὦν λάβῃ ἐν ταῖς δόξαις δυσέκνιπτα τε καὶ ἀμετάστατα
φιλεῖ γίγνεσθαι. (Plat. Rsp. II 378d–e)

Pois o jovem não é capaz de julgar o que é alegórico e o que não é, mas nessa idade o que ele toma em suas opiniões é difícil de apagar e indelével costuma tornar-se.

Dessa primeira afirmação platônica, talvez discordasse Horácio. E, caso não discordasse, ao menos traçaria diretrizes que auxiliassem a leitura “alegórica” por parte do jovem, exemplificando com interpretações “corretas” ou “sábias”, como o faz. A leitura horaciana dos épicos homéricos, resumida nos versos 6 a 26 da *Epístola* I. 2, dá mostras das possibilidades interpretativas segundo a chave da alegoria; essas, se não detectadas naturalmente pelo jovem leitor, encontram-se balizadas tanto pelas menções explícitas que o poeta latino tece a personagens e situações homéricas, devidamente adjetivadas e comentadas, quanto por conselhos, avisos e máximas recomendados ao longo do texto da carta, que aludem às mesmas menções épicas e ajudam a atestar a alegoria.

⁵⁸ Plat. Rsp. II 378a.

⁵⁹ Plat. Rsp. II 378b: Οὐ μὰ τὸν Δία, ἦ δ’ ὅς, οὐδὲ αὐτῷ μοι δοκεῖ ἐπιτήδεια εἶναι λέγειν. “Não, por Zeus, disse ele, não me parece que sejam apropriadas a dizer.”

Antes, pois, de se esmiuçar essa leitura dita alegórica (que faremos no item seguinte: Horácio lendo Homero), notemos a congruência entre alegoria e *hypónoia*, palavra-chave no trecho platônico citado. Essa última, como traduz Carlos Alberto Nunes (1988, p. 108), simboliza “ideias ocultas”, realçando-lhe a literariedade; ou, como explica Buffière (1973, p. 45), “sentido subjacente”.⁶⁰ E tal “oculto” ou “subjacente” é o que se revela inalcançável ao jovem, segundo Platão.

O mesmo estudioso francês nos traça o paralelo entre *hypónoia* e **alegoria**: essa, “segundo Paul Decharme (*apud* BUFFIÈRE, 1973, p. 46), não se encontra antes de Cícero; e Plutarco, depois dele, é o primeiro escritor grego a usá-la”. Contudo, ainda que documentada tardiamente, muitos autores antigos dão a entender que conheciam o “processo alegórico”.⁶¹ Talvez a própria etimologia de alegoria, auxilie a esclarecê-lo: “falar de algo por meio de outras coisas” – daí a semelhança com o sentido escondido, que subjaz e não é imediato.⁶² E Buffière (1973, p. 47) adiciona que

⁶⁰ Entre alegoria e *hyponoia*: “Le mot le plus ancien est *hyponoia*, c’est-à-dire ‘sens sous-jacent’” (**grifo nosso**).

⁶¹ O estudo de Buffière, bem que sintético, cita exemplos vários (Estrabão, Heráclito retor, Paulo evangelista etc.), a que remetemos, sobretudo às páginas 45-51. Para a citação: “Le mot *allegoria*, écrit Paul Decharme, ne se rencontre pas avant Cicéron; et Plutarque, après lui, est, à notre connaissance, le premier écrivain grec que s’en soit servi”. Durante a defesa de nossa dissertação, o prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos apresentou ao menos três autores antigos, anteriores a Plutarco e Cícero, que já se valiam do termo “alegoria”, em grego – rebatendo a colocação de Decharme (estudioso-fonte para Buffière). Preferimos, contudo não alterar o presente texto, uma vez que havíamos tomado apenas o texto de Buffière como fonte para a redação desta passagem.

⁶² Para uma breve etimologia do termo, recorremos ao Houaiss (2001, p. 176): lat. *allegoria, ae* derivado do gr. *allégoría*, que é formado de *állos, é, on* 'outro, outra' + rad. do v. gr. *agoreúó* 'falar numa assembleia, falar em público, discorrer oralmente em público' + -ia suf. formador de subst. abstrato; cf. o esp. *alegoría*, it. *allegoria*, port. *alegoria*, fr. *allegorie* (prov. fonte direta do ingl. *allegory*); **significa dizer outra coisa além do sentido literal das palavras; o termo *allegoría* veio substituir**, entre os gr. da era cristã, na época de Plutarco (c46d.C.-120 d. C.), **o antigo termo *hupónoia***, que queria dizer 'significação encoberta'; documentado em esp. e em port. no sXV; acento intensivo dessas formas vernáculas corresponde ao gr., sendo de crer que no ensino

‘Alegoria’ vem, de fato, do vocabulário dos gramáticos. É uma palavra ‘técnica’, como destaca Heráclito retor, que lhe dá esta definição: ‘tropo ou figura de estilo que consiste em dizer uma coisa para fazer entender uma outra’. (...) A alegoria dos gramáticos gregos é, em suma, uma metáfora: ela exprime apenas um dos termos da comparação, o termo estrangeiro, deixando ao leitor o cuidado de completar, de fazer a aplicação. Mas é uma metáfora prolongada, que pode mesmo virar o apólogo ou a parábola.⁶³

Ressaltemos que não se trata de uma comparação simples, de uma relação de semelhança corriqueira, que por comodidade rotularemos de metáfora, cientes de que essa pode extrapolar a estreiteza que lhe impusemos. Grosso modo, na metáfora os elementos comparados se colocam lado a lado, como que transpondo seus sentidos como se estivessem espelhados, restando ao leitor pouco para se completar. Como no exemplo que observamos páginas atrás, da comparação entre jarro e menino, a identificação é quase imediata: embora a metáfora comporte nuances e até certo subjetivismo, em geral ela prescinde de interpretações que coloquem em evidência uma troca mais ou menos óbvia entre sentidos.

Segundo João Adolfo Hansen (2006, p. 24), “como a metáfora, o hipérbato ou a ironia, a alegoria é apenas um modo de formar entre outros, a virtualidade do significante”: diz *b* para significar *a*. Instrumento retórico tanto de constituição quanto de ornamentação discursiva,

a alegoria é um tropo de salto contínuo, ou seja, toda ela apresenta incompatibilidade semântica, pois funciona como transposição contínua do próprio pelo figurado. Por isso, ela é também uma espacialização prevista do inteligível (ou próprio) no sensível (ou figurado). (...) Como procedimento retórico, a alegoria subentende o projeto de afirmar uma presença *in absentia*. (...) Mais fortemente, a alegoria serve para

escolástico da retórica fosse à grega que se pronunciasse a latinização; ver *alegori-*; f.hist. sXV *alegorja*, sXV *allegoria*. (grifos nossos)

⁶³ “‘Allégorie’ vient en effet du vocabulaire des grammairiens. C’est un mot ‘technique’, comme le souligne Héraclite le rhéteur qui en donne cette définition: ‘un trope ou figure de style qui consiste à dire une chose pour en faire entendre une autre.’ (...) L’allégorie des grammairiens grecs est en somme une métaphore: elle exprime seulement un des termes de la comparaison, le terme étranger, en laissant au lecteur le soin de compléter, de faire l’application. Mais c’est une métaphore pronlongée, qui peut même tourner à l’apologue ou à la parabole.”

demonstrar (*ad demonstrandum*), pois se evidencia uma ubiquidade do significado ausente, que vai se presentificando nas “partes” e no seu encadeamento no enunciado. (HANSEN, J. A. 2006, p. 31-3)

Assim como a metáfora, a alegoria também se constrói por efeito de uma analogia; contudo, enquanto naquela há uma troca usualmente imediata e expressa entre significantes e seus significados, nessa a transposição não é imediata, nem aparente, nem sempre precisada ou expressa: a construção gradativa de um sentido ausente, não raro acessado por meio de outros processos analógicos, “materializa-se” na necessidade da demonstração argumentativa que a engendrou. Para se falar, por exemplo, dum vício ou duma virtude, toma-se um texto (ou uma passagem) que os “ilustra” pouco a pouco, sem precisá-los ou mencioná-los cabalmente. A despeito de nosso exemplo grosseiro, cabe atentar para algumas particularidades.

De um lado, é imprescindível notar a distinção que faz Hansen entre alegoria greco-romana, com a qual lidamos, e alegoria “dos teólogos”, hermenêutica ou “cristã”, não obstante certa tensão, confusão ou mesmo superposição que possa haver entre as duas. Naquela, tanto interpretação quanto construção são *essencialmente linguísticas*, enquanto nessa, além da primazia exclusivista inerente à crença nos livros escritos por Deus (estranha à Retórica da Antiguidade), não se interpretam apenas palavras em um texto, mas também coisas, acontecimentos e figuras históricas, que podem revelar sentidos que transcendem sua representação – ou seja, distingue-se um sentido literal (que contém o sentido literal próprio, ou das letras, e o sentido literal figurado) e um sentido espiritual (ou revelado).⁶⁴

⁶⁴ Resumimos definições de J. A. Hansen (2006, p. 11-2), a que adicionamos (*idem*, p. 91-2): “Segundo a alegoria greco-romana e suas retomadas, o mundo é objeto de representação própria e figurada pela poesia e prosa; segundo a alegoria hermenêutica, desde sempre existe uma prosa do mundo a ser pesquisada no mundo da prosa bíblica. (...) Por isso, a prática interpretativa dos primeiros Padres da Igreja e da Idade Média lê coisas como *figuras* alegóricas – e não as palavras que as representam – para nelas pesquisar o sentido espiritual. Como foi dito, a alegoria greco-latina é, tanto em sua invenção quanto em sua interpretação, *uma técnica apenas verbal*, em que o

De outro, é preciso atentar para uma tendência moderna de personificar abstrações, processo por vezes chamado de alegoria. A essas abstrações (como, por exemplo: “as deusas da Vingança e da Justiça perseguindo o Crime”), falta o “sentimento do artifício”, o desenvolvimento do *elemento linguístico* propriamente dito, omissão que acaba por estreitar interpretações, dada a vagueza de seu registro. Contra tal tendência, pondera Buffière (1973, p. 48): “a alegoria dos antigos é alguma coisa menos estreita: é a ressonância que eles creem descobrir no mito, é o próprio mito considerado em seu plano de fundo.”⁶⁵ Observemos, por exemplo, que a figura de linguagem denominada **prosopopeia** (ou *fictio personarum*), cumpre exatamente esse papel de personificação, distinto da noção alegórica antiga.

Feito esse breve aparte, regressemos ao texto platônico a fim de perceber como Sócrates lê, interpreta e propõe usar certos trechos de Homero e, a seguir, contrastemos a leitura que Horácio sugere da épica homérica.

Ao final do livro II da *República*, Sócrates veta determinadas passagens de Homero e de Ésquilo que, segundo ele, veiculam uma “mentira absolutamente nada pura”:⁶⁶ versos que ora descrevem os deuses distribuindo bens e males à humanidade, ora apresentam-nos infligindo dores e castigos aos homens, ora mostram-nos com aparência humana. Entretanto, segundo Sócrates, “Deus não é a causa de todas as coisas, mas apenas das boas”,⁶⁷ tampouco muda de forma, pois jamais apresentaria uma imagem falsa de si mesmo. Assim, ao cantar daquela forma, os poetas, que conhecem a *verdade*, com essa mesclam coisas que ou ignoram ou

sentido próprio também é discurso e pressuposto do figurado. Diferentemente da leitura greco-latina, a alegoria hermenêutica cristã é uma ‘semântica’ de *realidades* reveladas pelas coisas representadas pelas palavras, não importa sejam palavras de sentido próprio ou figurado.”

⁶⁵ “L’allégorie des anciens est quelque chose de moins étriqué: c’est la résonance qu’ils croient découvrir au mythe, c’est le mythe lui-même considéré dans son arrière-plan.” O exemplo citado da personificação também foi extraído do livro de Buffière, de passagem próxima.

⁶⁶ Plat. Rsp. II 382c: οὐ πᾶν ἀκρατον ψεῦδος. O resumo que traçamos vai de 379a até 383c.

⁶⁷ Plat. Rsp. II 380c: μὴ πάντων ἄτιον τὸν θεὸν, ἀλλὰ τῶν ἀγαθῶν.

que são deveras falsas, produzindo, portanto, passagens malélicas a seus ouvintes. E conclui: “não permitiremos que os professores empreguem suas composições [i.e. dos poetas] na educação dos moços.”⁶⁸

Apesar da interdição, Sócrates prossegue, ao início do livro III, após citar descrições variadas do Hades e das coisas infernais extraídas de versos tanto da *Iliada* quanto da *Odisseia*,⁶⁹ em tom de reprova (não sem alguma parcimônia):

Ταῦτα καὶ τὰ τοιαῦτα πάντα παραιτησόμεθα Ὅμηρόν τε καὶ τοὺς ἄλλους ποιητὰς μὴ χαλεπαίνειν ἂν διαγράφωμεν, οὐχ ὡς οὐ ποιητικὰ καὶ ἡδέα τοῖς πολλοῖς ἀκούειν, ἀλλ’ ὅσῳ ποιητικώτερα, τοσοῦτ’ ἦττον ἀκουστέον παισὶ καὶ ἀνδράσιν οὓς δεῖ ἐλευθέρους εἶναι, δουλείαν θανάτου μᾶλλον πεφοβημένους. (Plat. Rsp. II 387b)

Essas [passagens] e todas similares, suplicaremos a Homero e aos outros poetas que não fiquem severos porque nós as riscamos, não por não serem poéticas e prazerosas a muitos que as ouvem; porém quanto mais poéticas, menos devem ser ouvidas por crianças e homens que necessitam ser livres e recear mais a escravidão que a morte.

O reconhecimento e o apreço do valor da poesia homérica revelam-se nos adjetivos ποιητικὰ e ἡδέα, bem como reforçam-se no comparativo ποιητικώτερα: Platão e Sócrates reconhecem o poder e o deleite de se ler (melhor, de se ouvir!) Homero. Contudo, isso não é suficiente para sobrepujar o ideal platônico de sua cidade ideal. Nota-se o destaque, no final do excerto, dum valor tão caro como a liberdade, em oposição ao status do escravo na sociedade grega antiga, que pode dar pistas de como eram lidas e interpretadas certas passagens dos épicos homéricos, poemas declaradamente apreciados no conjunto. No final do diálogo platônico, o

⁶⁸ Plat. Rsp. II 383c. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 115.

⁶⁹ Plat. Rsp. II 386c-387a. O primeiro, dentre os sete excertos reprovados, é a conhecida réplica de Aquiles a Odisseu (*Odisseia* XI, 489-91), que reproduzimos na tradução de Carlos Alberto Nunes:

“pois preferiria viver empregado em trabalhos do campo, sob um senhor sem recursos, ou mesmo de parques haveres, a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos.”

próprio Sócrates confessa sua estima por Homero e explicita os motivos de sua cautela e moderação, ao início do livro X:

Ῥητέον, ἦν δ' ἐγώ· καίτοι φιλία γέ τίς με καὶ αἰδώς ἐκ παιδὸς ἔχουσα περὶ Ὅμηρου ἀποκωλύει λέγειν. Ἐοικε μὲν γὰρ τῶν καλῶν ἀπάντων τούτων τῶν τραγικῶν πρῶτος διδάσκαλος τε καὶ ἡγεμῶν γενέσθαι. Ἄλλ' οὐ γὰρ πρό γε τῆς ἀληθείας τιμητέος ἀνὴρ, (Plat. Rsp. X 595b-c; grifos nossos)

Cumpro explicar-se – repliquei – embora certa ternura e certo respeito que, desde a infância, dedico a Homero, me impeçam de falar; pois ele parece realmente ter sido o primeiro mestre e o guia de todos esses belos poetas trágicos. Mas não se deve testemunhar a um homem maior consideração do que à verdade, (trad. J. Guinsburg, 2006, p. 374)

Vale notar que, embora *φιλία* e *αἰδώς* (“respeito, deferência, reverência”) estejam expressos nessa recordação que vem da infância, tais sentimentos não suplantam o compromisso com a verdade. Ora, se Homero é o *διδάσκαλος* (DGP: “mestre, instrutor”) e o *ἡγεμῶν* (DGP: “guia, condutor de, líder, chefe, soberano”) dos poetas trágicos, sua influência se estende além daquilo que ele mesmo canta, chegando direta e indiretamente a outros ouvidos, uma vez que outros poetas cantam histórias cujas personagens e tramas não raro nasceram em trechos homéricos. Assim, não é casual o cuidado que Sócrates lhe emprega.

Contudo, depois de haver concluído que aquilo que Homero canta encontra-se afastado três graus da *verdade*,⁷⁰ e que tanto Homero quanto outros poetas não

⁷⁰ Plat. Rsp. X 597b e ss. O primeiro grau da verdade seria a “ideia divina” (ou conceito ideal); o segundo grau, as “coisas concretas”, derivadas dessa primeira; o terceiro, a imitação (*μίμησις*) dos artistas. Uma rica nota de Daniel Rossi (*apud* GUINSBURG, 2006, p. 394-5) nos é muito útil, por distinguir o uso dos conceitos de *mimesis* em Platão, ao qual retornaremos adiante: “Platão conclui então a discussão sobre a poesia no Livro X: nenhuma forma de poesia será admitida na cidade ideal, a não ser os hinos e os encômios. Este juízo severo de Platão é bastante diferente de sua posição inicial no Livro III, onde havia ainda a possibilidade de se admitir as diversas formas de poesia, inclusive a épica e a tragédia, desde que se respeitassem os valores morais supremos e representassem personagens e ações que servissem de modelo apropriado de conduta moral aos homens. Essa mudança de posição em relação à função da poesia na cidade ideal pode estar intimamente associada

passam de “artesãos de imagens”, “imitadores de simulacros da virtude”;⁷¹ e que “a imitação é uma brincadeira e não algo sério”,⁷² ou seja, que supostamente deveria ser tomada em menor conta – ainda assim... –, Sócrates impinge contra a poesia (uma forma de imitação) uma grave acusação:

Οὐ μέντοι πῶ τό μέγιστον κατηγορήκαμεν αὐτῆς. Τὸ γὰρ καὶ τοὺς ἐπιεικεῖς ἱκανὴν εἶναι λωβᾶσθαι, ἐκτὸς πάνυ τινῶν ὀλίγων, πάνδεινόν που. (Plat. Rsp. X 605c; grifos nossos)

E no entanto não acusamos ainda a poesia do mais grave de seus malefícios. Que ela seja, com efeito, capaz de corromper até as pessoas honestas, afora um pequeno número, eis o que sem dúvida é realmente temível. (trad. J. Guinsburg, 2006, p. 392)

O tom da crítica é severo e bastante carregado: o campo semântico de λωβάομαι (infinitivo λωβᾶσθαι) evoca, no DGP, “ultrajar, corromper, deformar, danificar, estragar”. *Pan-terrível*, retoma o adjetivo.

Tão contundentes reprovações visam sobretudo a criticar as várias representações que os poetas fazem de deuses e heróis derramando-se em choros e lamentações, o que primeiramente nos causaria deleite e suscitaria, por fim, fortes

à própria mudança de significado do termo central da poética platônica: o termo μίμησις (“imitação”). No Livro III, “imitação” significava simplesmente o discurso em que o poeta se apresenta como a própria personagem, i.e., o discurso em 1ª pessoa; no Livro X, “imitação” passa a definir a poesia em si, i.e., toda forma de poesia é essencialmente “imitação” porque está três graus afastada do ser. Esse argumento ontológico apresentado no Livro X transforma o significado do termo “imitação” (μίμησις) no interior da *República*, o que dificulta aos estudiosos de Platão conciliar a discussão nos Livros II e III com a argumentação do Livro X. O que podemos observar claramente é que Platão, no Livro X, apresenta dois novos argumentos contra a poesia, um ontológico (cf. 595a-602b) e outro psicológico (cf. 602c-608b). Esses dois argumentos não apareceram nos Livros II e III porque essa primeira reflexão sobre poesia na *República* antecede a exposição da teoria da alma (Livro IV) e da metafísica platônica (Livros VI-VII), o arcabouço teórico necessário para essa nova abordagem do Livro X. Talvez isso tenha exigido de Platão uma revisão sobre a função pedagógica da poesia na cidade ideal, e diante desses novos argumentos, uma posição mais severa contra ela.”

⁷¹ Plat. Rsp. X 599d: εἰδώλου δημιουργός. *Idem*, 600e: μιμητὰς εἰδώλων ἀρετῆς. Pouco adiante (601b), há um jogo com a palavra *poietés*: ὁ τοῦ εἰδώλου ποιητής, ὁ μιμητής (“o fazedor de simulacro/imagem, o imitador”).

⁷² Plat. Rsp. X 602b: ἀλλ’ εἶναι παιδιάν τινα καὶ οὐ σπουδὴν τὴν μίμησιν.

emoções – segundo o filósofo. No começo da discussão sobre o uso da poesia, no livro III, Sócrates havia já condenado tais gemidos e lástimas,⁷³ dizendo a Adimanto que um jovem dificilmente ignoraria tais cenas ou delas debocharia, após ouvi-las compenetrado:

ἀλλ’ οὐδὲν αἰσχυνόμενος οὐδὲ καρτερῶν πολλοὺς ἐπὶ μικροῖσιν
παθήμασιν θρήνους ἂν ᾄδοι καὶ ὀδυρμοὺς. (Plat. Rsp. II 388d)

porém, à menor desdita, abandonar-se-iam sem pejo e sem coragem às lágrimas e às lamúrias. (trad. Jacó Guinsburg, 2006, p. 101)

Ora, Horácio não lida com essa suposição (talvez haja até quem ressaltasse o lado “prático” dos romanos...): acaso deixar de ouvir relatos de lamentações, divinas ou não, cantados pelos poetas, previnirá choros e lamúrias de cunho pessoal? Não encontramos tal questionamento em suas cartas. Ao contrário, lembramos que, na *Epístola* I. 14, por exemplo, o poeta latino diz estar na cidade consolando o amigo Lâmia, pois este perdera o irmão. Nessa circunstância, de nada lhe serviria conjecturar a hipótese socrática, a situação que nos descreve – verdadeira ou não – é como é, não se presta a essa divagação filosófica.

O raciocínio aplicado às representações de prantos e mágoas pode também se estender aos risos,⁷⁴ sejam tais gargalhadas provocadas nas comédias, sejam nas rodas de conhecidos.⁷⁵ E daí, aplica-se a mesma dedução a outras emoções, como diz Sócrates:

⁷³ Aquiles lastimando a morte de Pátroclo (*Ilíada* XXIV, 10-2), Tétis lamentando o destino de Aquiles (*Ilíada* XVIII, 54), Zeus afligindo-se pela morte próxima de Heitor (*Ilíada* XXII, 168-9) e chorando a morte de Sarpédon (*Ilíada* XVI, 439-44).

⁷⁴ Uma outra condenação às representações do riso já havia sido feita (Plat. Rsp. III 388e-389a): Οὔτε ἄρα ἀνθρώπους ἀξίους λόγου κρατουμένους ὑπὸ γέλωτος ἂν τις ποιῆ, ἀποδεκτέον, τολὺ δὲ ἦπτον, ἐὰν θεοὺς. “Não devemos, por conseguinte, admitir que poeta algum nos apresente homens respeitáveis dominados pelo riso, e muito menos deuses.” (trad. Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 121).

⁷⁵ Plat. Rsp. X 606c.

Καὶ περὶ ἀφροδισίων δὴ καὶ θυμοῦ καὶ περὶ πάντων τῶν
ἐπιθυμητικῶν τε καὶ λυπηρῶν καὶ ἡδέων ἐν τῇ ψυχῇ, ἃ δὴ φαμεν
πάσῃ πράξει ἡμῖν ἔπεσθαι, ὅτι τοιαῦτα ἡμᾶς ἡ ποιητικὴ μίμησις
ἐργάζεται; τρέφει γὰρ ταῦτα ἄρδουσα, δέον αὐχμεῖν, καὶ ἄρχοντα
ἡμῖν καθίστησιν, δέον ἄρχεσθαι αὐτὰ ἵνα βελτίους τε καὶ
εὐδαιμονέστεροι ἀντι χειρόνων καὶ ἀθλιωτέρων γιγνώμεθα.
(Plat. Rsp. X 606d)

E em relação ao amor e ao coração e a todas as paixões aflitivas ou prazerosas à alma, que dizemos estarem vinculadas a todas as nossas ações, do mesmo modo a imitação poética não produz em nós o mesmo? Ela alimenta e irriga o que devia ficar seco; e dita regras a nós, quando devia ser comandada, para que melhores e mais felizes nos tornemos, ao invés de inferiores e mais miseráveis.

Provavelmente Horácio concordaria com muito do que diz Sócrates. Essa mesma proposição de conduzir a si próprio e não se deixar conduzir, por exemplo, está presente nas *Epístolas* I, sob circunstâncias e enunciados variados.⁷⁶ A recomendação que faz a Lólio para que “dome seu ânimo com freios e correntes” (Ep. I. 2, 63), ou seja, para que não se deixe levar por pulsões ou ímpetos, sejam eles quais forem, como veremos a seguir, pode ser lida como uma das consequências possíveis para a proposição platônica, colocada em prática como lição moral.

Entretanto, cumpre notar que a resolução socrática vai além e enfatiza: “muitos poucos estão em condições de refletir que as paixões alheias de que participamos atuam necessariamente sobre nós”; e eis como justifica sua proposição exclusivista: “depois de alimentar e fortificar nossa sensibilidade no sofrimento dos outros, não é fácil conter a nossa em limites razoáveis”.⁷⁷ Toda esse raciocínio havia já sido proferido quando se começou a discutir o efeito da poesia sobre nós, ouvintes – e, mais especificamente, o poder da *imitação*.

⁷⁶ Ep. I. 1, 19; Ep. I. 2, 62-5; Ep. I. 10, 47-8; Ep. I. 19, 21-2.

⁷⁷ Plat. Rsp. X 606b, para os trechos entre aspas. Traduções de Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 398.

Sócrates chega a dizer aquilo que convém ou não a seus cidadãos modelares fazerem, ou melhor, imitarem:

Εἰ ἄρα τὸν πρῶτον λόγον διασώσομεν, τοὺς φύλακας ἡμῖν τῶν ἄλλων πασῶν δημιουργιῶν ἀφειμένους δεῖν εἶναι δημιουργοὺς ἐλευτερίας τῆς πόλεως πάνυ ἀκριβεῖς καὶ μηδὲν ἄλλο ἐπιτηδεύειν ὅτι μὴ εἰς τοῦτο φέροι, οὐδὲν δὴ δέοι ἂν αὐτοὺς ἄλλο πράττειν οὐδὲ μιμεῖσθαι. ἐὰν δὲ μιμῶνται, μιμεῖσθαι τὰ τούτοις προσήκοντα εὐθὺς ἐκ παίδων, ἀνδρείους, σώφρονας, ὀσίους, ἐλευθέρους, καὶ τὰ τοιαῦτα πάντα, τὰ δὲ ἀνελεύθερα μήτε ποιεῖν μήτε δεινοὺς εἶναι μιμήσασθαι, μηδὲ ἄλλο μηδὲν τῶν αἰσχυρῶν, ἵνα μὴ ἐκ τῆς μιμήσεως τοῦ εἶναι ἀπολαύσωσιν. ἢ οὐκ ἦσθησαι ὅτι αἱ μιμήσεις, ἐὰν ἐκ νέων πόρρω διατελέσωσιν, εἰς ἔθη τε καὶ φύσιν καθίστανται καὶ κατὰ σῶμα καὶ φωνὰς καὶ κατὰ τὴν διάνοιαν; (Plat. Rsp. III 395 b-d)

Se quisermos, portanto, manter o nosso primeiro princípio, a saber, que nossos guardiães, dispensados de todas as outras ocupações, devem dedicar-se exclusivamente à independência da cidade e negligenciar tudo o que não se relacione a isso, é preciso que nada façam nem imitem coisa alguma; se imitarem, que sejam as qualidades que lhes convêm adquirir desde a infância: coragem, temperança, pureza, liberalidade e outras virtudes do mesmo gênero; mas não devem praticar nem saber habilmente imitar a baixeza, nem qualquer dos outros vícios, por medo de que, da imitação, venham encontrar prazer na realidade. Ou não notaste que a imitação, se se persevera em cultivá-la desde a infância, fixa-se nos hábitos e converte-se numa segunda natureza do corpo, da voz e até da inteligência? (Trad. Jacó Guinsburg, 2006, p. 111)

Não há como deixar de notar que a postura socrática é idealista (sem nenhuma condenação a tal predicado, é bom que se diga): propõe ações que satisfaçam às condições de sua cidade *ideal*. Entretanto, tal idealismo não significa o abandono nem da percepção arguta nem da coerência argumentativa. Eis porque parece difícil contestá-lo à altura. Ao tentar fazê-lo, acabamos não raro usando divisas que não estão em sua proposta inicial, *ideal* por princípio. Por exemplo, a um leitor moderno, “viciosamente inclinado a projetar uma impertinente mirada retroativa sobre o passado”,⁷⁸ soa demais *positivista* ou *determinista* a última indagação do

⁷⁸ Expressão de Haroldo de Campos, 1991, p. 17.

excerto selecionado acima. Na *Epístola* I. 14, a proposição *nec lusisse pudet, sed non incidere ludum* (“ter me divertido não me vexa; mas envergonharia não parar com a diversão” – verso 36) sugere, por mais difícil que seja, alguma chance de mudança, não obstante o passado “condenável”.

É bem provável que Horácio concordasse, se não com tudo, com boa parte do que diz Sócrates, embora seja inócua nossa conjectura. Vale frisar que o poeta latino não detém sua expressão epistolar no plano abstrato ou teórico, tampouco aprofunda discussões filosóficas. Recordemos que seus versos declaram que Homero diz *quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non*, ou seja, que o poeta grego não é fonte apenas de coisas belas e úteis, mas também do “torpe”, do que não é útil nem belo, caso se tome a última expressão ἀπὸ κοινοῦ com todas as anteriores. Reconhece, enfim, que pode haver de tudo no texto homérico. A quem cabe a decisão final de aprová-lo ou condená-lo?

Ainda que haja descrições (ou *imitações*, como veremos adiante) de torpezas, bem como de diversos outros atos moralmente censuráveis nos poetas, de modo geral, e em Homero, especificamente, Horácio não se preocupa (ao menos nas *Epístolas* I) em reprovar tais descrições, nem em censurar seu uso em lições de ordem moral. Assim, talvez seja possível dizer que a fonte dos males não está nos textos. Ao leitor, cabe ler com cuidado. Se ainda não sabe fazê-lo, um mestre pode (e deve) instruí-lo, até que consiga ler e interpretar por si só, extraindo lições úteis de sua leitura solitária. E se as boas ações descritas devem ser imitadas, emuladas e copiadas, as más podem servir como exemplo daquilo que se deve evitar – como uma espécie de mapa de naufrágios. Eis um dos funcionamentos e força da leitura dita alegórica. “Afim”, como propõe Barchiesi (2001, p. 141),

há mais de uma maneira de usar um mapa de naufrágios. Aqueles que veem-no como um registro de derrotas e erros desperdiçam a oportunidade de usá-lo como um guia

para a navegação mais segura, ou perdem o prazer de sonhar que o mapa guarda vestígios de tesouros submarinos.⁷⁹

A simples interdição parece, pois, trazer mais prejuízos: confere uma equivocada impressão de preparo, além de vetar o prazer estético. Enfim, condenar certos textos, do modo como o faz Platão, é postura que não encontramos em Horácio.

A título de prosseguir nessa comparação, vejamos como a postura platônica é distinta: abstrata e ortodoxa. Ainda no começo de sua preleção, após constatar que os jovens são incapazes de julgar ou compreender a alegoria (*hyponoia*), Sócrates decreta:

Ἔνεκα παυστέον τοὺς τοιοῦτους μύθους, μὴ ἡμῖν πολλὴν
εὐχέρειαν ἐντίκτωσι τοῖς νέοις πονηρίας. (Plat. Rsp. III 391e-392a)

Assim sendo, é preciso colocar um fim a essas histórias, que não concedam aos nossos jovens grande tolerância para a leviandade.

Essa convicta proibição que Sócrates propõe é reiterada e transformada em banimento (ἀπεστέλλομεν, “banimos”)⁸⁰ quase ao final da *República*:

(...) εἰδέναι δὲ ὅτι ὅσον μόνον ὕμνους θεοῖς καὶ ἐγκώμια τοῖς
ἀγαθοῖς ποιήσεως παραδεκτέον εἰς πόλιν. εἰ δὲ τὴν ἡδυσμένην
Μοῦσαν παραδέξει ἐν μέλεσιν ἢ ἔπεσιν, ἡδονὴ σοι καὶ λύπη ἐν τῇ
πόλει βασιλεύσετον... (Plat. Rsp. X 607a)

(...) não te esqueças de que em matéria de poesia só devemos admitir na cidade hinos aos deuses e elogios de varões prestantíssimos. Porém se aceitares as Musas açucaradas, ou seja na lírica ou seja na epopeia, o prazer e a dor passarão a governar tua cidade... (trad. Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 399)

Esse banimento parece lhe causar tanto remorso que chega a enunciar, orações adiante, seu desejo de fazer retornar à cidade a poesia, sobretudo a

⁷⁹ “After all, there is more than one way to use a map of shipwrecks. Those who see it as a record of defeats and errors miss the chance to use it as a guide for safer sailing, or lose the pleasure of dreaming that the map holds traces of under water treasures.”

⁸⁰ Plat. Rsp. X 607b.

homérica, reiterando o prazer (estético) de fruí-lo.⁸¹ E acrescenta: “de muito bom grado os ouviremos [i.e. os protetores da poesia], pois só teríamos a ganhar se se provasse que além de deleitável é proveitosa”.⁸²

Ora, certamente Horácio tinha mais que ciência desses deleite e proveito poéticos, como vêmo-lo expressar em sua *Ars Poetica* (343-4):

*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci,
lectorem delectando pariterque monendo*

Teve voto favorável quem misturou o útil ao agradável,
deleitando o leitor e igualmente instruindo.

Não apenas o prazer (*dulci, delectando*), mas também o valor moralizante são destacados: *utile, monendo*. Proibir histórias ou banir poetas, por condená-los como inapropriados à educação dos jovens, são atitudes que não encontramos nas *Epístolas* I, cabe frisar. Ao contrário, tendo reconhecido que o texto homérico contém de tudo, o poeta latino dá indícios de que cabe ao leitor interpretá-lo, como ele mesmo o faz.

É claro que tal aprendizado não é simples ou rápido. O próprio Horácio recomenda a Lólio que se empenhe na aplicação dos estudos.⁸³ De nada adianta se antecipar ou se atrasar: é preciso encontrar sua medida própria, sua leitura adequada, que não é forçosamente pior que as propostas por filósofos acadêmicos ou estoicos. Em suma, sua abordagem pode destacar um ato de leitura privado, bem como seu texto exemplifica uma chave, dentre inúmeras possíveis, de interpretação alegórica moralizante. Assim, propor o degredo do poeta épico ou alterar

⁸¹ Plat. Rsp. X 607d-e: Ἡ γάρ, ὦ φίλε, οὐ κηλεῖ ὑπ’ αὐτῆς [= ἡ πρὸς ἡδονὴν ποιητικὴ καὶ ἡ μίμησις] καὶ σύ, καὶ μάλιστα ὅταν δι’ Ὀμήρου θεωρῆς αὐτήν; “Pois, caro amigo, não te encantas com ela [= a imitação poética em prol do prazer] também tu, e sobretudo quando a contemplas em Homero?”

⁸² Plat. Rsp. X 607e. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 400.

⁸³ Destaquemos, sobretudo, os versos Ep. I. 2, 34-7 (como se o poeta dissesse: *posce ante diem librum cum lumine!, intende animum studiis et rebus honestis!*).

as regras que definem seu ofício são alternativas que fogem à alçada do lírico latino, cuja *persona*-poética prefere preparar-se para a realidade a propor uma outra, idealizada.

Por que dissemos “alterar as regras” do fazer poético? Porque, depois de fazer a distinção entre as formas narrativas da poesia – a saber: “o relato/narração simples” (ἀπλή διήγησις), “a imitação” (μίμησις) e “a mistura dos dois”, ciente de que a epopeia usa desse último “estilo discursivo” (λέξις)⁸⁴ – Sócrates chega a propor que o poeta que melhor se adequasse a sua cidade *imitaria* o mínimo possível (e apenas as ações dignas de serem imitadas) e sua exposição seria uma longa narrativa simples – ou, o contrário, *imitaria* ao máximo (apenas ruídos da natureza e vozes de animais, mas nenhum conteúdo inapropriado, como um deus ou um herói se lamentando pela perda dum filho ou amigo querido) e pouco ou nada exporia por meio da narração simples.⁸⁵ No entanto, o filósofo bem sabe que no fazer poético corrente (ou de bom poeta...) não há tal separação: “o estilo misto é bem interessante e muito do gosto das crianças e de seus preceptores, o que também se observa com a grande maioria do povo”.⁸⁶

Enfim, como não pode admitir em sua cidade poetas que usam abundantemente do *discurso direto*, (ou seja, falando como se fossem os próprios deuses e

⁸⁴ Plat. Rsp. III 392d a 394c (O uso de *léxis* como ‘estilo’ [discursivo...] está em 392c). Cabe pontuar uma breve distinção: a noção platônica de *mímesis*/imitação é completamente diferente das proposições de Aristotéles (para quem o conceito de *mímesis*/imitação é bem mais amplo: “o imitar é congênito no homem [...] e os homens se comprazem no imitado”; “a epopeia, a tragédia [etc.] todas são, em geral, imitações” – vide *Poética* 1448b, de 4 a 9, e 1447a, de 13 a 16 – usamos aqui a tradução de Eudoro de Souza, 1993). No trecho platônico em questão, *mímesis* está para aquilo que se chama **discurso direto** (isto é, o reportar direto da fala de uma personagem, por exemplo, por meio da convenção do travessão – *oratio recta*), assim como *diégesis* está para o chamado **discurso indireto livre** (isto é, o reportar indireto da fala da personagem, por meio de locuções introdutórias, como “ele/fulano disse que...”, “ela/ciclana respondeu que...” etc.). Interessante discussão sobre esse uso em Platão encontra-se em A. Compagnon (1979, p. 101-33), sobretudo III. 7: Le simulacre.

⁸⁵ Plat. Rsp. III 396c-397b.

⁸⁶ Plat. Rsp. III 397d. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 133.

heróis dos poemas, na voz direta desses mesmos personagens, isto é, realizando o que Sócrates chama de *mímesis*: vide nota 82), mesclando tais *imitações* às narrações das histórias (ou, usando também o *discurso indireto livre*, poder-se-ia dizer...) para tornar seu exercício mais interessante e prazeroso a todos, Sócrates se vê obrigado a admitir apenas “um poeta ou contador de histórias mais austero (αὐσπεροτέρῳ) e menos divertido (ἀηδεστέρῳ), (...), que só imite o estilo moderado (τήν τοῦ ἐπεικοῦς λέξιν)”. Mas não só, ao que adiciona: “e se restrinja na sua exposição a copiar os modelos que desde o início estabelecemos por lei, quando nos dispusemos a educar nossos soldados”.⁸⁷ A solução parece eficaz, mas também frustrante.

Em suma, se Horácio talvez concordasse com muito do que propõe Sócrates na *República*, a *Epístola* I. 2 latina parece mostrar, na verdade, uma *concordia discors*, para emprestar, *mutatis mutandis*, uma expressão horaciana célebre desse livro I de epístolas. Caso grego e latino pactuem que é mesmo difícil ou impossível ao jovem compreender e interpretar a *hyponoia*/alegoria, talvez destoeem da postura frente à dificuldade: se o filósofo prefere condenar certas passagens tidas como inapropriadas, o poeta latino nos mostra como é possível ler e entender algumas passagens homéricas (por exemplo, Ulisses tentado por Circe – mapa dum “quase” naufrágio...) dentro duma chave alegórica de tom moralizante. Se, por um lado, Sócrates talvez vetasse a leitura de boa parte da *Odisseia*, que imita os lamentos de Aquiles no Hades e narra vícios e torpezas várias de que Ulisses se safá, Horácio, por outro, recomenda a leitura dos dois épicos homéricos, sem contraindicações, como textos prenes de passagens e lições de todos os tipos: basta ao leitor aprender, sempre em busca de sabedoria, lê-las com o devido cuidado, isto

⁸⁷ Plat. Rsp. III 398a-b. A tradução é de Carlos Alberto Nunes (1988, p. 135) a que acrescentamos os termos originais.

é, reconhecendo, selecionando, interpretando e aplicando os exemplos das leituras a seu aprendizado, passos em que a epístola horaciana como que auxilia o jovem Lólio. A tarefa não é fácil, longe disso, especialmente a um jovem inexperiente. Mas jamais impossível.

Talvez tenhamos entretecido indecorosamente a argumentação platônica a nosso bem querer. Sob tal suspeita, cumpre sacrificar outras análises e hipóteses para encerrarmos o exercício com uma última observação (não de todo grosseira), instaurada pelo confronto entre filósofo e poeta antigos. Platão, filósofo célebre e desvolto (ao menos na voz de Sócrates...), rejeita Homero e os poetas como instrumentos apropriados para educar os cidadãos de sua cidade modelar; Horácio, lírico latino (*fidicen Latinus*, Ep. I. 19, 32-3) eminente, ao tratar de assuntos caros à filosofia, como a educação moral dos jovens, propõe e recomenda a leitura de Homero no lugar dos manuais dos filósofos. Se, num eufemismo, Platão não vê com bons olhos o uso da leitura alegórica, Horácio jamais a condena; ao contrário, dá exemplos delicados de como aproveitá-la. Talvez mais artificialmente curioso seja que, enquanto o filósofo grego, grosso modo, censure a poesia (sobretudo a homérica) como instrumento educacional de seus jovens cidadãos, o poeta latino use de seus hexâmetros (em tom de desinteressada poesia...) para que, inspirado por Homero e seu vigor poético, teça observações e conselhos de “ares filosóficos”, lições em versos de moral filosófica – espécie de réplica provocante a um filósofo tão pouco complacente com o “pai dos poetas”. A recusa de intérpretes, manuais e dos próprios filósofos pelo prazer de uma (re)leitura individual dos épicos homéricos é também um modo de reafirmar sua independência filosófica – e, quiçá, o prazer de “filosofar” à maneira dos poetas, como ousamos ler em Horácio.

Como já ressaltamos, há na *Epístola* I. 2 notável ênfase no ato de leitura (*posces ante diem librum cum lumine*, v. 35), e releitura (*relegere*), se quisermos,

sobretudo em seu âmbito privado, recolhido e pacato (notemos *Praeneste* em oposição a *Romae*, no verso 2), propício ao aprendizado. Excluída a reflexão sobre rejeição da tradição filosófica, algo muito próximo dizem as palavras de Edmunds (2001, p. 118-9), que se detêm antes nesse “ato de leitura” e sua esfera privada:

Não é a alegoria como tal, mas a demonstração de Horácio de sua própria leitura que veicula a questão proposta no início da *Epístola* (...). A solidez da leitura de Horácio transmite seu ponto de vista e conduz ao “protréptico” que segue a interpretação de Homero e ocupa a segunda metade da *Epístola*. Para Horácio, o texto que ele lê responde uma pergunta ética, nesse caso, a questão “Como eu devo viver?” (...). A resposta surge numa leitura particular – essa é a relevância do contraste em *Praeneste* e *Roma*. (...) O que é novo na abordagem de Horácio é a reivindicação implícita de que a lição moral vem concretamente (...) na experiência da leitura contínua. O desempenho de Horácio como leitor, como ele descreve a si próprio nesta *epístola*, demonstra essa reivindicação. Ele fornece uma leitura e uma interpretação de cada um dos dois épicos como um todo. Ele não alegoriza simplesmente, confiando nas tradições filosóficas desse tipo de exegese, mas reinterpreta os textos que está lendo. O que ele realmente faz é reler, ler de novo, *relegere*.⁸⁸

Concluindo essa seção para efetivamente observarmos nuances de leituras possíveis do que escreve Horácio em relação a Homero, não poderíamos deixar de notar a polidez do registro da epístola no início dessa “preleção”. Primeiro, anuncia as separações, geográfica e ocupacional, entre os interlocutores (v. 1-2: Horácio em *Praeneste*, relendo os épicos homéricos; Lólio em *Roma*, declamando, i.e., estudando retórica), separações que se prestam a outras oposições, desde a distinção campo (ou interior) *versus* cidade até mesmo as diferenças de idade e respectivas

⁸⁸ “It is not the allegorizing as such but Horace’s demonstration of his own reading that conveys the point made at the outset of the *Epistle* (...) The concreteness of Horace’s own reading conveys his point and leads on to the protreptic that follows the interpretation of Homer and occupies the second half of the *Epistle*. For Horace, the text that he reads answers an ethical question, in this case, the question, How should I live? (...). The answer emerges in a private reading – this is the relevance of the contrast between *Praeneste* and *Rome*. (...) What is new in Horace’s approach is the implicit claim that the moral lessons come concretely (...) in the experience of continuous reading. Horace’s performance as a reader, as he describes himself in this *Epistle*, demonstrates this claim. He gives a reading of each of the two epics as a whole and interpretation of each epic as a whole. He does not simply allegorize, relying on the philosophic traditions of this kind of exegesis, but reinterprets the texts that he is reading. What he does is truly to reread, to read again, *relegere*.”

atividades (de um lado, o homem maduro, relendo, ou seja, lendo novamente, refletindo; do outro, o jovem entretido em seus primeiros estudos). Em seguida, Horácio lista, como num sumário, as muitas coisas que se podem encontrar ao ler Homero, desde belezas a inutilidades (v. 3-4). Por último, prepara a atenção de seu leitor, por meio dum sutil imperativo em posição final do hexâmetro (v. 5: *audi*, “ouve, escuta”), suavizado pela expressão *nisi quid te distinet* (“se nada te distrai”), que marca tanto a polidez da fórmula quanto uma suposta vida agitada do jovem leitor na Roma imperial. “Delicada *captatio benevolentiae*”, diz Killpatrick (1986, p. 27), para iniciar, enfim, a leitura atenta dos épicos, fonte primária para o aprendizado juvenil: é esse exercício intelectual que oferecerá lições práticas à vida.

Como diz Alberto Manguel (2008b, p. 18), “ler é uma operação da memória por meio da qual as histórias nos permitem desfrutar da experiência passada e alheia como se fosse a nossa própria”. Lólio, portanto, há de tirar lições preciosas da leitura de Homero, trazendo para seu cotidiano aquilo que tantos outros puderam ler e aprender antes dele. Assim também sintetizaram Plessis e Lejay (1909, p. 458-9), ao dizer que “Horácio, para lhe dar alguns conselhos de moral prática, tira suas lições não da vida, que esse jovem não conhece, mas da *Ilíada* e da *Odisseia*, que ainda é para ele a única experiência do mundo.”⁸⁹

⁸⁹ “Horace, pour lui donner quelques conseils de morale pratique, tire ses leçons, non de la vie, que ce jeune homme ne connaît pas, mais de l’*Iliade* et de l’*Odisseé*, qui est encore pour lui la seule expérience du monde.”

Epístola I. 2: Horácio lendo Homero

Não digo sobre os outros a não ser para dizer mais sobre mim mesmo.

Montaigne, *Ensaaios I*, “Da educação das crianças”.

Os dez versos, de 6 a 16, esboçam um breve e particular apanhado da *Ilíada*. Segundo o comentário desmedido de Edwards (1992, p. 85) “o mais tendencioso esboço da *Ilíada* já escrito”.⁹⁰ O resumo em si, olhado de perto, mostra-se “fiel” em boa medida ao que diz Homero; a escolha dos episódios, o catálogo de vícios no verso 15 e, principalmente, o contraste que será traçado com a *Odisseia* é que podem aparentemente “condená-lo”, como veremos. Contudo, um dos aspectos que tanto instiga nesse “resumo alusivo” é sua economia, produzindo muito com tão pouco:⁹¹ em apenas dez versos, Horácio escolhe e traça situações e vilanias presentes no épico bélico de Homero que, provavelmente, Sócrates e Platão jamais recomendariam à leitura infantil ou juvenil. E desse resumo, lições diversas poderão ser extraídas segundo o desenrolar da epístola horaciana, em geral recomendações para que se evitem tais vícios e comportamentos condenáveis.

Não escapa aos analistas a “direção” que Horácio confere aos versos. Vejamos:

*Fabula, qua Paridis propter narratur amorem
Græciã bārbāriã || lēntō cōnlīsã dūēllō,
stultorum regum et populorum continet aestum.
Antenor censet belli praecidere causam;
quid Paris? Vt saluus regnet uiuatque beatus
cogi posse negat. Nestor componere litis
inter Peliden festinat et inter Atriden;
hunc amor, ira quidem communiter urit utrumque.
Quidquid delirant reges, plectuntur Achiui.
Sēdītōnē, dōlīs, || scēlère ātquē libīdīne ēt irā
Iliacos intra muros peccatur et extra. (Ep. I. 2, 6-16)*

⁹⁰ “the most tendentious sketch of the Iliad ever written.”

⁹¹ Cf. observação de Conte e Barchiesi (1989, p. 84 e ss.) sobre “l’arte allusiva e sua economicità”.

A história, em que se narra o lento duelo entre gregos e bárbaros lutando por causa do amor de Páris, retrata o desvario de reis e de povos tolos. Antenor arrazoa acabar com a causa da guerra; o que diz Páris? A reinar em paz e a viver feliz nega que possam obrigá-lo. Nestor a desfazer o conflito entre o Pelida e o Atrida se apressa: a este o amor queima, mas na verdade a ira inflama igualmente os dois. No que quer que devaneiam os reis, sofrem os Aqueus. Por sedição, dolos, crime, libido e ira peca-se dentro dos muros de Ílion, e também fora.

O catálogo de vícios, ágil (notem-se os dátilos e as elisões) e em *crescendo*, do verso 15, expressa, tanto pela enumeração quanto pela condensação num único verso, o tom da leitura da *Ilíada* feita por Horácio, ponto central mencionado acima: pode-se ler tal trecho não apenas como um norte rumo às lições de tom moralizante, mas sobretudo como preparação do contraste que será proposto pela leitura da *Odisseia*, a seguir. Mas, antes, cumpre ler detalhadamente esse resumo.

O verso 7 dá destaque à guerra entre gregos e *bárbaros*, termo usado pelo poeta. Essa tênue distinção de “povos opostos” em tão célebre guerra recebe comentários desde Isócrates, em seu *Panegírico de Atenas* (*apud* BUFFIÈRE, 1973, p. 354-5, *grifo nosso*):

A meu ver, se a poesia de Homero tornou-se célebre, é porque ela fez um belo elogio daqueles que lutaram contra os bárbaros; e é por isso que nossos ancestrais quiseram honrar sua arte nos concursos poéticos e na *educação dos jovens*, a fim de que, pela audição frequente de seus versos, nós instruamo-nos a respeito da raiva que existe desde outrora contra os bárbaros, e que, pela rivalidade da coragem dos membros dessa expedição, nós aspiremos à proezas semelhantes às deles.⁹²

⁹² “A mon avis, si la poésie d’Homère est devenue célèbre, c’est qu’il a fait un bel éloge de ceux qui ont lutté contre les barbares; et c’est pour cela que nos ancêtres ont voulu honorer son art dans les concours poétiques et dans l’éducation des jeunes gens, afin que, par l’audition fréquente de ses vers, nous nous instruissions de la haine qui existe d’avance contre les barbares, et que, par rivalité avec le courage des membres de cette expédition, nous aspirions à des exploits semblables aux leurs.”

Se, por um lado, em meio a essa transmissão por gerações do ódio aos estrangeiros, cujas línguas desconhecidas ironiza a denominação onomatopaica,⁹³ Isócrates insiste no elogio dos que lutaram pelo flanco grego, por outro, Horácio não parece tomar partido, nem preconizar o ódio, tampouco educar por meio dele: apenas confronta gregos e bárbaros em *lento duello*⁹⁴ sob a justificativa do amor de Páris. Tais gregos e bárbaros figuram indistintos nos genitivos do verso seguinte (v. 8: *stultorum regum et populorum*, “dos tolos reis e povos”), bem como na expressão ao fim do resumo, no verso 16 (*Iliacos intra muros... et extra*, “dentro e fora dos muros troianos”). E, se o amor de Páris foi evocado como a razão da guerra (v. 6: *propter amorem Paridis*, “por causa do amor de Páris”), não é descabido lembrar que uma única e curta menção é feita na *Ilíada* sobre os motivos (divinos...) do início da guerra, curiosamente em seu último canto (XXIV, 25-31): o episódio conhecido como o “pomo da discórdia”. Nesse trecho da carta, a relação da guerra com os deuses é apagada: não importam as forças e decisões divinas, são os homens que agem sobre a terra e suas ações serão alvo de análise e crítica. Os acusativos *amorem* (“amor carnal, paixão”, v. 6) e *aestum*⁹⁵ (“calor, fervor, paixão, agitação do espírito”, v. 8), ambos próximos e em final de verso, prenunciam as associações que serão feitas no desenrolar da epístola.

⁹³ Cf. DELG βάρβαρος: A composição antiga *barbaróphoros* confirma que *bárbaros* designa o estrangeiro no modo como ele fala uma língua estranha e como que balbuciante, que não se compreende. (...) Trata-se de uma formação calcada sobre uma onomatopeia. [“Le composé ancien βαρβαρόφωρος confirme que βάρβαρος désigne l'étranger en tant qu'il parle une langue étrange et comme balbutiante, que l'on ne comprend pas. (...) Il s'agit d'une formation fondée sur une onomatopée.”]

⁹⁴ A solene lentidão, da cesura em diante, no verso 7 latino intensifica *forma* e *conteúdo* do adjetivo *lento* (os longos 10 anos da guerra troiana...), ressaltada também pelo artificial trissílabo *duello* (MAYER, 1994, p. 113).

⁹⁵ Como recorda Préaux (1968, p. 50) em nota, certa “inquietação” havia sido expressa pelo poeta no verso 99 da Ep. I. 1: *mea sententia... aestuat*, “meu pensamento inquieta-se” (grifo nosso).

A seguir, o texto atento do poeta latino centra-se no resumo dos versos 348 a 353 do canto VII da *Ilíada*: Antenor propõe aos Troianos e demais aliados que deixem os gregos retomarem Helena e os bens que trouxe consigo; e prediz que, caso não o escutem, algo de ruim os aguardará. Essa, pois, é a “causa da guerra” (*causam belli*) a que o verso 9 faz menção. Logo após o pronunciamento de Antenor, Páris descontente levanta-se e diz:

Ἀντήνορ σὺ μὲν οὐκέτ' ἔμοι φίλα ταῦτ' ἀγορεύεις:
οἶσθα καὶ ἄλλον μῦθον ἀμείνονα τοῦδε νοῆσαι.
εἰ δ' ἔτεόν δὴ τοῦτον ἀπὸ σπουδῆς ἀγορεύεις,
ἔξ ἄρα δὴ τοι ἔπειτα θεοὶ φρένας ὤλεσαν αὐτοί.
αὐτὰρ ἐγὼ Τρώεσσι μεθ' ἵπποδάμοις ἀγορεύσω:
ἀντικρὺ δ' ἀπόφημι γυναῖκα μὲν οὐκ ἀποδώσω:
κτήματα δ' ὅσς' ἀγόμεν ἔξ Ἄργεος ἡμέτερον δῶ
πάντ' ἐθέλω δόμεναι καὶ οἴκοθεν ἄλλ' ἐπιθεῖναι. (*Ilíada* VII, 357-64)

(...) “Antenor, não me agradou tua fala.
Sabes oferecer propostas de mais préstimo.
Se o que dizes é a sério, os deuses te fizeram
perder o juízo. Teucros, doma-corcéis, é
minha vez de falar, e falo claro: não
restituo a mulher; os tesouros que trouxe
de Argos, essas riquezas todas estou pronto
a devolver, somadas a outros bens que tenho”. (I-HC VII, 357-64)

Pode-se agora compreender a ironia de que falam Dilke (1966, p. 80) e Préaux (1968, p. 50) na “interpretação livre” que tece Horácio. No texto grego, Páris não fala de “reinar em paz” ou de “viver feliz” (*saluus regnet uiuatque beatus*, v. 10). Ao contrário, refuta com clareza a entrega da consorte (ἀντικρὺ δ' ἀπόφημι γυναῖκα μὲν οὐκ ἀποδώσω, “diretamente falo: a mulher não devolverei”) e propõe a restituição das riquezas que Helena trouxera, acrescidas de suas próprias, como uma espécie de resgate ou tributo com que possa extinguir a guerra. A situação de Páris ante a turba dos troianos é difícil: a proposta de Antenor para que se devolva Helena pode ter agradado, é preciso refutá-la com veemência.

Por isso o príncipe troiano começa seu diálogo com esse rebaixamento tanto da sugestão quanto da própria figura de Antenor ante seus compatriotas.

Por um lado, tal receio da “multidão”⁹⁶ que poderia forçar ou coagir o Priâmeo a tomar outra atitude expressa-se no infinitivo passivo latino *cogi* (“ser forçado”) no verso 11 da epístola horaciana; mas uma coação a alternativas e opções “doces”, “suavizadas”, como é ironicamente sugerido. Essa imagem branda talvez seja oriunda das passagens na *Ilíada* que descrevem Páris em situações pacatas, amenas, se comparadas às de seus companheiros: por exemplo, no canto VI, enquanto o exército troiano enfrentava os gregos no campo de batalha, o jovem Priâmeo polia suas armas (couraça, escudo, arcos) em seu suntuoso aposento, acompanhado de Helena (v. 318 e ss.), retornando à guerra apenas após a “bronca” do irmão. Por outro, parece surgir, nas palavras “colocadas na boca” de Páris, certo questionamento quanto à obrigação de se levar uma *uita beata*. Termo caro à linguagem filosófica latina, *beatus* pode reivindicar um “direito à estultícia” (eis também uma felicidade), na expressão forte associada ao príncipe. Enfim, maneiras díspares de se olhar para a mesma formulação linguística.

Sem transições suaves, ou seja, pelo “corte seco” da parataxe, comum no discurso épico, o resumo latino transfere-se dos troianos para o campo argivo, separando-os apenas a cesura do verso 11. A descrição da atitude de Nestor talvez possa ser lida com alguma ironia, caso se entenda que o verbo *festinat* (“apressa, acelera”, v. 12) não descreve a atitude do velho herói grego frente a celeuma entre Aquiles e Agamêmnon. Após a discussão inicial desses dois, relatada no canto I da *Ilíada* (cena de que trataremos a seguir), Nestor toma a palavra e discursa por trinta

⁹⁶ Nos versos anteriores à fala de Antenor (*Ilíada* VII, 344 e ss.), narra-se o tumulto da assembleia troiana na acrópole.

versos,⁹⁷ dos quais apenas os nove últimos sugerem uma proposta de *componere litis* (“trazer um fim ao litígio”), como diz Horácio no verso 11.

Os vinte e um primeiros versos podem ser lidos como formulars, talvez bem o sejam: mas todo o louvor que Nestor faz de si e de seu passado glorioso, em dois terços de sua fala, talvez sugiram certa “blasonaria que apenas retarda a objetividade da mensagem”: eis a ironia acima sugerida. Caso contrário, pode-se perceber apenas um conjunto completo dessa fala, tomada em sua totalidade, em que o primeiro e sábio herói (ἔυφρονέων, “o bem-pensante”, verso 253, na tradução de Haroldo de Campos) a tomar a palavra solicita que Agamêmnon e Aquiles voltem atrás em suas decisões impetuosas. Notemos que o verso 13, ao reforçar o embate entre o Pelida e o Atrida, retoma o sentimento de *amor* previamente anunciado e introduz uma novo em cena: a ira.

A insistência no nome *ira*, versos 13 e 15 da *Epístola* I. 2, resgata a tão debatida μῆνις (“ira, cólera, raiva duradoura”),⁹⁸ início e centro de toda a *Ilíada*. É o único, dentre os vícios elencados nesse resumo de dez versos, a merecer uma definição clara e sucinta no percorrer da epístola (v. 62): *ira furor brevis est* (“a ira é um breve furor”). Símbolo primeiro da ira em Homero, “Aquiles é incapaz de conservar a medida”,⁹⁹ como bem expressa Buffière (1973, p. 334): ao início da *Ilíada*, desentende-se com Agamêmnon, rei dos reis; em excesso, ultraja o corpo de Heitor, com cujo pai haverá de se reconciliar, ao fim.

⁹⁷ *Ilíada* I, 254–84.

⁹⁸ DELG μῆνις: “cólera duradoura, justificada por um desejo de vingança legítima, diz-se sobretudo dos deuses, dos heróis mortos, mas também humanos, parentes ou suplicantes, particularmente Aquiles na *Ilíada*.” ~> [“colère durable, justifiée par un désir de vengeance légitime, dit surtout de dieux, des héros morts, mais aussi d’humains, parents ou suppliants, particulièrement d’Achille dans l’*Iliade*.”]

⁹⁹ “Achille est incapable de garder la mesure.”

As advertências curtas e diretas que Horácio dirige a Lólio (e aos demais leitores) na segunda metade da epístola retomam essa menção inicial à *Ilíada*, como ilustração do que deve ser bem medido e evitado. Em outras palavras, o resumo do épico bélico feito nesse início da epístola servirá de ilustração ao comportamento reprovável sobre os quais versarão as máximas de Horácio – como um “mapa de naufrágios”, sugerido anteriormente. Por exemplo, no verso 55 pode-se ler uma espécie de aviso contra um comportamento desmedido, como os de Agamêmnon ou de Aquiles no primeiro canto do épico bélico, o que comentaremos a seguir.

Antes, contudo, não é vão lembrar os detalhes da cena inicial da *Ilíada*: o sacerdote Crises dirige-se aos comandantes gregos, trazendo os dons e as fitas consagradas a Apolo para remir a filha feita refém. Dos dois Atridas, é Agamêmnon quem nega-lhe o pedido, ao que Apolo revida lançando suas flechas sobre o exército aqueu, solicitadas pelo devotado sacerdote. Espantados com tamanho furor dos deuses, Calcas explica aos Argivos que Agamêmnon ofendera Apolo ao recusar o resgate proposto por Crises, explicação que só vem à tona após a garantia da proteção pessoal de Aquiles: Calcas teme que o rei dos reis se volte contra ele e seus vaticínios. Realmente enfurecido, Agamêmnon confessa, preterindo Clitemnestra, seu desejo por Criseida;¹⁰⁰ mesmo contrariado, propõe devolvê-la: porém quer e exige um prêmio, um butim (γέρας) que lhe compense a perda. Aquiles, tentando apaziguar o ânimo do líder, fala dos bens maiores que Agamêmnon receberá

¹⁰⁰ *Ilíada* I. 111-3. Notemos como essa passagem homérica deixa “claro” o referente de *hunc*, no verso 13 da epístola: “este”, ou seja, anafórico para “o último mencionado”, i.e. o Atrida, “a quem o Amor queima”. Assim também o entendem Préaux (1968, p. 51), Sabbadini (1970, p. 14), Dilke (1980, p. 80) e Villeneuve (1955, p. 45). Esses dois últimos, entretanto, notam que Horácio cantara o amor de Aquiles por Briseis na *Ode* II. 4, notadamente mais famoso:

<i>Ne sit ancillae tibi amor pudori</i>	Não seja vergonha para ti o amor duma criada,
<i>Xanthia Phoeu: prius insolentem</i>	Xantia da Fócida: outrora a escrava
<i>serua Briseis niueo colore</i>	Briseis, de nívea cor, perturbou
<i>mouit Achillem.</i>	o insolente Aquiles. (<i>Ode</i> II. 4, 1-4)

quando Troia ruir: injusto seria redividir os despojos de guerra já partilhados. O rei desmedido ainda mais se enfurece: vê como afronta a intervenção do Pelida e declara que lhe tomará Briseida, recompensa de guerra destinada a Aquiles. Esse, por sua vez, sente tomar-lhe a ira: ou “abate o Atreide no ato,/ ou reprime o furor e doma a revolta no ânimo”¹⁰¹ (I-HC I. 191-2; grifo nosso). Atena, dos céus, então, desce, enviada por Hera, para segurar o herói pelos cabelos e conter-lhe o ímpeto explosivo, evitando assim a morte de Agamêmnon. É com precisão que Horácio anota, no verso 13, que a ira consome tanto o Peleide quanto o Atrida: note-se, além da construção com o pronome adjetivo *utrumque* (“um e outro, ambos, os dois”) e o advérbio *communiter* (“um e outro em comum”), o reiterado /r/ raivoso, *littera canina*, como bem nota Préaux (1968, p. 51).

Se, no verso 14 da epístola (*quidquid delirant reges, plectuntur Achiui*, “no que quer que devaneiam os reis, sofrem os Aqueus”),¹⁰² por um lado, o poeta latino confirma, graças à escolha cuidadosa dos verbos do período, uma espécie de condenação do comportamento do Atrida, cuja descontrolada avidez (*avaritia*) trouxe apenas a discórdia ao exército grego, por outro, os versos 55 e 56 trazem conselhos e avisos a Lólio (e aos demais leitores) especialmente inspirados contra essa falta de medida e de controle (*hybris?*), dirigindo-se àqueles que possuam ânimos ou temperamentos semelhantes ao de Agamêmnon. Retomando o resumo traçado ao início da epístola, segundo uma possível leitura intertextual, eis os conselhos expressos:

¹⁰¹ *Iliada* I. 192: ἤε χόλον παύσειεν ἐρητύσειέ τε θυμόν. A *ira* horaciana parece reunir a variação lexical grega: μήνις e χόλος (nesse caso).

¹⁰² O livro de Plessis & Lejay (1909, p. 460) é uma ótima fonte para muitos detalhes, tanto das cenas homéricas, quanto de alguns comentários latinos. Por exemplo, sobre *plectuntur*, anotam: “Apolo, graças à oração de seu sacerdote Crises, pai de Criseis, devastava o campo dos Gregos com uma epidemia”. ~> [“Apollon, à la prière de son prêtre Chrisès, père de Chrysis, ravageait le camp des Grecs par une épidémie”].

*Spērnē uōlūptātēs; || nōcēt ēmptā dōlōrē uōlūptās.
Sēmpēr āuārūs ēgēt; || cērtūm uōtō pētē finēm.* (Ep. I. 2, 55-6)

Despreza os prazeres; o prazer comprado com a dor é prejudicial.
O avarento sempre tem necessidade; dá um limite certo a teu desejo.

Destaquemos o começo semelhante dos dois versos (“anagramas”, trocando *n* por *m*), como se devessem vir grafados juntos. Ademais, o quiasmo sintático bem marcado nas cesuras fortes agrega o conjunto (imperativo, *explicação x explicação*, imperativo: dispostos parataticamente).¹⁰³ A aliteração em /t/ de todo o conjunto parece ditar o ritmo de uma ordem explícita.¹⁰⁴

Ora, o exemplo funesto do Atrida que, mesmo com poder e riqueza superiores, não soube impor limite a suas vontades – desejoso pela filha do sacerdote, ávido pelo prêmio alheio – parece merecer a dupla admoestação aqui proposta.

Como personagens cujos atos, em determinados momentos do épico, se mostram impensados e imoderados, Agamêmnon e Aquiles podem funcionar como exemplos do que deve ser evitado, espécie de “contra-exemplo” (aquele *mapa...*, vale lembrar), uso alegórico que Sócrates na *República* platônica julgaria, no mínimo, suspeito. A formulação de Buffière (1973, p. 335), pode auxiliar essa

¹⁰³ Mayer (1994, p. 121) faz essa observação sintática.

¹⁰⁴ Os dois versos guardam curioso emaranhado sonoro: às assonâncias /el-/el/, ao início dos versos, acrescem-se os conjuntos /ol-/ol-/el-/ol/ e /ol-/ol-/el-/el/, quase à mesma posição em seus segundos hemistíquios; as consoantes /s/ e /p/ parecem também cuidadosamente dispostas. Eis a observação de Claudia Tosi (2000, p. 64) sobre a poesia horaciana, que julgamos assaz apropriada: “um extremo refinamento e elegância no desenvolvimento das articulações múltiplas e várias, dando assim prova de admirável arte de ourives. Em sua obra nota-se um sapiente entrelace fonossintático, uma técnica compositiva muito cuidadosa, uma contínua busca de concentração expressiva, uma disposição particular dos vocábulos, que se iluminam e se reforçam mutuamente e uma escolha cuidadosa dos mesmos, baseada também em seus volumes, no número de sílabas que lhes compõem.” ~> [“un’estrema raffinatezza ed eleganza nello svilupparle in articolazioni molteplici e varie, dando così prova di mirabile arte di cesellatore. Nelle sue opere si notano un sapiente intreccio fonosintattico, una tecnica compositiva molto accurata, una continua ricerca di concentrazione espressiva, una particolare disposizione dei vocaboli, che si illuminano e si rafforzano a vicenda e un’oculata scelta degli stessi, basata anche sul loro volume, sul numero delle sillabe che li compongono.”]

reflexão: “Eis como Homero ensina a moral: pelo exemplo de seus heróis. Mas cabe ao leitor e ao moralista fazer a diferenciação entre os bons e os maus exemplos, de separar o mel e a cera.”¹⁰⁵

Para ilustrar, a recomendação para que se modere a ira aparece na *Epístola* I. 2, nos versos 59–61, por meio da sugestão de um previsível ressentimento (notemos *infectum* ao início do verso), consequência das atitudes desmedidas:

(...) *Qui non moderabitur irae,
infectum uolet esse, dolor quod suaserit et mens,
dum poenas odio per uim festinat inulto.* (Ep. I. 2, 59–61)

(...) Quem não moderar sua ira,
desejará não ter feito o que o ressentimento e o ímpeto lhe haviam persuadido,
enquanto urge castigos, por meio da violência, para um ódio impune.

A questão central persiste: a moderação da própria ira. A suposição feita por Horácio, de modo notadamente abstrato, nos remete a uma outra suposição, desta vez um pouco mais concreta, presente no texto homérico. No canto IX da *Ilíada*, como último interlocutor da embaixada enviada por Agamêmnon para se reconciliar com Aquiles, Fênix é aquele que leva as palavras mais “amigas”, se comparadas às de Odisseu e Ájax. Ao início de seu discurso, recorda ao herói de pés-velozes a afeição mútua: fora preceptor do Pelidas quando jovem, posição outorgada pelo próprio Peleu. Em seguida, Fênix narra o infortúnio de sua história familiar: fugira ainda jovem da Hélade porque havia se deitado, por súplica da mãe ultrajada, com a amante de seu próprio pai; esse, irado, invocou as Erínias contra o filho, ao que Fênix acrescenta:

¹⁰⁵ “Voilà comment Homère enseigne la morale: par l'exemple de ses héros. Mais c'est au lecteur et au moraliste de faire le départ entre les bons et les mauvais exemples, de séparer le miel et la cire.”

τὸν μὲν ἐγὼ βούλευσα κατακτάμεν ὄξει χαλκῷ.
ἀλλά τις ἀθανάτων παῦσεν χόλον, ὅς ῥ' ἐνὶ θυμῷ
δήμου θῆκε φάτιν καὶ ὀνειδέα πόλλ' ἀνθρώπων,
ὥς μὴ πατροφόνος μετ' Ἀχαιοῖσιν καλεοίμεν (*Iliáda* IX, 458-61)

Tive o desígnio de a vida tirar-lhe com bronze afiado;
mas a ira um deus me acalmou, dando-me o azo, a que, então, refletisse
na triste fama com que passaria a viver entre o povo,
se 'parricida' ao meu nome juntasse entre os homens da Acaia. (I-CAN IX, 458-61)¹⁰⁶

Fênix declara perceber quão amaldiçoado e tolo teria sido se tivesse obedecido a sua ira e agido violentamente – reflexão que se assemelha à proposta por Horácio. Não obstante a debatida autenticidade dos versos homéricos citados, se, por um lado, a expressão “um dos imortais” (τις ἀθανάτων, v. 459), na passagem épica, faz parar a cólera de Fênix, refreando o que teria sido o pior, caso tivesse agido, por outro, no verso latino ressaltam-se *dolor* (“dor, ressentimento...”) e *mens* (“mente, razão, coragem, ímpeto...”) como íntimas conselheiras ao impensado. Não se fala, em momento algum, em auxílio ou intervenção dos deuses na epístola – ponto que voltaremos a abordar. A recomendação horaciana prefere o autocontrole (notemos: *moderabitur!*) à confiança irrestrita na vontade ou nos desígnios divinos.¹⁰⁷

¹⁰⁶ O texto grego da edição da *Iliáda* de Haroldo de Campos traz os versos 458-61 do canto IX entre parênteses. Não nos furtamos em citar sua tradução:

(...) (Com o bronze agudo quis matá-lo;
um deus, no coração, me reprimiu a cólera;
me recordou a voz do povo, a infâmia que entre
os filhos dos Aqueus recobre o parricida.) (I-HC IX, 458-61)

Manoel Odorico Mendes, em versos ainda mais sintéticos, nem chega a expressar o desejo de Fênix, deixando a passagem bastante expressiva:

Então (quanto o furor nos cega e arrasta!)
Pérfido eu quis... O braço um deus reteve,
E me salvou de horrendo parricídio. (I-OM IX, 379-81)

¹⁰⁷ Recordemos os dois últimos versos da *Epístola* I. 18, endereçada (provavelmente) ao mesmo Lólio: *Sed satis est orare Iouem quae ponit et aufert; / det uitam, det opes; aequum mi animum*

Fênix percebe a possível desmedida que teria praticado, caso tivesse feito aquilo que seu íntimo impetuosamente ansiava. Ora, por ter conseguido meditar e conquistar o autocontrole em momento tão difícil, a narração de Fênix propõe a Aquiles, de modo mais indireto, a mesma recomendação à meditação. Como se desempenhasse o papel de preceptor do jovem Lólio, Horácio recomenda tal reflexão, porém de modo abstrato, ou melhor, *alegórico*, depois de ter já refrescado a memória de seu pupilo com variados exemplos homéricos. Enfim, moderar a própria ira, refletindo nos castigos possíveis para uma ação desmedida: eis uma das múltiplas chaves de leitura e interpretação dessa divagação, horaciana e homérica. Como resume Buffière (1973, p. 335), “bom tema de meditação para as pessoas irascíveis: a reflexão deve prevenir e evitar as circunstâncias nas quais se está exposto a perder o controle de si”.¹⁰⁸

Poucos versos adiante na *Ilíada* (IX, 496), Fênix exorta Aquiles: ἄλλ’ Ἀχιλεῦ δάμασον θυμὸν μέγαν (“Aquiles, doma teu mega-ânimo/coração!”). O imperativo é forte, sem meio tom; a recomendação é clara e direta. Tal exortação terá eco na epístola de Horácio, excluída a adjetivação personalíssima (ou formular), tendo em vista sua melhor adequação ao contexto epistolar; no verso 62, diz o poeta a seu(s) leitor(es): *animum rege* (“doma teu ânimo!”). De modo tão claro e direto, como também recomenda Fênix, o preceptor de um jovem não hesita ao dar ordens específicas e objetivas quando necessárias, por vezes narrando-lhe histórias que possam exemplificar certos conselhos práticos. Não por acaso, esse imperativo encontra-se na exata sequência da definição de *ira* que comentamos anteriormente, tema tão central na descrição do Pelida, mencionado na abertura da epístola.

ipse parabo. “Mas suficiente é pedir para Jove as coisas que ele provê e tira; / que me dê a vida, me dê os recursos; **ânimo equilibrado eu mesmo preparar-me-ei.**” (grifos nossos).

¹⁰⁸ “Beau sujet de méditation pour les gens irascibles: la réflexion doit prévenir et éviter les circonstances où l’on est exposé à perdre le controle de soi.”

Aquela mudança na direção, de que falávamos páginas atrás, será, enfim, mais bem percebida logo na primeira palavra do verso 17, *rursus*,¹⁰⁹ como um “passo à trás” ou “meia volta, volver”: terão início os comentários horacianos (e nossos) sobre a *Odisseia*. O resumo da *Ilíada* finaliza-se na epístola após catalogar os pecados e vícios que tomam toda Ílion, dentro e fora de seus muros (v. 16) – contraste que evidencia o papel desse épico na carta.

Retomemos as palavras de Horácio para prosseguir:

*Rursus, quid uirtus et quid sapientia possit,
utile proposuit nobis exemplar Vlixen,
qui domitor Troiae multorum prouidus urbes,
et mores hominum inspexit, latumque per aequor,
dum sibi, dum sociis reditum parat, aspera multa
pērtūlīt, āduērsīs || rērum īnmērsābīlīs ūndīs.* (Ep. I. 2, 17-22)

De outro lado, o que pode a virtude, o que pode a sabedoria, ele [Homero] nos propôs – como um útil exemplo – Ulisses, que, domador de Troia, providente, as cidades de muitos e os costumes dos homens observou, pelo amplo pélagos, enquanto a si, enquanto aos sócios prepara o retorno, agruras muitas sofreu, insubmergível às ondas adversas da ventura.

O início desse resumo talvez possa merecer a pecha de tendencioso. Além de apresentar os indicadores que norteiam a leitura do poeta – *uirtus* e *sapientia* –, a associação direta da figura de Ulisses a um *utile...exemplar* atestam o propósito alegórico da personagem e de suas peripécias

Notemos que esse *utile exemplar* é proposto **a todos nós** (*nobis*, início do segundo hemistíquio do v. 18, após uma cesura fraca), autor e leitores da epístola, sem distinção. O pronome pessoal em seu dativo plural, quase imperceptível em

¹⁰⁹ Como bem recorda a etimologia do advérbio (OLD *rursus*, ~um [re- + uersus]) e comprovamos no Ernout e Meillet (DELL *re-*, *red-*: “prefixo verbal marcando um movimento para trás ou um retorno a um estado anterior (...) ou também um movimento no sentido contrário, que desfaz aquilo que foi feito.” ~> [“préverbe marquant un mouvement en arrière ou un retour à un état antérieur (...) ou aussi un mouvement en sens contraire, qui détruit ce qui a été fait.”])

meio a uma proposta de leitura tão peculiar da passagem homérica, ressalta a ampla aplicação do “conjunto de conselhos” em questão. Se, por exemplo, ao invés de *nobis*, o autor tivesse usado *tibi* (“para ti”) ou *uobis* (“para vós”), o trecho soaria autoritário ou arrogante, e as lições daí tiradas não exprimiriam a mesma amplitude sugerida quanto no passo original. Afinal, aplicar-se-iam apenas a Lólio ou aos demais, e não ao próprio poeta, supostamente superior, caso o entandamos com sabedoria. Usando *nobis*, o poeta se inclui dentre aqueles que ainda estão em constante aprendizado, excluindo-se qualquer hierarquia entre aqueles que aprendem: apenas o material que se lê é moralmente superior. Sutilmente se fortalecem tanto o vínculo entre leitor(es) e autor da epístola, que hão de aprender juntos (ou reforçar o aprendizado), quanto a aplicação vasta da leitura alegórica sugerida, propondo as interpretações morais que servem a todos, sem distinção, inclusive ao autor da proposta – o que legitima, por fim, a própria alegoria: melhor quanto mais ampla e universal. Leitores e autor não são, pois, sábios plenos, porém eternos *proficientes...* (caminham rumo à sabedoria).

Afinal, o que pode nos ser útil?

Um *programa geral* da alegoria homérica expressa na figura de Ulisses já se anunciava em Heráclito (*apud* Buffière, 1973, p. 378):

Todo o curso errante de Ulisses, se se deseja olhá-lo de perto, não é senão uma vasta alegoria. Ulisses é como um instrumento de todas as virtudes, que Homero forjou e de que se serve para ensinar a sabedoria: porque ele detesta os vícios que corroem a humanidade.¹¹⁰

A mudança de rumo (*rursus*) proposta simboliza uma virada importante nesse jogo intertextual com os épicos homéricos: (1) se os exemplos da *Ilíada* são

¹¹⁰ “Toute la course errante d’Ulysse, si l’on veut bien y regarder de près, n’est qu’une vaste allégorie. Ulysse est comme un instrument de toutes les vertus, qu’Homère s’est forgé, et dont il se sert pour enseigner la sagesse: car il déteste les vices qui rongent l’humanité.”

mais sutis ou estão mais velados, os da *Odisseia* serão patentes e declarados; (2) se o início desse resumo odissíaco traçado por Horácio deixa claro que “Homero propôs Ulisses como um exemplo útil daquilo que pode a **virtude** e a **sabedoria**” (v. 17-8), ao resumir a *Ilíada* o poeta latino havia começado com “a fábula que narra a guerra, por causa do amor de Páris” (v. 6-7), ao que se acrescenta o fervor de reis e povos estultos – forte oposição de conteúdo entre as obras. Enfim, se uma é “virtuosa” e “direta”, a outra obra é “viciosa” e “indireta”. Eis as primeiras diferenças entre os épicos anunciada nessa virada, segundo Horácio.

Nos versos 17 e 18, a epístola deixa de lado a invocação à Musa, presente no primeiro verso da *Odisseia*, para nomear Ulisses como personagem ou modelo *exemplar* das lições que serão anunciadas no desenrolar do texto – distinção notável entre o proêmio épico e sua retomada epistolar. Cumpre observar que o proêmio odissíaco não cita o nome de Odisseu, diz apenas ἄνδρα (“homem”, v. 1). Ora, tal sutileza contrasta com o proêmio da *Ilíada* que coloca Aquiles no centro logo ao primeiro verso (μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος, “A ira, canta, ó Deusa, do Peleide Aquiles”), contraste comentado em detalhe por Pietro Pucci (1997, p. 12-5).¹¹¹ Assim, se a *Odisseia* evita nomear Odisseu em seu célebre

¹¹¹ Referimo-nos sobretudo ao texto “The proem of the *Odyssey*”, reunido em *The song of the sirens*, do qual destacamos: “Está claro desde os tempos antigos que as primeiras palavras dos dois poemas, *mênin* e *andra*, definem uma vasta oposição de conteúdo e éthos, e fica claro hoje que esse contraste é articulado por meio da vasta feitura dos dois poemas. A oposição refere-se primeiro ao assunto em questão: o objeto da *Ilíada* é a ira de Aquiles, um evento fatal em seu destino de guerreiro, enquanto que o da *Odisseia* é o homem, um caráter, uma *bios*. (...) se compararmos diretamente o proêmio da *Odisseia* com o da *Ilíada*, vemos que enquanto a ira de Aquiles é destrutiva a seu povo, Odisseu luta para salvar seus companheiros. (...) O contraste entre a angústia de Aquiles ao colocar sua vida ‘sempre’ em jogo e a angústia de Odisseu para salvar sua vida constitui a diferença existencial entre os dois poemas e dispensa comentário. A *Ilíada* é o poema de total gasto de vida e a *Odisseia* é o poema de uma controlada economia de vida”. ~> [“It has been clear since ancient times that the first words of the two poems, *mênin* and *andra*, define a vast opposition of content and ethos, and it is clear today that this contrast is articulated through the whole fabric of the two poems. The opposition refers first to the subject matter: the object of the *Iliad* is Achilles’ wrath, a fatal event in his warrior destiny, while that of the *Odyssey* is a man, a

proêmio, deixando como que “em aberto” a identidade de seu protagonista,¹¹² Horácio, ao contrário, faz questão de dizer que tratará de Ulisses, e não de um homem ou herói qualquer.

Já que todos os comentadores consultados das *Epístolas* I apontam tais versos como “tradução (livre)” do proêmio da *Odisseia*, não será em vão o confronto das duas passagens. Repitamos aqui o início do épico:

ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
 πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν:
 πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,
 πολλὰ δ' ὃ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
 ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων. (*Odisseia* I, 1-5)

O homem, a mim, canta!, ó Musa, multiversado, que males muitos
 enfrentou, depois de, a cidadela sagrada de Troia, ter saqueado:
 de muitos homens viu as cidades e o costume conheceu,
 mar adentro experimentou muitos sofrimentos no íntimo
 ao lutar pela vida e pelo retorno dos companheiros.¹¹³

Muito pode ser dito: bastaria, por exemplo, comentar palavras tão preñes como θυμός, νόος e ψυχὴ, presentes nesses cinco versos.¹¹⁴ Na passagem do grego

character, a *bios*. (...) if we compare directly the proem of the *Odyssey* with that of the *Iliad*, we see that while Achilles' wrath is destructive of his people, Odysseus strives to save his companions. (...) The contrast between Achilles' anguish as he puts his life 'always' at a stake and Odysseus' anguish in saving his life constitutes the existential difference between the two poems and needs no comment. The *Iliad* is the poem of total expenditure of life and the *Odyssey* is the poem of a controlled economy of life.”]

¹¹² Modernamente, poderíamos cogitar que esse “homem” não nomeado pode predispor ouvintes e leitores a se colocarem mais facilmente no lugar/papel da personagem, aumentando-lhe a empatia, o que não ocorre no proêmio iliádico. Pucci (1997, p. 22) comenta algumas das dificuldades inerentes ao nome de Odisseu, seus sentidos evocados e sua consequente ausência no proêmio.

¹¹³ Não poderíamos deixar de citar a concisa e vigorosa tradução de Manoel Odorico Mendes:

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
 Rasa Ílion santa, errou de clima em clima,
 Viu de muitas nações costumes vários.
 Mil transes padeceu no equóreo ponto,
 Por segurar a vida e aos seus a volta; (O-OM I, 1-5)

ao latim, por um lado, ao traduzir o acusativo singular *vóov* pelo plural *mores*, ambos termos de difícil tradução nas línguas modernas,¹¹⁵ Horácio faz notar menos uma feição física do que um “aspecto comportamental” no campo semântico do étimo grego,¹¹⁶ justificando a escolha tradutória que se repetirá nos versos de outra epístola, mais conhecida como *Ars Poetica*, como veremos a seguir. Por outro, no verso 22 latino, o poeta latino sintetiza tanto a imagem marítima de um épico cheio de peripécias (*undis aduersis*) quanto o caráter incansável de Ulisses (*immersabilis* para dizer “invencível”), evitando uma versão *mot à mot* do grego, nos versos finais latinos – como se insistisse nessa faceta importante de persistência. As vagas do mar que não afundam Odisseu em seu épico são lidas alegoricamente na epístola, como se simbolizassem os reveses da Fortuna, os perigos dos desejos sem controle etc.

Reforcemos essas impressões com as palavras (tão sintéticas e apropriadas) da *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 828-9):

¹¹⁴ Na observação de Bruno Snell (2005, p. 11-2): “Também em outras passagens podemos ver que os significados de *thymós* e *psykhé* são amiúde confusos. (...) Se, como ficou dito, *thymós* é aquele órgão da alma que suscita as emoções e *nóos* o que percebe as imagens, então *nóos* é, de modo geral, a sede do intelecto, e *thymós* a das emoções.”

¹¹⁵ Em português: Odorico Mendes (pub. 1928): “costumes vários”; Carlos Alberto Nunes (1950?): “seus costumes”; Donald Schüler (2007): “costumes”. Em inglês: George Chapman (1614): “manners, minds, and fashions”; Thomas Hobbes (1672): “the fashions”; Alexander Pope (1713): “Their manners”; William Cowper (1791): “the mind / And manners”; Andrew Lang and e Samuel Henry Butcher (1879): “mind”; Samuel Butler (1898): “manners and customs”; David W. Myatt (?): “their ways”; Ian Johnston (2002): “their customs”; George Thedoridis (2004): “ways”. Em francês: Jacques Pelletier du Mans (1547): “leurs pensées”; Salomon Certon (1604): “les façons farouches & civiles”; La Valterie (1681): “les Coûtumes différentes”; Eugène Barest (1842) e Mario Meunier (1943): “leurs mœurs”; Leconte de Lisle (1867) e Victor Bérard: “leur esprit”. Em italiano: Ippolito Pindemonte (1822): “L'indol”. Em alemão: Johann Heinrich Voß (1806): “Sitte”.

¹¹⁶ Na observação de Tolkiéh (1991, p. 181): “Se o poeta emprega o termo *mores* tanto na *Ep.* I. 2, 20 quanto na *Ars p.* 142, é porque *nóon* compreende também os aspectos morais da personalidade humana.” ~> [“Se il poeta impiega il termine *mores* tanto in *epist.* 1, 2, 20 quanto in *Ars p.* 142, è perché *vóov* comprende anche gli aspetti morali della personalità umana.”]

O próêmio da *Odisseia* é traduzido também na E 1, 2, 19-22, que trazem de volta os primeiros cinco versos do poema homérico (...). O objetivo aqui é sublinhar não os valores artísticos da poesia homérica, mas sim seu conteúdo ético: o personagem de Ulisses é apresentado como modelo de *uirtus* e *sapientia*, segundo o alegorismo de marca estoica, cuja influência é claramente reconhecível na adição final que caracteriza Ulisses como *aduersis rerum inmersabilis undis*.¹¹⁷

A diferenciação do “valor artístico” e “conteúdo ético” se ressalta, sobretudo, quando se confrontam esse trecho e outro da *Ars Poetica*, como faremos adiante.

Para que melhor se perceba a clara impressão de tradução (ou versão para o latim) de que se fala, coloquemos lado a lado as palavras dos dois excertos:

<i>Odisseia</i> I, 1-5	<i>Epístola</i> I, 2, 17-22
ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν	<i>domitor Troiae</i>
ἄνδρα... ὅς	<i>Vlixen... qui</i>
πολύτροπον	<i>prouidus</i>
ἄστυα	<i>urbes</i>
πολλῶν ἀνθρώπων	<i>multorum...hominum</i>
νόον	<i>mores</i>
ἴδεν + ἔγνω	<i>inspexit</i>
ἐν πόντῳ	<i>latumque per aequor</i>
ἦν ψυχὴν	<i>sibi</i>
νόστον ἐταίρων	<i>sociis reditum</i>
ἀρνύμενος	<i>parat</i>
πολλὰ... ἄλγεα	<i>aspera multa</i>
πάθειν	<i>pertulit</i>

Ulisses não duela com os bárbaros, ainda que também tenha estado presente na *Iliada* e tenha participado como importante guerreiro (o resumo de Horácio primorosamente seleciona o que deseja): ele foi *domitor Troiae* (“domador de Troia”), resumo da subordinada temporal grega, quase todo o verso 2 da *Odisseia*.

¹¹⁷ “Il proemio dell’*Odissea* è tradotto anche in E 1, 2, 19-22, che rendono i primi cinque versi del poema omerico (...). Lo scopo è qui di sottolineare non i pregi artistici della poesia omerica, bensì il suo contenuto etico: il personaggio di Ulisse è presentato come modello di *uirtus* e *sapientia*, secondo l’allegorismo di marca stoica, la cui influenza è chiaramente riconoscibile nell’aggiunta finale che caratterizza Ulisse come *aduersis rerum inmersabilis undis*.”

Cumprido observar que, entre os heróis, apenas Odisseu e Aquiles são adjetivados como “saqueadores de cidades”, como observa Pietro Pucci (1997, p. 17), que questiona a aplicação do epíteto a Odisseu no próêmio épico: “parece inapropriado, ainda que compartilhe com Aquiles o epíteto de ‘saqueador de cidades’ (*ptoliporthos*), pois muitos outros heróis (...) dividem a glória de terem destruído Troia”.¹¹⁸ Ora, a condensação de toda uma subordinada grega na curta expressão latina confere ao verso horaciano não apenas síntese, mas um apropriado distanciamento do epíteto que poderia associar Ulisses à imagem de Aquiles.

Ulisses vê (*ἴδεν*) os costumes dos homens e com eles aprende (*ἔγνων*), noção reunida no verbo latino *inspexit*, “observou, conheceu”, acepções que o OLD contempla para *inspicio*. O termo grego para o mar, *ἐν πόντῳ*, tipicamente épico, ganha uma expressão mais ampla, empolada: *per aequor latum*, “pelo vasto equóreo”, em que *aequor* assume tom épico especial.¹¹⁹

Os sofrimentos e as dores de toda a longa aventura recebem um tratamento quase simétrico: a oração grega *πολλὰ ... πάθεν ἄλγεα* (“muitas dores padeceu”) verte-se num alongado *enjambement* latino *aspera multa / pertulit*, em que o perfeito do verbo *perfero* conserva o mesmo sentido de “suportar, padecer, sofrer” do aoristo de *πάσχω*, marcados ambos pela plosiva inicial comum, assim como o neutro plural latino *aspera* remete ao neutro plural grego *ἄλγεα*, os dois com esquema vocálico */a/-/e/-/a/*. As palavras de Pietro Pucci (1997, p. 16) para o étimo grego podem também se aplicar ao latino, ampliando-lhe o campo semântico: “no

¹¹⁸ “It seems inappropriate, even though he shares with Achilles the epithet of ‘sacker of cities’ (*ptoliporthos*), for many other heroes – and gods, as we soon see – share the glory of having destroyed Troy”.

¹¹⁹ Por exemplo, cf. *Eneida* I. 29, II. 69, 176, 419, 780, III. 126, 157 etc. Para a expressão horaciana *latum... per aequor*, Mayer (1994, p. 115) remete-nos à *Iliada* II, 159, ἐπ’ εὐρέα νῶτα θαλάσσης (“nas costas do amplo mar”), em busca duma relação “mais simétrica” entre as palavras, supomos.

proêmio da *Odisseia*, *algea* deve implicar, em uma desconfortável simultaneidade, misérias físicas e dores espirituais.”¹²⁰

Dos dois acusativos gregos ἦν ψυχὴν (“a vida”) e νόστον (“retorno”), o primeiro subentende-se no adjetivo *immersabilis*, no verso 22 latino; o segundo transfere-se para o acusativo latino *reditum*, enquanto os dativos *sibi* (“para si”) e *sociis* (“para os companheiros”) distribuem benefícios e dificuldades da conturbada viagem, ambos dativos (de interesse) precedidos pela conjunção *dum*, cuja repetição como que intensifica a duração das dificuldades. Em grego, os dois acusativos mencionados funcionam como complementos do particípio ἀρνύμενος (“lutando”), o qual pode ser entendido como ênfase no aspecto combativo e árduo do épico; do outro lado, o presente latino *parat* (“prepara”), que o verte, ressalta, por sua vez, a importância da prevenção, do preparar-se antecipadamente àquilo que há de surgir – ponto importante ao desenvolvimento de toda a epístola.

Caso similar é o do adjetivo *providus* (“previdente, prudente”), que remete ao tão debatido étimo grego πολύτροπον (“multiversátil”), talvez o caso mais curioso dessa lista. Vasculhemos uma vereda. Em grego, o verbo τρέπω, segundo o DELG (“virar, dirigir-se para, se virar para, mudar, modificar-se, colocar-se em fuga”),¹²¹ em suas definições com vocalismo “o”, emprega, além dos sentidos de “direction” e “manière”, a noção “manière de se comporter” que delinea a raiz desse peculiar adjetivo. No caso específico do primeiro verso do proêmio épico, “a

¹²⁰ “In the *Odyssey* proem *algea* must imply, in an uncomfortable simultaneity, physical hardships and spiritual pains”. Em nota, o autor acrescenta: “De fato, graças ao locativo *en póntoi*, a expressão *páthen algea* parece implicar as misérias de navegar, mas graças ao outro locativo ‘em seu coração’, a mesma expressão teria provavelmente uma conotação espiritual.” ~> [“In fact, because of the locative *ἐν πόντῳ*, the expression *πάθεν ἄλγεα* seems to imply the hardships of seafaring, but because of the other locative ‘in his heart,’ the same expression would more likely take a spiritual connotation.”]

¹²¹ “tourner, diriger ver, se tourner ver, changer, mettre en fuite”.

ambivalência é provavelmente desejável”,¹²² conforme Pucci (1997, p. 25) retoma o comentário de Chantraine. Assim, seja mais concreta ou abstratamente: “o de muitas direções, lados ou faces” ou “o de muitas maneiras e modos de agir e de se comportar”. Talvez de ambas provêm as traduções “astucioso” (Odorico Mendes e Carlos Alberto Nunes) e “multifacetado” (Donaldo Schüller) que dispomos em português.

“*Polytropos* contém em si mesmo uma metáfora: uma vez que os *tropoi* de Odisseu são metafóricos, somos convidados a entender *tropoi* também como figuras de linguagem”¹²³ (PUCCI, 1997, p. 26). Em verdade, Odisseu é célebre por seus trocadilhos, por suas artimanhas com a linguagem,¹²⁴ dividindo apenas com Hermes esse epíteto de mestre na arte do discurso. Os muitos outros adjetivos de prefixo *poly-* com que Odisseu é nomeado tornam ainda mais complexa sua figura: πολύμητις (“solerte, superesperto”), πολύαινος (“policelebrado, famoso”), πολύπλας (“multissofrido, paciente”), πολυμήχανός (“multimaquinador”), πολυκερδής (“multiardiloso, sagaz”), πολύφρων (“multiastucioso, o de grande inventiva”) etc.¹²⁵ Caso se vasculhe sua ascendência, até mesmo Autólico, seu avô,

¹²² Pietro Pucci (1997, p. 23-9) faz notar quatro aspectos importantes do adjetivo *polytropon*, aos quais retornaremos oportunamente. Para a passagem citada: “Today scholar tend to accept that here the text is purposefully ambivalent: ‘il y a peut-être une ambivalence voulue’, writes Chantraine”.

¹²³ “(...) the fact that *polutropos* contains in itself a metaphor: since the *tropoi* of Odysseus are metaphorical, we are invited to understand *tropoi* also as figures of speech.”

¹²⁴ Como breves exemplos, bastaríamos lembrar o episódio do Ciclope (*Odisseia* IX. 410 e ss.), quando Odisseu chama a si mesmo Οὔτις (“Ninguém”), enganando seu algoz, ou o diálogo entre Palas Atena e o herói, no canto 13: não tendo ainda reconhecido o lugar em que acordara (sua própria Ítaca), o herói tenta enganar a própria deusa, disfarçada de jovem pastor (*Odisseia*, XIII, 187 e ss.).

¹²⁵ Pucci (1997, p. 23) lista tais epítetos, remetendo a outros dois autores para discussão mais aprofundada. Para a devida localização dos adjetivos no texto homérico, nos foi muito útil o sistema online *Perseus*, disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> – que aponta contagens, referências cruzadas e diversas outras informações. Para se localizarem os adjetivos, respectivamente: *Odisseia* XIII. 311, XII. 184, V. 171, I. 205, XIII. 255, I. 83.

era famoso por seu “duplo-falar”,¹²⁶ como aponta Pucci (1997, p. 26). Sentidos como “de muitas jornadas”, passando por “de muitos comportamentos” até chegar em “de muitas figuras de linguagem”, todos num mesmo epíteto, compartilhado apenas com um deus (Hermes), promovem uma surpreendente elevação do status da personagem homérica assim adjetivada. Entretanto, também pensavam dessa forma os leitores antigos da *Odisseia*?

No diálogo platônico entre Hípias e Sócrates, discutem-se os papéis de Aquiles, Nestor e Ulisses, dentre outros personagens homéricos: Buffière¹²⁷ nos faz uma breve apresentação desse debate. A interpretação do epíteto *polytropon*, que para Hípias marca uma “perigosa” duplicidade na astúcia de Ulisses, característica reprovável,¹²⁸ se propaga até a exegese de Antístenes, que oscila em sua avaliação: inicialmente o adjetivo não traz julgamento moral (“ao chamar Ulisses *polytropos*, Homero não quer nem louvá-lo nem condená-lo”);¹²⁹ em seguida, condena aqueles que “têm em seu coração uma coisa e nos lábios outra”, inspirado por uma fala de Aquiles na *Iliada*;¹³⁰ por fim, acaba defendendo esse Ulisses “poliversado”, defesa essa transcrita a seguir como traduzida por Felix Buffière (1973, p. 368):

¹²⁶ Citamos todo o excerto: “his grandfather Autolycus was famous for his double-talking”, nos remetendo à *Odisseia* XIX, 364 e ss. No próprio diálogo platônico, Sócrates diz a Polemarco que a imagem do homem justo como uma espécie de ladrão vem provavelmente de Homero, que cantou Autólico como o primeiro entre os homens na arte do roubo e do perjúrio (vide Plat. Rsp. I 334b). Diversos outros detalhes na nota 28 da página mencionada.

¹²⁷ Ver sobretudo o item *Les sophistes et Ulysse: ruse et franchise* do capítulo VIII da 3ª parte.

¹²⁸ Pucci (1997, p. 27) tece observação semelhante em nota.

¹²⁹ *Apud* BUFFIÈRE, 1973, p. 367: “en appellant Ulysse *polytropos*, Homère n’entend ni le louer ni le blâmer”.

¹³⁰ Réplica de Aquiles a Ulisses na *Iliada* IX, 312-3:

<p>ἐχθρὸς γὰρ μοι κείνος ὁμῶς Ἄϊδαο πύλῃσιν ὅς χ’ ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἴπη.</p>	<p>Tal como do Hades as portas, repulsa me causa a pessoa que na alma esconde o que pensa e outra coisa na voz manifesta. (I-CAN IX, 312-3)</p>
--	---

Seria Ulisses então desonesto, porque ele é chamado *polytropos*? Longe disso: é porque ele é “sábio” (σοφός) que Homero o chama assim.

A palavra *tropos* não teria, por acaso, tanto o sentido de “caráter, maneira de julgar”, quanto os sentidos de “expressão de linguagem”? O homem *eu-tropos* é aquele que tem o caráter voltado para o bem. E os *tropes* são as diferentes maneiras de virar uma ideia... Se os sábios (*sophoi*) são hábeis para discutir, eles também sabem virar o mesmo pensamento de diferentes formas. Se conhecem diversas *voltas* para a mesma ideia, mereceriam o nome de *polytropoi*. Mas os “sábios” não são pessoas menos corajosas: e como Ulisses é um “sábio”, Homero pode qualificá-lo de *polytropos*, porque precisamente ele sabia conversar com pessoas de diferentes maneiras. (...) Encontrar a maneira de virar a sabedoria adaptando-a ao espírito de cada um é a característica dessa sabedoria.¹³¹

A reflexão antiga ajuda-nos a retornar à epístola latina. A escolha de Horácio marca posição similar a essa capacidade de adaptação, mas com ligeiros ajustes. A escolha do adjetivo *prouidus* conserva tanto a plosiva /p/ quanto certa semelhança de sons vocálicos, evocando os diversos *poly-* tão usuais de Odisseu em seu épico. Todavia, o campo semântico do verbo *prouideo* ressalta sobretudo cautela e antecipação de quem olha à frente, como registram Ernout e Meillet.¹³² Daí seu

¹³¹ “Ulysse serait-il donc malhonnête, parce qu’il est appelé *polytropos*? Loin de là: c’est parce qu’il est ‘sage’ (σοφός) qu’Homère l’appelle ainsi.

Le mot *tropos* n’aurait-il point, par hasard, tantôt le sens de ‘caractère, tournure d’esprit’, tantôt les sens de ‘tournure de langage’? L’homme *eu-tropos* est celui qui a le caractère tourné vers le bien. Et les *tropes* sont les différentes façons de *tourner* une idée... Si les sages (*sophoi*) sont habiles à discuter, ils savent aussi tourner la même pensée de différentes manières. Connaissant plusieurs *tournures* pour la même idée, ils mériteraient le nom de *polytropoi*. Mais les ‘sages’ n’en sont pas moins de braves gens: et comme Ulysse est un ‘sage’, Homère a pu le qualifier de *polytropos*, parce que justement il savait parler avec les gens de plusieurs façons. (...) Trouver la façon de tourner la sagesse en l’appropriant à l’esprit de chacun est le propre de cette sagesse.”

¹³² DELL *prouideo* (sob *uideo*): ver antes, prever, prover a. Antigo, usual e clássico. O particípio *prūdēns* que não possui para si uma forma verbal reduzida, tomou um sentido especial: “consciente, sábio, hábil”; o derivado *prūdentia* tem o valor correspondente de “conhecimento, sabedoria”. A forma *prōuideō*, que se encontra já em Plauto, é refeita e tem por conseguinte todo o valor que lhe dão os elementos compositivos: “conhecer antes, tomar as precauções”. É isso que permitiu criar *prōuidēns*, *prōuidenter*, *prōuidēntia*, não atestados, parece, antes de Cícero, que talvez criou esse grupo sobre o modelo grego πρόνοια, e que define corretamente, Inu. 2, 53, 160: *prouidentia est per quam futurum aliquid uidetur ante quam factum sit* [“providência é aquilo por meio de que algo parece que está para acontecer antes que aconteça”], e emprega-o já ao falar da Providência divina, e.g. Diu. 1, 51, 117 *deorum prouidentia mundum administrari* [“...(que) o mundo é governado pela providência dos deuses”]. A Providência foi mesmo divinizada no período imperial,

aspecto precavido e prudente, podendo chegar até à noção de “aquele que provê algo”, tanto para si como para seus companheiros.

Os versos homéricos estilizam certos recursos nessa citação homérica. A estrutura “objeto acusativo” (tema do épico) aliado ao “pronomes relativo nominativo” (que o retoma, desenvolvendo-o), comum à epopéia (ἄνδρα...ὄς), se mantém na epístola por meio de *Vlixen...qui*. Até mesmo os três πολλ- (um πολλῶν e dois πολλὰ) se transformam nos *pro-* de *proposuit* e *prouidus*, o que de algum modo destaca as noções de preparo, precaução e antecipação. Em outras palavras, o texto horaciano propõe destacar menos a adaptabilidade às múltiplas situações, ainda que essa possa vir a ocorrer, do que uma preparação prévia e calculada, uma visão antecipada que permita se prevenir. Quiçá, pelo exercício constante dessa se possa alcançar natural e paulatinamente as vantagens daquela: um dos princípios da máxima *ars est celare artem*.

como em grego Πρόνοια, e pelo termo passou para a língua religiosa, enquanto *prudentia* permaneceu uma palavra “laica”, correspondente ao grego φρόνησις, cf. Cic., Off. 1, 43, 153; *prouidus* (cf. *inuidus* et *inuido*): que prevê, e “que provê a”, liga-se a *prudēns* por Cic., Part. 5, 15: *orator prudens ac prouidus* [“orador prudente e previdente”]; clássico, mas não atestado antes de Cícero. ~> [“voir d’avance, prévoir, pourvoir à. Ancien, usuel et classique. Le participe *prudēns*, qui n’a en face de lui aucune forme verbale ainsi réduite, a pris un sens spécial: “conscient, sage, habile”; le dérivé *prudentia* a la valeur correspondante “connaissance, sagesse”. La forme *prouideō*, qui se trouve déjà chez Plaute, est refaite et a par suite toute la valeur qui lui donnent les éléments composants: “connaître d’avance, prendre des précautions”. C’est ce qui a permis de faire *prouidēns*, *prouidenter*, *prouidentia*, non attestés, semble-t-il, avant Cicéron, qui a peut-être créé ce groupe sur le modèle du grec πρόνοια, et qui définit correctement, Inu. 2, 53, 160: *prouidentia est per quam futurum aliquid uidetur ante quam factum sit*, et l’emploie déjà en parlant de la Providence divine, e.g. Diu. 1, 51, 117 *deorum prouidentia mundum administrari*. La Providence a même été divinisée à l’époque impériale, comme en grec Πρόνοια, et par là le terme a passé dans la langue religieuse, tandis que *prudentia* restait un mot “laïc”, correspondant au gr. φρόνησις, cf. Cic., Off. 1, 43, 153; *prouidus* (cf. *inuidus* et *inuido*): qui prévoit, et “qui pourvoit à”, joint à *prudēns* par Cic., Part. 5, 15: *orator prudens ac prouidus*; classique, mais non attesté avant Cic.”]

Assim, se a força dum adjetivo como *polytropos* (cuja interpretação dos campos semânticos alcança as fronteiras do divino¹³³) harmoniza-se com a própria omissão do nome de Odisseu no proêmio da *Odisseia*, uma vez que, se expresso, o nome do herói poderia reduzir a amplitude de sua adjetivação, reflexão proposta por Pietro Pucci (1997, p. 25-6),¹³⁴ de modo semelhante poder-se-ia dizer que, na “tradução” dessa mesma passagem grega na epístola latina, o adjetivo *providus* dá indícios dos sentidos articulados pela leitura horaciana da figura de Ulisses, nome que se faz necessário anunciar (última palavra do verso 23 latino), deixando às claras certos efeitos pretendidos nessa imagem do herói: *utile exemplar*. E servirá de exemplo não para torpezas ou vícios sem controle, mas para aquilo que há de mais nobre, *virtus* e *sapientia* – imagem especialmente positiva da personagem.

Notemos brevemente o contraste com a tradução de Lívio Andronico, que, como anota Préaux (1968, p. 51), “havia optado pelo adjetivo *uorsutus* (“versátil, esperto, sagaz”), mais modelado sobre o grego”.¹³⁵ A escolha de Horácio, por sua vez, parece dirigir-se rumo aos adjetivos evocados por Cícero (*De legibus* I. 22) em sua definição de homem: *animal hoc providum, sagax, multiplex, acutum, memor, plenum rationis et consilii, quem uocamus hominem, praeclara quadam condicione generatum esse a supremo deo* (“esse animal **previdente/próvido**, sagaz, múltiplice, agudo, atento, cheio de razão e de pensamento, que chamamos homem, em determinada circunstância magnífica, ser gerado por um deus supremo” – grifo nosso). E o adjetivo *providus* horaciano opera matizes que condizem com

¹³³ Novamente, Pietro Pucci (1997, p. 23): “a expressão ἄνδρα...πολύτροπον pode sugerir a noção de um ser humano que possui peculiar poder divino.” ~> [“the expression ἄνδρα...πολύτροπον may suggest the notion of a human being who possesses a peculiarly divine power.”]

¹³⁴ Pucci faz notar, nesses poucos versos do proêmio, a repetição dos vários *pol-* (*poly-*, *pollá*, *pollōn*), cuja multiplicidade, que dá indícios duma figura extraordinariamente múltipla, não se deixa tolher por uma imagem fixa ou única, uma vez que o nome do protagonista não é expresso. O desfecho como todo o texto do autor são ótimos: desestabiliza e amplia sentidos com argúcia.

¹³⁵ “Livius Andronicus avait opté pour l’adjectif *uorsutus*, plus modelé sur le grec.”

as peripécias de Ulisses no conjunto da *Odisseia*. Enfim, nunca é demais ponderar que as observações aqui tecidas visam a abrir o leque interpretativo em suas relações com as demais passagens escolhidas, jamais decidir ou apontar a solução derradeira.

A proposta de Edwards (1992, p. 85) dá um (novo?) norte ao conjunto de sentidos até então evocados:

Providus desaloja o grego πολύμητις em 1.2.19 e a palavra horaciana parece ser a primeira extensa consideração de Homero que louva Odisseu, não por adquirir uma sabedoria qualquer, mas por sua perseguição determinada de um objetivo.¹³⁶

Realçando-lhe nuances como persistência e perseverança, bem como unindo-as aos demais sentidos relacionados a *providus* que comentamos, essa imagem positiva de Ulisses não se mostra frequente na literatura latina contemporânea a Horácio. Por exemplo, caso se tomem as menções ao Ulisses virgiliano tecidas na *Eneida*, pode se perceber uma imagem completamente distinta: “as referências a Ulisses na *Eneida* são negativas”, nos resume Vasconcellos (2001, p. 210). Bastaria lembrarmos a célebre expressão de Laocoonte, que repreende seus compatriotas troianos, decididos a trazer para dentro da cidade o cavalo de madeira:

*Creditis auctos hostes? aut ulla putatis
dona carere dolis Danaum? sic notus Vlixes?* (*Eneida* II. 43-4)

De volta os Gregos ou de engano exemptos
Seus dons julgais? desconheceis Ulisses? (Trad. Odorico Mendes: II. 47-8)

Evocando a perfídia grega, marcada no verso latino por seus dolos (note-se a aliteração em /d/), a menção a Ulisses na passagem da *Eneida* destaca com refinamento essa conhecida astúcia. E é essa imagem de personagem manhosa, solerte e enganadora que se propagará ao final do *Inferno* (XXVI) de Dante. Já Camões,

¹³⁶ “*Providus* ousts the Greek πολύμητις at 1.2.19, and Horace’s would appear to be the first long account of Homer which praises Odysseus, not for any acquisition of wisdom, but for his resolute prosecution of one goal.”

que ao início de seu épico refere-se a Ulisses como “sábio Grego” (I, 3, 1), no canto X d’Os *Lusiadas* (24, verso 4) muda lhe a imagem e diz: “a língua vã de Ulisses fraudulenta”.¹³⁷

Se Odisseu é conhecido (em certos textos) por seus dolos e fraudes, nessa versão resumida do proêmio homérico, Horácio propõe silenciar tal fama. De outro modo, vislumbra qualidades raramente destacadas (*prouidus*; notemos no trecho os verbos *inspexit*, *parat*, *pertulit*, sequência que se conclui com o adjetivo *immersabilis*) no Laertiade, as quais ecoam nas lições morais ao decorrer da epístola. Paulatinamente se completam as etapas da interpretação alegórica: primeiramente, sugere-se a imagem do herói como modelo exemplar, útil a todos nós; é dessa mesma figura que emanam lições de virtude e sabedoria; quase imperceptivelmente, virtudes morais (como prudência, observação cautelosa, providência, persistência) são como que transpostas do original grego para a “tradução” latina da passagem, para serem, enfim, comentadas, recomendadas ou exemplificadas na epístola, tornando claras as virtudes há pouco “traduzidas” (ou sutilmente estilizadas) e fortalecendo (quase imperceptivelmente, vale repetir) a imagem virtuosa do herói proposta ao início. Aos poucos, o leitor que relê o texto homérico pode perceber a ênfase proposta por Horácio: abandonam-se os vícios, que devem ser excluídos ou repreendidos, e exaltam-se determinadas virtudes, que são recomendadas e devem ser copiadas pelo jovem leitor da epístola.

Esse artifício de selecionar aquilo que deseja, isto é, silenciar certas características e evidenciar outras, na versão que o poeta faz do proêmio homérico, fica ainda mais cristalino ao se confrontar uma tradução distinta, da mesma passagem, publicada em outra obra. Horácio novamente se lança a verter esse

¹³⁷ Para ampla discussão sobre as menções a Ulisses na *Eneida*, ver o item 2. **Eneias: alter Ulisses?** do capítulo III, do livro de Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001). Tanto a passagem citada e suas observações quanto as referências de Dante e Camões foram daí extraídas.

mesmo trecho da *Odisseia*, porém de modo diverso e com outros propósitos, na tão debatida *Ars Poetica* (136-145):

*Nec sic incipies, ut scriptor cyclicus olim:
 “Fortunam Priami cantabo et nobile bellum”.
 Quid dignum tanto feret hic promissor hiatus?
 Parturient montes, nascetur ridiculus mus.
 Quanto rectius hic, qui nil molitur inepte:
 “Dīc mīhī, Mūsā, uīrūm, || cāptē pōst tēmpōrā Trōiā
 qui mores hominum multorum uidit et urbes”.
 Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem
 cogitat, ut speciosa dehinc miracula promat,
 Antiphaten Scyllamque et cum Cyclope Charybdim.*

Não começarás assim, como um escritor cíclico doutrora:
 “A fortuna de Príamo cantarei e a ilustre guerra”.
 O que trará de tão importante esse prometedor bocudo?
 Parirão montanhas, nascerá um ridículo ratinho.
 Quão melhor este, que nada planeja sem propósito:
 “Fala-me, Musa, do homem que, anos após a tomada
 de Troia, viu costumes e cidades de muitos homens”.
 Não fumaça de um clarão, mas faz sair luz
 da fumaça, para em seguida promover maravilhas deslumbrantes,
 Antífates e Cila e, com Ciclope, Caribde.

O intuito é outro: depois de falar do que não se deve fazer na criação e no exercício poéticos, Horácio sugere Homero como um “contra-exemplo”, espécie de poeta-modelo que não principia *ab ovo*, nem faz promessa “aos montes” quando começa sua narração. Ou seja, recomenda que se siga o exemplo grego que pouco promete e muito nos dá.

Começemos notando que não há o nome de Ulisses expresso nesse trecho latino, o que mantém certa “fidelidade” com o proêmio grego. A invocação à Musa, outrora dispensada, recebe no verso 141 uma transposição letra à letra do texto grego, alterada apenas na ordem: *dic mihi, Musa, uirum* (em que o imperativo da “inspiração poética” é ressaltado ao início do verso) verte o início ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα (em que o *homem* é o início e o centro da expressão). A estrutura “objeto acusativo” aliado ao “pronome relativo nominativo” (comentada

anteriormente) segue de modo mais “fiel” o original grego: *uirum/ἄνδρα... qui/ὄς* (cf. Eneida: *arma uirumque cano Troiae qui...*). Nos enxutos dois versos latinos, cuja finalidade é exemplificar a discussão literária, deixa-se de lado a adjetivação sobre *uirum*, tão importante ao conjunto de preceitos endereçados ao jovem Lólio. O verbo grego ἴδεν verte-se simplesmente pelo latino *uidit*, sem o mesmo cuidado que havíamos discutido em *inspexit*. O que antes fora traduzido como um curto aposto (*domitor Troiae*), na epístola aos Pisões, desenvolve-se como adjunto adverbial de tempo (segundo hemistíquio do verso 141), na qual se destaca a aliteração em /t/ acompanhada de /p/, algo bem mais ‘próximo’ do segundo verso do proêmio grego. Não é preciso dizer que o requinte discursivo destacado em Homero por meio dessa tradução latina na *Epistula ad Pisones* se dirige não a todos, mas apenas aos interessados em poesia: a observação, que toca a poucos, dispensa um *nobis* expreso. Novamente, seleciona-se o desejado segundo os efeitos intentados pelo texto – ou melhor, pela leitura que desse fazemos.

Convém regressar de vez ao texto da *Epístola* I. 2. Feito o resumo-tradução do início da *Odisseia*, não apenas para trazer à memória do leitor a figura de Ulisses, sob o enfoque de uma leitura específica, que vê na personagem qualidades e virtudes a serem “imitadas”, mas também para contrastar com a *Ilíada* anteriormente descrita, Horácio prossegue selecionando passagens que lhe são convenientes:

*Sirenum uoces et Circae pocula nosti;
quae si cum sociis stultus cupidusque bibisset,
sub domina meretrice fuisset turpis et excors,
uixisset canis immundus uel amica luto sus.* (Ep. I. 2, 23-6)

As canções das sereias e as poções de Circe tu conheces;
essas, se com os sócios, estulto e ávido, tivesse bebido,
sob o jugo de uma meretriz estaria, torpe e insano,
teria vivido como cão imundo ou porco amigo da lama.

O verso 23 afirma, com quatro enfáticos espondeus, que Lólio conhece (*nostī*) tanto o canto das sereias (*Sirenum uoces*) quanto as poções de Circe (*Circae pocula*). Caberia acrescentar que o uso da segunda pessoa do singular (*nostī*), soando de modo tão afirmativo no final do verso 23, cumpre ao menos duas funções: retomar a atenção do interlocutor/destinatário¹³⁸ e marcar uma distinção clara entre *eu* e *tu*, acionando tanto a memória quanto a atenção do leitor (como se o remetente fizesse questão de dizer “eu, que reli há pouco Homero, conheço os episódios de Circe e das Sereias – e tu, conheces? te lembrás?”). Um parêntese: ressaltemos como seria em vão toda a discussão proposta por Horácio caso o leitor não tenha lido os épicos homéricos. Não obstante a distinção terminológica, as palavras de Giorgio Pasquali (1968, p. 275) cabem à reflexão: “as alusões não produzem o efeito desejado senão sobre um leitor que se recorde claramente do texto ao qual se referem”¹³⁹ – no presente caso, esse recordar é imprescindível.

Concluído o parêntese, cabe-nos indagar como eram vistos e interpretados os episódios e personagens mencionados, segundo leituras mais ou menos alegóricas. Haveria alguma velada sutileza no uso direto dos dois acusativos, como se Lólio as tivesse conhecido da mesma maneira que Ulisses, isto é, não apenas pela leitura, mas “diretamente”? Em outras palavras, tivesse Horácio dito “*interludia* (ou *res*) *Sirenum et Circae nostī*”, nossa impressão de leitura seria a mesma? Ao se tentar resgatar a visão dos antigos sobre ambas as passagens da *Odisseia*, talvez melhor se possa responder essas questões.

¹³⁸ Diferente seria se, no lugar de *nostī*, Horácio tivesse usado *dicit* [*Homerus*], como já havia feito no, verso 18, com *proposuit*. O verbo na 2ª pessoa pode funcionar como um marcador discursivo.

¹³⁹ “le allusioni non producono l’effetto voluto se non su un lettore che si ricordi chiaramente del testo cui si riferiscono”. No excerto, Pasquali na verdade visa a distinguir “reminiscenze”, “imitazioni” e “allusioni”: as primeiras podem ser inconscientes e as segundas podem ter sido feitas para não serem percebidas pelo público.

Interpretações sobre o canto das Sereias parecem ter amplitude imensa. “A relação entre a *Odisseia* e a tradição na qual ela toma forma”, na formulação vasta de Pietro Pucci (1995, p. 17), “é extremamente ambivalente”¹⁴⁰ – o que se verifica nesse exemplo. Tais extremos na interpretação alegórica do episódio das sereias podem ser facilmente percebidos no estudo de Buffière (1979, p. 380–6).¹⁴¹ A oscilação simbólica vai, por um lado, da sedução de homenagens, louvores e elogios públicos, passando alternada e concretamente pelo prazer, pela poesia, pelo estudo (na visão de Eustácio de Tessalônica, caso se vislumbre Ulisses como um *filósofo*). Chega, por outro lado, ao encantamento poético que conduz à apatia e ao isolamento social, em oposição à ação da vida coletiva, alcançando até o nobilitante tema da “tentação do conhecimento”, segundo o texto de Cícero, transcrito a seguir.

Embora razoavelmente longa, sentimo-nos obrigados a citar a passagem em que Cícero (*De finibus* V, 48–49) reflete sobre o canto das Sereias, não apenas por comentá-lo brevemente, mas especialmente porque o orador latino traduz a passagem homérica em que as próprias Sereias falam a Ulisses, direto do texto de Homero:

*qui ingenuis studiis atque artibus delectantur, nonne videmus eos nec valetudinis
nec rei familiaris habere rationem omniaque perpeti ipsa cognitione et scientia*

¹⁴⁰ “Yet, as I will emphasize, the relation between the *Odyssey* and the tradition in which it takes shape is extremely ambivalent.”

¹⁴¹ Segundo Buffière (1973, p. 380), os escoliastas assim comentam as sereias: “Cantores alados nos prados, ou fêmeas sedutoras e enganadoras, ou a bajulação personificada: a bajulação amiúde nos seduz e nos engana e nos mata de algum modo.” ~> [“Oiseaux chanteurs dans la prairie, ou femmes séduisantes et trompeuses, ou la flatterie personnifiée: la flatterie souvent nous séduit et nous trompe et nous tue en quelque sorte.”] Para todo o amplo leque interpretativo, ver o item *Les Sirènes* no capítulo sobre Ulisses da obra citada. Mais especificamente sobre Eustácio (p. 384): “Mas havíamos dito, no comentário de Eustácio, que, se Ulisses figura invariavelmente o filósofo, as Sereias são por vezes o prazer, a poesia, o estudo.” ~> [“Mais on aura remarqué, dans le commentaire d’Eustathe, que, si Ulysse figure invariablement le philosophe, les Sirènes sont tour à tour le plaisir, la poésie, l’étude.”]

captos et cum maximis curis et laboribus compensare eam quam ex discendo capiant, voluptatem? Mihi quidem Homerus huiusmodi quiddam vidisse videtur in iis quae de Sirenum cantibus finxerit. Neque enim vocum suavitate videntur aut novitate quadam et varietate cantandi revocare eos solitae qui praetervehebantur, sed quia multa se scire profitebantur, ut homines ad earum saxa discendi cupiditate adhaerescerent. Ita enim invitant Ulixem (nam verti, ut quaedam Homeri, sic istum ipsum locum):

*O decus Argolicum, quin puppim flectis, Ulixes,
Auribus ut nostros possis agnoscere cantus?
Nam nemo haec umquam est transvectus caerulea cursu,
Quin prius astiterit vocum dulcedine captus,
Post, variis avido satiatus pectore musis,
Doctior ad patrias lapsus pervenerit oras.
Nos grave certamen belli clademque tenemus,
Graecia quam Troiae divino numine vexit,
Omniaque e latis rerum vestigia terris.*

*Vidit Homerus probari fabulam non posse si cantiunculis tantus irretitus vir teneretur; scientiam pollicentur, quam non erat mirum sapientiae cupido patria esse cariorem. Atque omnia quidem scire cuiuscumquemodi sint cupere curiosorum, duci vero maiorum rerum contemplatione ad cupiditatem scientiae summorum virorum est putandum.*¹⁴²

¹⁴² Cícero passa ao latim os versos da *Odisseia* XII, 184-191:

‘δεῦρ’ ἄγ’ ἰών, πολύαιν’ Ὀδυσσεῦ, μέγα κῦδος Ἀχαιῶν,
νῆα κατάστησον, ἵνα νωιτέρην ὄπ’ ἀκούσης.
οὐ γάρ πώ τις τῆδε παρήλασε νῆι μελαίνῃ,
πρὶν γ’ ἡμέων μελίγηρυν ἀπὸ στομάτων ὄπ’ ἀκοῦσαι,
ἀλλ’ ὃ γε τερψάμενος νεῖται καὶ πλείονα εἰδώς.
ἴδμεν γάρ τοι πάνθ’ ὅς’ ἐνὶ Τροίῃ εὐρέϊη
Ἀργεῖοι Τρωῶές τε θεῶν ἰότητι μόγησαν,
ἴδμεν δ’ ὅσσα γένηται ἐπὶ χθονὶ πολυβυβοτείρῃ.’

Para perto vem, ó multicelebrado Odisseu, mega-
honra dos Aqueus,
aproxima tua nau, para que nosso entoar escutes.
Pois, ainda não navegou alguém por aqui, em
negra-nau,
sem de nossas bocas a melodia escutar;
ao contrário, deleitando-se segue, tendo muito
aprendido.
Pois, sabemos tudo que na Troia ampla
Argivos e Troianos, por vontade dos deuses,
padeceram,
sabemos quanto se passa sobre a terra multi-nutriz.

Não por acaso se fala em “melopeia”: *decus* (/d...k.../) sonoro-anagrama consonântico de κῦδος (/k...d.../). Notemos, por fim, como Carlos Alberto Nunes segue de perto Homero:

“Vem para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho,
traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos.
Em nenhum tempo ninguém por aqui navegou em nau negra
sem nossa voz inefável ouvir, qual dos lábios nos soa.
Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado.
Todas as coisas sabemos, que em Troia de vastas campinas,
pela vontade dos deuses, Troianos e Argivos sofreram,
como, também, quanto passa no dorso da terra fecunda.” (O-CAN XII, 184-91)

Aqueles que se deleitam com os estudos e as artes liberais, acaso não os vemos desprezando a saúde e os assuntos familiares, suportando tudo, absortos em seu conhecimento e estudo, e compensando seus cuidados e esforços pelo prazer que tiram do próprio aprender? A mim parece que Homero viu algo desse tipo, pela maneira como compôs o canto das Sereias. Pois, aparentemente, nem pela suavidade de suas vozes, nem por certa novidade ou variedade de seus cantos costumavam atrair os que por ali navegavam, mas porque declaravam conhecer muitas coisas, de tal forma que os homens, pelo desejo de aprender, permaneciam presos aos seus rochedos. Eis como convidam Ulisses (verto esta passagem, como outras de Homero):

Ó glória de Argos, por que não voltas a popa, Ulisses,
para que possas conhecer nossos cantos com teus ouvidos!
Pois ninguém jamais atravessou esse cerúleo curso
sem que antes tenha parado, tomado pela doçura de nossas vozes,
depois de saciado o ávido peito com músicas várias,
sem que mais sábio tenha retornado, deslizando, às margens pátrias.
Nós recordamos a funesta disputa e ruína da guerra,
que a Grécia arrastou para Troia pelo nume divino,
e todos os vestígios das coisas oriundos das vastas terras.

Viu Homero que sua fábula não poderia ser plausível se, por meras cantigas, tão grande varão (i.e. Ulisses) fosse aprisionado nessa rede; elas prometiam o conhecimento, o qual – não se era de admirar – era considerado mais caro, pelo ávido por sapiência, que a própria pátria. Mas esse desejar ardentemente saber tudo, de todas as áreas do conhecimento, é de fato próprio dos curiosos; mas deixar-se levar realmente, pela contemplação das coisas maiores, ao desejo do conhecimento deve ser considerado como próprio dos homens mais elevados.

A visão das sereias (e de seu canto) apresentada por Cícero nos parece soar por demais enaltecida, talvez até “estoica”, como se poderia dizer. A “promessa do conhecimento” (*scientiam pollicentur*) que a leitura ciceroniana propõe para o canto das sereias parece voltada apenas a louvar um “desejo de aprender” (*discendi cupiditate*), como se tomada forçosamente para ilustrar esse propósito – por isso “tendenciosa”. Enquanto, por um lado, as Sereias dizem apenas, no trecho grego, que o navegante “tendo se deleitado e muito aprendido, segue/navega” (τερψάμενος νῆται καὶ πλείονα εἰδώς – v. 188), por outro, Cícero supõe, em latim, um navegante de “peito ávido” (*avidus... pectore* – recordemos o *puro pectore*, comentado anteriormente nos versos de Horácio) que mais douto (*doctior*) há de retornar às margens pátrias, depois de ouvidas as músicas das sereias. A própria oração final, proferida pelas sereias, que dá a Odisseu um motivo

para que se aproxime com sua nau (ἵνα νωιτέραν ὄπ' ἀκούσης, “que possas o canto escutar-nos”, como verteu Carlos Alberto Nunes) sofre mudança importante no latim de Cícero: o subjuntivo aoristo grego ἀκούσης (“que ouças, que possas ouvir”) transforma-se na locução subjuntiva latina *possis agnoscere* (“que possas conhecer”), cujo infinitivo marca o tom sapiencial da proposta, nobilitante (...*ut nostros possis agnoscere cantus*, “para que possas conhecer nossos cantos”).

Como bem conclui Edwards (1992, p. 84) ao refletir sobre esse mesmo trecho ciceroniano: “a canção é, portanto, não um ataque à resolução do marinheiro, mas um elogio a sua sabedoria”.¹⁴³ Assim, seria tal promessa de conhecimento ou certa curiosidade sem fim que o Lólio da carta conhece (*nosti*) por meio da leitura do épico homérico – e contra qual a carta pretende “alertar” o leitor?

Ora, como Horácio menciona o canto das sereias (*sirenum uoces*, v. 23) associado (coordenado na oração) às poções de Circe (*Circae pocula*, v. 23), ambos complementos no acusativo do verbo *nosti*, ao se investigarem as interpretações dessa passagem, nuances mais refinadas ou precisas daquela talvez possam ser observadas e associadas, em busca de sentidos e efeitos possíveis.

Em sua obra, Buffière¹⁴⁴ (1973, p. 379) cita um trecho de Heráclito e os mesmos versos de Horácio para tentar traçar com maior precisão sua interpretação do episódio de Circe, segundo a visão dos antigos. Citemos os comentários do estudioso e o depoimento de Heráclito (entre aspas na citação a seguir):

A beberagem (κυκεών) de Circe, no canto X, representa a taça da volúpia: “os descontrolados nela se acabam, e pelo prazer fugitivo de se empanturrar, condenam-se a uma vida mais miserável que a dos porcos. Assim os companheiros de Ulisses,

¹⁴³ “the song is therefore not an assault upon the mariner’s resolution, but a compliment to his wisdom.”

¹⁴⁴ Na passagem, Buffière cita os versos 23 e ss. desta epístola horaciana para esboçar tal compreensão dos antigos sobre Circe, acrescida ao texto de Heráclito. Em caminho inverso, atentando às pequenas sutilezas do texto latino, ansiamos melhor articular o texto de Horácio com demais percepções do mesmo episódio homérico.

rebanho imbecil, cedem à glotonaria; mas a sabedoria de Ulisses emerge vitoriosa dessa vida sensual junto à Circe”.¹⁴⁵

Se a leitura alegórica proposta por Heráclito condena esse “embriagar-se”, esse “prazer em se fartar” e essa “entregar-se à glotonaria” que praticam os companheiros de Ulisses, Horácio retrata algo semelhante, com suas devidas nuances como veremos. Parecia mesmo *lugar comum* a condenação da estultícia de tais sócios, por motivos vários, como o faz este passo das *Bucólicas* de Virgílio, substituindo tais **poções** por delicados versos:

Carminibus Circe socios mutavit Ulysssei (Ecl. VIII, 70)

Com versos mudou Circe os Ulisseides (trad. Odorico Mendes)

A epístola horaciana também condena o comportamento dos “Ulisseides”, mas segundo seu próprio estilo argumentativo. Notemos que Horácio vale-se, na verdade, duma suposição para tirar suas conclusões. No verso 24 da *Epístola* I. 2, a *persona*-poética propõe uma hipótese e, nos versos 25 e 26, expõe suas prováveis consequências, as quais não se apegam fielmente ao texto homérico. A proposta de Horácio não é contingente ou equivocada, e caberia acrescentar que não há o intuito de criticar o vate grego: a leitura da epístola propõe extrair uma lição moral, uma das interpretações possíveis para o episódio homérico.

Notemos o raciocínio verso a verso. Primeiramente, a hipótese, no verso 24: *quae si cum sociis stultus cupidusque bibisset* (“as quais, i.e. as poções de Circe, se com os companheiros, estulto e ávido, tivesse bebido...”).

Ora, Ulisses bebe a poção de Circe: é bem verdade que depois de ter sido encontrado por Hermes, depois de ter recebido instruções e até mesmo a erva-

¹⁴⁵ “Le breuvage (κυκεών) de Circé, au chant X, représente la coupe de la volupté: ‘les intempérants s’y abreuvent, et pour le fugitif plaisir de se gorger, se condamnent à une vie plus misérable que celle des porcs. Ainsi les compagnons d’Ulysse, troupeau imbecile, cèdent à la goinfrerie; mais la sagesse d’Ulysse sort victorieuse de cette vie sensuelle près de Circé.’”

antídoto (φάρμακον, v. 287 e 292), pelos deuses chamada “μῶλυ”, oriunda de uma flor leitosa, de raiz preta, impossível de ser arrancada pelos mortais (*Odisseia* X, 304-6). Mas que Homero narra-o bebendo da poção de Circe (v. 318: αὐτὰρ ἔπει δῶκέν τε καὶ ἔκπιον, “mas depois me deu [a poção na taça de ouro, κυκεῶ χρυσέῳ δέπαι, v. 316] e bebi”), disso não há dúvida.

O “equivoco”, ou melhor, o *enfoque* de Horácio reside, indiretamente, na condenação do comportamento dos companheiros de Ulisses. É com eles que o herói homérico não deve se misturar, tampouco a eles se assemelhar. Todavia notemos que toda a adjetivação, dos versos 24 a 26, recai sempre sobre Ulisses (ou sobre o nominativo singular), quando, na verdade, o comportamento reprovável é dos companheiros, não de Ulisses propriamente. Em outras palavras, Horácio está condenando não os companheiros em si, mas aquele (no singular) que age como um *stultus cupidusque* (“estulto e ávido”), como esses Ulisseides agem em momentos do épico. Ainda que se possa explicar o funcionamento dos dois adjetivos destacados como advérbios (MAYER, 1994, p. 115), como se o poeta tivesse dito “tola e avidamente”, o efeito certamente não seria o mesmo se o texto da epístola tivesse realmente usado os advérbios “*stulte cupideque*”, nem se reprovasse a ação coletiva (e não individual), ou seja, o comportamento dos sócios (e não de Ulisses).

Assim, ao propor uma espécie de punição individual, por meio da adjetivação singular carregada em vícios e comparações degradantes (*stultus, cupidus, turpis, excors, canis immundus, sus amica luto*), potencializa-se a lição pessoal extraída da leitura alegórica: reprova-se severamente, por meio da hipótese aventada, aquele que age como ou **com** eles (*cum sociis*). A lição é particular e a condenação se expressa no singular: a leitura da carta, assim como o aprendizado, também são

individuais. Ainda que junto com seus companheiros, Ulisses não se deixa levar ou corromper. Não deveria, portanto, sofrer as reprovações.

Foram os companheiros que agiram de modo impensado e tolo, não Ulisses. Caso se recorde sua chegada e de seus sócios à ilha Eeia (*Odisseia* X, 135 e ss.), vemos que atracam e passam dois dias sem fazer nada. Ao sair para vasculhar o local, o herói logo encontra um cervo e o abate, trazendo a carne de volta aos navios, para alegria de seus companheiros. No dia seguinte, propõe a divisão dos homens em dois grupos, a fim de melhor explorarem a ilha. O primeiro, liderado por Euríloco, chega à entrada da morada de Circe; instados por Polites, entram todos – menos Euríloco (não tão tolo assim...) – na caverna da deusa, que lhes oferece comidas e bebidas várias, já misturadas com drogas (φάρμακα, v. 236). Então, tocando-os com uma varinha, a feiticeira os transforma em porcos. Como diz o verso homérico:

οἱ δὲ συῶν μὲν ἔχον κεφαλὰς φωνήν τε τρίχας τε
καὶ δέμας, αὐτὰρ νοῦς ἦν ἔμπεδος, ὡς τὸ πάρος περ. (*Odisseia* X, 239-40)

Eles dos suínos tinham as cabeças e a voz e os pelos e também o corpo, mas a mente estava imutável, como outrora.¹⁴⁶

Sabbadini (1970, p. 14) nota que Horácio não diz a verdade ao escrever que os companheiros de Ulisses teriam virado cães (*canis*) no verso 26 da *Epístola* I. 2, ao que Mayer (1994, p. 116) melhor pondera: “cães não aparecem no zoo homérico de Circe, mas seus hábitos imundos servem ao propósito de Horácio”.¹⁴⁷ É a tal propósito moralizante que evocam, no verso 25, os adjetivos *turpis* (“torpe, ignóbil”) e *excors* (literalmente, “sem coração”, daí “sem mente, desarrazoado”),

¹⁴⁶ Nos dois versos de Odorico Mendes:

Porcos sendo no som, no vulto e cerdas,
A inteligência embora conservassem. (O-OM X, 184-5)

¹⁴⁷ “dogs do not appear in Circe’s Homeric zoo, but their filthy habits suit Horace’s purpose.”

esse último perfazendo outra *falha* apontada pelo estudioso italiano,¹⁴⁸ incitado pelos versos da *Odisseia* que citamos. Esses erros, no mínimo, excitam divagações: acaso tiveram os latinos acesso a textos homéricos diferentes, que não chegaram até nós? Charles F. Ahern Jr. (1991, p. 303) apresenta um raciocínio diferente:

Se Horácio podia aludir a Homero, até mesmo traduzi-lo, tão de perto e niveladamente como isso [Ep. I. 2, 19-22], então devemos concluir que alusões a Homero que lançam uma nota falsa foram feitas conscientemente e com um propósito. O que parece ser erro deriva não da desatenção ou insensibilidade para questões de dicção, mas de seus opostos, vigilância e um ouvido discriminante.¹⁴⁹

Parece-nos realmente ser tal proposta moralizante o motor da leitura alegórica que Horácio lê no episódio homérico, transformando o episódio aludido para se adequar à lição enunciada. Ulisses não se transforma em porco não porque recebera o aviso de um deus protetor e, assim, pode se precaver contra a feiticeira (como diz o texto de Homero...), mas, sim, porque não foi tolo ou desejoso como seus companheiros, porque soube conter suas vontades e não se deixou dominar.

Em toda a leitura dos dois épicos, Horácio faz questão de excluir os deuses de sua reflexão, não há nenhuma menção à representação das forças divinas, tão frequentes em Homero. Notemos que essas imagens de deuses – ora irados, ora transfigurados, ora lamuriosos, ora às gargalhadas – perfaziam uma verdadeira dificuldade para a interpretação platônica de episódios vários dos épicos, talvez porque os deuses homéricos pareçam deveras humanos: assim, melhor é excluir tais versos para que os “maus hábitos” descritos não sejam imitados por seus leitores e ouvintes. Se de Homero para Platão há um intervalo importante em relação à

¹⁴⁸ Citemos Sabbadini (1970, p. 14): “não é verdade que os seus companheiros haviam perdido a própria consciência, não é verdade que Circe tivesse cães.” ~> [“non è vero che i suoi compagni abbiano perduta la propria coscienza, non è vero che Circe avesse cani.”]

¹⁴⁹ “If Horace could allude to Homer, indeed translate him, as closely and as plainly as this, then we must conclude that allusions to Homer that strike a false note have been made consciously and to a purpose. What seem to be errors derive not from inattention or insensitivity in matters of diction, but from their opposites, vigilance and a discriminating ear.”

crença nos deuses homéricos, do vate grego para o lírico latino (e seus contemporâneos romanos) as mudanças e o tempo que os separa são ainda maiores. Não é nosso intuito adentrar os meandros da religiosidade antiga, mas uma divagação de Flaubert, citada nas *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar, nos faz pensar: “Os deuses, não existindo mais, e o Cristo não existindo ainda, houve, de Cícero a Marco Aurélio, um momento único em que só existiu o homem.” Em ampla medida, o texto de Horácio desloca as rédeas da condução da vida para o comportamento do **indivíduo** e suas decisões (embora os conceitos associados a esses étimos possam – e devam – ser profundamente questionados), excluindo uma participação tão efetiva nessa mesma condução. “Suficiente é pedir para Jove as coisas que ele provê e tira”, diz o poeta latino na *Epístola* I. 18, 111 (eis o papel divino, nos dar a vida e recursos: *det uitam, det opes*, no verso 112). A necessidade da preparação individual, contudo, é o cerne da mensagem horaciana, concluindo a carta: *aequum mi animum ipse parabo*.

Assim, na *Epístola* I. 2 Horácio centra-se em Ulisses como modelo de sábio a ser “imitado” e lê, a seu bel prazer, os episódios que julga mais apropriados para recomendar reflexões na epístola. Dificilmente Platão ou Sócrates superariam essa leitura que validasse a épica homérica de modo tão pessoal ou “intepretativo”, por meio de hipóteses e suposições que visam a adaptar o episódio épico grego para a lição moral latina. Notemos que a passagem proposta não é uma paródia nem uma sátira do texto de Homero: não propõe recriar, ironizar, tampouco condenar o épico. Os versos horacianos leem, de um modo particular, uma cena épica com o intuito de tirar, dentre inúmeras interpretações possíveis, aquela que mais bem se encaixa às lições morais vindouras.

Ao propor uma leitura que detecta na *Epístola* I. 2 esses valores morais (para não dizermos *éticos*...) em questão, tão importantes para o cidadão romano

contemporâneo de Horácio, Edwards (1992, p. 86) propõe em seu artigo boa explicação para uma proximidade sugestiva de determinadas palavras:

Tais notas do estilo erótico como *cupidus*, *domina*, *meretrix* e *amica* estavam sofrendo desgaste diário na poesia elegíaca que Horácio confessou desdenhar (Cf. *Ode* 1. 33 e *Sátira* 1.4.1). É para torná-la uma tentadora Romana que Circe é chamada por um termo que não expressa sua feição em Homero.¹⁵⁰

Uma mudança discursiva se opera por trás da aparente estabilidade dos signos: a Circe homérica é sutilmente traduzida segundo categorias semânticas do universo romano do fim do primeiro século pré-Cristão. Melhor: categorias de *amante elegíaca*, tão marcadas na palavra *domina*, como observa Pichon (1991, p. 134): “a **domina** amiúde detém seu poder e significa autoridade da mulher contra o homem”¹⁵¹ – ao que o estudioso acrescenta expressões de poetas elegíacos, que também unem *domina* a *meretrix* nesse contexto elegíaco, como faz Horácio na adjetivação de Circe nessa passagem da epístola.

Ainda que a exegese histórica proposta por Paléfato veja-a como uma real *hetaira* grega, que “metamorfoseava os homens com sua beberagem mágica, ou seja, seduzia-os e prendia-os com todo tipo de gentilezas”,¹⁵² como nos relata Buffière (1973, p. 237), a *domina meretrix* que Horácio compõe enquadra-a num universo distinto, tipicamente romano e elegíaco.

¹⁵⁰ “Such notes of the erotic style as *cupidus*, *domina*, *meretrix* and *amica* were suffering daily attrition in the elegiac poetry which Horace professed to disdain (Cf. *Odes* 1.33, *Satires* 1.4.1). It is to make her a Roman temptress that Circe is called by a term which does not express her character in Homer.”

¹⁵¹ “**Domina** saepe suam uim retinet imperiumque feminae in uirum significat.”

¹⁵² O trecho que citamos tira-se do meio deste parágrafo (*grifo nosso*), cujo final também diz respeito à reflexão: “L’imagination de nos disciples de Palaiphatos ayant des horizons assez limités, Circé, à son tour, sera une hétéraire. Elle *métamorphosait les hommes avec son breuvage magique: c’est-à-dire qu’elle les séduisait et se les attachait par toutes sortes de gentilleses*; elle les retenait ensuite près d’elle: en fait, c’était leur propre passion, et l’irrésistible attrait du plaisir qui en faisaient ses esclaves.”

Ora, a partir dessa interpretação, caso se vislumbre na passagem que menciona Circe, por um lado, uma alegoria (se não propriamente à Lascívia ou ao Prazer personificados)¹⁵³ a condutas lascivas e voluptuosas condenáveis, por outro, dificilmente a interpretação das *Sirenum uoces* poderia sugerir valores tão nobres ou elevados quanto os propostos por Cícero na passagem citada páginas atrás. Dito de outro modo, se a epístola horaciana pinta em Circe a imagem de uma amante enganadora, que ilude por meio de “poções” (observemos a degradação, segundo certos valores romanos, do homem *insano*, que se deixa conduzir pelos desejos, tipo inaceitável: um *torpe*, “subjugado por uma meretriz”, *sub domina meretrice*, v. 25), seria verossímil que outra imagem também “degradante” lhe estivesse coordenada ou associada, evocando uma outra tentação moralmente reprovável – e não um “louvor ao conhecimento”. Assim, os sentidos evocados pelo canto das Sereias provavelmente indicariam algum desvio de conduta, contra o qual Horácio alerta Lólio a se prevenir. A fim de enfatizar tal proposta, permita-nos o leitor resgatar dois trechos de outra carta.

Na *Epístola* I. 18, dirigida também a Lólio (provavelmente a mesma “pessoa” da *Epístola* I. 2), Horácio recomenda certos cuidados com criadas e rapazinhos:

*Non ancilla tuum iecur ulceret ulla puerue
intra marmoreum uenerandi limen amici,
ne dominus pueri pulchri caraee puellae
munere te paruo beet aut incommodus angat.* (Ep. I. 18, 72-5)

¹⁵³ Vale repetir a observação que faz Buffière (1973, p. 237) no parágrafo seguinte ao acima citado: “Aqui, notemo-lo, tocamos a exegese moral dos mitos, que faz de Circe, das Sereias, de Cila, personificações do prazer, de atrativos tão tentadores. As duas explicações, entretanto, não se confundem. A escola de Paléfato considera que é uma personagem real, histórica (e não um símbolo), que deu impulso ao mito.” ~> [“Ici, remarquons-le, nous frôlons l’exégèse morale des mythes, qui fait de Circé, des Sirènes, de Skylla, des personifications de la volupté, aux appâts si tentants. Les deux explications, cependant, ne se confondent pas. L’école de Palaiphatos considère que c’est un personnage réel, historique (et non pas un symbole), qui a donné l’essor au mythe.”]

Que nenhuma criada ou rapazinho fira teu coração
entre os limiares de mármore de um venerável amigo,
nem o senhor de um belo rapaz ou de uma bela moça
te contente com tão pequeno presente ou, incomodado, te atormente.

Por meio da sinédoque *tuum iecur* (literalmente: “teu fígado”), representante orgânico de uma espécie de “cerne sentimental” do leitor (também do próprio Lólio invocado no texto), Horácio sutilmente adverte o jovem amigo contra os perigos das relações amorosas com escravos, sobretudo ancilas e rapazinhos de casas alheias. Acrescente-se o que diz Vasconcellos (1991, p. 23):

para os antigos romanos, a paixão amorosa é uma doença. Tradicionalmente, considerava-se a excessiva influência dos instintos amorosos sobre o indivíduo como danosa e indigna do cidadão. A paixão, alienando-lhe a vontade, tornando-o dependente de outra pessoa, subverte a hierarquia social. Um homem de livre nascimento deve ser sempre ativo, até mesmo em sua vida afetiva; não pode abdicar de seu título de *dominus* nem sequer na vida privada. Quem comanda outros, deve mostrar que de tal é digno, subordinando, primeiramente, suas próprias inclinações, domando seus instintos, organizando suas pulsões, tornando-se, em suma, o senhor de si mesmo. Sob o domínio da paixão, porém, o homem perde sua autarcia, avilta-se, escraviza-se, aliena-se.

Ora, é a esse ser dominado que Horácio associa a imagem hipotética de um Ulisses torpe, sem razão (*excors*), que não soube se controlar ante as tentações do prazer, caso tivesse agido como seus companheiros. Seria possível ler nos versos citados da Ep. I. 18 a recomendação para que o mesmo jovem da carta se contenha ao lidar com certos escravos no ambiente privado da casa (*intra limen marmoreum*),¹⁵⁴ do mesmo modo que se pinta a figura de uma dominadora meretriz romana (que o texto da epístola afirma que Lólio conhece, *nosti...*),

¹⁵⁴ Nos versos 31 a 36 da mesma Ep. I. 18, Horácio menciona um certo Eutrápelo, que para levar a ruína a quem queria, dava roupas elegantes: aquele que recebe presentes e se ilude com o luxo, abandonará os deveres e, já sem controle, arruinar-se-á ao fim. Nos versos 34-5, diz: *dormiet in lucem, scorto postponet honestum officium*, “dormirá de dia, pela meretriz adiará um honesto negócio” (**grifo nosso**) – novamente, a meretriz (sob outra “roupagem”) é mencionada.

segundo essa interpretação alegórica de Circe, capaz de tirar a paz dos que não se previnem nem se controlam? Provavelmente.

Em outro passo da mesma *Epístola* I. 18, o poeta latino tece recomendações diversas sobre como se portar na companhia de um amigo rico e poderoso (versos 37 e ss.). Dentre tais conselhos, um chamou-nos especialmente a atenção:

surge et inhumanae senium depone Camenae (Ep. I. 18, 47)

levanta-te e deixa de lado a languidez da Musa insociável

Essa exortação à atividade coletiva na presença do *patronus*, em detrimento do refúgio e da lassidão próprios da inspiração da Musa, poderia ajudar a pender a interpretação do canto das Sereias na *Epístola* I. 2 para um semelhante *isolamento encantatório*, que arrasta os homens para longe de seus ofícios sociais? Talvez. Ainda que não seja descrito como um poeta, como acontece a outros destinatários da *Epístolas* I, Lólio certamente lidava com livros, poetas e filósofos, que poderiam levá-lo ao “torpor” da linguagem – logo, ao isolamento ou alheamento,¹⁵⁵ assim como podiam fazer as Sereias, segundo esse enfoque. Enfim, propomos maneiras de se interligarem os versos horacianos na busca de sentidos e interpretações possíveis, bem como de seus consequentes efeitos nessa relação intertextual.

De volta a nossa *Epístola* I. 2, caberia adicionar umas poucas palavras finais. Uma mudança importante ocorre entre os versos 26 e 27: tem fim o comentário tão detido sobre os épicos homéricos, como se fez até então, para que nós – autor e leitores – possamos nos encaixar nesse quadro tão colorido de perigos e virtudes. Notemos como a passagem é bem conduzida: o final do verso 26 decresce do

¹⁵⁵ Para os demais poetas nomeados, vejam-se as Ep. I. 3 e 4. O verso Ep. I. 18, 58 corrobora para a imagem de um Lólio “alheio”. Além da recomendação ao “livro com lume” em Ep. I. 2, 35, o final da Ep. I. 18, 96 e ss. descreve o jovem em meio aos estudos, livros e questionamentos de filósofos.

trissílabo ao monossílabo (*a-mi-ca lu-to sus*),¹⁵⁶ tão raro nos hexâmetros latinos, e o verso 27 tem início com o pronome *nos* também monossilábico, evocando a seguir um notável verso iliádico, como comentaremos no próximo tópico. Enfim, a epístola foi da *Ilíada* para a *Odisseia* e parece voltar agora à *Ilíada*, incluindo nós todos nas analogias. Como resume a *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 829):

A primeira parte da E 1, 2 apresenta de fato ambos os poemas homéricos como uma série de *exempla* morais, segundo o filão exegetico que recebeu o impulso máximo do estoicismo (Buffière 1956), que, entre outras coisas, havia feito de Ulisses até mesmo o símbolo do sábio ideal. As categorias morais adicionadas ao Homero horaciano (v. 3) são as mesmas do *De officiis* de Cícero: o *pulchrum* (isto é, o *καλόν*, o *honestum* de Cícero) e o *turpe*, o *utile* e o seu contrário (Ronconi 1973, 67).¹⁵⁷

O Ulisses de que se falou até agora, serviu de modelo para o sábio por excelência, símbolo inalcançável, usado como exemplo tanto para espelhar as virtudes quanto para reprovar aqueles, ou melhor, **aquele** que não se porte como o herói. Nas palavras de Fraenkel (1980, p. 316), “Ulisses prova um modelo de perfeição da sábia e firme ἀρετή”¹⁵⁸ e como reforça Ugo Dotti (2008, p. 9), “a segunda [epístola], para Lólio, é dedicada à maneira eticamente proveitosa de ler Homero, e que ressalta a figura de Ulisses elevada a símbolo das grandes potencialidades do homem.”¹⁵⁹

¹⁵⁶ Não parece impróprio lembrar a imagem que Horácio traça de si ao final da *Epístola* I. 4, 16: *Epicuri de grege porcum*, “porco da grei de Epicuro”, comentada páginas atrás. Mas é preciso tomar o cuidado devido nesse confronto direto de imagens e sugestões dos versos horacianos a fim de não usá-los pura e simplesmente para se erigir e embasar uma suposta biografia do poeta.

¹⁵⁷ “La prima parte di E 1, 2 presenta in effetti entrambi i poemi omerici come una serie di *exempla* morali, secondo il filone esegetico che ricevette il massimo impulso dallo stoicismo (Buffière 1956), che tra l’altro aveva fatto di Ulisse addirittura il simbolo del sapiente ideale. Le categorie morali additate dall’O. oraziano (v. 3) sono le stesse del *De officiis* di Cicerone: il *pulchrum* (cioè il *καλόν*, l’*honestum* di Cicerone) e il *turpe*, l’*utile* e il suo contrario (Ronconi 1973, 67).”

¹⁵⁸ “Ulysses proves a paragon of wise and steadfast ἀρετή”.

¹⁵⁹ “La seconda, a Lollio, è dedicata al modo eticamente fruttuoso di leggere Omero, e qui campeggia la figura di Ulisse elevata a simbolo delle grandi potenzialità dell’uomo.”

Talvez o mérito máximo de Ulisses advenha de suas escolhas ao enfrentar venturas e desventuras. Dito de outra forma, o herói soube tomar decisões corretas em momentos difíceis. Mas apenas conseguiu provar seu valor porque vivenciou tanto armadilhas do destino, quanto perigos constantes. E conseguiu sair-se muito bem ao final. Na reflexão de Buffière (1973, p. 387):

(...) o homem não se alça ao ápice aos ápices da virtude por seu feito próprio: a virtude, nas almas, é “obra de Zeus”. Se Ulisses foi alvo de tantos males, é que Zeus os suscitava com desígnio “de produzir e fazer brilhar a virtude do herói”. A cólera de Poseidon ou do Sol parecem persegui-lo: na realidade, é a predileção de Zeus que o põe a prova. Assim, o mérito do sábio Ulisses é fruto de ação divina, da graça divina, como diria um autor cristão.¹⁶⁰

Essa reflexão subjaz aos conselhos dirigidos ao jovem Lólio em ambas as epístolas: não que deva ter uma vida atribulada ou cheia de reveses da fortuna, mas que saiba bem se portar quando surgirem as dificuldades. Logo, que se prepare para tal, tendo recebido ou não a preferência dos deuses. Eis a recomendação subjacente ao adjetivo *prouidus* e seus efeitos transpostos do grego, como vimos.

Lembremos, mais uma vez, como a *Epístola* I. 18 termina:

[Iouis] det uitam, det opes; aequum mi animum ipse parabo. (Ep. I. 18, 112)

Que (Jove) dê vida, dê os recursos; ânimo equilibrado eu mesmo preparar-me-ei.¹⁶¹

Esse mesmo deus, que provê e tira as coisas (*quae ponit et aufert*, v. 111), é comparado ao homem sábio (*sapiens*) ao final da epístola a Mecenas:

¹⁶⁰ “(...) l’homme ne s’élève point aux sommets de la vertu par sa propre industrie: la vertu, dans les âmes, est “l’oeuvre de Zeus”. Si Ulysse fut en butte à tant de maux, c’est que Zeus les suscitait à dessein “pour produire et faire éclater la vertu du héros”. La colère de Poseidon ou du Soleil semblent le poursuivre: c’est en réalité la prédilection de Zeus qui l’éprouve. Ainsi le mérite du sage Ulysse est le fruit de l’action divine, de la grâce divine, comme dirait un auteur chrétien.”

¹⁶¹ Como a Anfinomo responde Odisseu, disfarçado de mendigo no palácio:

τῷ μή τις ποτε πάμπαν ἀνὴρ ἀθεμίστιος εἶη,
ἀλλ’ ὃ γει σιγῇ δῶρα θεῶν ἔχοι, ὅττι διδοῖεν.
(*Odisseia* XVIII, 142-3)

Ímprobo ninguém seja; em paz gozemos
O que o Céu nos outorgue.
(O-OM XVIII, 114-5)

Ad summam: sapiens uno minor est Ioue (Ep. I. 1, 106)

Em suma: o sábio só é inferior a Jove

Odisseu-Ulisses, modelo homérico de sabedoria e virtude transmitido já por séculos, é também igualado ao próprio Zeus, quando Atena desce do Olimpo e o procura e:

εὔρεν ἔπειτ' Ὀδυσῆα Διὶ μῆτιν ἀτάλαντον (*Ilíada* II, 169)

Encontra então Odisseu, a Zeus em argúcia comparado¹⁶²

Quiçá alcançar a sabedoria de Ulisses signifique não só equiparar-se ao deus máximo, mas sobretudo tornar-se senhor dos próprios recursos, prover e tirar o que bem entender segundo seu único arbítrio, de tudo dispor quando e onde quiser.

¹⁶² O epíteto “a Zeus em argúcia comparado” (Διὶ μῆτιν ἀτάλαντον) reaparece novamente na *Ilíada* em II. 406, 636 e X. 137. Pietro Pucci (1995, p. 22-3) discute, em nota, a aplicação formular deste mesmo epíteto a Héctor e seu não aparecimento na *Odisseia*.

Epístolas I. 2, I. 15, I. 6: nós, Feácios...

...urbem somno uinoque sepultam.
Virgílio, *Eneida* II 265

A *Epístola* I. 2 prossegue com outras menções aos épicos de Homero, que se diluem em direção aos conselhos de ordem prática dirigidos ao destinatário da carta. Por meio da introdução do pronome pessoal *nos*, somos todos lançados diretamente nas avaliações morais propostas por Horácio. Notemos esta sequência:

*Nos numerus sumus et fruges consumere nati,
sponsi Penelopae nebulones Alcinoique
in cute curanda plus aequo operata iuuentus,
cui pulchrum fuit in medios dormire dies et
ad strepitum citharae cessatum ducere curam.* (Ep. I. 2, 27-31)

Nós somos apenas números e nascemos para consumir os frutos da terra, pretendentes de Penélope, cortesãos de Alcínoo, juventude preocupada mais que o devido com o cuidado da pele, a quem era belo dormir até o meio do dia e, ao som da cítara, fazer uma preocupação se esvaecer.

Esmiucemos, desde já, a relação homérica primeira e comumente apontada pelos estudiosos. A expressão *fruges consumere nati*, no verso 27, alude¹⁶³ às palavras οἱ ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν (lit.: “que comem fruto da terra”), trecho final da indagação de Diomedes a Glauco, no canto VI da *Ilíada*: aquele, tendo visto o adversário portentoso a sua frente, questiona-lhe a identidade, dizendo:

οὐδ’ ἂν ἐγὼ μακάρεσσι θεοῖς ἐθέλοιμι μάχεσθαι.
εἰ δέ τις ἐσσι βροτῶν οἱ ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν,
ἄσσον ἴθ’ ὥς κεν θᾶσσον ὀλέθρου πείραθ’ ἵκηαι. (*Ilíada* VI, 141-3)

Não eu, com venturosos deuses, desejo lutar.
Se és um dos mortais que da terra fruto comem,
Pra perto vem, e eis que mais rápido às fronteiras da morte chegues.¹⁶⁴

¹⁶³ Tanto Mayer (1994, p. 116) quanto Dilke (1980, p. 81) apontam-no.

¹⁶⁴ Outras duas traduções distintas em português para o trecho (a seguir):

Em sua fala, Diomedes tenciona distinguir a figura divina da humana para evitar as cruzezas de uma contenda com um deus. Horácio toma emprestado, do trecho que propõe essa distinção, a expressão que caracteriza os *humanos*, os mortais, enfim, nós leitores e o autor da epístola. O texto latino, nesse ponto, visa também a uma separação, porém entre o comportamento virtuoso de Ulisses, símbolo do divino, elogiado versos atrás (até o verso anterior, se quisermos), e o nosso agir, a nossa conduta de reles mortais. Contudo, ao invés de adjetivar os homens apenas como “mortais” (como em grego βροτός, em latim, *mortalis* ou *commortalis*), o verso diz que “somos **números**”. Mayer (1994, p. 116) e Dilke (1980, p. 81) veem *numeros*¹⁶⁵ como decalque de ἀριθμός, para dizer que somos muitos, numerosos como uma multidão, uma grande massa...

Se outrora a leitura alegórica dirigia-se a nós (nobis), agora somos o próprio alvo das críticas, é nosso comportamento “pouco virtuoso” que será avaliado e condenado. Assim, o contraste entre o modelo ideal de virtude (Ulisses) e as imagens dum comportamento indolente e despreparado (atribuídas a certas personagens homéricas, com as quais nós – leitores e autor – somos comparados) salta aos olhos. Se, por um lado, há um homem virtuoso nessa alegoria horaciana, por outro, há uma infinda turba de homens desprezíveis e desregrados.

“Com bem-aventurados não me avenho.
Mas, se a terra te nutre com seus frutos,
Chega-te, e as raias tocarás da morte.”
(I-OM VI, 122-4)

“Por isso tudo, não quero lutar contra os deuses beatos.
Mas, se, contrário, és humano e te nutres dos frutos da terra,
Chega-te, e logo hás de ver-te, por certo, no extremo funesto.”
(I-CAN VI, 141-3)

Haroldo de Campos parece tanto mesclar escolhas dos precedentes quanto compor solução própria com belas aliterações e assonâncias:

“(..). Não desejo *pelejar* com deuses.
Mas se és humano e a terra te nutre dos seus
frutos, *vem* que *verás* o teu *funesto fim*.”
(I-HC VI, 141-3 – *grifos nossos*)

¹⁶⁵ Fraenkel (1980, p. 316) aponta um *testimonium*: a inscrição NOS NVMERVS S[em um vaso de Mainz.

Ora, o princípio da réplica de Glauco a Diomedes, versos após os citados da *Iliada*, evoca impressão semelhante à de grande quantidade e profusão, em outro contexto. Não nos custa lembrar o passo tão famoso:

Τυδεΐδη μεγάθυμε τί ἤ γενεῖν ἐρρεΐνεις;
οἷη περ φύλλων γενεῖ τοίη δὲ καὶ ἀνδρῶν. (*Iliada* VI 145-6)

Tideide mega-coração, de qual geração perguntas?
Como a geração das folhas, assim também a dos homens.¹⁶⁶

O celeberrimo verso 146, sua continuação e seu símile emprestaram já essa imagem das folhas a diversas passagens da lírica ocidental. O mesmo Horácio há de, em outra ocasião e com outro propósito, fazer uso de imagem similar numa bela descrição metalinguística de sua *Ars Poetica* (60-3). Estudioso dedicado à questão, Francisco Achcar (1994, p. 62), logo após considerar a ressalva que faz Green estreitando os sentidos do trecho, pontua algumas aplicações da imagem, que passa de símile a lugar-comum na poesia lírica:

O foco da referência, de fato, são as “gerações” e as famílias, *genée*. Mas o texto grego facilmente se presta ao sentido mais geral da transitoriedade de toda vida humana, com o qual a mesma imagem das folhas reaparece em outro lugar homérico, passando depois a frequentar a literatura antiga.

Seria temerário forçarmos a interpretação tentando ler a passagem latina com exclusivo sentido de transitoriedade. Todavia, por meio da associação proposta, os efeitos desse “ar transitório” podem se acrescer ao verso, cujo étimo *numerus* evoca primordialmente a noção de multidão – que também há de “passar”, isto é, ser renovada (seus integrantes morrem e renascem continuamente). No entanto, o

¹⁶⁶ Na versão de Carlos Alberto Nunes, mais “frouxa”:

Grande Tidida, por que saber queres a minha ascendência?

As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores. (I-CAN VI, 145-6)

próprio estudo de Achcar aponta outros exemplos homéricos que repetem “imagens das folhas”:¹⁶⁷

ἤλθον ἔπειθ' ὅσα φύλλα καὶ ἄνθεα γίγνεται ὥρη (*Odisseia* IX, 51)

Chegam, então, como folhas e flores surgem na primavera.

Segundo a imagem do ciclo natural, evidencia-se o sentido de multidão, grande número: notem-se as flores (ἄνθεα) acrescentadas às folhas (φύλλα). Assim, sem restringir leitura e interpretação, podemos entretecer às impressões suscitadas pelos versos horacianos (os /u/ aliterantes acompanhados dos /s/ sibilantes denotam certa melancolia, como um lamento, no verso 27 da epístola) trechos e imagens dos épicos homéricos, sugerindo-lhes relações nem sempre atentadas.

Se por último evocamos a *Odisseia*, a ela também retornam os versos de Horácio: se “somos números”, a comparação agora menciona os *sponsi Penelopae nebulones Alcinoique*. Os primeiros, pretendentes de Penélope, reúnem os tipos aproveitadores: presentes do canto I ao XXII do épico, ocupam o palácio de Odisseu em sua ausência, ansiosos por assumirem o trono do desaparecido rei de Ítaca. São eles os massacrados pessoalmente pelo herói e seu filho. Enquanto aguarda o possível (mas não certo) retorno do esposo, há vinte anos ausente, Penélope consegue, por meio da artimanha do manto tecido de dia e desfeito à noite, suposta mortalha para Laerte (*Odisseia* II, 94 e ss.), aplacar, em pelo menos três anos, o ânimo dos pretendentes que urgem-na a se casar, substituindo assim Ulisses. A argúcia paciente de Penélope retarda os propósitos infames dos pretendentes. Seu nome, evocado na epístola próximo ao nome latino de Odisseu (v. 18), nos faz lembrar o casal sábio, a quem uns e outros ora atrapalham, ora tentam prejudicá-los.

¹⁶⁷ *Iliada* II, 468 e XXI, 464. Vide Achcar (1994, p. 62, nota 10), de onde tiramos essas referências.

Mas a epístola não nos compara a ela, e sim a seus pretendentes. E, em seguida, aos *nebulones Alcinoi*, “cortesãos do rei Alcínoo”. Segundo o verbete *nebulo,~onis*, no OLD, os sentidos são menos nobres: “uma pessoa sem valor, leviano, salafrário, tratante”.¹⁶⁸ Traduzimos “cortesão” para evocar, na verdade, os homens da corte do rei Alcínoo, os Feácios – aqui tão severamente condenados por Horácio. Nessas circunstâncias, talvez o próprio rei Alcínoo esteja também entre os reprovados, se recordarmos o que diz a Ulisses sobre si e seu povo:

αἰεὶ δ’ ἡμῖν δαῖς τε φίλη κίθαρις τε χοροί τε
εἵματά τ’ ἔξημοιβὰ λοετρά τε θερμὰ καὶ εὐναί. (*Odisseia* VIII, 248-9)

Sempre a nós banquete agrada, e a cítara e o coro¹⁶⁹ e
as roupas renovadas e banhos quentes e também cochilar.

Ora, é uma imagem próxima dessa que a epístola traça entre os versos 29-31: juventude despreocupada, cuidando da pele (mais do que de seu comportamento moral) e dormindo até tarde, ouvindo música que afaste as preocupações. Se *aequo* marca alguma adequação ou equilíbrio, o advérbio *plus* vem constrangê-lo: a locução ressalta a falta de moderação. Cabe notar que a expressão *in cute curanda*, centro de atenção e cuidados por parte dos Feácios pintados por Horácio, reaparece ligeiramente modificada na carta a Álbio (Ep. I. 4, 15), quando a *persona*-poética horaciana traça sua própria descrição, *bene curata cute*, relação que estreita o vínculo entre nossos hábitos (também do poeta) e os costumes indolentes (e reprováveis) do povo feácio. Em outras palavras, Horácio reforça (e como que recomenda) sua própria atitude preguiçosa, em tom bem humorado a Álbio, a qual ele reprova, nessa alegoria, ao jovem Lólio.

¹⁶⁸ “A worthless person, trifler, scoundrel, rascal”.

¹⁶⁹ i.e. a dança.

Os versos 30 e 31 descrevem duas supostas atividades dessa juventude, ambas tidas como bela (*pulchrum*): o dormir até o meio do dia e, ao som da cítara, ou esquecer uma preocupação, ou dirigir-se ao sono, alternativas ambas possíveis, segundo a variação dos manuscritos apontada pelos comentadores. Dilke (1980, p. 81) lista oito artigos do *Journal of Philology*, de 1880 a 1955, que debatem a dissensão *curam-somnum* desse verso.¹⁷⁰ Como não há uma passagem homérica que remeta *mot à mot* ao verso horaciano, hipóteses várias são aventadas. Tanto Dilke quanto os editores franceses consultados tendem a adotar *curam*, segundo Préaux (1968, p. 53), a *lectio difficilior*. As edições inglesas e demais optam por *somnum*; Lowell Edmunds (2001, p. 118-9) chega a propor que se adote *somnum* usando a mesma passagem do canto VIII da *Odisseia* (que citamos por último) para argumentar, de modo bem humorado, sua leitura intertextual: “o fato de Demódoco cantar três diferentes histórias no livro 8 pode ter transmitido a impressão de que os Feácios nunca iam para cama sem uma boa dose da cítara.”¹⁷¹

Enfim, toda essa pintura dos Feácios como figuras indolentes, negligentes, ensonados ou dispersando preocupações ao som de músicas, servem para marcar a

¹⁷⁰ Dada a concisão dentre todas as explicações recolhidas, repetimos a de Dilke (1980, p. 81): “(a) com *curam, cessatum* é supino depois de *ducere*, ‘persuadir ao cuidado para encerrar’, um uso comum em que *duco* é literal, mas não comparado com o sentido de ‘persuadir, convencer’; *uoco* e *hortor*, no entanto, também são usados. Objeta-se inclusive que os Feácios não conheciam preocupações, e que afastá-las com música não é reprovação. (b) Com *somnum, cessatum* é participio perfeito com sentido ativo, *duco* significando ‘pôr em’; mas *somnum* é repetitivo, e a frase implica excessiva sonolência mesmo para os Feácios. Numerosas correções foram sugeridas, incluindo *cessantem, cessatem, e cenam*.” ~> [“(a) with *curam, cessatum* is supine after *ducere*, ‘prevail upon care to cease’, a use common where *duco* is literal, but not paralleled with the meaning ‘prevail upon’; *uoco* and *hortor*, however, are so used. It is also objected that the Phaeacians knew no cares, and that dispelling them by music is no reproach. (b) With *somnum, cessatum* is past participle with active sense, *duco* meaning ‘bring on’; but *somnum* is repetitive, and the phrase implies too much somnolence even for the Phaeacians. Numerous emendations have been suggested, including *cessantem, cessatem, etc.*, and *cenam*.”]

¹⁷¹ “But the fact that Demodocus sings three different songs in book 8 could have conveyed the impression that the Phaeacians never went to bed without a large dose of the cithara”.

distinção com Odisseu, exemplo sábio a ser seguido. Poder-se-ia dizer que a interpretação aqui busca um símile adequado com o qual podemos ser comparados, evidenciando tanto nossa propensão à “boa vida”, por simples analogia, quanto a ausência de nossos cuidados e preparos, por oposição ao exemplo alegórico de boa conduta.

Outro trecho do livro I das *Epístolas* que evoca novamente os habitantes de Esquéria está na Ep. I. 15. Não mais tomados como biltres imprestáveis, Horácio – ao perguntar a Vala qual das duas cidades (Vélia ou Salerno) é mais agradável, possui melhor água e tem maior provisão de peixes – resgata a imagem dos Feácios como símbolo de vida pacata e cercada de prazeres:

pinguis ut inde domum possim Phaeaxque reuerti (Ep. I. 15, 24)

para que dali eu possa retornar à casa como um gordo Feácio?

O adjetivo *pinguis* concretamente evoca o sentido “gordo”, como traduzido. Lembremos que Horácio a si próprio descreve como *pinguem et nitidum* (“gordo e lustroso, nédio”) na carta a Álbio (Ep. I. 4, 15), de modo prazenteiro. Na epístola a Vala, contudo, *pinguis* parece evocar sentidos mais figurados, como os que anota o DELG: “bem alimentado”, “rico”, “lento, pesado, indolente”, impressões de algum modo condizentes com o que narra Homero na *Odisseia* sobre os Feácios.

Porque não há o contraste com um Odisseu pintado tão nobre, não mais se percebe a condenação dos hábitos prazerosos dos habitantes de Esquéria. Ao contrário, a imagem soa quase como um elogio ao *savoir vivre* feácio. Esse uso “flexível” do símbolo, tomado como pede o propósito discursivo, é deliberado: se a *Epístola* I. 2 precisa exemplificar um comportamento condenável, que se tomem os homens da corte de Alcínoo como patifes, desregrados – e no contraste com a figura de Odisseu, tão virtuoso, preparado e previdente, aqueles tolos parecerão ainda mais vis e censuráveis; se a *Epístola* I. 15 pede um modelo de boa vida e

contentamento, que sirvam os Feácios e sua prazerosa ilha de grato modelo.¹⁷² Como diz Mayer (1994, p. 216) sobre a *Epístola* I. 15, esse uso de “*Phaeax* sugere que Horácio está feliz em mitigar suas críticas se a ocasião demandar.”¹⁷³ Eis a flexibilidade interpretativa proposta nessa leitura que fazemos do poeta latino.

Notemos que a estratégia argumentativa de Horácio, aqui, e a do *simile*, operada com sutileza. Odisseu, antes de chegar à Ítaca, é lançado na praia da ilha de Esquéria, onde Nausica o encontra e o conduz ao palácio de seu pai, Alcínoo. Na corte do rei, o herói é bem tratado, tendo suas forças restauradas (come e bebe bem, ouve e conta histórias, ganha presentes vários etc.) para, finalmente, concluir sua viagem de retorno à casa. Esse é o lugar aprazível com que Horácio *quer*

¹⁷² Como enxuto exemplo, veja-se a descrição do deslumbrante jardim no palácio do rei Alcínoo:

ἔκτοσθεν δ' αὐλῆς μέγας ὄρχατος ἄγχι θυράων
 τετράγυος: περὶ δ' ἔρκος ἐλήλαται ἀμφοτέρωθεν.
 ἔνθα δὲ δένδρεα μακρὰ πεφύκασι τηλεθόωντα,
 ὄγχναι καὶ ῥοιαὶ καὶ μηλέαι ἀγλαόκαρποι
 συκέαι τε γλυκεραὶ καὶ ἔλαιαι τηλεθόωσαι.
 τάων οὐ ποτε καρπὸς ἀπόλλυται οὐδ' ἀπολείπει
 χεῖματος οὐδὲ θέρεως, ἐπετήσιος: ἀλλὰ μάλ' αἰεὶ
 Ζεφυρή πνεύουσα τὰ μὲν φύει, ἄλλα δὲ πέσσει.
 ὄγχνῃ ἐπ' ὄγχνῃ γηράσκει, μήλων δ' ἐπὶ μήλῳ,
 αὐτὰρ ἐπὶ σταφυλῇ σταφυλή, σῦκον δ' ἐπὶ σύκῳ.
 ἔνθα δὲ οἱ πολύκαρπος ἀλωὴ ἐρρίζωται,
 τῆς ἕτερον μὲν θειλόπεδον λευρῶ ἐνὶ χώρῳ
 τέρσεται ἡελίῳ, ἑτέρας δ' ἄρα τε τρυγώωσιν,
 ἄλλας δὲ τραπέουσι: πάροιθε δὲ τ' ὄμφακές εἰσιν
 ἄνθος ἀφιεῖσαι, ἕτραι δ' ὑποπερκάζουσιν.
 ἔνθα δὲ κοσμηταὶ πρασιαὶ παρὰ νεΐατον ὄρχον
 παντοῖαι πεφύασιν, ἐπητανὸν γανώωσαι:
 ἐν δὲ δύο κρήναι ἢ μὲν τ' ἀνὰ κῆπον ἅπαντα
 σκίδναται, ἢ δ' ἐτέρωθεν ὑπ' αὐλῆς οὐδὸν ἴησι
 πρὸς δόμον ὑψηλόν, ὅθεν ὑδρεύοντο πολῖται.
 τοῖ' ἄρ' ἐν Ἀλκινόοιο θεῶν ἔσαν ἀγλαὰ δῶρα.
 (*Odisseia* VII, 112-32)

Fora do pátio, abre-se um vasto jardim, de quatro
 jeiras, bem perto dos portões, cercado de sebes.
 Cultivam-se nele, em abundância, árvores viçosas:
 pereiras, romeiras, macieiras. Os frutos esplendem.
 Doces arredondam-se os figos, olivas verdejam.
 Aí as frutas jamais escasseiam, abundam tanto no
 inverno como na estação quente, sujeam ao longo
 do ano. Ao sopro do zéfiro, crescem, maduram.
 Avolumam-se peras e peras, maçãs e mais maçãs.
 Uvas vão, uvas vêm; fenescem figos, figos fulguram.
 Raízes enriquecem a planície. Numa extremidade,
 abundates secam os bagos suculentos, ao brilho do
 sol; na outra segue a colheita, perto escorre o suco
 ao impacto dos pés. Mais adiante cepas encetam
 rebentos, a espaços uvas negrejam. Junto às últimas
 carreiras verdejam canteiros com toda sorte de
 verduras, o ano inteiro. Nas imediações borbulham
 duas fontes, uma irriga a horta, a outra, passando
 por baixo do pátio, atinge o imponente palácio.
 Desta se abastece a cidade. Quanto a dádivas
 divinas, Alcínoo não tem queixas.
 (O-DS VII, 112-32)

¹⁷³ “*Phaeax* suggests that Horace is happy to mitigate his strictures if occasion requires”.

comparar uma das duas cidades. Mas a comparação é pessoal, se dá consigo mesmo, ponto a que retornaremos.

Ao refletir sobre a *Epístola* I. 15, Kirk Freudenburg (2002, p. 133) tece comparação interessante entre Odisseu e o próprio Horácio, embora a leitura também sugira um “arriscado biografismo”: ambos, herói grego e poeta latino, procuram seu “retorno à casa, ao lar”, buscam um abrigo agradável, confortável hospitalidade e prazeres aconchegantes como o dos Feácios. Como diz o estudioso: “A ênfase aqui não é mais em ficar longe, mas em encontrar um caminho para retornar, um perdido Odisseu, restaurado pelas águas e vinho de uma emprestada vila, Feácia.”¹⁷⁴

Embora o símile literário que traça o poeta seja pessoal (isto é, Horácio se compara com um Feácio), como dissemos (note-se: *possim reuerti domum*, “que eu possa retornar à casa”), a força de sua imagem transfere a analogia da pessoa para as cidades em questão. Em outras palavras, ao procurar por um belo vilarejo que disponha de água potável, muitos grãos, bons vinhos e outros alimentos (itens pelos quais a epístola busca), a *persona*-poética evoca, na figura do gordo Feácio com que compara a si próprio, a mesma fartura e o esplendor da ilha de Esquéria, como se dissesse: “busco um lugar tão esplendoroso como a corte do rei Alcínoo, para viver feliz como vivem os Feácios.”



Segundo essa ótica do *símile*, imagem adequada (porque conhecida do público e apropriada à comparação) que ilustra uma ideia exposta e, assim, torna coesa a argumentação em desenvolvimento, cabe notarmos os versos 63 e 64 da *Epístola* I.

¹⁷⁴ “The emphasis here is no longer on staying away, but on finding a way to return, a long-lost Odysseus, restored by the waters and wine of a borrowed, a Phaeacian villa.”

6: nesse ponto da carta, Horácio propõe a Numício – depois de ter sugerido opções variadas de caminhos e lições que possam (talvez) conduzir à felicidade – que sejamos não propriamente como os Feácios (que observamos até aqui), mas, sim, como os companheiros de Ulisses. Vejamos:

(...). *Crudi tumidique lauemur,
quid deceat, quid non obliti, Caerite cera
digni, remigium uitiosum Ithacensis Vlixei,
cui potior patria fuit interdicta uoluptas.* (Ep. I. 6, 61-4)

(...). De barriga cheia, inchados, banhemo-nos esquecidos do que convém e do que não, dignos da tábua de Cere, tripulação corrompida de Ulisses Itacense, a quem um desejo proibido era melhor que a pátria.

Trata-se de evocar os companheiros de Ulisses para ilustrar incautos de comportamento desregrado, como exemplos daqueles que estão insana e torpemente entregues aos prazeres. A imagem é algo próxima à dos Feácios. Entretanto, Horácio destaca não só o desejo (*uoluptas*) incontido em tais homens “lascivos”, mas também o fato de preterirem a pátria. Talvez por isso a reflexão requeira algum cuidado, nessa que é “uma das epístolas mais difíceis de se compreender da coleção”,¹⁷⁵ segundo Courbaud (1911, p. 105).

Toda a *Epístola* I. 6 joga com hipóteses, sugestões e princípios contraditórios, como se estivesse a testar para que lado pende seu leitor. Em outras palavras, podem ser lidas, em toda essa carta, recomendações variadas, não raro opostas: bastaria lembrar as várias proposições encabeçadas com *si* (v. 13, 28, 30, 47, 49, 56 etc.). Como se quisessem postular verdades morais ou lições a se seguir, tais proposições, na verdade, questionam a todo instante o princípio enunciado nos versos iniciais da carta, ou seja, estaria o leitor “deixando-se levar” pelos excessos da

¹⁷⁵ “L’Épître 6 est une des plus difficiles du recueil à comprendre.”

virtude, pela tentação das riquezas, pela volúpia dos prazeres? Ou, sábio, é capaz de se controlar, permanecendo “apático” à todas essas provocações, *nil admirari* (v. 1)?

A menção do verso 64, como comenta Mayer (1994, p. 155), pode sugerir dois episódios da *Odisseia*: os comedores de Lótus ou o gado do Sol. Ambos revelam momentos no épico em que os sócios de Odisseu negligenciam a própria viagem de retorno a Ítaca e se entregam a “prazeres proibidos”. Contudo, um olhar atento ao texto latino pode dar a pista derradeira: *obliti*. Das duas passagens homéricas, apenas a primeira menciona esse “esquecimento” de que fala Horácio.

Nesse segundo episódio, os consócios de Ulisses agem por “necessidade”, pois desta forma Euríloco convence seus companheiros a devorar as vacas do Sol:

Se pela Morte das vacas de cornos erectos zangar-se
e destroçar-nos a nave, ficando os mais deuses de acordo,
de qualquer jeito prefiro morrer uma vez só, nas ondas,
a me extinguir lentamente, de fome, nesta ilha deserta. (O-CAN XII, 348-51)

Cientes do perigo que correm, os homens não se esquecem de suplicar e orar aos deuses (v. 356-63). Não há propriamente um “esquecimento”, uma entrega desenfreada ao prazer, como se tivessem comido, tal qual gulosos ou glutões, além da saciedade; ao contrário, eles decidem agir contra a recomendação de Ulisses (v. 320-3), na tentativa de se salvarem das agruras por que passam.

Por outro lado, no primeiro episódio, vemos os navios de Odisseu saírem fugidos da terra dos Cíconos e no mar vagarem por nove dias (*Odisseia* IX, 58-83). Eis que, no décimo dia, atracam “na terra dos Lotófagos, que comem comida-flores” (γαίης Λωτοφάγων, οἳ τ’ ἄνθινον εἶδαν ἔδουσιν – v. 84). Os homens descem e vão inspecionar aquela terra, saber se vivem de pão aqueles habitantes. Os lotófagos mal algum lhes causam, “mas logo fizeram que loto comessem” (O-CAN IX, 93). Então, nos conta Ulisses:

τῶν δ' ὅς τις λωτοῖο φάγοι μελιηδέα καρπὸν,
οὐκέτ' ἀπαγγεῖλαι πάλιν ἤθελεν οὐδὲ νέεσθαι,
ἄλλ' αὐτοῦ βούλοντο μετ' ἀνδράσι Λωτοφάγοισι
λωτὸν ἐρεπτόμενοι μενέμεν νόστου τε λαθέσθαι. (*Odisseia* IX, 94-7)

Aqueles que do loto comem o doce fruto,
não mais narrar de volta desejam, nem partir,
mas ali queriam, com os homens lotófagos,
ficar se alimentando da loto e do retorno esquecem.¹⁷⁶

Assim, sem cautela alguma, entregam-se a comer loto (eis a *uoluptas!*), que os faz esquecer (*λανθάνω ~ obliuiscor*) o retorno (*νόστος ~ patria*) à patria. Por isso podem ser ditos *uitiosum*, como sugere Horácio, pois cedem a um desejo que deveria ter sido controlado, a uma paixão *interdicta*. Essa relação mais próxima entre os trechos, quase que ligando palavras, gregas e latinas, nos faz preferir essa passagem às “duas” sugeridas (simultaneamente...) por Mayer.

Os companheiros, cumpre notar, só conseguem retornar aos navios à força, arrastados de volta pelo próprio Ulisses, que não se deixa corromper, nem se mistura aos companheiros. O adjetivo pátrio *Ithacensis* parece, então, não só reforçar a condição de retorno desses homens (o Ulisses “de Ítaca” e seus companheiros, que lutam para voltar para casa), mas também separar concretamente nessa expressão os sócios degradados (*remigium uitiosum*) de seu líder (*Vlixei*), no final do verso.

¹⁷⁶ Odorico Mendes, sempre conciso:

Mas lhes ofertam loto; o mel provando,
Os nossos o recado e a pátria esquecem,
Querem permanecer para o gostarem. (O-OM IX, 70-2)

Carlos Alberto Nunes, em versos prazerosos:

Quem quer que viesse a provar uma vez desse fruto gostoso
nunca a resposta haveria trazer, nem de novo empegar-se;
desejaria, isso sim, morar sempre com os homens lotófagos,
a comer loto somente, esquecido, de vez, do retorno. (O-CAN IX, 94-7)

Epístola I. 7: paruum parua decent

metiri se quemque suo modulo ac pede uerum est.
Horácio, Ep. I. 7, 98

A epístola mais *indireta* da coleção, ou “a mais controversa dentre as dirigidas a Mecenas”,¹⁷⁷ segundo Shackleton Bailey (1982, p. 53), fala sobretudo por meio de anedotas, fábulas, alusões e parábolas. Talvez a dificuldade do tema exijam-nas: a independência do poeta na relação com seu *patronus*. Evocar palavras alheias denota não apenas cautela, dizendo indireta ou veladamente aquilo de que deve-se tratar, mas especialmente autoridade e legitimidade, uma vez que o discurso alheio, se incorporado e “compreendido corretamente”, passa a atestar, grosso modo, que as mesmas palavras e mensagens (se não as mesmas, similares...) já foram usadas por outros autores em outras ocasiões, remetendo a uma espécie de memória compartilhada.

Tracemos um breve resumo do desenvolvimento da *Epístola I. 7* até nossa passagem. Dos versos 1 a 13, Horácio pede desculpas a Mecenas por ter ficado no campo e não ter ido vê-lo, provavelmente à cidade, já que descreve cinco cenas urbanas que talvez fossem comuns durante o verão; por fim, passado o inverno recluso, promete visitar seu *dulcis amicus* assim que surgir a primavera, quando não temerá mais adoecer. De 14 a 24, reproduz o diálogo do Calabrês e seu hóspede (primeira, das “palavras alheias”), para dizer que Mecenas *não* agiu como ele: apenas os tolos distribuem bens indesejados; o homem sábio, diz o poeta, está sempre pronto aos que merecem e desse modo (i.e. preparado, pronto) Horácio afirma estar, sabendo distinguir honrarias verdadeiras das falsas. Em seguida, propõe que Mecenas devolva-lhe a força e a juventude (retorno impossível), se

¹⁷⁷ “this seventh Letter is the most controversial of the series”, i.e., “Three letters are addressed to Maecenas, the first, seventh and nineteenth” (eis a *series*), como diz o autor na página anterior.

quiser que o poeta não se lhe afaste, dos versos 25 a 28. Eis que surge a fábula da pequena raposa e da doninha (segunda...), de 29 a 36, quando o poeta diz renunciar a tudo, caso “a moral do apólogo” se lhe aplique: Horácio enuncia preferir seu ócio livre ao sono ou à fartura do povo, às riquezas dos Árabes. Diz, porém, dos versos 37 a 39, que amiúde prestou homenagens a Mecenas, tanto na presença quanto na ausência do *patronus*; e conclui que não pode devolver contente os presentes que ganhara.

Ao tocar esse assunto da devolução dos presentes, Horácio ilustra-o com um trecho da resposta de Telêmaco a Menelau, cuidadosamente escolhido pelo poeta:

*Haud male Telemachus, proles patientis Vlixei:
“Non est aptus equis Ithace locus, ut neque planis
porrectus spatiis nec multae prodigus herbae;
Atride, magis apta tibi tua dona relinquam.”* (Ep. I. 7, 40-3)

Nada mal agiu Telêmaco, prole do paciente Ulisses:
“Ítaca não é um lugar adequado aos cavalos, porque nem longos
espaços planos tem, nem é pródiga em pastos;
Atrida, mais adequados a ti, teus dons deixarei contigo.”

Evocando uma passagem da *Odisseia*, Horácio pode não só ilustrar a cena de devolução dos presentes, como extrair do texto homérico uma conclusão que se ajusta aos propósitos da discussão com Mecenas: *paruum parua decent* (v. 44).¹⁷⁸ Antes de prosseguir nesse breve debate dos propósitos da epístola, notemos que o processo alusivo é ligeiramente diferente do *símile*: (1) aqui, Horácio não menciona apenas o nome de Telêmaco, como havia mencionado, na Ep. I. 15 outrora analisada, o nome dos Feácios; (2) aqui, o poeta cita (ou traduz, resume, estiliza...) a resposta do jovem Ulisseide extraída diretamente da fonte grega; (3) o passo grego citado na carta almeja algo mais do que a simples ilustração, por meio de

¹⁷⁸ Segundo Mayer (1994, p. 165), a máxima recorda pela forma um verso de Calímaco (*sic*), da *Aetia* 2: αἰεὶ τοῖς μίκκοις μίκκα διδοῦσι θεοί, “sempre aos pequenos os deuses dão pequenezas”.

uma imagem comparável (e cuja comparação se mostra adequada): é preciso, aqui, vincular começo, meio e fim dos versos gregos aludidos aos pontos argumentativos que estão sendo desenvolvidos na epístola. Em outra expressão, tirar uma conclusão por meio dessa alusão, neste caso da *Epístola* I. 7, não é um processo tão imediato, antes, solicita certo “alongar-se” na citação e na reflexão propostas, como se o leitor “parasse para divagar”, ainda que a imagem citada seja bem clara e direta.

A máxima “ao pequeno convêm as pequenezas” interliga o encadeamento discursivo da epístola: conecta a imagem dos presentes devolvidos à oposição entre Roma (note-se: *regia*) e uma pacata cidade interiorana, seja Tibur, seja a litorânea Tarento. Dito de outro modo, após resumir a cena homérica escolhida por Horácio, enfatizando a noção de adequação (note-se a repetição *aptus-apta*), a *sententia* horaciana não só propõe uma espécie de *lema* à passagem, mas com esse lema prepara o anúncio de sua preferência, justificando-a por uma sugestiva noção de “conveniência” ou *decorum*, em voga por toda a obra. Antes de prosseguirmos, contudo, vejamos a passagem a que Horácio se refere no canto IV da *Odisseia*:

τὸν δ' αὖ Τηλέμαχος πεπνυμένος ἀντίον ἠΐδα:
 “Ἀτρεΐδη, μὴ δὴ με πολὺν χρόνον ἐνθάδ' ἔρυκε.
 καὶ γάρ κ' εἰς ἐνιαυτὸν ἐγὼ παρὰ σοί γ' ἀνεχοίμην
 ἡμενος, οὐδέ κέ μ' οἴκου ἔλοι πόθος οὐδὲ τοκῆων:
 αἰνῶς γὰρ μύθοισιν ἔπεσσί τε σοῖσιν ἀκούων
 τέρπομαι. ἀλλ' ἤδη μοι ἀνιάζουσιν ἑταῖροι
 ἐν Πύλῳ ἠγαθήη: σὺ δέ με χρόνον ἐνθάδ' ἔρύκεις.
 δῶρον δ' ὅτι κέ μοι δοίης, κειμήλιον ἔστω:
 ἵππους δ' εἰς Ἴθάκην οὐκ ἄξομαι, ἀλλὰ σοὶ αὐτῷ
 ἐνθάδε λείψω ἄγαλμα: σὺ γὰρ πεδίοιο ἀνάσσεις
 εὐρέος, ᾧ ἔνι μὲν λωτὸς πολὺς, ἐν δὲ κύπειρον
 πυροὶ τε ζειαί τε ἰδ' εὐρυφυῆς κρῖ λευκόν.
 ἐν δ' Ἴθάκῃ οὔτ' ἄρ δρόμοι εὐρέες οὔτε τι λειμών:
 αἰγίβοτος, καὶ μᾶλλον ἐπήρατος ἵπποβότοιο.
 οὐ γάρ τις νήσων ἱππήλατος οὐδ' ἐυλείμων,
 αἰ ἦ ἄλι κεκλίαται: Ἴθάκη δέ τε καὶ περὶ πασέων.” (*Odisseia* IV, 593–608)

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta:
 “Não me detenhas, Atrida, por tempo mais longo em tua casa.
 Mesmo que um ano completo aceitasse ficar no palácio,
 não sentiria saudades de casa ou dos que me geraram,
 pois grandemente me enlevo em ouvir teus discursos e contos.
 Mas meus sócios já estão começando a ficar enfadados
 na sacra Pilo, porque me deténs muito tempo em tua casa.
 Quanto aos presentes que a mim destinaste, que seja uma joia,
 porque cavalos para Ítaca não levarei; para o gozo
 próprio tos deixo aqui mesmo; em extensas planície dominas,
 onde há abundância de trevo, e também, junça e trigo bastante,
 bem como espelta e cevada, da branca, de espigas bonitas.
 Pistas extensas não temos em Ítaca, ou mesmo bons prados;
 pastos de cabra, isso sim, que as do poldro pastagens mais gratos.
 Sabes que as ilha situadas no mar não têm prados de jeito
 para carruagens andar. Mais que todas é Ítaca imprópria.” (O-CAN IV, 593-608)

Primeiramente, caberia pontuar algumas observações linguísticas. Participípio perfeito (de sentido ativo) do épico πέπνυμαι,¹⁷⁹ a forma adjetiva masculina πεπνυμένος, com seu duplo /p/, “reaparece” no verso horaciano no aposto aliterante *Proles Patientis Vlixei*, que revoca a filiação de Telêmaco.¹⁸⁰ A maneira horaciana de adjetivá-lo não é casual: refere a ascendência tão nobre do jovem, assim como o faz Menelau, no versos seguintes que respondem à recusa elegante de Telêmaco.¹⁸¹

Tanto a seleção da passagem quanto a escolha das palavras ressaltam as habilidades de Horácio como um atento leitor-tradutor de Homero. Aquilo que o poeta julga central a sua argumentação, verte ao latim sem descuidar, contudo, da “proximidade/fidelidade” com o texto homérico. Atentemos, por exemplo, para o vocativo Ἀτρεΐδη no início do verso 594, o futuro λείψω (“deixarei”) e o neutro

¹⁷⁹ LSJ πέπνυμαι: “to be conscious, in full possession of one’s faculties; more freq. to be wise”; DELG: “avoir tout son esprit, être sensé”; DGP: πεπνυμένος: “bem inspirado, prudente sábio; ter posse das faculdades mentais”.

¹⁸⁰ Comentadores discutem a alternativa *sapientis* (no lugar de *patientis*), atestada nos manuscritos. Não obstante a polêmica, nossa observação sobre o duplo /p/ se mantém.

¹⁸¹ *Odisseia* IV, 611: “αἷματός εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος, οἷ’ ἀγορεύεις: “de bom sangue, caro jovem, que discursas.”

ἄγαλμα (DGP: “objeto precioso, motivo de orgulho, ornamento, oferenda”) no verso 602 do trecho grego, vertidos respectivamente por *Atride, relinquam* e *dona* do verso 43 latino; a expressão dativa σοὶ αὐτῷ (“a ti mesmo”) retomada por *tibi*, pronome que funciona ἀπό κοινοῦ com o verbo *relinquam* e com a expressão *magis apta*, adjetiva dos dons. Não propomos um paralelismo entre as línguas, mas que se note o olhar atento do poeta em relação aos textos que lhe servem de fonte.

Dissemos que a seleção de Horácio é hábil porque ela também é capaz de encontrar, dentre tantas passagens possíveis nos dois épicos, uma que se mostra adequar com perfeição a seu propósito discursivo. Mesmo um episódio menos conhecido ou celebrado, como essa recusa de Telêmaco, não escapa à atenção do leitor atento. Por exemplo, se o poeta latino tivesse escolhido a cena em que Aquiles recusa os presentes enviados por Agamêmnon, no canto IX da *Iliada*, a impressão criada certamente seria outra.

Por meio da escolha tão adequada, Horácio propõe colocar-se na pele do jovem filho de Ulisses, sábio como o pai em suas respostas, que, por questões de adequação ou conveniência, não aceita os dons oferecidos por um rei tão excelso quanto Menelau, a quem Mecenas é comparado nesse “quase-símile”. Ora, Horácio acabara de dizer, em 39, que não ficaria feliz em devolver os presentes: *inspice si possum donata reponere laetus*, “vê se posso deixar de lado os presentes contente”. Assim, não se trata, na verdade, de bens que serão devolvidos, sequer podem ser devolvidos, como aqueles evocados entre 25 e 28: força, juventude, prazeres do passado. “Roma com suas festividades e incumbências sociais, seus peticionários e celebridades e contatos à multidão não é mais para Horácio”, lembra Shackleton Bailey (1982, p. 57), que complementa: “o que Mecenas lhe oferece lá é

como os cavalos oferecidos ao filho de Ulisses na *Odisseia*, um presente magnífico, mas inapropriado”.¹⁸²

Ao reproduzir a resposta de Telêmaco, o intertexto permite que não só que se reflita sobre a recusa dos presentes (algo já mencionado na carta), mas, decerto, que se pondere o elogio do *patronus* sobre a adequação de receber aquilo que, talvez, seja inapropriado à conduta do poeta (algo que será mencionado a seguir na epístola). Em outras palavras, a alusão é duplamente eficiente (ou mais): anuncia ao leitor o desconforto horaciano na relação natural que interliga presenteador e presenteado, sugerindo que amiúde devem-se rejeitar (e pode-se fazê-lo elegantemente) presentes “inadequados” (por motivos vários), graças à analogia com a recusa de Telêmaco aludida. Como formula Kilpatrick (1986, p. 12-3), de modo mais bem acabado:

para Telêmaco, não é uma questão de devolver os presentes recebidos previamente, mas de fazer uma escolha delicada sobre o princípio da pertinência. (...) Toda a experiência serve para cimentar vínculo e respeito entre os dois amigos. (...) Por sua conduta Menelau representa tanto um elogio a Mecenas quanto a esperança de Horácio de que seu amigo vai entender.¹⁸³

Curiosamente, esse longo desenvolvimento da epístola (dos versos 1 ao 45, que comentamos) dá lugar à mais longa “anedota” horaciana da coleção, contada em detalhes: a relação entre Volteio Mena e Filipe (a quarta, das palavras alheias), dos versos 46 a 96. Há quase uma divisão simétrica entre o número de versos dessas duas partes da epístola. A anedota entre esses dois homens, se quisermos, pode ser vista como uma “variação estendida” dos versos homéricos aludidos (o homem

¹⁸² “Rome with its festivities and social chores, its petitioners and celebrities and multitudinous contacts, is no longer for Horace. What Maecenas offers him there is like the horses offered to Ulysses’ son in the *Odyssey*, a magnificent present but inappropriate.”

¹⁸³ “For Telemachus it is not a matter of returning gifts previously received, but of making a tactful choice on the principle of appropriateness. (...) The whole experience serves to cement the bond of affection and respect between the two friends. (...) By his conduct Menelaus represents both a compliment to Maecenas and Horace’s hope that his friend will understand.”

simples que aceita, erroneamente, os presentes de um rico senhor; desse equívoco, surgem não só dificuldades e desilusões na relação pessoal iniciada, mas uma verdadeira reviravolta na vida do sujeito simples e urbano, sobretudo, é acentuada). Porém, talvez não seja adequado assim taxá-la, uma vez que não a trabalharemos detidamente.

Cabe notar, contudo que a *moral*, expressa nos versos 96 e 97, conclusão tanto da anedota quanto de toda a epístola, reforça o desejo de retorno (note-se: *REdeAt REpetAtque RELictA*) à que se tinha outrora – seja isso possível ou não. Todas as mudanças se deram graças a um “aceite” mal pensado, a uma má avaliação das consequências de certas atitudes. Como se Telêmaco tivesse levado para Ítaca os cavalos de Menelau e lá experimentasse dificuldades e pesadelos por tê-los trazido consigo – certamente esse não seria o ajuizado filho de Ulisses...

Assim, a máxima que conclui a carta retoma toda a reflexão epistolar destaca uma capacidade de medida, da qual se infere também o medir das consequências. Eis uma amostra desse intertexto epistolar:

Metiri se quemque suo modulo ad pede uerum est. (Ep. I. 7, 98)

Epístola I. 19: uinosus Homerus

Baco afogou mais homens que Netuno.
Thomas Fuller

Essa epístola de discussão eminentemente literária, que na visão de Fraenkel (1980, p. 350) é “o único documento completamente amargo que temos da pena de Horácio”,¹⁸⁴ ao invés de mencionar versos, passagens ou personagens homéricos, dá voz a um “boato literário” sobre a própria figura do poeta Homero. Essa imagem surge na epístola para integrar, com esse e outros exemplos, um debate importante entre os antigos: a relação do vinho com a inspiração poética.

Desde o primeiro verso, a pergunta é colocada a Mecenas, por meio da citação “algo extremada” de Cratino (v. 1-3): podem ser bons os versos dos poetas “bebedores de água”? Ao questionamento, Horácio adiciona a imagem dos *poeta male sanus* (“poetas insanos” como traduzimos), como se cantassem embriagados (por Líber, i.e., Baco) entre Faunos e Sátiros, cena “algo deplorável, reprovável”. Nesse balanço dos extremos, entre bebedores de água e beberrões de vinho, o poeta latino busca encontrar seu sábio meio-termo (sua *aurea mediocritas*, poder-se-ia dizer...). Eis que surge a imagem do Meônio. Vejamos o verso:

laudibus arguitur uini uinosus Homerus (Ep. I. 19, 6)

Pelos elogios ao vinho, afirma-se que Homero era amante do vinho

A forma passiva *arguitur* exime o poeta da responsabilidade tanto pelo adjetivo *uinosus* quanto pela interpretação dos louvores do vinho (*laudibus uini*), servindo apenas para reportar aquilo de que se fala (*fama est*). A afirmação é indireta, tocando a imagem do poeta, não de sua obra. Não caberia, pois, tentar

¹⁸⁴ “(...) the only thoroughly bitter document that we have from Horace’s pen”. Preferimos, contudo, a suspensão pelas dúvidas sugeridas por Gordon Williams (1968, p. 1-3), ainda que sua investigação não seja tão aprofundada quanto a de Fraenkel.

integrá-la às demais referências de que tratamos até aqui. Assim, podemos apenas aliar essa menção ao nome do vate grego às demais aparições do nome de Homero na obra horaciana, sem jamais cogitar esgotar-lhes interpretações, apenas como um exercício que se inicia aqui (e que merece prosseguimento).

Em tom provocador, Horácio havia já desafiado nas *Sátiras* I:

tu nihil in magno doctus reprehendis Homero? (*Sátira* I. 10, 52)

Tu nada criticas, doutor, no magno Homero?

Não obstante o adjetivo *magno* citado, “cochilos” são vislumbrados por Horácio no conjunto da obra homérica, em passo famoso da *Ars Poetica* (358–60):

et idem
indignor quandoque bonus dormitat Homerus;
uerum operi longo fas est obrepere somnum.

E mesmo
me indigno quando o bom Homero dormita;
de certo, numa obra longa, é fas arrastar um sono.

Contudo, a mesma *Ars Poetica* cita-o nominalmente outras vezes, não mais em tom de reprovação: no verso 74, Homero é o poeta que nos mostra o metro adequado para narrar os feitos de reis e líderes militares, isto é, a poesia épica.

Dada a concisão da explanação, notemos o que diz a *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 828) sobre essas observações a respeito de Homero:

De fato, era difícil conciliar a posição de preeminência que a tradição atribuía a Homero com o ideal calimaqueano de brevidade, sofisticação e refinamento formal (Horácio usa a célebre expressão *limae labor*, A. 291), ainda que não se chegue nunca ao extremo de condenar por completo a poesia homérica. Horácio a salva justificando os inevitáveis defeitos com a extensão dos dois poemas, que torna impossível uma tensão estilística constante. (A 359–60). Tratam-se, pois, de quedas ocasionais; mas, à parte esses raros momentos de ‘sono’, Homero é poeta não apenas *magnus*, mas também *bonus* (A. 359), isto é, padrão da técnica poética e apreciável até mesmo

segundo os cânones alexandrinos. (...) A *Ars poetica* é o único texto horaciano que busca dar um fundamento crítico à grandeza poética de Homero.¹⁸⁵

Essa grandiosidade e nobreza da poesia homérica não são questionadas na *Epístola* I. 19. Horácio quer apenas começar a elencar exemplos de “bons bebedores” famosos, como Homero e Ênio. Destaquemos que ambos são novamente colocados lado a lado, agora sob a forma de uma comparação direta, na carta a Augusto. A comparação é clara:

*Ennius et sapiens et fortis et alter Homerus,
ut critici dicunt...* (Ep. II. 1, 50-2)

Ênio, tão sábio e bravo quanto um outro Homero,
como os críticos dizem...

As aparições do nome do maior poeta grego não são raras nos textos de Horácio: “dado o gênero literário diverso e as características próprias da poesia horaciana, Homero pode constituir uma fonte, aliás importante, mas nunca um modelo literário”¹⁸⁶ – afirma a *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 830). Contudo, cabe notar os usos distintos e convenientemente adaptados dessas alusões, encaixando-se sempre de modo adequado a cada situação que o poeta quer desenvolver. Não é nosso intuito nos alongarmos nessa discussão que toca a líria de Horácio (quiçá o façamos em estudos futuros). Entretanto, permita-nos o leitor invocar duas *Odes* de Horácio para que apontemos esse aspecto “conveniente” sugerido.

¹⁸⁵ “In effetti era difficile accordare la posizione di preminenza che la tradizione assegnava ad O. con l’ideale callimacheo di brevità, raffinatezza e ricercatezza formale (H. usa la celebre espressione *limae labor*, A 291), anche se non si giunse mai all’estrema conseguenza di condannare recisamente la poesia omerica. H. la salva giustificando gli inevitabili difetti con la lunghezza dei due poemi, che rende impossibile una costante tensione stilistica. (A 359-60). Si tratta dunque di cadute occasionali; ma, a parte questi rari momenti di ‘sonno’, O. è poeta non solo *magnus*, ma anche *bonus* (A 359), cioè padrone della tecnica poetica ed apprezzabile quindi anche secondo i canoni alessandrini. (...) L’*Ars poetica* è il solo testo oraziano che cerchi di dare un fondamento critico alla grandezza poetica di O.”

¹⁸⁶ “dato il diverso genere letterario e le caratteristiche stesse della poesia oraziana, O. può constituir una fonte, anche importante, ma mai un modello letterario.”

Comecemos com a Ode I. 6, dirigida a Agripa, amigo próximo de Augusto:

Carmen I. VI

*Scriberis Vario fortis et hostium
uictor, Maeonii carminis alite,
quam rem cumque ferox nauibus aut equis
miles te duce gesserit.*

*Nos, Agrippa, neque haec dicere nec grauem
Pelidae stomachum cedere nescii,
nec cursus duplicis per mare Vlixiei
nec saeuam Pelopis domum*

*conamur, tenues grandia, dum pudor
inbellisque lyrae Musa potens uetat
laudes egregii Caesaris et tuas
culpa deterere ingeni.*

*Quis Martem tunica tectum adamantina
digne scripserit aut puluere Troico
nigrum Merionen aut ope Palladis
Tydiden superis parem?*

*Nos conuiuia, nos proelia uirginum
sectis in iuuenes unguibus acrium
cantamus, uacui siue quid urimur
non praeter solitum leues.*

Ode I. 6

Serás descrito por Vário, inspirado pelos versos do Meônio: valente e vencedor dos inimigos, seja qual for o feito que, em naus ou ginetes, o bravo soldado realizar, sob teu comando.

Nós, Agripa, nem cantar tais coisas nem o nefasto a bile do Pelida, que ceder não sabe, nem o curso pelo mar do duplice Ulisses, nem a seva casa de Pélops

tentamos, tão tênues às grandezas, enquanto pudor e de nossa lira imbele a Musa poderosa vetam desgastar os louvores do egrégio César e os teus, por falha de nosso engenho.

Quem terá condignamente descrito Marte vestido em sua túnica indestrutível ou Merione negro de poeira troiana ou Tidida, a par dos súperos, por força de Palas?

Nós, os banquetes, nós, os combates de fogosas virgens, com unhas aparadas, contra os jovens cantamos, quando livres ou se algo nos queima, volúveis não mais que de costume.

Poder-se-ia resumir a *Ode I. 6* como uma *recusatio*: Horácio dirige um poema a Agripa dizendo que não é capaz de redigir um poema que faça jus ao homenageado, que lhe celebre os feitos e as conquistas tão sublimes. Apenas os épicos, como os de Homero, poderiam se aproximar de tal intento. Bem ao modo helenístico, recusa-se a compor extenso poema. Talvez caiba acrescentar que Horácio é como que mestre nessa *arte da recusa*: o próprio Suetônio chega a comentar como o poeta não perde o prestígio perante o imperador, mesmo tendo

recusado a Augusto assumir cargos oficiais e enviar textos diretamente endereçados ao *princeps*.¹⁸⁷

A estratégia, na Ode em questão, requer aprimorada elaboração retórica: um poema que proclama a inabilidade para escrever grandes poemas, endereçado a Agripa, amigo íntimo de Otávio Augusto. Por um lado, ao evocar poetas como Vário e Homero, notáveis por seus épicos, Horácio reconhece no gênero poético evocado a única grandeza artística capaz de louvar à altura os homens tão nobres citados, porém, por outro, questiona (retoricamente, é bem verdade...) essa mesma celebração de feitos “inenarráveis” (quarta estrofe: *quis Martem...*), como se postulasse uma espécie de “ineficácia romântica da linguagem”, ou numa outra expressão, “o inefável frente à obra de arte” – escusando a terminologia moderna. Mas foi Homero quem versou sobre Marte, Meríone e incontáveis outros deuses e heróis. Como bem avalia Fraenkel (1980, p. 234), “numa *recusatio* poética, que não seja para ser completamente ofensiva, parece desejável que outrem seja sugerido, que possa, talvez, ombrear o fardo que se prova intoleravelmente pesado para o próprio poeta.”¹⁸⁸ Mas não será Horácio que carregará tal responsabilidade: a última estrofe, enfim, acaba por revelar o tom e os *tópoi* poéticos que a *persona*-poética confessa praticar, adequados à “leveza da lírica”, por assim dizer.

Todavia, a refinada elaboração não para aí. Horácio sutilmente desdenha os épicos homéricos ao “traduzir” ou estilizar certas expressões gregas. Por exemplo, ao dizer que não cantará o *grauem Pelidae stomachum* (“o pesado mau humor, a bile funesta do Pelida”, i.e., a cólera de Aquiles), o poeta latino retoma a tão

¹⁸⁷ Ademais, vide toda a *Epístola* II. 1, outro exemplo horaciano de *recusatio*, que pede o confronto com a *Epístola* I. 13 – donde Suetônio, provavelmente, tira alguns de seus apontamentos.

¹⁸⁸ “In a poetic *recusatio*, if it is not to be wholly offensive, it seems desirable that some one else should be suggested who might, perhaps, shoulder the burden which proves to intolerably heavy to the poet himself.”

celebrada μῆνιν Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος (“a ira do Peleio Aquiles”, cerne, se não de toda a *Iliada*, ao menos de seu primeiro canto), adjetivada οὐλομένην (“nesfasta, ruínosa, condenatória”, sentidos retomados no adjetivo latino *grauem*) no verso 2 do proêmio iliádico. Contudo, o registro da alusão diminui a solenidade do verso épico, rebaixa-o: *ménin* transforma-se em *stomachum*, numa vulgarizada denotação visceral. Pela concisão da explanação, citamos as palavras de Charles F. Ahern (1991, p. 304) em estudo sobre essa *Ode*:

Horácio, na falta de uma palavra apropriada para traduzir μῆνιν, substituiu outra palavra da *Iliada* (χόλον: IX. 678) e a traduziu, mas com resultados bem humorados – duplamente bem humorados, se também recordarmos que a palavra grega στόμαχος é usada propriamente em Homero, mas apenas no sentido anatômico de ‘garganta’. A substituição pode ser lida de duas maneiras. Em uma, sugere um poeta cujo conhecimento parcial de Homero produz uma linguagem homérica caricata. Em outra, pode sugerir a inteligência controladora e irônica de um poeta que cria as imagens não-homéricas de que precisa a partir dos próprios elementos de Homero. O que seria um vício num poema épico pode ser uma virtude num poema lírico. De qualquer forma, desejo enfatizar o processo: Horácio claramente se refere a um texto mas traz um segundo texto para sua representação, e acaba deturpando positivamente o primeiro texto.¹⁸⁹

Nossa análise poderia esmiuçar, como faz Ahern em seu artigo, a sequência do verso latino: a menção *duplicis Vlixei* retoma, por sua vez, ἄνδρα πολύτροπον (“o homem versátil, multitropo”), expressão central no proêmio da *Odisseia*, como vimos. Ou mesmo explorar a descrição das cenas mencionadas na quarta estrofe, por exemplo, a imagem de Meríone, condutor do carro de Idomeneu (*Iliada* XIII, 159 e ss.), enegrecido pela poeira troiana. Porém, como não é nosso propósito nos

¹⁸⁹ “Horace, lacking a proper word to translate μῆνιν, has substituted another word from the *Iliad* (χόλον: IX. 678) and translated it, but with humorous results—doubly humorous, if we also recall that the Greek word στόμαχος is itself used by Homer, but only in the anatomical sense of ‘throat’. The substitution can be read in two ways. On the one hand it suggests a poet whose partial knowledge of Homer produces a travesty of Homeric language. On the other hand it can suggest the controlling and ironic intelligence of a poet who creates the un-Homeric images he needs out of Homer’s own elements. What would be a vice in an epic poem may be a virtue in a lyric poem. In any event, I wish to emphasize the process: Horace refers clearly to one text but brings a second text to bear on the representation of it, and ends up positively misrepresenting the first text.”

estendermos aqui, tracemos apenas o confronto com outro poema de Horácio, como propusemos inicialmente.

Não deixa de chamar nossa atenção a estratégia convenientemente diversa que toma a *persona*-poética horaciana nesta outra *Ode* (VI. 9), escrita anos depois e dirigida a um amigo menos célebre, o cônsul de 21 a.C., Lólio (cf. Ep. I. 20, 28). Vejamos o texto latino, acompanhado da tradução justalinear:

Carmen IV. IX

*Ne forte credas interitura quae
longe sonantem natus ad Aufidum
non ante uolgatas per artis
uerba loquor socianda chordis:*

*non, si priores Maeonius tenet
sedes Homerus, Pindaricae latent
Caeque et Alcaei minaces
Stesichoriue graues Camenae;*

*nec siquid olim lusit Anacreon,
deleuit aetas; spirat adhuc amor
uiuuntque commissi calores
Aeoliae fidibus puellae.*

*Non sola comptos arsit adulteri
crines et aurum uestibus inlitum
mirata regalisque cultus
et comites Helene Lacaena*

*primusue Teucer tela Cydonio
direxit arcu; non semel Ilios
uexata; non pugnauit ingens
Idomeneus Sthenelusue solus*

*dicenda Musis proelia; non ferox
Hector uel acer Deiphobus grauis
exceptit ictus pro pudicis
coniugibus puerisque primus.*

*Vixere fortes ante Agamemnona
multi; sed omnes inlacrimabiles
urgentur ignotique longa
nocte, carent quia uate sacro.*

Ode IV. 9

Não creias, acaso, que perecerão os versos
que pronuncio, tendo nascido às margens
do Áufido que longe ressoa, associando-os
às cordas, por artes não antes divulgadas:

não, se primeiro lugar cabe
ao Meônio Homero, as Camenas Pindáricas não
se escondem, nem as de Ceos nem as de Alceu
ameaçadoras ou as de Estesícoro, graves;

nem o que outrora Anacreonte gracejou
a idade destruiu; respira até agora o amor
e vivem os ardores encetados
pela lira da menina da Eólia.

Não só Helena laconiana ardeu
admirada dos cabelos arrumados do amante
e do ouro aplicado às vestes
e do refinamento e da comitiva régios.

e nem Teucro foi o primeiro que lançou flecha
com arco cidônio; nem só uma vez Ílion
foi assolada; não lutou o enorme
Idomeneu ou Estênelo, apenas,

combates dignos do canto das Musas; nem o fero
Héctor ou Deífobo, sagaz, sustentou
primeiro pesados golpes em prol
de castas esposas e crianças.

Viveram muitos fortes antes
de Agamêmnon; mas todos, sem lágrimas,
são acossados, desconhecidos, pela longa
noite, porque carecem dum vate sacro.

*Paulum sepultrae distat inertiae
celata uirtus. Non ego te meis
chartis inornatum silebo
totue tuos patiar labores*

*impune, Lolli, carpere liuidas
obliuiones. Est animus tibi
rerumque prudens et secundis
temporibus dubiisque rectus,*

*uindex auararum fraudis et abstinens
ducentis ad se cuncta pecuniae,
consulque non unius anni,
sed quotiens bonus atque fidus*

*iudex honestum praetulit utili,
reiecit alto dona nocentium
uoltu, per obstantis cateruas
explicuit sua uictor arma.*

*Non possidentem multa uocaueris
recte beatum; rectius occupat
nomen beati, qui deorum
muneribus sapienter uti*

*duramque callet pauperiem pati
peiusque leto flagitium timet,
non ille pro caris amicis
aut patria timidus perire.*

Pouco dista uma virtude secreta
da inércia enterrada. Eu, em folhas desornadas,
não te deixarei sem claro louvor
e nem permitirei que teus trabalhos todos

impunemente, Lólio, consuma o invejoso
esquecimento. Tu tens ânimo
prudente com os bens e correto
em tempos tanto favoráveis quanto dúbios,

combatente da avidez criminosa e afastado
da pecúnia que tudo para si conduz,
e cônsul não apenas por um ano,
mas quantas vezes como bom e fiel

juiz preferiu a honestidade ao lucro,
rejeitou presentes nocivos com altivo
semblante, por entre batalhões contrários
desembainhou, vitorioso, suas armas.

Não chamarias corretamente feliz
quem muito possui; mais corretamente recebe
o nome de feliz quem sabiamente
usufruiu dos presentes dos deuses

e habituado a suportar a dura pobreza
e mais teme uma desonra que a morte,
aquele que, em prol dos caros amigos
ou da pátria, não se intimida em morrer.

A *persona*-poética de Horácio propõe celebrar a figura de Lólio, em estrofes alcáicas (na *Ode* I. 6: estrofe asclepiade A – diferença que caberia analisar), não apenas trazendo à memória de seu leitor o poder de celebração de poetas do passado, mas também destacando o esquecimento que coube àqueles que nunca foram cantados por poeta algum. Em outras palavras, ao propor versos sobre seu “amigo”, Horácio immortaliza tanto os feitos e o homenageado quanto o próprio poema que os celebra, por direta analogia: um dos artifícios retóricos da chamada “tópica da imortalidade” (lembramos: *exegi monumentum aere perenius...*). Assim, a realização poética acaba por alçar seu feitor à condição de vate sagrado, como Homero, cujos poderes e feitos o texto horaciano evoca.

Se, na *Ode* a Agripa, Horácio usa um “nós” menos retórico que solene (ou irônico: o poeta e suas Camenas?), ao dirigir-se a Lólio, o lírico latino emprega “eu” e “tu”, como se os interlocutores tivessem mais intimidade no trato. Naquela, por um lado, apenas Homero (por meio da perífrase *Maeonii carminis*, “versos do Meônio”) e Vário são evocados, símbolos, grego e romano, de poesia épica “inatingível”, enquanto nessa, por outro, Homero dá início, com proeminência (piores sedes, “primeiros lugares”), à lista de poetas evocados: Píndaro, Simônides de Ceos, Alceu, Estesícoro, Anacreonte, Safo (*Aeoliae puella*, “menina da Eólia”), expoentes da lírica grega. É com esses que Horácio certamente se identificaria, se se levassem em conta o gênero dos poemas e o tema dos banquetes (*conuiuia*) e das lutas de amor entre virgens e jovens, como diz a última estrofe da *Ode* I. 6. Todavia, depois de enumerar tantos líricos modelares nessa *Ode* IV. 9 a Lólio, Horácio recorre a Homero para citar personagens memoráveis não da lírica, mas da épica (da quarta a sétima estrofe): Helena, Teucro, Idomeneu, Héctor...

O clímax desse catálogo se dá com a figura de Agamêmnon, em passo tantas vezes citado: aqueles que não são cantados por um vate sacro (destaque à importância do poeta, lírico ou épico, alçado ao contato direto com as divindades) não recebem nenhuma lágrima, estão fadados ao degredo da longa noite do esquecimento. Notemos a força do presente do indicativo nos verbos *urgentur* e *carent*, sublinhando a premência do próprio poema a celebrar o nome de Lólio, sobretudo depois das diversas imagens que recordam a memória dos heróis, todas com perfeitos latinos (*arsit, mirata, direxit, pugnavit, excepit, uixere*). O leitor habituado à lírica horaciana talvez recorde que os últimos versos dessa *Ode* IV. 9 trazem à memória uma *sententia* de outro poema, já célebre, do mesmo Horácio: *dulce et decorum est pro patria mori*, “doce e honroso é morrer pela pátria” (*Ode* III. 2, 13; cf. VILLENEUVE, 1954, p. 173). O leitor atento às relações do texto

horaciano com a épica homérica não poderia apontar, nesses quatro últimos versos líricos, uma possível alusão ao comportamento de Héctor, herói trágico de toda a *Iliada*?

Seria possível seguir comentando outras peculiaridades das *Odes* citadas, que merecem estudo detalhado, mas não é esse o propósito desta dissertação. As menções ao nome de Homero são recorrentes na obra horaciana e tal uso variado cabe ser investigado e delineado futura e oportunamente.

Nossa intenção, neste brevíssimo confronto de duas *Odes* que mencionam o nome de Homero (assim como a Epístola I. 19 o faz), é destacar que Horácio invoca o nome do vate grego “como bem entende”, ou seja, quer proponha uma *recusatio*, quer prometa elogiar seu amigo, o nome do vate grego lhe é retoricamente útil nos dois casos, com nuances distintas em cada emprego. Assim, ao colocar Homero, na *Epístola* I. 19, entre os nobres poetas que (supostamente) bebem e versam com primazia, Horácio apenas exercita, grosso modo, mais um desses usos “deliberados” e funcionais, como fizera (e fará) nas *Odes*.



Outro aspecto importante do passo destacado da *Epístola* I. 19 está no adjetivo *uinosus*. Assim como as aparições acima listadas do nome de Homero, as menções aos “efeitos do vinho” em outras passagens horacianas caberiam também ser observadas para um devido confronto com o adjetivo em questão.

Nessa epístola de debate literário, em meio aos nomes dos grandes a quem Horácio reverencia, o verbo *temperat*, duas vezes repetido em início de verso, não soa casual: talvez possa evocar alguém que cuidadosamente mistura porções de água e vinho para beber, como quem mistura metros gregos a étimos latinos para

cantar sua lírica, ou versos épicos a recomendações morais para redigir suas epístolas.

Antes, entretanto, cumpre comentar que é possível ler em Homero não só louvores ao vinho, mas admoestações quanto ao uso inadequado da bebida. Tais inconvenientes parecem ecoar no tom da reprovação que Horácio tece aos bebedores, os quais acabam tornando-se verdadeiros poetastros e falastrões. Rumemos à *Odisseia*: Ulisses, a fim de testar a benevolência do porqueiro Eumeu, solicita-lhe a capa para proteger-se do frio, inventando uma falsa história que começa com as seguintes palavras:

“κέκλυθι νῦν, Εὔμαιε καὶ ἄλλοι πάντες ἑταῖροι,
εὐξάμενός τι ἔπος ἐρέω: οἶνος γὰρ ἀνώγει
ἠλεός, ὅς τ’ ἐφέηκε πολύφρονά περ μάλ’ ἀεῖσαι
καὶ θ’ ἀπαλὸν γελάσαι, καὶ τ’ ὀρχήσασθαι ἀνῆκε,
καὶ τι ἔπος προέηκεν ὃ περ τ’ ἄρρητον ἄμεινον. (*Odisseia* XIV, 461-6)¹⁹⁰

Ora prestai-me atenção, caro Eumeu e demais companheiros,
quero fazer-vos um voto e contar uma história, que o vinho
perturbador a isso obriga, pois força até os homens sensatos
ora a cantar, ora a rir sem medida, e a dançar até mesmo,
ou pôr às claras segredos, que não revelar melhor fora. (O-CAN XIV, 462-6)

Como bem diz Buffière (1973, p. 326), “esses versos são todo um tratado. Eles traçam a linha que demarca o uso e o abuso, um problema que os filósofos têm tanta dificuldade para resolver.”¹⁹¹ O comentário do estudioso francês pode auxiliar numa avaliação mais detida do adjetivo *uinosus*: o falatório popular de que Homero é um amante do vinho não pode implicar que ele seja um bebedor, não

¹⁹⁰ Na sintética e bela versão de Manoel Odorico Mendes:

(...) Eumeu, vós todos,
Escutai-me a vanglória; pois com vinho
Doideja o sábio, cantarola e dança,
Ri solto, parla o que era bom calasse: (O-OM XIV, 359-63)

¹⁹¹ “Ces vers son tout un traité. Ils tracent la ligne de démarcation entre l’usage et l’abus, un problème que les philosophes (...) ont tant de mal à résoudre.”

nos pareceria fiel um comentário que o afirmasse por meio desses mesmos versos de Horácio; da mesma maneira, não se pode fazê-lo com Ênio. O trecho acima citado da *Odisseia* propõe uma avaliação breve, porém nada tola, sobre os efeitos do vinho, como também parece sutilmente sugerir o poeta latino: não são seus versos de louvor ao vinho que autorizam a bebedeira, tampouco transformam o poeta em beerrão. O hábito da releitura cuidadosa e alguma cautela nas afirmações podem evitar disparates.¹⁹²

Recordemo-nos que, na epístola a Vala (Ep. I. 15, 20), o poeta diz buscar um vinho que o auxilie com as palavras (*uinum...quod uerba ministret*), quando desce ao mar, bem como na epístola dirigida a Torquato, Horácio louva o poder “loquaz” da bebida, sem mencionar propriamente poetas ou a poesia:

Fecundi calices quem non fecere disertum (Ep. I. 5, 19)

Quem cálices fecundos não fizeram eloquente

Os efeitos inebriantes do vinho não prejudicam-no; ao contrário, tornam-no falante, “libertador” como segue a reflexão de Horácio na *Epístola* I. 5.

Curioso como esse tema do poeta inspirado pelo vinho surgirá em tão bem humorados versos dos *Epigramas* de Marcial (XI. 6, 12-3):

*“possum ego nihil sobrius; bibenti
succurrent mihi quindecim poetae.”*

Nada posso, eu, sóbrio. Mas bebendo,
virão me socorrer quinze poetas.

E em tantos outros poetas, de cujos textos eximimo-nos a análise.

¹⁹² “Ora, do ponto de vista ético, Horácio não faz bom juízo do homem Homero. Chama-o de beerrão, *vinosus Homerus*, o que se deduz pelos elogios rasgados que faz do vinho (Epist. 1, 19, 6)” (TRINGALI, 1995, p. 118) – são a comentários como esses a que nos referimos.

Apenas para concluir esse *pot-pourri*, reportamos a instigante reflexão de Kirk Freudenburg, que nos lembra que Diônisos, deus do vinho (dentre outras coisas...), também chamado Baco ou Líber pelos romanos, propõe em latim esse parônimo tão instigante, não obstante as diferenças de quantidade vocálica em cada caso: *liber* (verbo), que eu faça uma libação; *liber* (adjetivo), homem livre, não escravo, desimpedido; *liber* (nome), livro. E o próprio “livro” de Horácio anuncia, ao final da *Epístola* I. 1, que apenas o sábio é livre, *solus sapiens liber est*. Como diz Freudenburg (2002, p. 137):

O que nos é deixado é uma imagem misturada, ‘temperada’, definida por extremos rivais do eu-lírico do próprio poeta. Assim, nesse, a sugestão de liberdade alcançada, e a missão epistolar cumprida: *solus sapiens liber est = solus sapiens Liber est*. No poema seguinte, o livro em si (*liber*) é liberado, libertado para experienciar em primeira mão o tipo de *libertas* de segunda categoria disponível para um pobre mas bonito *libertus* em Roma. Um estigma de liberdade que Horácio aparentemente compreende muito bem: *me libertino natum patre* (I.20.20).¹⁹³

¹⁹³ “What we are left with is a blended, ‘tempered’ image, defined by the rival extremes of the poet’s own lyric self. Thus, in it, the suggestion of freedom achieved, and an epistolary mission accomplished: *solus sapiens liber est = solus sapiens Liber est*. In the next poem, the book itself (*liber*) is set free, release to experience first-hand the kind of second-rate *libertas* available to a poor but handsome *libertus* in Rome. A brand of freedom that Horace apparently understands all too well: *me libertino natum patre* (I.20.20).”

***Epístolas* I. 4, I. 10, I. 11, I. 18: outras menções e alusões**

Mas, afinal, para que interpretar um poema?
Um poema já é uma interpretação.
Mário Quintana, *A vaca e o hipogrifo*

Nesse ponto final do trabalho, apresentamos as demais alusões aos épicos homéricos. Essas, vale dizer, não são tão explícitas ou diretas como as muitas das citações (como que entre aspas) e estilizações de que tratamos até então. Contudo, já oferecemos um exemplo desse tipo de menção sutilíssima na análise da *Epístola* I. 1, quando tratou-se do verso 59 (*plebs eris* aludindo a δῆμον ἔόντα).

Cumpramos destacar a dificuldade de se perceber tais alusões. Seria preciso ter boa parte dos épicos gregos prontos ao ouvido e aos olhos para que se note, à leitura de cada verso latino, os inúmeros ecos possíveis, ora fônicos, ora sintáticos, ora temáticos, ora de outra natureza. Tal entretecer dos versos latinos às mais diversas passagens gregas requer memória e conhecimentos de que não dispomos. Por isso, dadas a dificuldade do empreendimento e a exiguidade de nossos recursos, recorreremos aos comentadores e estudiosos de que valem até então, para encerrar as observações de nosso estudo com tais sutis alusões remanescentes.

Por exemplo, Edward Fraenkel (1980, p. 324), com extrema erudição, nota uma curiosa relação intertextual para o verso 6 da epístola a Álbio:

Non tu corpus eras sine pectore; di tibi formam, (Ep. I. 4, 6)

Tu não eras um corpo sem espírito; os deuses te deram beleza,

Segundo o *scholar*, a primeira oração do verso “prova ser uma engenhosa adaptação de uma fala bem antiga. Odisseu, provocado pelo comportamento de Antínoo, líder dos pretendentes a dilapidar o palácio do rei de Ítaca, grita”:¹⁹⁴

“ὦ πόποι, οὐκ ἄρα σοί γ’ ἐπὶ εἶδει καὶ φρένες ἦσαν (*Odisseia* XVII, 454)

Muito curioso, não casou o espírito à bela aparência (O-CAN XVII, 454)

“A sentença grega, com sua única negativa (οὐκ), é uma condenação severa; pela adição de uma segunda negativa (*non...sine...*) torna-se um elogio”. Eis a proposta de Fraenkel, que complementa: “*pectus* é uma versão perfeita de φρένες e εἶδος difere de *corpus* apenas porque conota uma qualidade positiva que Horácio torna explícita por meio de *formam* na sequência”. A última asserção do estudioso, contudo, desperta controvérsias: “A similaridade das duas passagens estende-se até ao tempo – algo nada comum em Latim – do verbo, *eras*”.¹⁹⁵ A saber, os dois imperfeitos: ἦσαν e *eras*.

Vale transcrevermos a objeção de Anna De Pretis (2002, p. 156-7):

A sugestão de Fraenkel de explicar o imperfeito como um empréstimo da sintaxe grega e por conseguinte olhá-lo como se fosse um presente simplifica a passagem, mas em excesso, eu diria. Não há tais coisas como simples empréstimos de uma língua para outra; o sentido e a função que uma forma tem no sistema linguístico da qual ela veio não pode nunca ser exatamente o mesmo em um sistema diferente. (...) aqui ele traduziu a passagem grega que é sua fonte de inspiração, e ao fazê-lo ele inevitavelmente conferiu a suas partes um valor diferente. Outros comentadores consideraram o *eras* como significando “você não é e nunca foi”; Mayer comentou: “você não costumava ser (e não é agora)”. Suas visões do verbo não são assim tão diferentes da de Fraenkel. Eu gostaria de argumentar contra essas tentativas insistentes de empregar

¹⁹⁴ “These words *non tu corpus era sinte pectore* prove to be an ingenious adaptation of a very old saying. Odysseus, provoked by the behavior of Antinous, cries out”.

¹⁹⁵ “This sentence, with its one negative (οὐκ), is a severe condemnation; by the addition of a second negative (*non...sine...*) it becomes a compliment. The Latin corresponds fairly closely to the Greek: *pectus* is a perfect rendering of φρένες and εἶδος differs from *corpus* only in that it connotes the positive quality which Horace makes explicit by means of the following *formam*. The similarity of the two passages extends even to the tense – anything but common in Latin – of the verb, *eras*.”

um sentido destacadamente positivo para a sentença. Eles são inspirados, creio, pelo tom geral da epístola, que é amigável e caloroso.¹⁹⁶

A argumentação da estudiosa destaca o conjunto de verbos em toda a carta, percebendo com sutileza o uso de tempos e expressões temporais. O *nunc* do verso 2 reforçaria tanto o presente quanto o espanto da indagação. Os hábitos de Álbio presentes ao momento da escrita-leitura da carta, com o destaque para o infinitivo *reptare* do verso 4, e a afirmação do verso 6 em debate, que diz que o amigo-poeta não era um *corpus sine pectore*, sugerem que Horácio está querendo saber, como uma gentil crítica, se seu amigo não acabou se transformando num ser rastejante, isolado: “mas entre os dois poetas, no lugar de afinidade há aqui contraposição. (...) Enquanto Álbio é um réptil, Horácio é um porco”,¹⁹⁷ aludindo ao *porcum* do último verso, como propõe De Pretis (2002, p. 157). Eis os rumos acadêmicos de uma sutil alusão homérica.



Outra tênue (quase despercebida) menção ao texto de Homero está na *Epístola* I. 18, quando vemos mencionados Anfíon e Zeto, filhos de Zeus. Horácio usa o exemplo dos dois irmãos para alertar Lólio aos perigos da discórdia extremada ou da disputa desenfreada entre amigos próximos. Vejamos os versos:

¹⁹⁶ “Fraenkel’s suggestion to explain the imperfect as a borrowing from Greek syntax and to thus regard it as if it were a present simplifies the passage, but too much, I would say. There are not such things as simple borrowings from one language to another; the meaning and the function that a form has in the linguistic system from which it comes can never be exactly the same in a different system. (...) here he has translated the Greek passage that is his source of inspiration, and in doing so he has inevitably given its components a different value. Other commentators regarded the *eras* as meaning “you are not and never were”; Mayer commented: “you didn’t use to be (and aren’t now)”. Their view of the verb is thus not so different from that of Fraenkel. I would like to argue against these insistent attempts to give a distinctively positive meaning of the sentence. They are prompted, I think, by the general tone of the epistle, which is friendly and warm.”

¹⁹⁷ “But between the two poets, rather than affinity there is here contraposition. (...) While Albius is a reptile, Horace is a pig.”

*Gratia sic fratrum geminorum, Amphionis atque
Zethi dissiluit, donec suspecta seuero
conticuit lyra. Fraternis cecisisse putatur
moribus Amphion;* (Ep. I. 18, 41-4)

Assim a concórdia dos irmãos gêmeos, Anfíon e Zeto, se dissolveu, até que, vista com suspeição pelo severo, calou-se a lira. Julga-se que ao temperamento fraterno cedeu Anfíon;

Horácio usa o exemplo dos irmãos para ilustrar uma disputa que conduz à discórdia, e essa, à separação. A imagem dos gêmeos surge para que o poeta teça esta recomendação a Lólio: ceda também, jovem, às ordens brandas de teu amigo rico e poderoso, como outrora – imagina-se... – cedeu Anfíon a seu irmão. Eis o propósito da menção. Algo como um *símile*?

No texto homérico, vemos Odisseu narrar que havia visto Antíope, mãe dos dois irmãos contendores, entre as muitas figuras míticas que contempla em sua passagem pelo Hades, no canto XI da *Odisseia*:

“τὴν δὲ μετ’ Ἀντιόπην ἴδον, Ἀσωποῖο θύγατρα,
ἣ δὴ καὶ Διὸς εὐχετ’ ἐν ἀγκοίνησιν ἰαῦσαι,
καὶ ῥ’ ἔτεκεν δύο παῖδ’, Ἀμφίονά τε Ζῆθόν τε,
οἱ πρῶτοι Θήβης ἔδος ἔκτισαν ἑπταπύλοιο,
πύργωσάν τ’, ἐπεὶ οὐ μὲν ἀπύργωτόν γ’ ἐδύναντο
ναίεμεν εὐρύχορον Θήβην, κρατερῶ περ ἔόντε. (*Odisseia* XI, 260-5)

Apareceu-me depois Antíope, filha de Asopo. Ter dormido com Zeus era a glória dela. Teve dele dois filhos: Anfíon e Zeto, fundadores de Tebas. Ergueram torres. Cercaram a cidade com uma muralha de sete portas. Sem forte proteção, seria impossível viver na cidade das célebres danças. (O-DS XI, 260-5)

Homero, origem de personagens e mitos vários, menciona *en passant* os dois filhos de Antíope. Na carta horaciana, a dupla de irmãos torna-se símbolo da discórdia fraterna, episódio que se desenvolve no *Antíope* de Eurípedes (MAYER,

1994, p. 247). Horácio chega a retomar, na *Ars Poetica* (394-9), o poder encantatório de Anfíon de erguer as pedras com sua música mágica, mas nessa epístola a Lólio nota-se que a tragédia é a fonte direta para o poeta latino. Ainda assim, não excluimos essa menção tão passageira.

Roland Mayer aponta ainda outros trechos nessa *Epístola* I. 18 que tecem sutis alusões aos textos homéricos nessa epístola. Por exemplo, na passagem em que um homem qualquer, provavelmente um sujeito simples, vendedor de mercado, vocifera a todos, na descrição horaciana a Lólio:

*alter rixatur de lana saepe caprina,
propugnat nugis armatus: "Scilicet, ut non
sit mihi prima fides et, uere quod placet, ut non
acriter elatrem? pretium aetas altera sordet."* (Ep. I. 18, 15-8)

Outro alterca freqüentemente por lã de cabra,
briga armado de ninharias: "Realmente, pensar que não
me deem crédito de primeira, que não possa bradar aos berros
aquilo em que acredito? A tal preço, outra vida de nada vale."

O questionamento horaciano é apropriado: afinal, o que se debate aqui, o que está em jogo? Segundo Mayer (1994, p. 244), "o sentimento deriva de Homero, da *Iliada* IX, 444-7, em que o velho Fênix diz que ele não deixaria Aquiles nem se Zeus tornasse-o jovem novamente".¹⁹⁸ Notemos o passo grego:

ὥς ἂν ἔπειτ' ἀπὸ σεῖο φίλον τέκος οὐκ ἐθέλοιμι
λείπεσθ', οὐδ' εἴ κέν μοι ὑποσταίῃ θεὸς αὐτὸς
γῆρας ἀποξύσας θήσειν νέον ἠβῶνonta,
οἷον ὅτε πρῶτον λίπον Ἑλλάδα καλλιγύναικα (*Iliada* IX, 444-7)

Por isso tudo, meu filho, sem ti continuar não desejo,
ainda que um deus, em pessoa, me viesse fazer a promessa
de me tirar a velhice e, de novo, o vigor restituir-me
da mocidade que na Hélade tinha, de belas mulheres, (I-CAN IX, 444-7)

¹⁹⁸ "The sentiment derives from Homer, Il. IX, 444-7, where the aged Phoenix says that he would not leave Achilles even if Zeus were to make him young again."

Como o próprio estudioso afirmou, o *sentimento* pode ser comparado, aparentemente não as expressões. Talvez, melhor seria dizer que, em ambos os trechos, as personagens expressam o contrapeso de sua “indignação” por meio de colocações radicais, para realçar como se opõem à situação em debate. Essa posição extremada, enfim, é provavelmente um dos pontos que o poeta latino propõe que Lólio avalie bem, antes de tomá-la.

Ao final da epístola, quando Horácio elenca assuntos possíveis que Lólio há de ler e tratar com os filósofos, a última alternativa nos diz:

an secretum iter et fallentis semita uitae. (Ep. I. 18, 103)

ou um caminho secreto, senda de uma vida despercebida.

Essa sugestão do *iter secretum*, dessa vereda pacata que conduz a uma vida sem atribulações, segundo Mayer (1994, p. 256), em outra de suas reminescências homéricas, “essa alternativa, claramente a escolha preferida, e talvez reminescência daquela feita por Ulisses por uma vida pacata (cf. Plat. *Resp.* 10.620c), aponta para as circunstâncias do próprio Horácio e pavimenta o caminho para uma conclusão pessoal.”¹⁹⁹ O confronto sugerido com a passagem da *República* de Platão também nos pareceu apropriado. Na passagem em que Sócrates nos narra o mito de Er, vemos cada personagem (já *alma*) escolher livremente seu próprio destino. Não por acaso, mais uma vez Ulisses é o sábio em cena, hábil em suas escolhas:

Quis a sorte que a alma de Odisseu fosse a derradeira a decidir-se: aliviada da ambição, pela lembrança das provocações anteriores, pôs-se durante muito tempo à procura de uma vida pacata, de algum cidadão de todo alheio aos negócios públicos, acabando, finalmente, por encontrá-la num canto, ali deixada pelo desprezo das demais. (trad. Carlos Alberto Nunes, 1988, p. 415)

¹⁹⁹ “This alternative, clearly the preferred choice, and perhaps reminiscent of the one made by Ulysses for a quiet life (cf. Plat. *Resp.* 10.620c), points to Horace’s own circumstances and paves the way to the personal conclusion.”

Eis o caminho secreto e pacato, essa vereda despercebida, que parece tão adequada a Horácio (que a “recomenda” a Lólio, entre tantos questionamentos), assim como fora, na narração de Sócrates, a escolha ideal desse sábio Ulisses-Odisseu.

Curiosamente, ao nos levar para o final do texto platônico, esse confronto nos propiciou observar outro intertexto que não aventávamos. No começo da *Epístola* I. 18, em tom de *sententia*, Horácio diz a Lólio:

Virtus est medium uitiorum et utrimque reductum. (Ep. I. 18, 9)

A virtude está no meio dos vícios, afastada a igual distância de um e outro.

Em nota de nossa tradução, apontamos a usual referência aristotélica, que os comentadores reportam para esse trecho. Contudo, a recomendação de Sócrates a Glauco para que saiba escolher com parcimônia o destino de sua alma (guiado pelo ideal de justiça), sem se deslumbrar pelas maravilhas do Hades, nos pareceu ecoar, em alguma medida, a *sententia* horaciana. Vejamos o trecho platônico:

ἀλλὰ γινῶ τὸν μέσον ἀεὶ τῶν τοιούτων βίον αἰρεῖσθαι καὶ φεύγειν τὰ ὑπερβάλλοντα ἑκατέρωσε καὶ ἐν τῷδε τῷ βίῳ κατὰ τὸ δυνατόν καὶ ἐν παντὶ τῷ ἔπειτα. οὕτω γὰρ εὐδαιμονέστατος γίγνεται ἄνθρωπος.

porém é preciso saber escolher, nessas condições, uma vida mediana e fugir aos excessos dos dois sentidos, tanto nesta vida, na medida do possível, como em todas as vidas vindouras; pois é assim que o homem poderá atingir a felicidade máxima. (trad. Jacó Guinsburg, 2006, p. 412)

Esse caminho do meio da vida que se deve saber escolher, fugindo das hipérboles da vida (e das virtudes), para que se encontre seja a virtude, seja a felicidade, nos fez incluir essa última relação entre textos. Esse sentimento de meio termo áureo, como se sabe, é caro à lírica horaciana e difícil seria postular que a fonte para o verso em questão da *Epístola* I. 18 é definitivamente Aristóteles, e não Platão. Enfim, mais uma vez leituras que se entrelaçam, ampliando seus horizontes de sentido e interpretação.

Leituras que entretêm as *Epístolas* I aos épicos homéricos podem ser infinitas. Por exemplo, poder-se-ia aventar que as oposições campo *versus* cidade, desenvolvidas por Horácio nas cartas 10 e 14, ilustram o destino e desejo de Laertes (pai de Ulisses) de uma vida solitária entre seus pomares, como narra o canto XXIV da *Odisseia*. Ou que as reprimendas que Horácio dirige a Bulácio na *Epístola* I. 11, condenando as viagens infatigáveis (*caelum, non animum mutant, qui trans mare currunt*, v. 27), vão também de encontro ao destino de Ulisses, que atravessa mares e céus para apenas encontrar a felicidade no retorno e na quietude de sua terra natal. Reiteramos a ausência desses limites para pararmos aqui.

Tecemos, então, uma pequena amostra dessa estratégia de leitura que não vê os textos isoladamente, mas busca alargar os efeitos de seus sentidos por meio do cotejo e confronto entre esses mesmos textos. Enfim, tais propostas intertextuais estão sempre prenhas de reflexões e leituras sugestivas, procurando sempre enriquecer nosso olhar e, quiçá, a leitura dos próprios textos.

Conclusão

Nothing could be more constructed and ideological than what we notice and what we say about what we notice.
Don Fowler, *On the Shoulders of Giants* (p. 122).

Diz o poeta do Eclesiastes que o fim do discurso é melhor que o princípio: *melior est finis orationis quam principium*, segundo a Vulgata de São Jerônimo. Eis, portanto, a melhor parte deste trabalho.

Percorremos, ao longo destas páginas, percursos diversos comentando, grosso modo, partes do livro I das *Epístolas* de Horácio, sobretudo aquelas passagens em que a comparação com algum trecho da épica homérica se suspeitava produtiva, instigante ou interessante. “Os exemplos extraídos da *Ilíada* e especialmente da *Odisseia* recorrem em mais de um lugar na coleção”, como diz Ana De Pretis (2002, p. 86), “confimando a intenção de Horácio de usar poesia em sua busca por sabedoria”¹ – eis o que, em ampla medida, exploramos e procuramos mostrar. Mas não só: ao nos determos na minúcia da “palavra por palavra”, em certas análises, pudemos perceber como essas apropriações patentes (e já apontadas por muitos) têm seus efeitos de sentidos ampliados e nuançados, seja apontando uso específico de um étimo (que às vezes pode passar despercebido), seja refletindo sobre particularidades da leitura alegórica proposta. Cabe, enfim, notar que nossas observações não são definitivas nem almejam exaustão, exclusividade ou solução: apoiadas sobre uma imagem de *vereda* intertextual, os caminhos percorridos são *uns* dentre tantos, nem os mais curtos, nem os melhores (caso seja possível qualificá-los).

¹ Tomamos a liberdade de traduzir o futuro “will recur” pelo presente “recorrem” para que a formulação se adequasse ao nosso texto. Segue o original citado: “Examples taken from the *Iliad* and especially the *Odyssey* will recur in more than one place in the collection (...), confirming Horace’s intention to utilize poetry in his search of wisdom.”

Era nossa intenção, no início da redação desta dissertação, incluir uma seção que versasse sobre os remetentes das *Epístolas* I, explorando-lhes as diferentes imagens e papéis (por exemplo, de Mecenas, que recebe três das vinte cartas,² ou de Lólio, dono de duas) na coleção. Acabamos por abandonar essa ideia, a fim tanto de evitar questões que tangenciem a “realidade histórica” das epístolas (e a função dos destinatários toca largamente esse ponto), quanto de nos concentrarmos nas impressões despertadas pela *persona*-poética do remetente, mais textuais que “reais”.³

Além de alguns comentários teóricos sobre o intertexto, bem como de certas observações a respeito das sutilezas dialéticas do livro I das *Epístolas* e do olhar cuidadoso sobre seu remetente, passou a integrar uma parte importante deste estudo as reflexões sobre a leitura alegórica, de maneira geral, e seu uso prático nos versos horacianos, de modo específico, sobretudo quando se confronta esse uso com determinados apontamentos platônicos que também versam, em boa medida, sobre esse mesmo tema. Tal confronto nos mostrou matizes que o poeta latino propõe à sua leitura *personalíssima*, e como as colore e desfoca com cuidado e precisão. Pensar como dois leitores antigos de Homero leram-no de modo distinto é também refletir como nós outros também lemos esses mesmos “legados homéricos” de modo distinto (sem dúvida influenciados pelas leituras que nos precedem), num intrincado equilíbrio entre a tradição de uma época e a bagagem de cada leitor.

² Durante nossa pesquisa, demos amostra dessa reflexão no XVIII Colóquio em Estudos Clássicos, apresentado no IEL-UNICAMP, com o trabalho *Três Epístolas de Horácio a Mecenas* (nov/2008).

³ Nossa breve exposição sobre o pacto de leitura e a separação autor de “carne e osso” e *persona*-poética toca também esse aspecto “real” da epístola, porém sob outro ponto de vista. O item *The addressees and the date of composition*, do volume de Roland Mayer (1994, p. 8-11), dá ideia do paralelismo entre destinatário e realidade histórica, comum nas hipóteses de datação (da redação e/ou publicação) das cartas – algo diferente do que expusemos sobre a faceta do remetente.

Como enuncia Roger Chartier (1999, p. 77), “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” – e nossa leitura se propôs a tal *produção*, se não de significados completos ou novos, de alguns efeitos de sentido, mais ou menos sutis. E como complementa, “segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores.” Portanto, ainda que nos vejamos taxados de intérpretes desmedidos das *Epístolas* I de Horácio (uma vez que “o poeta latino não poderia ter pensado nessas coisas aqui propostas”, caso alguém diga...), estamos cientes de que nosso percurso, se não é “fiel” ou fidedigno, visa a enriquecer caminhos e entendimentos por meio da leitura intertextual, a alargar o horizonte e a percepção dos sentidos à vista nos textos que escolhemos. Assim como Horácio não exerce mais poder sobre os rumos da compreensão que seus textos podem a vir tomar, nós também não pretendemos (nem devemos) impor ou delinear fronteiras à leitura deste trabalho. Assim como Horácio libera seu volume de cartas poéticas (Ep. I. 20), é preciso que o presente texto fale por si, não obstante suas lacunas e falhas.

Caberá a um projeto futuro indagar os demais usos e apropriações textuais que Horácio faz da épica homérica, sobretudo em sua obra lírica, para que possamos confrontar essas “novas percepções” com as leituras alegórico-moralizantes que observamos, sem sermos exaustivos, na presente dissertação. Como já nos dá pistas a *Enciclopedia Oraziana* (1996, p. 828), em formulação bem generalizada, “Horácio reconhece a tradicional grandeza literária de

Homero, tomada além disso sem um juízo crítico articulado e claramente motivado”⁴ – pista a se seguir.

Uma ressalva final se faz necessária, uma vez que pode ter permanecido a ideia de que Homero representou um *precursor* para Horácio no livro I das *Epístolas*. A nosso ver, isso seria uma verdade apenas etimológica (ou seja, aquele “que vai adiante”, “que precede”), porque o texto homérico surge cronologicamente antes de qualquer outro texto ocidental de que temos notícia. Logo, Homero percorre primeiro todos os caminhos poéticos (e não poéticos), e o faz de modo mais bem acabado que qualquer outro poeta ou escritor, se retomarmos parte de uma citação de Montaigne. Sob outro ângulo, preferimos ler a palavra *precursor* da maneira como propõe Borges, “purificada de toda conotação de polémica ou de rivalidade”,⁵ o que significaria tanto encontrar em Horácio palavras, passagens, trechos, poemas inteiros que evoquem, sob as mais diversas formas, os épicos de Homero, quanto reler a *Ilíada* e a *Odisseia* segundo pontos de vista já modificados pelas impressões de leitura que os textos latinos (dentre eles, o livro I das *Epístolas*) proporcionaram. A ruína de Tróia revelada pela voz do Eneias virgiliano, séculos depois, em nada desmerece o Ulisses homérico e seu retorno à Ítaca – ambos contam uma só história, a uma só voz. Assim, a ideia de “contaminação literária à distância” talvez possa prescindir da chamada *linha do tempo*, que ao fim soa como mera casualidade.

Para terminar, cumpre notar que seria impossível, no presente trabalho (e em qualquer outro), detectar e estudar **todas** as citações, menções, alusões, estilizações etc., presentes no livro I das *Epístolas* de Horácio (ou em qualquer outro). Eis porque há, por exemplo, volumes e mais volumes de comentários dessa

⁴ “H. riconosce la tradizionale gradezza letteraria di O., accettata peraltro senza un giudizio critico articolato e chiaramente motivato.”

⁵ BORGES, J. L. (1999, vol. 2, p. 98) “Kafka e seus precursores”. In: *Outras Inquisições*.

obra latina: muitos apresentam em comum os mesmos apontamentos, mas nenhum é completo ou igual a qualquer outro. Nesse *mare magnum* da crítica horaciana já se apontou certo “eco de Lucrecio” em alguns versos e passagens das *Epístolas* I⁶ – certamente uma faceta riquíssima a se explorar, dentre inúmeras. Cada apontamento é uma leitura, se quisermos, não um banco de dados de informações sensaboronas. Tal convicção aumenta à medida que se proseguem as investigações. Uma descoberta de uma relação “entre textos” leva a outro achado textual, que leva a outro e mais outro, infinitamente – e o percurso é sempre pessoal. Eis porque são necessários limites e recortes do objeto de estudo, portas de escape ao infindo labirinto intertextual. Daí tais delimitações ou paradas soarem não raro abruptas ao leitor curioso e interessado.

Se há, pois, uma necessidade expressa desse ponto de parada, ainda que pessoal, ideológico e/ou arbitrário, como comenta Don Fowler (2000, p. 127-8), tais limites obrigatórios servem também para nos lembrar dos infindos caminhos possíveis ainda a serem aprofundados, continuados e percorridos.

⁶ Cf. os diversos comentários a Ep. I. 11, 7-10.

Bibliografia

1. Textos latinos e gregos: edições e comentários

a) Horácio:

DILKE, O. A. W. *Horace: epistles book I*. 3rd ed. Letchworth, Hertfordshire: Bradda Books, (ed. 1966) 1980.

DOTTI, U. *Orazio, epistole e ars poetica*. Milano: Feltrineli, 2008.

FAIRCLOUGH, H. R. *Horace: satires, epistles and 'ars poetica'*. Loeb Classical Library. [S.I.]: Edmundsbury Press, 1994.

JUVENCIUS, J. *Quincti Horatii Flacii carmina expurgata cum adnotationibus ac perpetua interpretatione* (Tomos I e II). Paris: Livraria Aillaud; Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, [s.d.].

MAYER, R. *Horace: epistles book I*. Cambridge: University Press, 1994.

PLESSIS, F.; LEJAY, P. *Oeuvres d'Horace*. 3^{ème} ed. Paris: Hachette, 1909.

PRÉAUX, J. *Horace: épîtres, livre I*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

SABBADINI, R. *Orazio: epistole*. Torino: Loescher Editore, 1970.

SCHIMMELPFENG, G. *Horatius Kommentar*. Lpz. & Berlin: Teubner, 1912.

VILLENEUVE, F. *Horace: épîtres*. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955

WICKHAM, E. C. Q. *Horati Flacci Opera*. Editio altera curante H. W. Garrod. Bristol: Clarendon (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis), 1988 (ed. 1901).

b) Homero, Platão e outros:

BASORE, J. W. *Seneca: moral essays*. Vol. I. Loeb Classical Library. Suffolk, Great Britain: St Edmundsbury Press, 1998 (ed. 1928).

- BUTLER, H. E. *The institutio oratoria of Quintilian*. Vol. IV. Loeb Classical Library. Suffolk, Great Britain: St Edmundsbury Press, 1993 (ed. 1922).
- CHAMBRY, E. *Platon: oeuvres complètes. Tome VI: La République (livres I-III)*. Paris: Societé d'Édition "Les Belles Lettres", 1989.
- GUINSBURB, J. (org. e trad.) *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MALHERBE, A. J. *Ancient epistolary theorists*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1988.
- NOBLOT, H. *Sénèque: Lettres à Lucilius. Tome III: livres VIII-XIII*. Paris: Societé d'Édition "Les Belles Lettres", 1995.
- MONRO, D. B.; ALLEN, T. W. *Homeri opera*. London: Clarendon (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis), 1939.
- RACKHAM, H. *Cicero: de finibus bonorum et malorum*. Loeb Classical Library. Suffolk, Great Britain: St Edmundsbury Press, 1999 (ed. 1914).
- ROLFE, J. C. *Suetonius*. Vol II. Loeb Classical Library. Suffolk, Great Britain: St Edmundsbury Press, 1997 (ed. 1914).
- SEGURADO E CAMPOS, J. A. *Lúcio Aneu Séneca: Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SOUZA, E. de. *Poética / ΠΕΡΙ ΠΟΙΗΤΙΚΗΣ*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- WILLIAMS, W. G. *Cicero: letters to his friends (books XIII-XVI)*. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1998 (ed. 1926).

2. Estudos sobre as Epístolas I, Horácio e Homero

- ACHCAR, F. *Lírica e lugar comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- AHERN Jr., C. F. "Horace's rewriting of Homer in *carmen* 1. 6". *Classical Philology*, Vol. 86, No. 4. Chicago U.P.: Oct. 1991, p. 301-314.
- ARNOLD, M. *On translating Homer: three lectures given at Oxford*. London: Longman, Green, Longmand and Roberts, 1861.
- BRINK, C. O. *Horace on poetry: prolegomena to the literary epistles*. Cambridge: Cambridge U. P., 1963.
- BUFFIÈRE, F. *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*. Paris: Societé d'Édition "Les Belles Lettres", 1973.
- CAMPOS, H. de. *Ilíada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos; introdução e organização de Trajano Vieira. São Paulo: Arx, 2002. 2 vols.
- CITTI, F. *Studi oraziani: tematica e intertestualità*. Bologna: Pàtron Editore, 2000.
- COURBAUD, E. *Horace, sa vie et sa pensée à l'époque des épîtres: étude sur le premier livre*. Paris: Librairie Hachette, 1914.
- DE PRETIS, A. 'Epistolarity' in the first book of Horace's epistles. New Jersey: Gorgias Press, 2002.
- EDWARDS, M. J. "Horace, Homer and Rome: *Epistles* I. 2." *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 45, Fasc. 1. Brill, 1992, p. 83-88. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4432112>>
- FERRI, R. "The *Epistles*". In: HARRISON, S. J. (Ed.) *The Cambridge Companion to Horace*. New York: Cambridge U. P., 2007, p. 121-31.
- FRAENKEL, E. *Horace*. Oxford: Oxford U. P., (ed. 1957) 1980.
- FREUDENBURG, K. "*Solus sapiens liber est*: recommissioning lyric in *Epistles* I". In: WOODMAN, T.; FEENEY, D. (ed.) *Traditions & contexts in the poetry of Horace*. New York: Cambridge U. P., 2002, p. 124-140.

- HARDIE, P. "Time in Lucretius and the augustan poets: freedom and innovation." In: SCHWINDT, J. P. (org.) *La représentation du temps dans la poésie augustéenne*. Heideberg: Universitätsverlag, Winter.
- HARRISON, S. J. (Ed.) *The Cambridge companion to Horace*. New York: Cambridge U. P., 2007.
- _____ (Ed.) *Homage to Horace: a bimillenary celebration*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- _____ (Ed.) *A companion to latin literature*. 2nd ed. Cornwall: Blackwell Publishing, 2006.
- _____. "Poetry, Philosophy, and Letter-Writing in Horace, *Epistles I*". In: INNS, D.; HINE, H.; PELLING, C. *Ethics and Rhetoric: classical essays for Donald Russel on his seventy-fifth birthday*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 47-61.
- HUBBARD, M. "*Pindarici fontis qui non expalluit haustus: Horace, Epistles I. 3*". In: HARRISON, S. (Ed.) *Homage to Horace: a bimillenary celebration*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 219-27.
- JOHNSON, W. R. *Horace and the dialectic of freedom: readings in 'epistles 1'*. New York: Cornell University Press, 1993.
- KILPATRICK, R. S. *The poetry of friendship: Horace, epistles I*. Edmonton, Alberta, Canada: University of Alberta Press, 1986.
- MENDES, M. O. *Odisséia*. 3. ed. Tradução de Odorico Mendes; edição de Antonio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poética, Edusp, 2000 (Texto e Arte, 5).
- MACLEOD, C. W. "The poetry of ethics: Horace, epistles". *The journal of roman studies*, Vol. 69. Society for the Promotion of Roman Studies, 1979, p. 16-27. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/299055>>
- MAYER, R. "Horace's *Epistles I* and Philosophy". *American journal of philology*, Vol. 107. The John Hopkins U. P., Spring 1986.
- _____. "Horace's *moyen de parvenir*". In: HARRISON, S. (Ed.) *Homage to Horace: a bimillenary celebration*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 279-95.

- McGANN, M. J. *Studies in Horace's first book of epistles*. Bruxelles: Latomus, Revue d'Études Latines, 1969.
- MOLES, J. "Poetry, philosophy, politics and play: *Epistles I*". In: WOODMAN, T.; FEENEY, D. (ed.) *Traditions & contexts in the poetry of Horace*. New York: Cambridge U. P., 2002, p. 141-157.
- NISBET, R. G. M. "Notes on Horace, epistles 1". *The classical quarterly*. Vol. 9, n. 1. Cambridge U. P.: May 1959, p. 73-6.
- NISBET, R. G. M.; HUBBARD, M. *A commentary on Horace: odes book 1*. New York: Oxford U. P. (ed. 1970) 1985.
- NUNES, C. A. *Iliada*. 2. ed Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. *Odisséia*. 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- ORAZIO. *Enciclopedia oraziana*. Vol. I. Roma: Instituto della enciclopedia italiana, 1996, p. 828-30 (verbete: Omero).
- PÉREZ, J. (dir.) *Horácio: obras completas (odes, épodos, carne secular, sátiras e epístolas)*. Trad. Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luiz de Seabra e Francisco Antônio Piccot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.
- PUCCI, P. *Odysseus polytropos: intertextual readings in the 'Odyssey' an the 'Iliad'*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- _____. *The song of the sirens: essays on Homer*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1997.
- SANTOS, M. M. *As epístolas de Horácio e a confecção de uma 'ars dictaminis': o 'opus'*. 1997. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.
- SEABRA, A. L. *Horácio: sátiras*. [S.I.]: Editora Technoprint/Ediouro, s/d.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. *Profile of Horace*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

- SCHEID, J. E. *Quinto Horácio Flaco: obras seletas*. Canoas, RS: Ed. da ULBRA, 1997.
- SCHÜLLER, D. *Odisséia: edição bilíngue em 3 volumes (I: Telemaquia; II: Regresso; III: Ítaca)*. Porto Alegre, RS: LP&M, 2007.
- SEBASTIANI, B. B. “O Odisseu de Políbio: leituras da *Odisséia* na Roma Cipiãoica”. *Calíope: presença clássica*. Vol. 17. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 24-37.
- SISSA, G.; DETIENNE, M. *Os deuses gregos*. Trad. Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- SNELL, B. “O homem na concepção de Homero”. In. SNELL, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- STEINER, G. “Homer in english”. In. STEINER, G. *No passion spent: essays 1978-1996*. Londres: Faber and Faber, 1997, p. 88-107.
- TRINGALI, D. *Horácio, poeta da festa: navegar não é preciso. 28 odes latim/português*. São Paulo: Musa Editora, 1995.
- TOLKIEHN, J. *Omero e la poesia latina*. Trad. Marco Scaffai. Bologna: Pàtron Editore, 1991.
- VIDAL-NAQUET, P. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VILLENEUVE, F. *Horace: odes et épodes*. Vol. I. Paris: Société d'Édition “Les Belles Lettres”, 1954.
- WILKINSON, L. P. *Horace and his lyric poetry*. 2. ed. London: Bristol Classical Press, 1994.
- WOODMAN, T.; FEENEY, D. (ed.) *Traditions & contexts in the poetry of Horace*. New York: Cambridge U. P., 2002.

3. *Intertextualidade*

- ALLEN, G. *Intertextuality*. New York, London: Routledge, 2000.
- BARCHIESI, A. *Speaking volumes: narrative and intertext in Ovid and other latin poets*. Great Britain: Bookcraft (Bath) Ltd., 2001.
- BARCHIESI, A.; CONTE, G. B. "Imitazione e Arte Allusiva. Modi e funzioni dell'intertestualità". In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (orgs.). *Lo Spazio Letterario di Roma Antica, v. 1*. Roma: Salerno Editrice, 1989, p. 81-113.
- BLOOM, H. A. *Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CAIRNS, F. *Generic composition in greek and roman poetry*. Edimburg: University Press, 1972.
- CICU, L. *Le api, il miele, la poesia: dialettica intertestuale e sistema letterario greco-latino*. Roma: Casa Editrice Università La Sapienza, 2005.
- COMPAGNON, A. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- CONTE, G. B. *The rhetoric of imitation: genre and poetic memory in Virgil and other latin poets*. Edited and with a foreword by Charles Segal. Ithaca, London: Cornell University Press, (ed. 1986) 1996.
- _____. *Genres and readers*. Translated by G. W. Most. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- EDMUNDS, L. *Intertextuality and the reading of roman poetry*. Baltimore, MA: The John Hopkins University Press, 2001.
- FEDELI, Paolo. "Le intersezioni dei generi e dei modelli". In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (orgs.). *Lo Spazio letterario di Roma antica, vol. 1 (La Produzione del Testo)*. Roma: Salerno, 1989, pp. 375-397.
- FIORIN, J. L. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 29-36.

- FOWLER, D. *Roman constructions: readings in postmodern latin*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2000.
- GENETTE, G. *Palimpseste: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- LYNE, R. O. A. M. *Further voices in Vergil's Aeneid*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- PASQUALI, G. "Arte Allusiva". In: PASQUALI, G. *Pagine stravaganti, v. II*. Firenze: Sansoni, 1968, pp 275-282 (publicado inicialmente em *L'Italia che scrive*, 1942, pp 185-187).
- POSSENTI, S. "Observações sobre interdiscurso". *Revista Letras*, n. 61. Curitiba: UFPR, 2003, p. 253-69.
- PRATA, Patrícia. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística/Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- _____. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Lingüística/Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na 'Eneida' de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

4. *Obras de Referência*

BRYAN-BROWN, A. N. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine: Histoire des mots*. 3 ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

FONTANIER, J-M. *Vocabulário latino da filosofia: de Cícero a Heidegger*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GOBRY, I. *Vocabulário grego da filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GRANT, M. *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*. New York: Barnes and Noble Books, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LIDDEL, H.G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press.

NOUGARET, L. *Traité de métrique latine classique*. Paris: Klincksieck, 1963.

TOSI, R. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa Nacional, 1940.

5. Demais obras

- ARNS, P. E. *A Técnica do livro segundo São Gerônimo*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- BARCHIESI, A. “Rituals in Ink: Horace on the Greek Lyric Tradition”. In: DEPEW, M.; OBBINK, D. (ed.). *Matrices of genre: authors, canons, and society*. Boston: Harvard University Press, 2000. p. 167-182.
- _____. “Horace and Iambos: The Poet as Literary Historian”. In: CAVARZERE, A.; ALONI, A.; BARCHIESI, A. (ed.). *Iambic ideas: essays on a poetic tradition from archaic Greece to the late roman empire*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2002. p. 141-164.
- BORGES, J. L. *Obras Completas*, 4 vols. São Paulo: Globo, 1999.
- BOWDER, D. *Quem foi quem na Grécia antiga*. São Paulo: Círculo do Livro, (copyright 1982) s/d.
- _____. *Quem foi quem na Roma antiga*. 10 ed. São Paulo: Círculo do Livro/Art Editora, 1990.
- CAMÕES, L. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2005.
- CAMPOS, H. de. *Qohélet = O-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CITRONI, M. “Satira, epigramma, favola”. In: MONTANARI, F. (cura) *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: La nuova Italia Scientifica, 1991, p. 133-208.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- CONTE, G. B. *Latin literature: a ‘history’*. London: The John Hopkins U. P., 1994.
- CUGUSI, P. “L’epistolografia. Modelli e tipologie di Comunicazione”. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (org.). *Lo Spazio letterario di Roma antica, v. 2 (La circolazione del testo)*. Roma: Salerno Editrice, 1989, p. 379-419.

- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2007.
- EDWARDS, C. “Epistolography”. In: Harrison, S. (Ed.) *Companion to latin literature*. 2nd ed. Cornwall: Blackwell Publishing, 2006, p. 270–283.
- GALINSKY, K. *The Cambridge companion to the age of Augustus*. Cambridge: University Press, 2005.
- GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (orgs.) *Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- GRIMAL, P. *Le Siècle d’Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- _____. *Horace*. Paris: Éditions du Seuil, s./d.
- HANSEN, J. A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- LARBAUD, V. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Trad. Joana Angélica. São Paulo: Mandarim, 2001.
- LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Trad. Juliana Lemos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Gênese do Discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- MANGEL, A. *Chez Borges*. Arles: Babel (Actes Sud), 2005.
- _____. *Ilíada e Odisséia de Homero: uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008 [a].
- _____. *A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [b].

- MENDES, M. O. *Bucólicas*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- _____. *Eneida brasileira*. Tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro. Organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- MONTAIGNE, M. de. *Os ensaios: livro I*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martis Fontes, 2002.
- _____. de. *Os ensaios: livro II*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 1 ed. São Paulo: Martis Fontes, 2000.
- NOVAK, M. da G.; NERI, M. L. (Org.) *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- NUNES, C. A. *A República*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.
- OLIVA NETO, J. A. *O livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. *Falo no jardim: priapéia grega, priapéia latina*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- PEREIRA, L. *Poetas e prosadores latinos: idéias da antigüidade*. [S.I.]: Editora Technoprint/Ediouro, s/d.
- PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica. Vol II: cultura romana*. 2 ed. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PICHON, R. *Index verborum amatorium*. Hildesheim-Zürich-New York: Georg Olms Verlag, 1991.
- POUND, E. *Abc da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- POWELL, J. "Friendship and its problems in greek and roman thought". In: INNES, D.; HINE, H.; PELLING, C. *Ethics and rhetoric: classical essays for Donald Russel on his seventy-fifth birthday*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 31 – 46.
- PUTNAM, M. C. J. *Poetic interplay: Catullus and Horace*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 1996.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROMANILLOS, A. R. *Plutarco: vidas paralelas (tomo I)*. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, 1952.
- SANTOS, M. M. “A epístola como exemplo de texto escrito”. *Classica*, v. 11/12, n. 11/12. São Paulo, 1998/1999.
- SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- TOSI, C. F. *Euphonia: Studi di Fonostilistica (Virgilio, Orazio, Apuleio)*. Bologna: Pàtron Editore, 2000.
- VASCONCELLOS, P. S. *O cancionero de Lésbia*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.
- VEYNE, P. *Sexo e poder em Roma*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.
- VOLK, K. *The poetics of latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. New York: Oxford University Press, 2002.

Envoi

*faciendi plures libros nullus est finis
frequensque meditatio carnis adflicto est*
Ecl 12, 12

Anexos

Nesta primeira parte dos anexos, apresentamos as imagens dos mapas antigos que apontam a localização de cidades, ilhas, regiões ou outros lugares mencionados nas *Epístolas* I, digitalizados a partir do livro de Michael Grant. O último dos mapas, que traça um esquema da topografia da região de Licenza (próxima à qual se situa o sítio arqueológico da “vila de Horácio”), foi extraído da página 10 do livro de comentários de Oswald A. W. Dilke.

Incluímos, na página vizinha de cada mapa, a lista dos lugares mencionados na ordem em que aparecem nas *Epístolas* I e como grafados na tradução; quando há diferença notável, registramos também o nome conforme a grafia do mapa, separando-os por uma barra (/). Os nomes marcados com um asterisco (*) registram lugares digitalmente inseridos na imagem, ou seja, que não aparecem nos mapas originais consultados. Se a localização desses, como se pode concluir, é imprecisa, em boa parte recolhida a partir de descrições dos volumes de notas, sua supressão tornaria os mapas menos interessantes e/ou úteis a nosso propósito.

A seguir, na segunda parte dos anexos, apresentamos as traduções de Antônio Luís de Seabra para o livro I das *Epístolas* de Horácio, texto que foi digitado, modernizado, comentado e anotado para a devida publicação neste espaço.

Lugares citados no Mapa 1

O estreito entre Sesto e Abidos*: Ep. I. 3, 4

A região da Trácia e o rio Hebro*: Ep. I. 3, 3; Ep. I. 16, 13

Quios / *Chios* (ilha): Ep. I. 11, 1 e 21

Lesbos (ilha): Ep. I. 11, 1

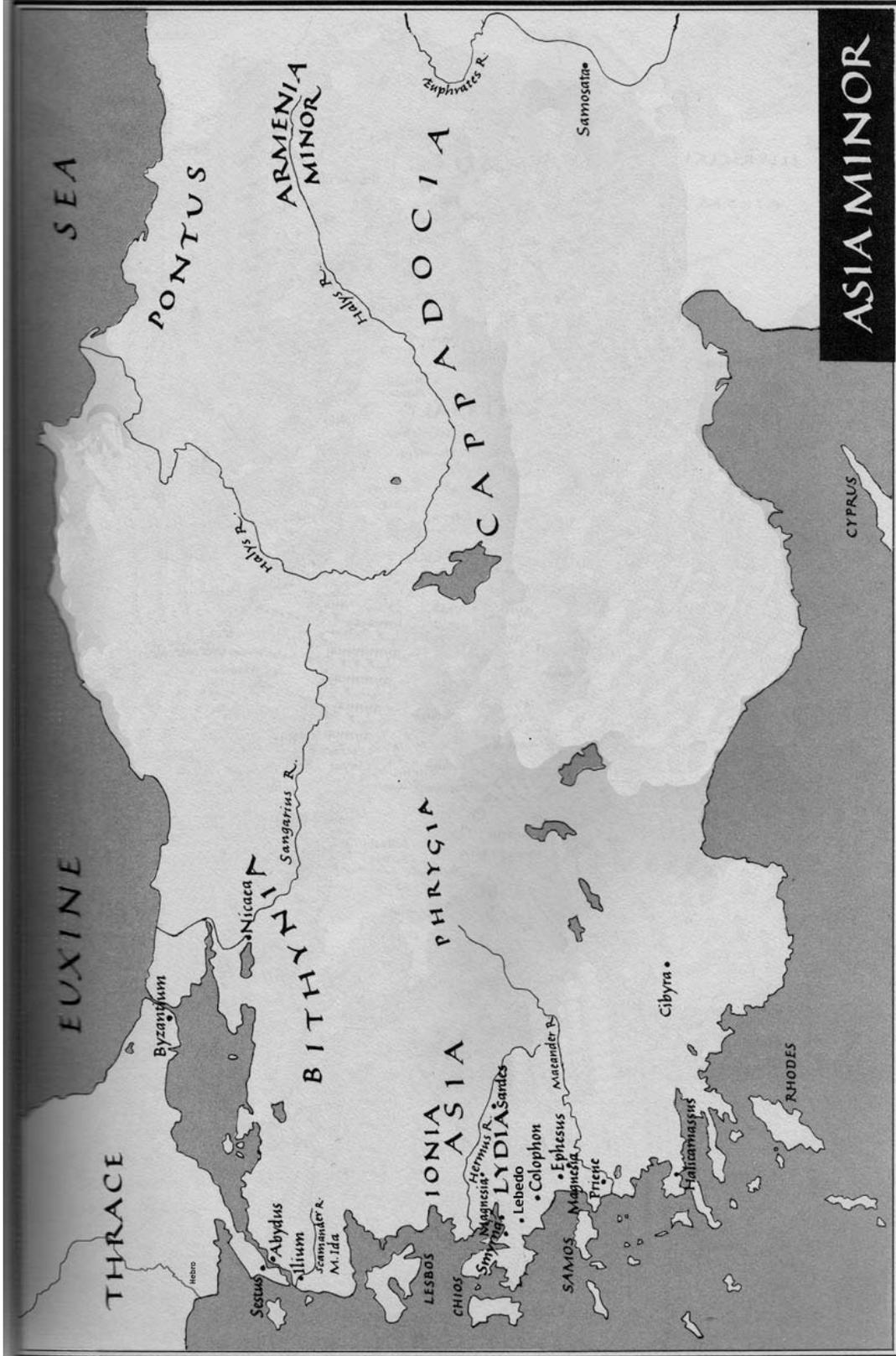
Samos (ilha): Ep. I. 11, 2 e 21

Rodes: Ep. I. 11, 17 e 21

Mitilene: Ep. I. 11, 17

Mileto: Ep. I. 17, 30

Mapa 2



Lugares citados no Mapa 2

O estreito entre Sesto e Abidos: Ep. I. 3, 4

A região da Trácia e o rio Hebro*: Ep. I. 3, 3; Ep. I. 16, 13

Cíbira / *Cibyra*: Ep. I. 6, 33

Região da Bitínia / *Bithynia*: Ep. I. 6, 33

Quios / *Chios* (ilha): Ep. I. 11, 1 e 21

Lesbos (ilha): Ep. I. 11, 1

Samos (ilha): Ep. I. 11, 2 e 21

Sardes: Ep. I. 11, 2

Esmirna / *Smyrna*: Ep. I. 11, 3

Cólofon: Ep. I. 11, 3

Lêbedo*: Ep. I. 11, 6

Rodes: Ep. I. 11, 17 e 21

Mapa 3



Lugar citado no Mapa 3

Corinto / *Corinth*: Ep. I. 17, 36

Mapa 4



Lugares citados no Mapa 4

Tíbur: Ep. I. 7, 45; Ep. I. 8, 12

Tarento / *Taras*: Ep. I. 7, 45; Ep. I. 16, 11

Aquino* (cidade no Lácio): Ep. I. 10, 27

Cápua: Ep. I. 11, 11

Vélia / *Elea*: Ep. I. 15, 1

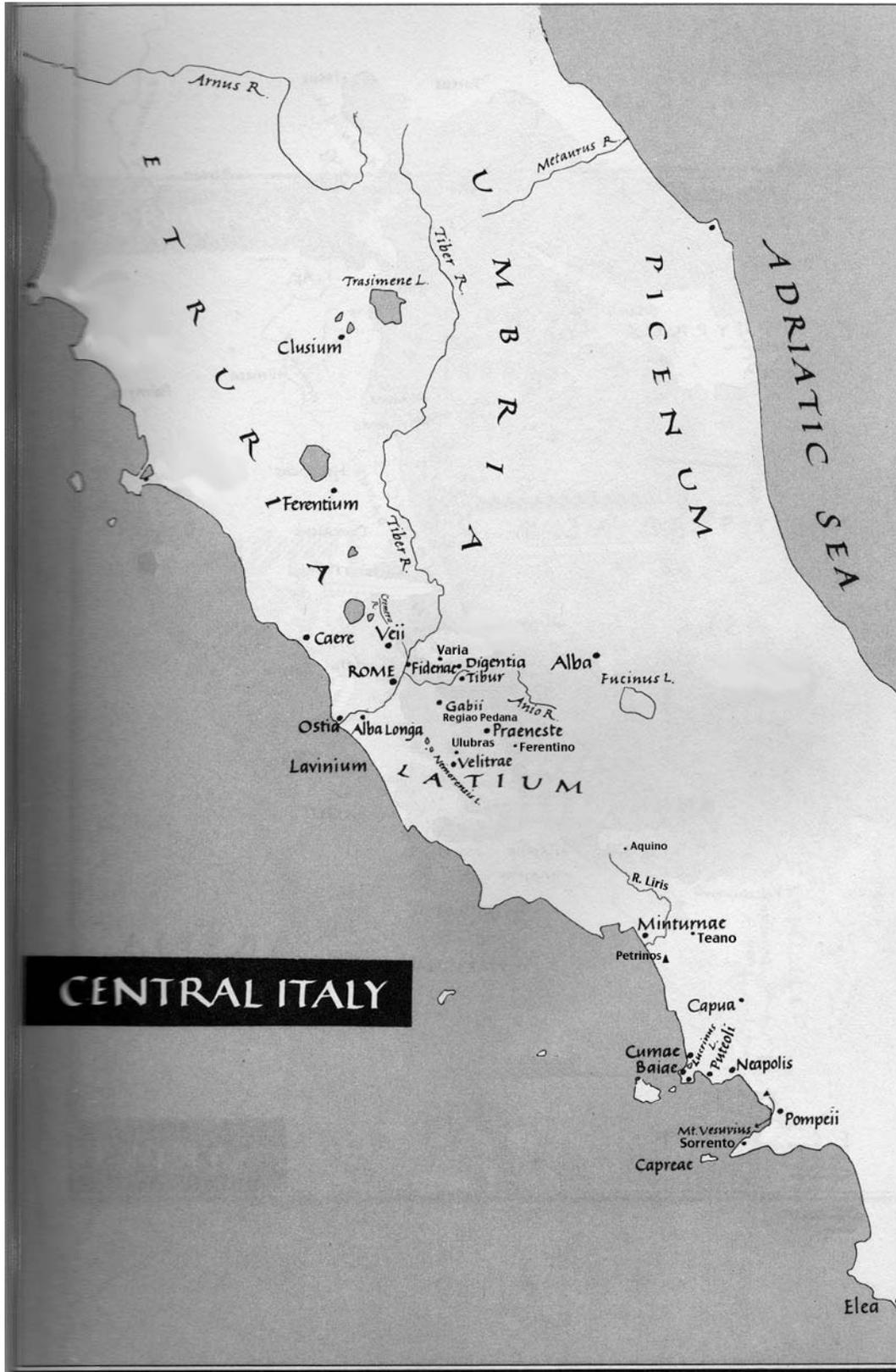
Salerno* (cidade da Campânia): Ep. I. 15, 1

Cumas: Ep. I. 15, 12

Brindes / *Brundisium*: Ep. I. 17, 52; Ep. I. 18, 20

Útica: Ep. I. 20, 13

Mapa 5



Lugares citados no Mapa 5

Baias / *Baiæ* (cidade litorânea): Ep. I. 1, 84; Ep. I. 15, 3 e 12

Teano*: Ep. I. 1, 87

Preneste (atual *Palestrina*) / *Praeneste*: Ep. I. 2. 2

Região Pedana (atual *Zagarolo*): Ep. I. 4, 2

Minturnas: Ep. I. 5, 5

Monte Petrinos*: Ep. I. 5, 5

Cerveteri / *Caere*: Ep. I. 6, 63

Tíbur: Ep. I. 7, 45; Ep. I. 8, 12

Aquino*: Ep. I. 10, 27

Cápua: Ep. I. 11, 11

Rio Tibre / *Tiber*: Ep. I. 11, 4 e 19

Gábios / *Gabii*: Ep. I. 11, 8; Ep. I. 15, 9

Fidena: Ep. I. 11, 8

Úlubras*: Ep. I. 11, 30

Vária*: Ep. I. 14, 3

Vélia / *Elea*: Ep. I. 15, 1

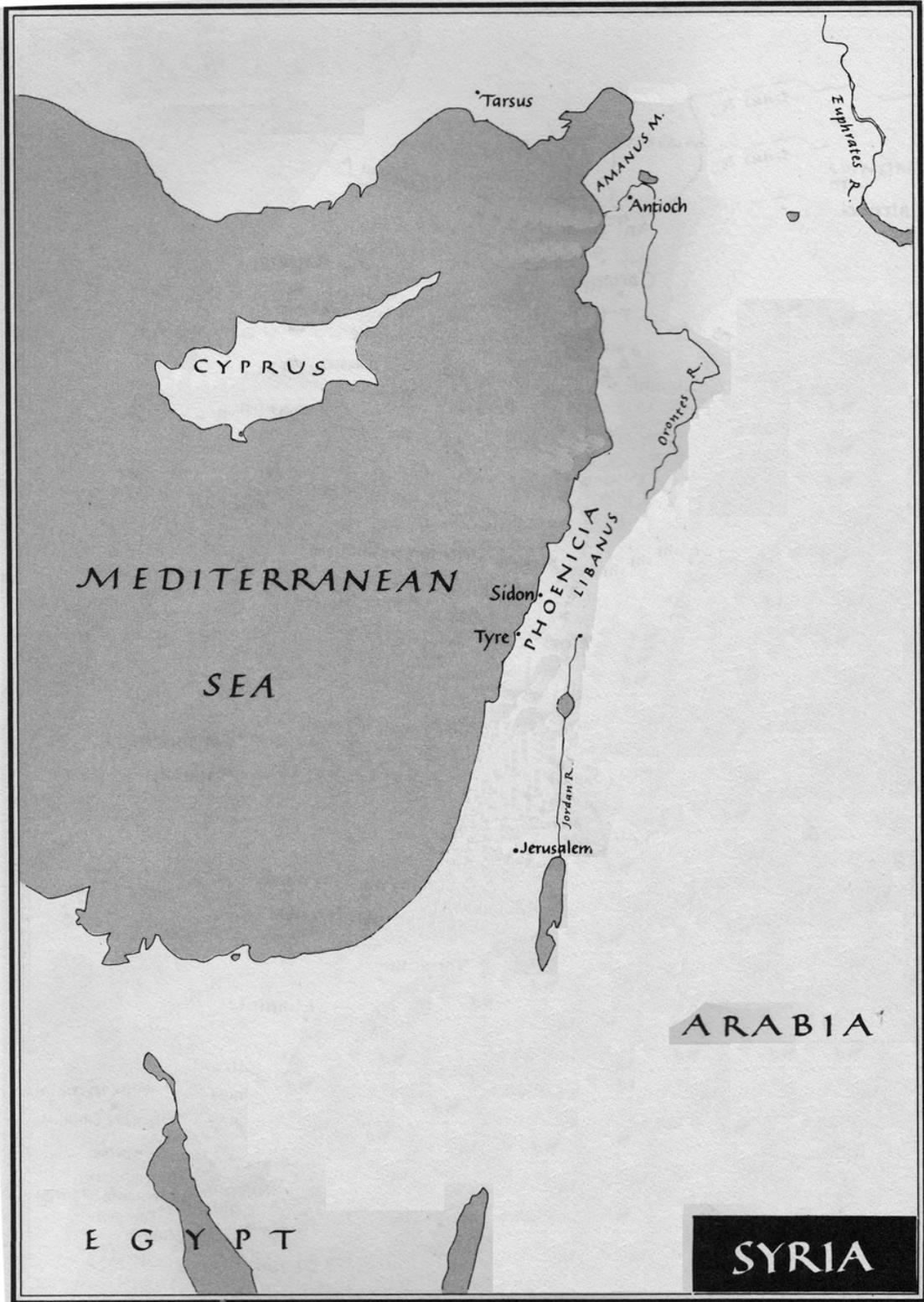
Clúsio: Ep. I. 15, 9

Cumas: Ep. I. 15, 12

Ferentino*: Ep. I. 17, 8

Sorrento*: Ep. I. 17, 52

Mapa 6

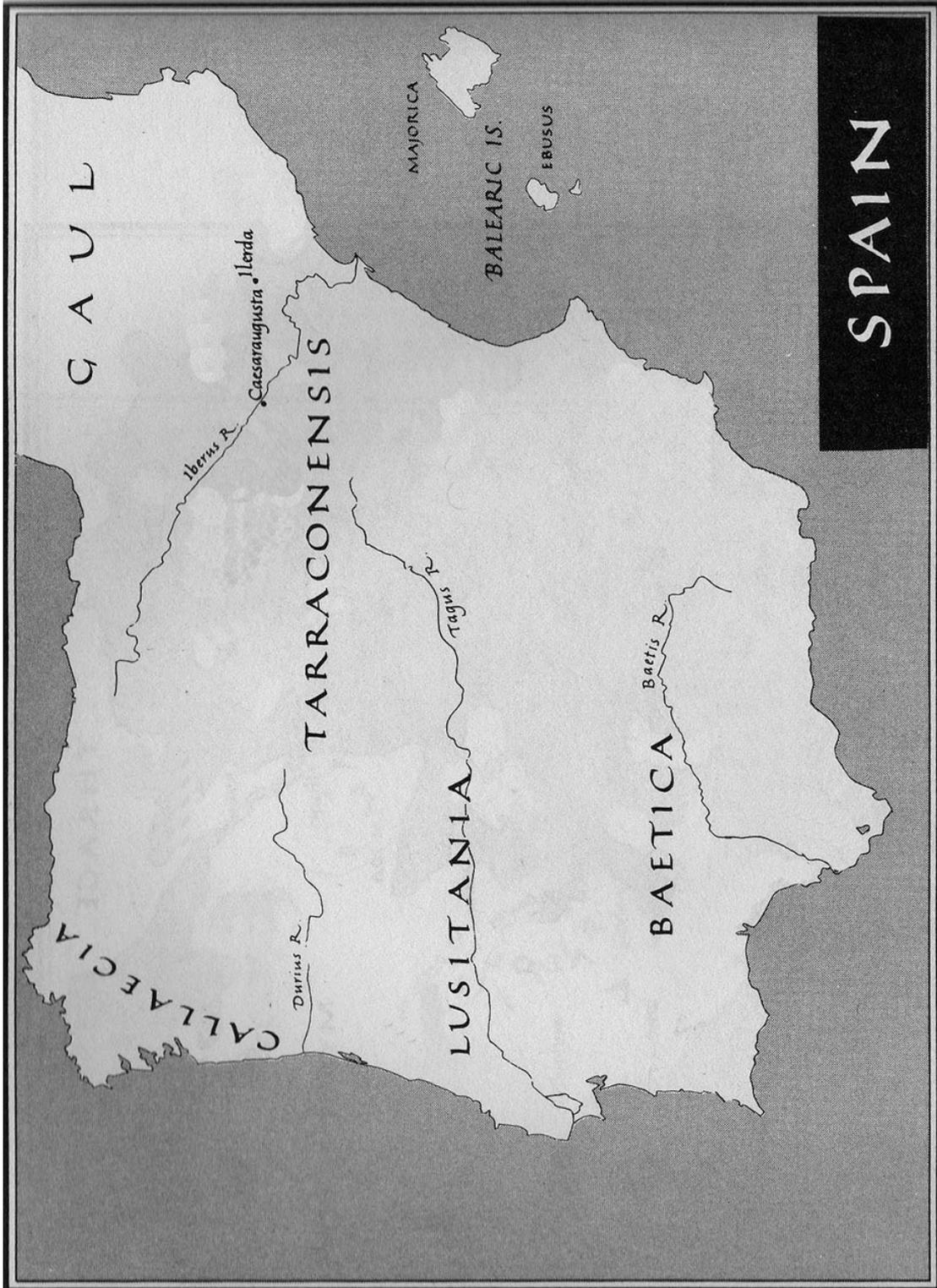


Lugares citados no Mapa 6

Tiro / *Tyre*: Ep. I. 6, 18

Sídon: Ep. I. 10, 26

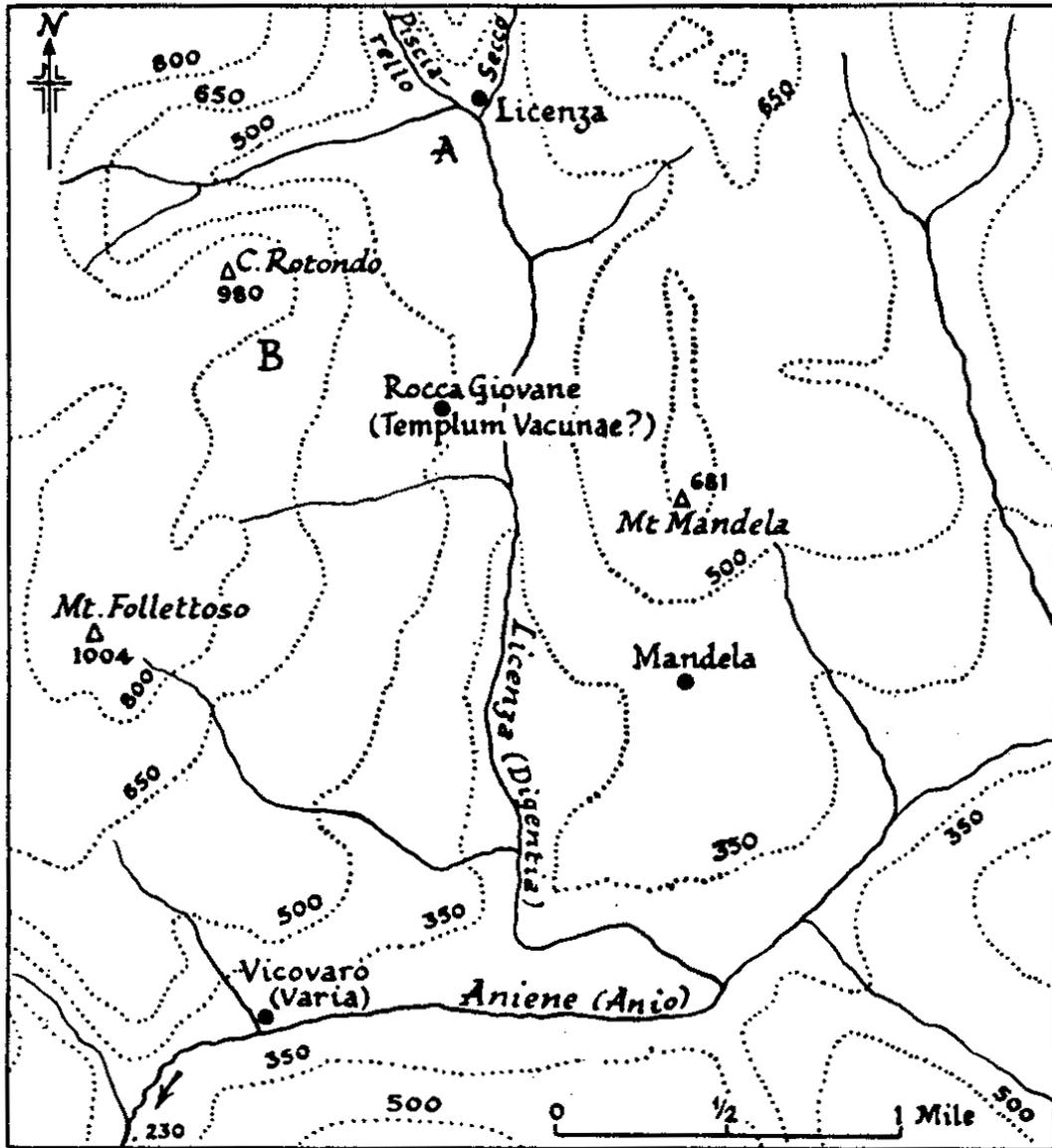
Mapa 7



Lugar citado no Mapa 7

Lérida / *Ilerda*: Ep. I. 20, 13

Mapa 8



SKETCH-MAP OF THE LICENZA COUNTRY

Heights in metres

Adapted from Italian official maps. A detailed map of the area on the scale 1:25000 is appended as pl. 7 to T. Ashby, *The Aqueducts of Ancient Rome*

Lugares citados no Mapa 8

Vale do rio Licenza / *Digentia*: Ep. I. 16, 6; Ep. I. 18, 104

Mandela: Ep. I. 18, 105

Epístolas de Quinto Horácio Flaco

❧ *Livro Primeiro* ❧

Tradução

Antônio Luís de Seabra

Palavras prévias (à guisa de introdução)

O texto que se transpõe a seguir é a tradução de Antônio Luís de Seabra (02/12/1798-19/01/1895) para o primeiro livro de *Epístolas* do poeta latino Quinto Horácio Flaco. Jurisconsulto e magistrado português de excelsa formação humanista, segundo o *Dicionário Histórico e Corográfico de Portugal*,¹ Seabra traduziu, no ano de 1823 (com 25 anos de idade), os dois livros de sátiras e os dois de epístolas de Horácio, aí incluída a chamada *Ars Poetica* – trabalho fruto de isolamento do então jovem juiz na casa paterna em Vila Flor, descontente com a queda do governo liberal português.² O próprio tradutor confessa ter passado três meses e meio absorto, trabalhando em seus decassílabos, e que só tivera a chance de revê-los seis anos depois, em Bruges, na Bélgica, por insistência de amigos para publicar a tradução.³ Novamente segundo o mesmo *Dicionário*, o fruto desse trabalho veio a público apenas em 1846, sob o título *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco traduzidas e anotadas* (2 tomos adornados com duas estampas), quando contava já seu tradutor 47 anos, muitos de intensa participação no cenário político português.

Não foi o volume de 1846 que consultamos (infelizmente, sem data impressa). Todavia, digitamos e atualizamos (ou modernizamos) o texto das vinte cartas-poemas que compõem o volume I das *Epístolas* de Horácio. As correções e os ajustes que propusemos tentaram, sobretudo, preservar o “estilo do autor”, mantendo suas escolhas vocabulares, pronominais e sintáticas, não raro em desuso. Notemos, pois, os parâmetros que guiaram tal processo:

A correção lexical efetuou-se conforme o sistema ortográfico vigente,⁴ aí incluída a última reforma ortográfica, de 2009. As palavras, cuja ortografia utilizada pelo tradutor sofreu alterações, tiveram sua forma adequada à norma atual. Nomes

próprios também foram alterados a fim de se adequarem ao *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* editado pela *Academia das Ciências de Lisboa*, quando não há prejuízo métrico (ex.: *Archilocho* > *Arquíloco*; *Hiárbitas* > *Járbitas*; *Baccho* > *Baco* etc.). Mantiveram-se todas as escolhas do autor quanto à colocação de pronomes, bem como das vírgulas, hífen e demais sinais gráficos.⁵ Maiúsculas iniciais em substantivos comuns (ex.: *Grammaticos*, *Ribeira*, *Ceo* etc.) e adjetivos, inclusive pátrios (ex.: *Latina*; *Theonino*; *Partho* etc.), foram passadas a minúsculas. Manteve-se, contudo, a maiúscula inicial de cada verso. Termos grifados em itálico e entre aspas no original consultado foram assim preservados. Todas as demais alterações, quando as fizemos, foram marcadas em notas do texto.

As epístolas vêm numeradas da primeira à décima, com ordinais, e da décima primeira à vigésima, com cardinais – escolha que conservamos. Também mantivemos o breve “resumo temático” que antecede o início de cada epístola. Entretanto, acrescentamos notas vocabulares ao final texto, destinadas a um amplo público leitor de poesia, bem como numeração aos versos, para facilitar citações e sua localização. Nas notas, contudo, evitamos esclarecimentos de nomes de locais, personagens e patronímicos, já redigidos em nossa tradução.

Muitas passagens da tradução de Antônio Luís de Seabra se destacam. Chamam atenção por serem não apenas escorreitas, mas sobretudo pela fluência dos versos, pelo balanço entre o primor estético e a proximidade do original latino:

*Qui melior seruo, qui liberior sit avarus,
in triuiis fixum cum se demittit ob assem,
non uideo; nam qui cupiet, metuet quoque, porro
qui metuens uiuet, liber mihi non erit umquam.*
(Ep. I. 16, 63-6)

Será mais livre do que o servo o avaro,
Que se abaixa a apanhar o asse que avista
No chão pregado? – Quem poderá crê-lo?
Sempre o temor anda à cobiça unido;
E homem livre, a meu ver, não é quem teme.
(Ep. I. 16, 104-8)

Notemos o torneio sintático no verso 104, mantendo o sujeito “o avaro” na posição final do verso, como no 63 latino, bem como o fluxo assonante em /a/ do verso 105, em suas frequentes elisões em português.

Em outro exemplo de concisão e cadência:

(...) *ius imperiumque Praebes*
Caesaris accepit genibus minor; aurea fruges
Italiae pleno defundit Copia cornu.
 (Ep. I. 12, 27-9)

De joelhos o bárbaro Fraates
 De César recebeu a lei e o cetro:
 Pelo sol da Itália áurea abundância
 Seu pleno vaso dadivosa entorna.
 (Ep. I. 12, 44-7)

Trechos notáveis no texto latino ganham versões expressivas nos decassílabos de Seabra, que faz belo uso das aliterações:

“*Sit mihi quod nunc est, etiam minus, et mihi uiuam*
quod superest aevi, siquid superesse uolunt di;
sit bona librorum et prouisae frugis in annum
copia, neu fluitem dubiae spe pendulus horae.”
 (Ep. I. 18, 107-10)

Conservar o que tenho, ou inda menos,
 E viver para mim da vida o resto,
 Se algum resto de vida o céu me outorga,
 Ter boa cópia de seletos livros,
 E para o ano as provisões precisas,
 Por não ter de flutuar dependurado
 Da esperança de uma hora duvidosa;
 Toda a minha ambição, meu voto é este.
 (Ep. I. 18, 163-70)

A palavra “resto” fica ainda mais expressiva no final do verso 164, e sua retomada no seguinte alude à repetição do verbo *supersum* no texto latino. Observemos que, além dos /p/ e /r/ (e seus encontros) de “PaRa o ano as PProvisões PRecisas / PoR...”, os /d/ como que se ‘penduram’ na escolha de “DepenDuraDo” – após um “FLUTuar” que recorda o *FLUiTem* latino – e também ‘pendulam’, oscilando duma ponta a outra no verso seguinte: “Da ... De ... DuviDosa”.

Quando um hexâmetro se converte em dois decassílabos, operação usual na tradução de Seabra, as transformações buscam recuperar efeitos expressivos do verso latino original:

et semel emissum uolat inreuocabile uerbum.
 (Ep. I. 18, 71)

O dito que uma vez dos lábios soltas,
 Corre, voa, jamais se recupera.
 (Ep. I. 18, 109-10)

A sibilante repetida em latim em *Semel emiSSum* ganha forma e força em “uma veZ doS lábioS SoltaS”. O verbo “voa” em português, que traduz *uolat*, vem precedido de “Corre”, que retoma o único som /k/ de todo o verso latino, som esse que se reforça em “ReCupeRa”, no verso português, evocando consoantes das palavras finais latinas: *inReuoCabile ueRbum*.

Por vezes, os efeitos de um único verbo latino se desmembram em partes complementares, quase equilibradas (*quAtiEnt* > AfligE e AbatE), neste exemplo:

*Quem res plus nimio delectauere secundae,
mutatae quatient.*
(Ep. I. 10, 30-1)

Quem na dita se engolfa em demasia,
Na desgraça inda mais se aflige e abate.
(Ep. I. 10, 46-7)

Os conselhos horacianos, que vez ou outra acabam desenvolvendo o tópos do *carpe diem* (e seus desmembramentos), ganham formulação solene e refinada:

*Tu quamcumque deus tibi fortunauerit horam
grata sume manu neu dulcia differ in annum,
ut quocumque loco fueris uixisse libenter
te dicas;*
(Ep. I. 11, 22-5)

As horas que te outorga o céu propício
Reconhecido aceita, e não defiras
Para mais tarde o permitido gosto,
Só assim, em qualquer lugar que existas,
Te poderás dizer ditoso e ledó.
(Ep. I. 11, 37-41)

Se a forma verbal “defiras” conserva a proximidade com *differ*, em latim, o advérbio *libenter* desdobra-se nos adjetivos “ditoso e ledó”, cujo verso parece marcar a altivez de sua afirmação pela repetição de suas dentais: “Te poDerás Dizer DiToso e leDo”.

Outras belas pérolas e seleções são possíveis. Poder-se-ia apontar certo “ar português” excessivamente marcado em toda a tradução (por exemplo, por duas vezes vemos aparecer o **alúde**, instrumento de origem árabe tão difundido nas terras lusitanas: traduz o *strepitum citharae* da Epístola I. 2 – verso 42 de Seabra – e acrescenta uma imagem ‘algo estranha’ à *mascula Sappho* da Epístola I 19 – verso 41 de Seabra), que não tiraria, contudo, o brilho esmerado do conjunto da obra.

Ainda que o texto de Antônio de Luís de Seabra não pareça fácil à primeira leitura (tal foi nossa impressão), ao olhá-lo com o devido cuidado é possível perceber sutilezas duma tradução atenta, correta, pontuada com lampejos de esforçado leitor e dedicado poeta. Cumpre, portanto, resgatar esse texto há décadas sem publicação recente.

Notas

¹ Consultamos a obra denominada *Portugal – Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico (abrangendo a minuciosa descrição histórica e corográfica de todas as cidades, vilas e outras povoações do continente do Reino, Ilhas e Ultramar, monumentos e edifícios mais notáveis, tanto antigos como modernos; biografias dos portugueses ilustres antigos e contemporâneos, célebres por qualquer título, notáveis pelas suas acções, pelos seus escritos, pelas suas invenções ou descobertas; bibliografia antiga e moderna; indicação de todos os factos notáveis da história portuguesa, etc., etc.)*, *Obra ilustrada com centenas de fotografuras e redigida segundo os trabalhos dos mais notáveis escritores por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, cuja primeira edição se publicou em Lisboa no ano de 1904, segundo a edição de João Romano Torres* – disponível em versão eletrônica na internet no endereço <http://www.arqnet.pt/dicionario/index.html> (acesso em: 18/05/2009), a cujo verbete *Seabra (Antônio Luís de Seabra, visconde de)* fazemos menção nessas palavras iniciais, disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/seabra1v.html> (acesso em 18/05/2009).

² O próprio autor confirma tais dados na *Advertência* que encabeça o volume consultado, e descreve tal trabalho como “primeiros ensayos da nossa mocidade”.

³ Vide a mencionada *Advertência*.

⁴ Descrito na Lei 5.765, de 1943 (e correspondentes alterações em 1971 e o mais recente acordo ortográfico, de janeiro de 2009).

⁵ Omitimos apenas as aspas redundantes nos versos que explicitam falas: por vezes, tais falas tomam diversos versos e o texto de Seabra marca o início de cada um desses versos com aspas que não se fecham, exceto no final da fala, propriamente. Optamos por omitir tais aspas redundantes, abrindo-as uma única vez, ao início da fala, e fechando-as, ao fim.

Epístola Primeira – A Mecenas

Mostra que a virtude deve ser o objeto do mais sério estudo do homem, como origem e manancial da sua ventura.

Dei-te os primeiros sons da minha Lira,
E teus serão seus últimos acentos;
Mas porque tentas, ínclito Mecenas,
Envolver-me outra vez na antiga arena,
5 Já visto assaz, aposentado, e velho?
A idade é outra, o espírito diverso.
De Alcides nos umbrais depondo as armas,
Vejânio vai nos campos esconder-se,
Por não ter de implorar, a miúdo,¹ o povo
10 Na raia verdadeira. Alguém me atoa
Contínuo o claro ouvido, – “Se és sensato,
O Corcel, que descabe, disjunge a ponto,
Não vá, dando aos ilhais, cair de fraco,
Tornando-se de mofa, e riso objeto”.
15 Valha a lição: de parte os versos fiquem,
Fiquem folguedos: a verdade, o honesto,
Eis o que só me ocupa, anelo,² e busco,
Provendo ao que de pronto me aproveite.
Qual o meu condutor, que Lar me escude,
20 Talvez perguntarás? – Eu fé não juro
Nas palavras de alguém – hóspede vago
Por onde o vário temporal me esgarra.
Ágil agora estou, e da virtude
Mantenedor, e rígido ministro,
25 Entre as ondas civis audaz me empego.³
E lido porque as cousas me obedeçam,
Não eu às cousas; ora de Aristipo
Nos documentos me deslizo a furto.
Qual ao amante iluso⁴ é longa a noite,
30 É longo o dia a quem trabalhos deve;
Qual ao pupilo tardo o ano escoo,
Se o reprime da mãe custódia dura;
Assim me corre lento, e triste o tempo,
Que a tenção,⁵ que a esperança me embaraça
35 De fazer diligente, o que aproveita,

Não menos do que ao pobre, aos abastados,
 Não menos que ao mancebo, ao velho idoso.
 Mas revela que eu mesmo não desminta
 Estes princípios meus. – Se alcanças menos
 40 Do que Linceu co' a vista, nem por isso
 Curar desprezes teus doentes olhos.
 Se do invicto Glícon haver não podes
 Os rijos membros, da nodosa gota
 Não quererás teu corpo intacto e livre?
 45 Dado nos é marchar té certo ponto,
 Bem que avante passar vedado seja.
 Sentes acaso refêrver-te o peito
 Com mísera cobiça, atra avareza?
 Vozes, e termos há, com que amacies
 50 Tamanha lida, e que avultada parte
 Desse morbo cruel minguar te possam.
 C'o amor do aplauso estólido⁶ entumeces?
 Há certa expiação, que te alivie;
 Puro livro, três vezes, lê, medita.
 55 És assomado? um invejoso? um ébrio?
 Inerte, ou amador? – Quem há tão fero
 Que não se abrande, se paciente ouvido
 Acomodar a sólidos avisos?
 Virtude é já fugir ao vício torpe;
 60 Bom saber evitar paixões insanas.
 Vê com que afã de espírito e cabeça
 Te esquivas ao que tens por males sumos,
 Desairosa repulsa, escassa renda!
 Por fugir à pobreza, audaz mercante,
 65 Através de vulcões, rochedos, mares,
 Vais demandar os índios derradeiros!
 Não te fora melhor prestar o ouvido,
 Acreditar o que melhor te ensina,
 Que esse afã, que esse anelo é estulto, e louco?
 70 Quem pelejou na aldeia, ou bairro obscuro,
 Desdenhará da grande Olímpia as c'roas,
 Se acaso lhe sorrir fagueira⁷ esp'rança
 De obter, sem grã poeira, a palma insigne?
 Tanto menos que o ouro vale a prata,

75 Tanto mais a virtude val que o ouro.
 Mas Jano d'alto abaixo ensina e prega:
 “Ouro, e mais ouro, cidadãos primeiro;
 Após ele a virtude embora venha”.⁸
 Velhos, e moços, co' a tabela, e bolsa
 80 No esquerdo braço, este pregão repetem.
 Tens gênio, tens facúndia⁹, honra, e virtude,
 Mas seis, ou sete, mil sestércios faltam
 Para os quarenta mil; serás do povo.
 Nos seus folgares os meninos dizem,
 85 “É rei quem acertar”. Brônzea muralha,
 Seguro baluarte é uma alma pura,
 Que remorsos não tem, que o crime ignora.
 Qual é melhor, por vida tua o dize,
 A Róscia lei, ou a infantil cantiga,
 90 Por Cúrios e Camilos entoada,
 Que ao mais habilidoso o império of'rece?
 Quem melhor te aconselha, o que te ordena
 Que a todo o custo enriquecer procures,
 Honrada ou torpemente, a fim que possas
 95 De Púpio ver de perto os tristes dramas,
 Ou quem te exorta, e pródigo te escuda
 Para que afrontes livre, e corajoso,
 Da sobreba fortuna os vários casos?
 Mas se me perguntar de Roma o povo,
 100 Por que razão do seu pensar me aparto,
 Não fujo o que ele odeia, ou sigo o que ama,
 Partilhando os seus pórticos com ele!
 Dir-lhe-ei o que outr'ora o leão enfermo
 À matreira raposa respondera;
 105 “Tremo de ver que todas as pegadas
 Para lá se encaminham, e não voltam.”
 Alimária¹⁰ é de inúmeras cabeças!
 Que hei de seguir? E a quem? Muitos anelam
 Rendeiros ser de públicos tributos:
 110 Outros enlçam¹¹ velhos avarentos,
 E armam às velhas, com pastéis com frutas
 Para os introduzir em seus viveiros.
 Com onzenas¹² ocultas medram muitos.

E cada qual diversa esteira segue.
 115 Embora. Mas acaso um só momento
 Em seu querer persistirão constantes?
 Se algum rico disser, onde há aí porto
 Que se avantage à deliciosa Baias?
 Presto a lagoa, o mar o gosto sente
 120 Do afanoso senhor – Se novo agouro
 Ao vicioso apetite acaso ocorre,
 A Teano amanhã, trabalhadores,
 Transportareis as vossas ferramentas.
 Se o leito nupcial lhe adorna a sala,
 125 Nada é melhor que de solteiro a vida;
 E se dele carece, afirma, e teima,
 Que é só pra os casados a ventura.
 Com que laços, e nós terei seguro
 Este Proteu de cambiante aspecto?
 130 E o pobre? Ah! ri-te – de furtadas¹³ muda,
 Muda de leito, de barbeiro, e banho:
 Do alugado batel¹⁴ também se enfada,
 Como o rico da esplêndida trirreme.¹⁵
 Se me encontras co'as repas¹⁶ mal cortadas
 135 Por desigual barbeiro, dá-te o riso:
 Se usada camisola está surdindo¹⁷
 Por debaixo da túnica felpuda;
 Se a toga mal traçada sobe, e desce,
 Também te ris: – e que farás se vires
 140 Em que refrega o espírito labuta?
 O que anelou despreza; quer de novo
 O que inda, há pouco, abandonara; estua;¹⁸
 E em toda a ordem de viver discrepa:
 Edifica, derriba, escolhe e troca
 145 Pelo quadrado o que traçou redondo:
 Cuidas que insânia comunal me agita;
 Não vês, nem crês que médico precise;
 E conquanto meu guarda, e amparo sejas,
 E não sofras no amigo, que somente
 150 De ti depende, e para ti só olha,
 Uma unha mal cortada, nem por isso
 Julgas que um curador o juiz me deva.

No entanto só o sábio é rico e livre,
Formoso, belo, de amplas honras digno,
155 O rei dos reis, imediato a Jove,
E saudável; maiormente quando
O não molesta um ímprobo¹⁹ defluxo.²⁰

¹ A *miúdo*: o original grafa “a mindo”, expressão desconhecida que corrigimos, por nos parecer erro tipográfico.

² *Anelar*: desejar ardentemente; ansiar, almejar, aspirar;

³ *Empegar*: dirigir(-se) à parte mais funda de um rio, mar, lago etc.; engolfar(-se).

⁴ *Iluso*: iludido.

⁵ *Tenção*: intenção; propósito.

⁶ *Estólido*: que constitui um disparate; absurdo, descabido, estúpido.

⁷ *Fagueira*: que afaga; meigo, carinhoso, suave.

⁸ No original, não há ponto final neste verso, que acrescentamos.

⁹ *Facúndia*: aptidão para discursar; eloquência.

¹⁰ *Alimária*: qualquer animal; besta de carga.

¹¹ *Enliçar*: passar liço (“fio de arame”) por; tecer ao tear; tramar, urdir.

¹² *Onzena*: juro de 11 %, por derivação, juro extorsivo; usura, agiotagem.

¹³ *Furtadas*: provavelmente corruptela de “água-furtada”, isto é, o sótão, espaço entre a água (vertente) do telhado e o forro, tornado habitável.

¹⁴ *Batel*: a maior das embarcações miúdas que serviam aos navios antigos, ger. naus e galeões.

¹⁵ *Trirreme*: embarcação da Antiguidade que dispunha de três ordens de remos.

¹⁶ *Repas*: fios de cabelo.

¹⁷ *Surdir*: ir para fora; surgir, aparecer, sair, emergir.

¹⁸ *Estuar*: fervilhar, ferver; agitar-se febrilmente; vibrar.

¹⁹ *Ímprobo*: que cansa, fadiga, estafa.

²⁰ *Defluxo*: inflamação da mucosa nasal; o corrimento nasal decorrente dessa inflamação.

Epístola Segunda – A Lólio

Prefere Homero a todos os filósofos moralistas – e recomenda ao seu amigo, que não difira o estudo da sabedoria.

Máximo Lóio, enquanto oras em Roma,
O facundo escritor da troiã guerra,¹
Em Preneste reli; – melhor, mais fácil
Que Crantor, ou Crisipo, ele me ensina
5 O que é útil, nocivo, torpe, e honesto.
Se de ócio, estás, em que me fundo escuta:
Esse canto em que a Grécia nos descreve
Co’ a barbárie afrontada em longo duelo,
De Páris pelo amor – estuosas vagas
10 Pinta de estultos reis, de estultos povos.
Vota Antenor que se corte a causa à guerra:
E Páris? – que esse mal pensado alvitre
Seria a perdição do reino, e dele.
Nestor se empenha em atalhar contendias
15 Entre o valente Pélicas, e Atridas:
Este de amor mas de ira ambos se abrasam,
E o delírio dos reis flagela os gregos.
Dentro dos muros de Ílion, e fora,
Dolos, motins, se tramam, ódios fervem,
20 Reina a lascívia, a iniquidade reina.
Do que a virtude, e a sapiência pode,
Em Ulisses nos dá profícuo exemplo;
N’esse varão, que Tróia debelada,
Viu de muitas nações cidades, e usos,
25 Sofreu infindos, ásperos reveses,
(Mas sempre à tona das contrárias vagas)
Enquanto com os seus a pátria busca.
Das sereias a voz, de Circe as taças,
Quem não conhece? – e que se acaso delas
30 Bebera, com os seus, ávidos, e insano,
Ficaria em poder da incasta maga;
E como cão nojento, ou porco imundo,
Que folga em lodações, covarde e torpe
Ali vira raiar seu dia extremo.
35 Nós somos essa turba procriada

Só para devorar, os vis bargantes²,
Galanes³ de Penélope, ou de Alcino
Os jovens cortesãos, afadigados
Em somente amimar a própria pele;
40 A quem apraz dormir té alto dia
E provocar o demorado sono⁴
Ao grato som de harmônico alaúde.
Alta noite o ladrão ímprobo se ergue,
A fim de apunhalar um desgraçado;
45 E tu nem para resguardar-te acordas!
Se ora, que são estás, de ti te olvidas,
Ao menos, quando hidrópico, te cura.
Se livro e luz antemanhã⁵ não pedes;
Se ao estudo, ao honesto não te aplicas,
50 Insone moer-te-ás de amor, de inveja.
Tiras do olho apressado um tênue argueiro⁶,
E por que ao mal, que o ânimo te aflige,
O curativo de ano em ano espaças?
O que a obra encetou⁷, venceu metade.
55 Afoita-te⁸ ao saber; eia começa;
Quem do reto viver prorroga o dia,
É como esse aldeão, que louco espera
Que se despeje o rio: – as ondas correm,
E para sempre correrão volúveis.
60 Com grande afã procura-se o dinheiro,
Rica esposa, que os filhos nos eduque;
Bravias selvas doma o curvo arado
Mas se o preciso tens, que mais desejas?
Palácios, quintas, montes de ouro, e prata
65 Não removem do enfermo corpo a febre,
Nem da alma atribulada os pesadumes.
Cumpre que bem disposto se ache o dono,
Se dos havidos bem gozar pretende.
Que serve o quadro a quem dos olhos sofre?
70 Mimos, afagos, ao gotoso aflito?
A harmonia das cítaras a orelhas,
De acumulada secreção doridas?
Melhor não goza o ânimo inquieto
Do seu tesouro, e esplêndida fortuna!

75 O melhor vinho estraga impuro vaso.⁹
 Deixa as delícias, que delícias danam
 Se com mágoas, e dor mercadas forem!
 Sempre indigente é o sórdido avarento;
 Releva que ao desejo um termo ponhas;
 80 Com a dita alheia mirra-se o invejoso:
 Não descobriram sículos¹⁰ tiranos,
 Tormento mais cruel, que a negra inveja.
 Terá de arrepender-se, ou tarde ou cedo,
 O que cedendo a um ímpeto de sanha,
 85 Violento apressou feroz despique¹¹.
 A cólera é de insânia um curto acesso.
 O ânimo rege; – se um momento escapa
 À dura sujeição, déspota impera:
 Sopeia-o¹² com grilhões; – impõe-lhe um freio.
 90 Pela tenra cerviz bravio¹³ potro
 Amansa o picador¹⁴; – e assim caminha,
 Por onde ao cavaleiro apraz guiá-lo.
 O cachorro de caça, que no corro¹⁵
 Andou ladrando após cervina¹⁶ pele,
 95 Pelas brenhas¹⁷ milita. – Enquanto és moço,
 Bons avisos no puro peito imprime,
 Os melhores conversa¹⁸; os sábios busca.
 Por longo tempo a talha o odor conserva
 De que uma vez, em nova, imbuída fora.
 100 Quer me precedas, quer atrás te fiques,
 Não mudarei jamais, constante, o passo.

¹ Preferimos não alterar o adjetivo *troiã* para *troiana*, mais corriqueiro, a fim de conservar a métrica original do verso.

² *Bargante*: que ou quem tem maus costumes; libertino, patife, velhaco.

³ *Galane*: galã, que é bem-educado, cortês (ou seja, os pretendentes de Penélope).

⁴ A tradução de A. L. Seabra segue, para o verso 31 latino, a lição *somnum*, no lugar de *curam*.

⁵ *Antemanhã*: de madrugada, antes do amanhecer.

⁶ *Argueiro*: partícula pequeníssima, destacada de qualquer corpo; grânulo, cisco.

⁷ *Encetar*: dar início a; principiar, começar.

⁸ *Afoitar*: tornar(-se) afoito, animado, ousado; animar(-se), encorajar(-se).

⁹ Entenda-se (desfazendo a inversão): “impuro vaso estraga o melhor vinho”.

- ¹⁰ *Sículo*: relativo a ou habitante ou natural da Sicília (ilha do Sul da Itália); siciliano, siciliense.
- ¹¹ *Despique*: ato de desagravo; desforra, vingança, desafronta.
- ¹² *Soprear*: sofrerar, deter, conter.
- ¹³ No original, “braxío”, evidente erro tipográfico que corrigimos.
- ¹⁴ *Picador*: o que ensina equitação ou treina cavalos.
- ¹⁵ *Corro*: campo próprio para corrida de touros ou para outro tipo de combate; arena, curro.
- ¹⁶ *Cervino*: relativo aos cervídeos, fam. de mamíferos artiodáctilos ruminantes, que inclui veados, cervos, alces e renas, encontrados origin. nas Américas do Norte e do Sul e tb. no Velho Mundo.
- ¹⁷ *Brenha*: mata brava, cerrada; matagal, selva.
- ¹⁸ *Conversar*: conviver; residir.

Epístola Terceira – A Júlio Floro

Pede-lhe notícias de Tibério e de seus companheiros – e o exorta ao estudo da sabedoria.

Do mundo em que país milita agora
De Augusto o enteado, o ilustre Cláudio,
Muito anelo saber, ó Floro amigo!
Demora-vos a Trácia, o Hebro frio
5 Em seus grilhões de gelo sopeado?¹
O mar que estreitam as fronteiras Torres,
Ou da Ásia os férteis campos e colinas?
Que obras ordena a estudiosa coorte?
Quem assume escrever de Augusto os feitos?
10 Quem as renhidas guerras, e alianças
Divulgará aos pósteros tardios?
De Tício que será, Tício que em breve
Entre nós voará de boca em boca;
Que sem mudar de cor, sem frio susto,
15 Arroios² desdenhando, e fáceis fontes,
Na Pindárica enchente afoito bebe?
Tem saúde? de nós se lembra acaso?
Estuda às cordas ajustar latinas,
Das musas a prazer, tebanos modos
20 No trágico mister braveja, e trôa?
E de Celso que é feito – É meu conselho,
E deveis persuadi-lo, a que se empregue
Em cultivar suas riquezas próprias;
E que de parte enfim deixe os escritos,
25 Que em si recolhe o palatino Apolo:
Não lhe suceda como à gralha outrora,
Que pela grei das aves esbulhada
Da vistosa plumagem, que usurpara,
Objeto se tornou de mofa e riso.
30 Tu mesmo, Floro meu, a que te afoutas?
Em torno de que flores leve adejas?³
Não és nem de escasso espírito dotado,
Nem esse, como hirsuta brenha, inculto!
Quer nas demandas tua língua afies,
35 Quer aconselhes cívicos direitos,

Ou já componhas deleitosos versos,
 Ninguém primeiro de hera vencedora
 Se adornará co' a imarcessível⁴ c'roa.
 Mas se extirpar, ó Floro,⁵ enfim pudesses
 40 Todo o fomento⁶ de ímprobos cuidados,
 Ninguém melhor que tu a luz seguira
 Da verdadeira, e sólida ciência!
 Eis o estudo, esta a obra em que devemos
 De pronto cogitar, grandes, pequenos
 45 Se quisermos viver à pátria caros,
 E no gozo de nossa própria estima
 Responde-me também, se por Munácio
 A devida afeição te anima acaso?
 Ou se como a ferida, em vão soldada,
 50 Quebrou de novo o conciliado afeto?
 Se o sangue ardente, e verde inexp'riência,
 Indômitos vos traz de colo altivo?
 Onde quer que vivais, (dignos por certo
 De conservar a fraternal concórdia),
 55 Sabei, que à vossa vinda consagrada,
 Cá vou criando nítida novilha.

¹ *Sopeado*: embaçado os movimentos; sofreado, detido, contido.

² *Arroio*: pequena corrente de água, seja ou não permanente; regato.

³ *Adejar*: dar pequenos e repetidos vôos; esvoaçar, pairar.

⁴ *Imarcessível*: que não perde o viço, o frescor; inalterável.

⁵ O original grafa "Flora", provável erro tipográfico aqui corrigido.

⁶ O original grafa "Femento" (forma que não encontramos), provável erro tipográfico aqui corrigido. A palavra traduz, no texto latino, *fomenta* (de *fomentum*: espécie de compressa, quente ou fria, usada para aliviar dores várias).

Epístola Quarta – A Álbio Tibulo

Exalta o poeta e suas belas prendas, e o persuade a que não cogite do futuro.

Dos versos meus avaliador sincero,
Álbio, que fazes na região pedana?
Acaso estás¹ delineando escritos,
Que de Cássio os opúsculos suplantem?
5 Vagas por entre as saudáveis selvas,
Dignos do sábio, esquadrinhando arcanos?
Um corpo sem espírito não eras;
Deram-te os deuses gentileza, e meios,
E a arte de os gozar também te deram,
10 Vasto saber, loquela² amena e fácil,
Geral aceitação, bom nome e fama,
Firme saúde, mesa delicada,
Das musas o favor; – que ama extremosa
Mores³ bens desejara ao seu pupilo?
15 Eia pois – ou te avexem mágoas, iras,
Esperança ou temor, última julga
A luz que te raiar; mais doce e grata
A hora inesperada se nos torna.
Rir-te-ás do porco da epicúrea vara!⁴
20 Mas ver-me-ás bem tratado, nédio,⁵ e gordo.

¹ O original traz “está”, evidente lapso tipográfico.

² *Loquela*: faculdade da elocução; eloquência.

³ *Mores*: contração arcaica para “maiores” – mantivemos o arcaísmo para preservar o decassílabo.

⁴ *Vara*: manada de porcos, porcada.

⁵ *Nédio*: de aspecto lustroso, devido à gordura; brilhante, luzidio.

Epístola Quinta – A Torquato

Convida-o para lhe fazer companhia no seu jantar.

Se em arquíacos leito, meu conviva,
Quiseres recostar-te, e não receias
Jantar comigo, em módica baixela,
De legumes quaisquer; em minha casa,
5 Ao por do sol te esperarei, Torquato.
Terás para beber vinho colhido
Entre Petrino e os brejos de Minturno,
E desde o cônsul Tauro engarrafado.
Se tens coisa melhor rogar-me deves,
10 Se não, benigno meu convite aceita.
Deixa de parte as leves esperanças,
De Mosco o pleito, e as brigas da riqueza:
O dia d'amanhã, natal de César,
Festivo outorga plácido repouso;
15 E impunemente prolongar podemos
Em prática suave a estiva¹ noite.
Que servem bens que desfrutar não posso?
Raia em delírio por amor de herdeiros
Nímio² parco viver, nímio severo.
20 Copos se esgotem pois, flores espalhem,
Embora sofra de imprudente a nota.
E que não pode a afouta ebriedade?
O segredo recôndito dessela:³
Em realidades esperanças torna;
25 Aos combates o tímido arremessa;
De pesadumes livra ânimo aflito;
Artes ensina; e que emperrada língua
Facunda⁴ não volveu propício copo?
Quem não remiu de angustiada mímica?
30 Vigiarei desvelado, e complacente
Que não te enoje a sórdida toalha,
Ou colcha indigna; – que mirar-te possas
Nos frascos, e baixela; – que não haja
Quem nossas confidências assoalhe⁵;
35 Que amigo, e amigo, iguais, e iguais se ajuntem.
Cetício rogarei, Butra, e Sabino,

Se o não prender a amante, ou melhor ceia:
– Para sombras também nos fica espaço,
Mas sabes que não é mui grato o cheiro
40 De apertado festim. – Escreve, e dize
Quantos virão contigo; e sorrateiro
Pela travessa porta escapa, e ilude
Os clientes, que o pórtico te guardam.

¹ *Estiva*: m.q. estival, relativo a ou próprio do estio ('verão').

² *Nímio*: que superabunda, demasiado, sobejo.

³ *Desselar*: (no original, “dissela”) retirar o selo, abrir, revelar.

⁴ *Facunda*: que revela facúndia; loquaz, eloqüente.

⁵ *Assoalhar*: tornar público; propalar, divulgar.

Epístola Sexta – A Numício

Somente a verdade é digna do respeito e admiração do filósofo.

Quase nada admirar, Numício caro,
Eis o só meio de viver ditoso.¹
Homens há aí, que, sem nenhum espanto,
Veem o sol, as estrelas, veem as quadras,
5 Que deslizando vão de ponto em ponto.
Mas que pensas das dádivas da terra,
E desse mar que os índios² derradeiros,
E os apartados árabes adita?³
Que pensarás dos variados jogos,
10 Prêmios, e aplausos do Quirite amigo?
Com que semblante, e acordo ver-se devem?
Quem um azar em cousas tais receia,
É como o que solícito cobiça,
Ambos aterra o súbito acidente.
15 Anelem,⁴ temam, folguem, ou padeçam,
Sem discrepância, a quanto lhes sucede,
Ou pior ou melhor, do que esperavam,
Arregalando se espavoridos olhos,
Paralíticos d'alma e do corpo ficam.
20 O mesmo sábio e justo, se a virtude
Com excessiva inquietação demanda,
De louco sofrerá, de injusto o nome.
Venera agora os mármorez antigos,
A prata, os bronzes, o artifício raro,
25 Admira as gemas, as punícias⁵ cores;
Folga, quando oras, que olhos mil te fixem,
Na tribuna solícito madruga,
Tardio à casa volta, porque um Muto
Maior cópia⁶ de trigos não recolha,
30 De seus fundos dotais;⁷ e, (ó! cousa indigna!)
De pais somenos⁸ nado,⁹ se te antolhe,¹⁰
Mais que tu próprio a ele, avantajado!
Tudo o que a terra no seu grêmio¹¹ oculta
Irá tirando a lume o andar do tempo,
35 E o andar do tempo enterrará de novo
Tudo o que agora apreciado fulge.¹²

Quando o alpendre de Agripa, e de Ápio a via,
 Melhor te conhecer, irás, sem falta,
 A mansão partilhar de Numa e de Anco.
 40 Se as ilhargas,¹³ se os rins a dor te apalpa,¹⁴
 Não buscas removê-la? Venturoso,
 Não quererás viver? Quem há que o negue?
 Pois que esse bem só na virtude existe
 Às delícias te esquiva; e afoito a segue.
 45 Não creias que de vãos termos disputo;
 Que não passa de um bosque a sacra selva.
 Mas se assim é, com ânsia o porto ocupa,
 Vê não te escape o tráfico rendoso,
 Que a Bitínia, ou que Cíbira te oferece;
 50 Talentos mil apura, inda outro tanto,
 Mais uma dose e outra a soma quadrem.
 Bem dotada mulher, crédito, amigos
 Nobreza, formosura, e gentileza,
 Tudo, árbitro do mundo, o ouro outorga,
 55 A mesma deusa da eloquência, e Vênus
 Seus favores ao rico não recusam.
 Pouco monta ser rei da Capadócia,
 Senhor de escravos mil, se o ouro falta.
 Para o teatro um dia (assim se conta)
 60 A Lúculo cem clâmides pediram:
 – Tê-las-ei? – Respondeu – verei contudo;
 E enfim lá mandarei quantas se encontrem –
 Pouco depois escreve, e participa¹⁵
 Que achara cinco mil – que parte, ou todas
 65 Poderão vir buscar. – É pobre a casa
 Onde muito não há, que o dono ignora,
 Muito que se extravie, e roube às ocultas.
 Pois que só na riqueza encontrar podes
 Imperturbável, sólida ventura;
 70 Seja esta a lida que primeiro encetes,¹⁶
 Esta a última seja, que abandones.
 Porém se a graça popular te enleva,
 Te aprazem distinções – escravo compra
 Que os nomes te repita, a ilharga toque,
 75 Te obrigue a dar a cada instante a destra; –

– Este influi muito na valéria tribo,
 Aquele outro na fábia. – Este a seu grado
 Dispõe das varas, e do ebúrneo¹⁷ assento. –
 Pai ou irmão lhe chama, e gracioso
 80 Adotando-os irás conforme a idade.
 Se o ser feliz em comer bem consiste:
 Eis a luz: nosso guia a gula seja:
 Pesquemos, e cacemos, mas ao modo
 Desse Gargílio, que ao romper da aurora,
 85 C’os servos, com venábulos, e redes,
 O Foro atravessava, e ao márcio campo,
 Para depois trazer, por ante o povo,
 Como em triunfo, um javali comprado.
 Sem curar do que bem, ou mal nos fique,
 90 Sobre a comida, impando¹⁸, ao banho vamos:
 Dignos de entrar dos Cérites na lista,
 Do Itacense os remeiros imitemos,
 Que a pátria por deleite vil trocaram.
 Se julgas, com Mimnermo, que no mundo
 95 Nada é suave sem amor sem jogos;
 Nos jogos, e no amor teus dias passa.
 Adeus, e sê feliz. – Se outra doutrina
 Melhor conheces, franco m’a revela;
 Mas se a não sabes, desta te utiliza.

¹ *Ditoso*: que tem boa dita; venturoso, feliz, afortunado.

² *Índio*: m.q. indiano, relativo à Índia, Ásia, ou o que é seu natural ou habitante; hindu.

³ *Aditar*: fazer acréscimo(s), aditamento(s); adicionar; pôr-se junto, ajuntar-se, ligar-se.

⁴ *Anelar*: desejar ardentemente; ansiar, almejar, aspirar.

⁵ *Punícias*: m.q. púnicas, cartaginesas.

⁶ *Cópia*: abundância, quantidade.

⁷ *Dotais*: relativo ou pertencente ao dote; dotalício.

⁸ *Somenos*: de menor valor ou menos importante que outro; irrelevante, inferior.

⁹ *Nado*: nascido, nato.

¹⁰ *Antolhar*: m.q. antojar, provocar tédio; repugnar; aborrecer, enfastiar.

¹¹ *Grêmio*: seio, regaço, colo.

¹² *Fulgir*: brilhar ou fazer brilhar; resplandecer.

¹³ *Ilharga*: cada um dos lados do corpo, dos quadris aos ombros; flanco.

¹⁴ A pontuação original traz “.” (ponto) para este verso, erro tipográfico corrigido para “,” (vírgula).

¹⁵ *Participar*: fazer saber; comunicar; informar.

¹⁶ *Encetar*: dar início a; principiar, começar.

¹⁷ *Ebúrneo*: relativo a ou feito de marfim; elefantino, ebóreo.

¹⁸ *Impar*: entupir-se de comida e/ou bebida.

Epístola Sétima – A Mecenas

Desculpa-se Horácio de haver-se demorado no campo mais tempo que o prometido – reconhece os benefícios recebidos e conclui antepondo a liberdade a todos os bens.

Prometi-te que só por dias cinco
Estaria, Mecenas meu, no campo:
Todo o agosto é passado, e inda me esperas.
Mas se robusto, e são queres que eu viva,
5 Enquanto as calmas, e os primeiros figos
De atros litores¹ o armado² rodeiam,
Enquanto pelo filho a mãe desmaia,
Enquanto ofíciosa diligência,
O forense trabalho a febre acende
10 E rompe o selo de últimas vontades;
Outorga, eu t'ó suplico, a meus receios,
A minhas sanitárias providências
A mesma escusa que ao enfermo deras.
Mal que a neve branqueia o campo albano,
15 Teu vate à beira-mar se irá chegando:
Em cômodo retrete³ agasalhado,
Passará na leitura a quadra esquiva:
E ver-te-á (se o permites), doce amigo,
Co' a andorinha e co' zéfiro primeiro.
20 Se rico me fizeste, nem por isso
Do hóspede calabrês o estilo adotas,
Quando co' as peras insta e roga –
– Comei, comei. – Assaz comido tenho.
– Metei-as na algibeira. – Agradecido.
25 – Aos meninos, se quer, levai algumas,
Dadivazinhas são com que se alegram.
– Não mais me obrigariéis, se aceitasse.
– Como quiserdes; dar-se-ão logo aos porcos.
O pródigo, o insensato só reparte
30 O que já não precisa, ou lhe aborrece.
Desta fértil semente ingratos nascem,
E nascerão cada ano. O bom, e o sábio,
Folga d'obsequiar, servir os dignos;
Mas discerne o que vai de ouro a tremoços.

35 Releva pois, que me não mostre indigno,
 Por honra do meu ínclito⁴ patrono.
 Mas se não queres que de ti me arrede,
 Torna-me o forte peito, a negra coma⁵,
 Que me assombrava a pequenina testa,
 40 Volve-me a doce fala, o rir com graça,
 Aquele suspirar por entre os copos
 Co' a esquivança da Cínera proterva⁶.
 Um ratinho de campo, em certo dia,
 Se introduzia por uma estreita fenda,
 45 N'uma ceira de trigo: – saciado
 Por sair, cheio o ventre, em vão lidava.
 Doninha, que de longe o vê, lhe brada:
 – Esse estreito, que magro atravessaste,
 Magro o demanda, se evadir-te queres. –
 50 Se este exemplo me quadra⁷, de bom grado
 Tudo resignarei: – nem, por saciar-me
 De manjares opíparos⁸, quisera
 Ter que invejar do povo o grato sono,
 Nem trocarei minha isenção, meu ócio,
 55 Pelo mais rico arábico tesouro.
 Vezes mil de modesto me hás louvado;
 Se na face meu pai, meu rei te chamo,
 Não sou mais parco em meu dizer na ausência.
 Julga pois se com ânimo sereno
 60 Restituir poderei teus donativos.
 Prole do sofredor, do astuto Ulisses,
 Não sem razão Telêmaco dizia:⁹
 “Não é para corcéis de Ítaca o solo,
 Nem é pródigo de ervas, nem se estende
 65 Por longas esplanadas: nobre Átridas
 Dons, que mais te convêm, conserva embora”
 Aos pequenos pequenas cousas quadram.
 A tranquila Tarento, a erma Tíbur
 Mais me contentam, que a soberba Roma.
 70 Dos afazeres seus, as duas quase,
 Recolhia Felipe, homem robusto,
 Magnânimo, e letrado esclarecido;
 E se ia lastimando de que o Foro,

Em razão de seus anos avançados
 75 Já longe das Carinas lhe ficava.
 No entanto (dizem) vira um tosquiado,
 Que de um barbeiro na deserta loja
 Tranquilamente as unhas aparava,
 – Demétrio vai, (este era o ágil moço
 80 Que de Filipe executava as ordens)
 Pergunta, indaga, e sabe-me quem seja,
 Seu pai e casa, seu patrono, e rendas. –
 Foi, volta, e narra – que é Volteio Mena,
 Pregoeiro,¹⁰ de módica fortuna,
 85 Homem sem nota desairosa, ou torpe;
 Que o repouso e as fadigas alternando,
 A agência e o gozo, findos os negócios,
 Ou c’os sócios, não muitos, se entretinha
 Na própria casa, ou já no márcio campo
 90 Ao público espetáculo assistia.
 – Tudo isso dele mesmo ouvir desejo:
 Vai dizer-lhe que venha ceiar comigo –
 Não podia Volteio acreditá-lo;
 Maravilhado, e estupefacto fica.
 95 Por encurtar – Beijo-lhe as mãos – responde,
 – A mim se nega? – Nega! e ou te despreza,
 Ou de ti se arreceia. – No outro dia,
 Dá com ele Filipe, chatinando¹¹
 Em fato,¹² e ferros velhos. – Pronto o aborda
 100 E afável o saúda. – Mena alega
 Co’ as prisões do seu trato, e dura vida;
 Pede-lhe escusa de o não ver primeiro,
 E ter faltado ao matinal cortejo.
 – Perdoar-te-ei se vens jantar comigo.
 105 – Ao teu dispor – Depois das três te espero.
 – Adeus; e estimarei que o lucro avulte.
 Já posto à mesa, sem reserva disse
 Quanto à boca lhe veio: – enfim, chegando
 A hora do repouso, em paz o enviam.
 110 Como ao cevado anzol corresse o peixe,
 Matutino cliente, hóspede certo;
 Filipe o roga a que com ele ao campo

Vá distrair-se nas latinas férias.
 N'um garrano montado, não se cansa
 115 De exaltar o sabino solo, e clima.
 Observando-o Filipe dá-lhe o riso:
 E como desejasse espairecer-se
 Aproveitando a mínima ocorrência,
 Presenteia-o com sete mil sestércios
 120 E outro tanto de empréstimo lhe of'rece,
 Com que possa mercar pequena herdade¹³.
 Comprou-se enfim. – E para não deter-te
 Com prolixos rodeios, dentro em pouco
 Tornou-se Mena um rústico perfeito:
 125 Só de lavouras, só de vinhas fala;
 Decota olmeiros¹⁴, envelhece, mirra
 Na ânsia, na lida de aumentar seus prédios.
 Mas a fortuna se lhe mostra avessa:
 Furtam-lhe a ovelha; a cabra lhe engafece;¹⁵
 130 Da seara malogra-se a esperança;
 E, arando, lhe cai morto o boi no sulco.
 De tais perdas magoado, à meia-noite,
 Monta a cavalo, e irado se encaminha
 Ao solar de Filipe. – Ao vê-lo o amigo
 135 Tão abatido, guedelhudo,¹⁶ e imundo,
 Parece-me, lhe diz, que em demasia
 Te maltratas, Volteio, e te afadigas! –
 – Por Pólux, antes infeliz me chama,
 Se queres dar-me o verdadeiro nome:
 140 Por ti, por teu bom gênio, e deuses Lares
 Restitui-me, eu t'ó rogo, o antigo estado. –
 Quem conhecer que o bem que abandonara
 Mais val que o preferido; sem detença
 Torne atrás, e o deixado recupere:
 145 Tanto é verdade que o ditado ensina,
 Que ninguém calce, e vista ao molde alheio!

¹ *Atros liores*: guardas vestidos de preto.

- ² *Armado*: traduz *dissignatorem*, em latim, oficial responsável pela cerimônia nos funerais.
- ³ *Retrete*: aposento mais recôndito de uma habitação, destinado ao descanso, ao retiro.
- ⁴ *Íclito*: notável por seus méritos e qualidades excepcionais; egrégio, celebrado, famoso, ilustre.
- ⁵ *Coma*: cabeleira, os cabelos.
- ⁶ *Proterva*: impudente, insolente, descarada.
- ⁷ *Quadrar*: ajustar-se, amoldar-se, aplicar-se.
- ⁸ *Opíparo*: que tem magnificência, esplendor, opulência; suntuoso, magnificente, esplêndido.
- ⁹ A pontuação original traz “;” (ponto-e-vírgula), que alteramos para “:” (dois pontos).
- ¹⁰ *Pregoeiro*: aquele que apregoa as mercadorias num leilão; leiloeiro.
- ¹¹ *Chatinar*: fazer comércio (com); negociar. O original traz chatinhando, erro tipográfico (ou forma arcaica?) corrigido.
- ¹² *Fato*: roupa ou conjunto de roupas; indumentária.
- ¹³ *Herdade*: grande propriedade rural, fazenda, quinta.
- ¹⁴ *Olmeiro*: m.q. olmo, design. comum às árvores caducifólias da fam. das ulmáceas, de folhas assimétricas na base, bisserreadas, com nervuras bem marcadas, pequenas flores em racemos.
- ¹⁵ *Engafecer*: provocar gafeira ('lepra') em (outrem ou em si mesmo); tornar(-se) gafo ('leproso').
- ¹⁶ *Guedelhudo*: que tem guedelhas; cabeludo, gadelhado, gadelhudo.

Epístola Oitava – A Celso Albinovano

Mostra-se o poeta doente de espírito e de corpo, e lhe aconselha que goze com temperança da sua boa fortuna.

De Nero ao companheiro, e secretário,
A Albinovano retribui, ó Musa,
O desejados gostos, e venturas:
Se perguntar em que me ocupo, dize,
5 Que ideando mil cousas grandiosas,
Nem sabiamente, nem gostoso vivo.
Não que a saraiva¹ dos pâmpanos² quebrasse,
Mordesse o estío da oliveira o fruto,
Ou no campo longínquo o armento³ enferme;
10 Mas sim porque de espírito doente,
Mais que de corpo, nada ouvir me agrada,
Nada quero aprender, que o mal remova.
Dos médicos solícitos me ofendo;
Inquietam-me os amigos, que se empenham
15 Em tirar-me da infausta sonolência.
Abraço-me c’o mal, ao bem me esquivo.
Vario, mais vario do que o próprio vento,
Em Tívoli de Roma o fausto anelo,
E em Roma só por Tívoli suspiro.
20 Depois pela saúde lhe pergunta:
Como a si mesmo, e os seus negócios rege:
Se apraz ao jovem, se a coorte o estima.
Se aos votos meus te responder conforme,
Por mim o felicita; – e enfim no ouvido
25 Mansinho este preceito lhe insinua:⁴
– Como te houveres na ventura, ó Celso,
Assim nos portaremos nós contigo –

¹ *Saraiva*: chuva de pedra; granizo.

² *Pâmpano*: ramo novo de videira que só dá folhas. Entenda-se: “não que a saraiva (o granizo) quebrasse (da videira) os galhos novos”.

³ *Armento*: rebanho, esp. de gado vacum ou cavalari; armentio.

⁴ A pontuação original traz “;” (ponto-e-vírgula), que alteramos para “:” (dois pontos).

Epístola Nona – A Tibério

Recomenda-lhe Setímio.

Setímio unicamente, ó Cláudio, sabe
O apreço em que me tens – pois que me pede,
Ou antes com mil súplicas me força,
T’o recomende com o mais vivo empenho,
5 Como digno de entrar de teus na lista,
Como digno do espírito de Nero,
Tão perspicaz em discernir o honesto!
Crendo-me assim teu íntimo, de certo
O que eu posso melhor que eu mesmo entende.
10 Mil desculpas lhe dei – mas tudo embalde:
Finalmente receei que imaginasse
Que apoucava¹ o meu próprio valimento
Por convertê-lo todo em meu proveito:
Assim, por evitar tão feia nota,
15 De urbana confiança o prêmio imploro.
Se em prol do amigo o atrevimento escusas,
Como probó, e esforçado à grei² o ajunta.

¹ *Apoucar*: reduzir(-se) quantitativamente; tornar sem importância; depreciar, menosprezar.

² *Grei*: grupo; conjunto; grêmio.

Epístola Décima – A Arístio Fusco

Elogia a vida do campo, como mais conforme à natureza e mais favorável à liberdade.

Da cidade amator, a Arístio Fusco,
Eu do campo amator saúde envio:
Quase gemelgos¹ no ânimo fraterno,
Somente nisto divergente somos.
5 O que um refusa,² o outro pronto o nega;
Concordes anuimos; velhos pombos
Bem conhecidos, tu guardas teu ninho,
E eu dos amenos campos louvo o arroio,³
O bosque, e as fragas,⁴ que reveste o musgo.
10 Nem te espantes; que eu só domino, e vivo,
Depois que abandonei o que aprecias,
O que aos astros, com tanto aplauso exaltas.
Como o servo, que foge ao sacerdote,
A fogaça rejeito; e o pão singelo,
15 Mais que amelados⁵ bolos me contenta.
Se à natureza acingido⁶ viver cumpre;
Se é necessário investigar primeiro
Assento em que a morada se levante;
Sabes sítio melhor que um lindo campo?
20 Onde é mais doce, e temperado o inverno?
Onde mais grata viração⁷ modera
Do Sírio, e do Leão a raiva ardente,
Quando os dardeja o sol na própria estância?
Onde é que menos ívidos cuidados
25 Nos vem quebrar o plácido repouso?
Recende menos, menos brilha o prado
Que as variegadas líbicas pedrinhas?
Essa água, que enrolado chumbo aperta
Nos bairros da cidade, mais mimosa⁸
30 Será que a que trepida murmurando
No debruçado, e cristalino arroio?
Lá mesmo vejo erguerem-se arvoredos
Entre as colunas, e aplaudir-se a casa
Que dilatados campos descortina!
35 A natureza c'um forçado expulsas,

Mas verás que teimosa em breve torna,
E manso e manso te corrige, e muda
O depravado gosto, o injusto enojo.
O que inexperto não souber que os velos,
40 Que embeberam de Aquino a rubra tinta,
Rivalizam co' a púrpura sidônea,
Certo não sofrerá tamanho dano,
Nem que mais pelo âmago o trespasse,
Como esse cuja enuviada⁹ mente
45 Não discrimina o verdadeiro, e o falso.
Quem na dita se engolfa em demasia,
Na desgraça inda mais se aflige e abate.
Custa a largar o que de mais se estima.
Não te engode a opulência; em teto humilde
50 Podes na dita aos reis avantajar-te,
E atrás deixar os seus apaniguados.¹⁰
Mais destro e forte na peleja, o cervo
O cavalo expulsou do comum pasto:
Este mais fraco na renhida luta,
55 Pede ao homem socorro, e o freio aceita:
Gozou plena vingança: mas de balde
Tentou depois subtrair-se à rédea,
E depor de costado o cavaleiro.
Não de outra sorte, quem, temendo a míngua,¹¹
60 Da liberdade, que mais val¹² que ouro,
Néscio se priva, cavalgar se deixa
Por ímprobo senhor, e eterno escravo
Terá de ser, porque jamais do pouco
Saberá contentar-se a mente eivada.¹³
65 Se nosso haver co' as precisões não quadra,
Assemelha o chapim; se é estreito trilha,
E se é largo demais ao chão te arroja.
Se te comprazes com teu próprio estado,
Viverás sabiamente, Arístio caro:
70 Nem me deixes impune, se me vires
Incessante, granjear¹⁴ mais que o preciso.
O ouro ou déspota impera, ou serve escravo;
Mas ao seu natural melhor se ajusta,
Que suporte os bridões,¹⁵ e não que os reja.

75 Sem mais desgosto, que o de ver-te ausente,
Eis o que para ti ditava um dia,
De trás do velho Templo de Vacuna.

¹ *Gemelos*: vocábulo cunhado a partir do próprio latim (de *gemellus*, “gêmeo”), de uso poético.

² *Refusar*: m.q. recusar (cf. francês *refuser*)

³ *Arrio*: pequena corrente de água, seja ou não permanente; regato.

⁴ *Fraga*: rocha escarpada; penhasco, pedregulho, penedia.

⁵ *Amelado*: que tem mel.

⁶ *Acingir*: m.q. cingir, limitar(-se), restringir(-se).

⁷ *Viração*: vento fresco e suave que costuma soprar à tarde do mar para a terra; brisa marinha.

⁸ *Mimosa*: suave, delicada, agradável.

⁹ *Enuviar*: m.q. anuviar, cobrir(-se) de nuvens; tornar(-se) sombrio, triste; perturbar(-se).

¹⁰ *Apaniguado*: seguidor de idéia, pessoa, partido etc.; aderente, partidário.

¹¹ *Míngua*: pobreza extrema; indigência, penúria.

¹² *Val*: m.q. vale.

¹³ *Eivada*: infectada, contaminada.

¹⁴ *Granjear*: obter por meio de diligências, de trabalho.

¹⁵ *Bridão*: espécie de freio que consta apenas do bocado, articulado no meio.

Epístola Onze – A Bulácio

*Ensina que a felicidade do homem depende mais do estado de seu ânimo,
do que do lugar em que vive.*

Como te pareceu, Bulácio amigo,
Lesbos famosa, Quio, a ilustre Samos?
Como Sardes de Creso régia corte?
Que me dizes de Cólofon, de Smirna?
5 Ao seu renome acaso correspondem?
Não serão todas sórdidas, mesquinhas.
A par do pátrio Tibre, e márcio campo?
Tua afeição tem penhorado alguma
Dentre as nobres atálicas¹ cidades?
10 Louvas Lêbedo, acaso aborrecido
Dos trabalhosos trânsitos, e mares?
Mas sabes o que é Lêbedo? – Uma aldeia,
Mais deserta que Gábios, ou Fidenas!
E contudo gostoso ali vivera
15 Sem me lembrar dos meus² nem ser lembrado
Grato me fora presenciar de longe,
Em terra firme, o pélogo³ revoltó!
Mas quem, de Cápua regressando a Roma,
Assaltado se viu de chuva, e lama,
20 Acaso passaria alegre a vida,
Na triste venda em que abrigar-se fora?
Quem de frio encolhido o banho busca,
Busca o brasido,⁴ entenderá por isso
Que o prazer da existência é todo aquele?
25 Se no alto mar um vendaval te acossa⁵,
Vendes logo o baixel,⁶ se o porto aferras⁷?
Mal sofres o gabão⁸ no ardor do estio⁹,
As leves bragas¹⁰ com nordeste agudo,
No Tibre entrar no coração do inverno,
30 Ou estar ao fogão no mês de agosto,
Não de outra sorte, Mitilene, e Rodes,
Bem que formosas, te serão se acaso
As vires são de espírito e de corpo.
Enquanto é tempo, e prazenteiro¹¹ rosto
35 A fortuna te mostra, volta amigo,

E em Roma louvarás a terra estranha.
 As horas que te outorga o céu propício
 Reconhecido aceita, e não defiras
 Para mais tarde o permitido gosto,
 40 Só assim, em qualquer lugar que existas,
 Te poderás dizer ditoso, e ledó.¹²
 Ânrias, cuidados extirpar do peito
 Só é dado à razão, e nunca ao sítio,
 Bem que domine a imensidão dos mares,
 45 Por mais longínquas regiões que busques,
 Mudadas de clima, d'ânimo não mudas.
 Agita-nos fadiga estulta, inerte;
 Com navios, com rápidas quadrigas¹³
 A dita buscas; – e esse bem precioso
 50 Aqui o tens, em Úlubre, aqui mesmo
 Se não careces de ânimo tranquilo.

¹ *Atálica*: (não dicionarizado no Houaiss) excelsa, sublime, notável; dos herdeiros da dinastia de Pérgamo, Átalos (I, II e III).

² O original traz “mens”, evidente erro tipográfico corrigido.

³ *Pélagos*: região marítima afastada do litoral; alto-mar.

⁴ *Brasido*: braseiro; calor de brasas ou de fogo.

⁵ *Acossar*: dar caça a, perseguir (um navio).

⁶ *Baixel*: barco de grande porte.

⁷ *Aferrar*: m.q. abordar (atracar), fundear (lançar ferro).

⁸ *Gabão*: o que gaba, elogia muito.

⁹ *Estio*: o verão.

¹⁰ *Bragas*: espécie de calças ou calções, largos ou justos, apertados por baixo ou não, de uso entre alguns povos da Antiguidade. Entenda-se: tais cidades são como calças que pouco protegem (“bragas leves”) quando venta forte (“no nordeste agudo”).

¹¹ *Prazeiteiro*: simpático, alegre, animado, feliz.

¹² *Ledó*: que revela ou sente alegria, júbilo, felicidade; contente, risonho, prazenteiro.

¹³ *Quadriga*: carro de duas rodas puxado por quatro cavalos emparelhados.

Epístola Doze – A Ício

Somente é rico quem sabe usar do que possui: recomenda-lhe o seu amigo Grosfo, e dá algumas notícias de Roma.

Se bem sabes lograr-te, Ício, dos frutos
Que rende a Agripa o sículo¹ terreno,
E tu recolhes, que maior riqueza
Doar-te poderia o Pai dos Numes?²
5 Não te lastimes: pois que não é pobre
Quem gozar pode o necessário à vida.
Não te vai mal ao peito, aos pés, e ao ventre;
Que mais te dera atálico³ tesouro?
Se agora, abstêmio,⁴ escassamente vives
10 De ervas e urtigas, quando a sorte amiga
Deslizara por ti torrentes de ouro,
Não passarás melhor; ou porque tudo
Abaixo pões da sólida virtude,
Ou porque⁵ o ouro a condição não muda!
15 Assombra-nos que os hortos, e campinas
Demócrito abandone ao gado errante,
Enquanto seu espírito ligeiro,
Do corpo longe, peregrino vaga:
Que menos fazes tu? De um lado e do outro
20 Te cerca a lepra, a contágio⁶ do lucro,
Mas de mão dando a fúteis ninharias,
Em altos pensamentos só te engolfas;⁷
Indagas que poder o oceano enfreia,
Qual o motor que as estações alterna?
25 Se os astros cintilantes erram, vagam,
De próprio arbítrio, ou por estranho impulso?
Por que lúcido agora, agora opaco
Seu rosto orbicular⁸ descobre a lua?
Como é que os elementos, sempre em guerra,
30 Ao mesmo fim concordes se encaminham?
Se Stertínio, ou se Empédocles delira?
Mas inda quando, amigo, te persuadas
Que comendo cebolas, alhos, peixes,
Assassinas os teus, recebe a Grosfo
35 Na tua intimidade: não lhe negues

O que ele te pedir: nem tu receies
Que dos favores teus jamais abuse.
Quando aos honrados o preciso falta,
A bom mercado amigos se granjeiam.⁹
40 Enfim para que saibas em que estado
Se acham as cousas do Romano Império; –
Sucumbiram os cântabros, e armênios
Pelo esforço e valor de Agripa, e Nero.
De joelhos o bárbaro Fraates
45 De César recebeu a lei, e o cetro:
Pelo solo da Itália áurea abundância
Seu pleno vaso dadivosa entorna.

¹ *Sículo*: relativo a ou habitante ou natural da Sicília (ilha do Sul da Itália); siciliano, siciliense.

² *Pai dos Numes*: Júpiter.

³ *Atálico*: suntoso, esplendoroso.

⁴ *Abstêmio*: que ou o que não ingere ou ingere muito pouco bebidas alcoólicas; moderado, sóbrio.

⁵ O original grafa esse “porque” de modo separado (“por que”), que corrigimos.

⁶ *Contagião*: m.q. contágio.

⁷ *Engolfar-se*: ficar imerso; absorver-se, embeber-se.

⁸ *Orbicular*: que tem a forma de orbe; esférico, globular.

⁹ *Granjear*: conquistar, atrair pelo seu modo de ser, por seu caráter, sociabilidade etc.

Epístola Treze – A Vínio Asela

Indica-lhe como deve entregar os livros, que remete para Augusto.

Como por tanto tempo, e tantas vezes,
Te instruí, Vínio, quando te partiste,
Presentarás a Augustos meus escritos,
Se de saúde, e satisfeito o achares;
5 E enfim se tos pedir. – Vê não te excedas
No empenho de servir-me, e tédio ao livro
Com mal cabido zelo me granjeies.¹
Se acaso a carga te molesta, e fere,
Mais val² que no caminho, a tempo, a largues,
10 Do que vás tropeçar, cair com ela,
No sítio a que te envio; e assim convertas
Em objeto de riso o pátrio nome,
E te volvas³ a fábula do povo.
Nos barrancos, nos rios,⁴ e atoleiros,
15 Das forças tira, e apenas triunfante
Ali chegares, vê de que maneira
Co' a carga te apresentas; – não suceda,
Que em feixe os livros sobraçados⁵ leves,
Como anho⁶ de aldeão, gorro e chinelos
20 De familiar conviva, ou como leva
Os furtados novelos a ébria Pírria.
Não divulgues também que encarregado
Vais de poesias, que talvez de Augusto
Olhos e ouvidos docemente ocupem,
25 Eu t'ó suplico; esmera-te o que possas:
Adeus, e parte enfim. – Não titubeies,
Ou minhas ordens desatento infrinjas.

¹ *Granjear*: obter por meio de diligências, de trabalho.

² *Val*: forma arcaica para “vale”. Preferimos conservar o arcaísmo para não alterar o metro do verso.

³ *Volver-se*: tornar-se, transformar-se.

⁴ O original traz “pios”, evidente erro tipográfico (rios traduz *flumina* do original latino).

⁵ *Sobraçado*: metido e preso debaixo do braço.

⁶ *Anho*: filhote de ovelha; cordeiro.

Epístola Catorze – Ao seu caseiro

Repreende a sua inconstância; pois que tendo desejado o campo, agora, que nele se acha, suspira pela cidade.

Guarda dos meus montados, e do campo,
Que tanto eu prezo, e agora te enfastia,
Posto que cinco fogos¹ o povoem,
E cinco bons varões a Vária mande;
5 Porfiemos² a qual melhor arranca,
Se tu da terra, se eu do ânimo, os cardos³.
Vejamos se ao terreno se vantagem
O próprio dono, em próspera cultura.
Prende-me aqui de Lâmia o terno afeto,
10 De Lâmia que pranteia inconsolável
De um caro irmão a perda, e todavia
Aí contigo o espírito reside,
E anela⁴ o coração romper os laços,
Que nos separam com distância ingrata.
15 Julgo eu ditoso o que no campo habita,
E tu chamas feliz quem vive em Roma:
Quem dos outros a sorte inveja e louva,
Certo é que aborrecido está da sua.
Ambos iníquos, ambos insensatos,
20 Nossa inocente habitação culpamos:
E o mal está no ânimo, que nunca
A si mesmo se esquiva. Enquanto em Roma
Ínfimos ministérios exercias,⁵
Com prece oculta o campo demandavas;
25 Meu quinteiro⁶ te fiz, e ora suspiras
Pela cidade, pelo banho, e jogos!
Sabes que sou coerente: triste parto
Cada vez que me chama e traz a Roma
Odiado afazer. – São diferentes
30 As nossas propensões; – eis donde pende
A divergência que entre nós se encontra.
O que inóspito, e hórrido silvedo⁷
Se te afigura, ameno e aprazível
Parecerá, a quem comigo odeia,
35 O que tu julgas deleitoso, e belo.

Da tua saudade a causa entendo;
 Suspiras pelo alcouce,⁸ e a tasca⁹ imunda;
 Pois que esse meu cantinho antes daria
 Pimenta, e incenso, que de Baco os frutos,
 40 Não vês a jeito¹⁰ próxima taberna,
 Que vinho te forneça; e não encontras
 Gaiteira¹¹ desonesta, a cujo arruído¹²
 Pesado e descomposto, sapateies:
 Mas tens que desbravar campos, que há muito
 45 Não rompera enxadão, cuidar te cumpre
 Do boi solto da canga, e repastá-lo
 Com folhagem das árvores ripada.¹³
 Nem quando chove repousar-te podes;
 Cumpre com marachões¹⁴ guiar a enchente
 50 Porque¹⁵ não dane ao descoberto prado.
 Ouve agora o que nosso acordo impede:
 Aquele a quem praziam¹⁶ finas togas,
 Luzidios¹⁷ cabelos, e que imune
 À interesseira Cínara agradava;
 55 Que com tanta avidez, desde o alto dia,
 Saboreava o límpido Falerno,
 Agora só modesta mesa estima,
 Só folga de enconstar-se em branda relva,
 Junto à margem de plácido regato.
 60 Não me pejo¹⁸ de haver devaneado,
 Mas pejo houvera se o fizesse agora.
 Aqui ninguém meus cômodos malogra¹⁹
 Com seu torcido olhar, nem os empesta²⁰
 Com ódio, ou solapada mordedura.²¹
 65 Ri-se o vizinho de me ver lidando
 Com os seixos e torrões; e tu preferes
 A razão partilhar do servo urbano;
 Suspiras, morres por te unir com ele.
 No entanto o lenhador sagaz te inveja
 70 O governo da horta, gado, e matas!
 O preguiçoso boi xairez²² deseja,
 O ligeiro cavalo a canga anela;
 Mas este é meu sentir; – que de bom grado
 Cada qual o mister, que sabe, exerça.

- ¹ *Fogos*: i.e. as lareiras de cada casa/família.
- ² *Porfiar*: competir ou lutar por (algo); disputar.
- ³ *Cardo*: design. comum a várias plantas de outros gên. da fam. das compostas, pela semelhança no hábito, esp. nas folhas espinescentes.
- ⁴ *Anelar*: desejar ardentemente; ansiar, almejar, aspirar.
- ⁵ “Ínfimos mistérios exercia” traduz, em latim, o termo *mediastinus* (escravo empregado em tarefas várias).
- ⁶ *Quinteiro*: indivíduo que guarda uma quinta (‘propriedade’, ‘terreno’) e/ou trata dela; caseiro.
- ⁷ *Silvedo*: m.q. silveira (‘extenso aglomerado’).
- ⁸ *Alcouce*: casa de prostituição; prostíbulo, alcoice, alcoceifa, lupanar.
- ⁹ *Tasca*: (regionalismo português) restaurante de segunda classe que serve cafés, lanches e tb. refeições em mesas [Tem de contar com determinada área mínima (menos sendo considerada uma *taberna*) e casas de banho separadas para homens e mulheres.]
- ¹⁰ *A jeito*: a propósito; convenientemente, oportunamente.
- ¹¹ *Gaiteira*: aquela que toca gaita.
- ¹² *Arruído*: m.q. ruído.
- ¹³ *Ripada*: que se ripou, ou seja, que se juntou ou raspou.
- ¹⁴ *Marachão*: restinga ou obra de pedra e cal com que se contêm as águas ou se protege um porto da impetuosidade delas.
- ¹⁵ O original grafa esse “por que” separadamente, que alteramos para “porque”.
- ¹⁶ *Prazer*: m.q. aprazer, causar ou sentir prazer; contentar(-se); agradar(-se), deleitar(-se).
- ¹⁷ *Luzidio*: que, por ter lustre, reluz; brilhante, lustroso, luzente, lúzio.
- ¹⁸ *Pejar-se*: ter pejo/vergonha; envergonhar(-se), vexar(-se).
- ¹⁹ *Malograr*: provocar danos, estragos em; estragar, inutilizar.
- ²⁰ *Empestar*: m.q. empestear; contaminar; aliciar, corromper; desmoralizar.
- ²¹ *Solapada mordedura*: comentário dissimulado, insinuação maliciosa feita às escondidas.
- ²² *Xairel*: (no original, “chaires”) revestimento de tecido ou couro, anteposto à sela ou albarda, que cobre a anca da cavalgadura

Epístola Quinze – A Vala

Tendo Horácio resolvido partir para os banhos de Vélia, ou de Salerno, procura informar-se do clima e comodidades de uma ou outra terra.

Que tal é de Salerno o clima, ó Vala?
Como em Vélia o inverno? como a gente?
A estrada que tal é? – Musa¹ pretende,
Que em Baias melhorar, debalde espero:
5 Mas ninguém sofrer pode, que de inverno
Vá mergulhar-me em água regelada.
A aldeia toda se lastima; e geme
De ver os seus mirtais² abandonados,
E em desprezo os seus banhos sulfurosos,
10 Celebrados, há tanto, de eficazes
Para curar entorpecidos nervos:
Toda vê com despeito, que os enfermos
Vão submeter o estômago, e a cabeça
Às nascentes de Clúsio, e que prefiram
15 De Gábio os frios campos. – Mas de sítio
É forçoso mudar: cumpre que a besta
Do alvergue³ conhecido avante passe.
Relutará por certo; mas irado
Lhe direi, sofrendo-a ao lado esquerdo;
20 Para onde empuxas!⁴ – Não caminho agora
Para Baias ou Cumas! – Mas o ouvido
Do enfreado cavalo está na boca.
Qual dos povos mais trigo lavra, e colhe?
Bebem acaso as chuvas recolhidas,
25 Ou de perenes fontes? – Quanto ao vinho,
Que produz o país, pouco me importa;
Na minha quinta de qualquer me sirvo;
Só quando à beira-mar desço e procuro,
Do generoso, que afugente as mágoas,
30 Que me coe⁵ no espírito e nas veias
Com ricas esperanças, que me acuda
Com os termos a propósito, e me inculque⁶
De mancebo gentil à doce amiga.
Qual dos dois países mais javardos⁷ cria?
35 Mais de lebres abunda? Qual dos mares

De peixes, e mariscos é mais rico?
Releva-me sabê-lo, pois tenciono
Voltar, como um Feace nédio⁸ e gordo.
Mênio, depois que intrépida⁹ gastara
40 Quanto dos pais herdou, deu em tunante,¹⁰
E feito chocarreiro,¹¹ tolinando,¹²
Sem manjedoura certa divagava:
Se a fome o apertava, alucinado
Não distinguia o bárbaro, e o Romano:
45 Sua língua mordaz ninguém poupava.
Quanto podia haver, ao ventre o dava;
Era o destroço, o báratro,¹³ e voragem
De quanta no mercado aparecia.
Mas se por fim de tudo nada obtinha
50 Dos fautores¹⁴ de sua iniquidade.
Ou dos que amendrontava, ia faltar-se
De nauseante mondongo¹⁵, ou vil badana;¹⁶
Mas comia por três famintos ursos.
Mais rígido que Besti¹⁷ então dizia:
55 Que os regalões¹⁸ deviam ser marcados
Sobre a pança com lâmina candente.
Mas se preava¹⁹ cousa de chorume:²⁰
Depois de a reduzir a fumo, e cinza,
Não me espanta, por Hércules dizia,
60 Que alguns comam seus bens! – Que há í²¹ que exceda
O tordo²² obeso? Que há mais delicado?
Que a ventrecha²³ de bem cevada porca?
Eis aqui como eu sou: – sem que esmoreça,
Louvo o meu pouco, se o melhor falece.
65 Mas se me vejo a bem servida mesa,
Então, só quem possui, férvido²⁴ exclamo,
Grande renda e belíssimas herdades,
Vive com gosto e sabiamente vive.

- ¹ *Musa*, ou seja, Antônio Musa (Musodoro), médico que cuidara de Augusto, famoso por receitar banhos gelados.
- ² *Mirtais*: extenso aglomerado de murtas em determinada área.
- ³ *Alvergue*: forma arcaica de albergue (taberna).
- ⁴ *Empuxar*: impelir com força, empurrar; conduzir a; induzir.
- ⁵ *Coar*: penetrar pouco a pouco; passar através; infiltrar-se, insinuar-se, introduzir-se.
- ⁶ *Inculcar-se*: fazer(-se) passar por, apresentar(-se) como; insinuar(-se) como; impor(-se).
- ⁷ *Javardo*: m.q. javali.
- ⁸ *Nédio*: de aspecto lustroso, brilhante, luzidio.
- ⁹ *Intrépida*: intrepidamente, sem receio, com arrojo.
- ¹⁰ *Tunante*: que ou quem anda à tuna, vadiando; vagabundo, embusteiro, tunador.
- ¹¹ *Chocarreiro*: aquele ou o que faz chocarrice, gracejo desabusado, insolente.
- ¹² *Tolinar*: fazer tolinha a; aproveitar-se de um tolo.
- ¹³ *Báratro*: abismo, voragem.
- ¹⁴ *Fautor*: que ou o que favorece, protege, apóia.
- ¹⁵ *Mondongo*: intestino de alguns animais; tripa.
- ¹⁶ *Badana*: carne de boi de terceira (flanco e partes abdominais).
- ¹⁷ *Bestius* é o nome latino original, que se transporia como Béstio para o português. Evitamos alterar a forma que poderia comprometer o decassílabo.
- ¹⁸ *Regalão*: que ou aquele que come muito; comilão, glutão.
- ¹⁹ *Prear*: capturar, aprisionar.
- ²⁰ *Cousa de chorume*: entenda-se algum animal gordo (chorume: gordura, banha, unto).
- ²¹ Forma arcaica do advérbio “aí”.
- ²² *Tordo*: m.q. sabiá.
- ²³ *Ventrecha*: compartimento, divisão interior [de *venter*, *tris* ‘ventre’].
- ²⁴ *Férvido*: provido de alegria, animação; entusiasmado.

Epístola Dezesseis – A Quíncio

Descreve o poeta a sua quinta, e mostra que a virtude consiste na pureza da consciência, e que sem virtude não há liberdade.

Para que não pergunte mais, ó Quíncio,
Quais são as produções da minha herdade;
Se o dono com searas alimenta,
Se co' a baga da oliva o enriquece,
5 Ou antes com seus prados, e pomares
Com olmeiros de parras¹ enleados;
Descrever-te-ei difusamente o prédio
A sua posição, natura,² e forma.
Cordilheira de montes imagina,
10 Por um sombrio vale divididos;
O Sol fere, ao nascer, o destro lado,
E ao dispartir³ na rápida carroça,
Vaporoso o sinistro⁴ lado aquece.
A tempérie⁵ do clima seu louvaras.
15 Ao ver os estrepeiros⁶ carregados,
Com melhor condição, do roxo abrunho⁷,
De rúbida⁸ cereja; ao ver as matas,
De enzinhos,⁹ e carvalhos, que recreiam
Com mantimento copioso o gado,
20 E com sombra suave o próprio dono;
Poderias dizer que transportada
A mimosa Tarento ali frondeja.
De uma ribeira madre, a fonte acresce
De água propícia ao estômago e cabeça,
25 Mais fresca, e pura do que o próprio Hebro,
Que a Trácia banha, – Eis o retiro ameno,
E a aprazível (se o crês), que pelo outono
O teu amigo incólume¹⁰ conserva.
Bem viverás, ó Quíncio, se puderes
30 Realizar o que de ti se conta;
Ditoso, há muito, Roma te apregoa;
Mas não creias a alguém mais que a ti próprio,
Sobre o que passa no íntimo do peito.
Somente na sapiência, e na virtude
35 Existir pode sólida ventura.

Mil vezes o que o povo não proclama,
 Dissimulando o mal que lavra¹¹ oculto,
 Vai recostar-te em festival banquete;
 E vezes mil a convulsão funesta
 40 Lhe vem tirar das mãos o ínvio¹² copo.
 É mal cabido pejo,¹³ é suma insânia,
 A úlcera esconder, que atalhar¹⁴ debes.
 Se os combates renhidos¹⁵ te narrarem,
 Que por mar e por terra pelejaste;
 45 E assim teus vãos ouvidos afagarem:¹⁶
 “Jove, que pelo Império, e por ti vela,
 Por longo tempo em dúvida nos deixe,
 Se o teu amor pelo romano povo,
 Excede o amor que Roma te consagra.”
 50 Não reconhecerás de Augusto o encômio?¹⁷
 Mas se te apelidarem justo, e sábio,
 Merece-lo-ás melhor? – E quem não folga
 De se ver, por tal modo, elogiado?
 Mas esse povo que hoje me honra, e gaba,
 55 Amanhã, se quiser, pode increpar-me,¹⁸
 Pode dizer-me, como quando as varas
 Tira ao indigno, a quem as dera iluso;¹⁹
 – Larga , larga o que é meu... – e presto o largo
 E triste me retiro. – Mas se injusto
 60 Me apodar²⁰ de ladrão, devasso e torpe;
 Disses que estrangulei meu pai num laço,
 Devo mudar de cor, devo ralar-me²¹
 Com tão falsas afrontas? quem se enleva²²
 De honrarias e encômios mal cabidos,
 65 Quem se aterra²³ de iméritas calúnias,
 Se não é impostor, se não culpado?
 Quem é logo o varão, prudente, e probo?
 – O que os decretos do senado acata;
 Que o direito, que as leis pontual observa;
 70 Que importantes, que inúmeras demandas
 Juiz imparcial resolve, acaba;
 Cuja fiança, e cujo testemunho
 Com respeito no Foro é recebido.
 – Mas a família sua²⁴ os vizinhos

75 Sabem que essa aparência, e tez formosa
 Um âmago disfarça hediondo, e torpe.
 Se o servo me disser, nada hei roubado,
 Não fugi ao senhor! – presto lhe volvo,²⁵
 Bem pago serás, aos loros²⁶ escapaste.
 80 – Assassino não sou! – De pasto aos corvos
 Não servirás na cruz. – Sou bom, sou parco!²⁷
 – Sabelo,²⁸ que o duvida, a frente abana.
 Teme os fojos²⁹ o lobo acautelado;
 Teme o açor³⁰ o suspeitoso laço;
 85 E teme o gavião o anzol cevado.³¹
 Do crime foge o bom, porque ama o justo,
 E tu não pecas, porque a pena, temes;
 Mas se esperança de embair³² te afaga,
 Tudo confundirás, santo, e profano.
 90 Que importa que de mil somente um roubes?
 Quem pouco furta, menor dano causa,
 Mas o crime é igual, e sempre o mesmo.
 Contempla esse varão, que tanto exaltas,
 Que o foro, o tribunal venera, admira;
 95 Um boi, um porco aos numes sacrifica,
 Implora o seu favor – Ó Jano, ó Febo! –
 Eis o que diz com voz distinta, e clara:
 Mas os seus lábios trêmulos se movem,
 Temem que o ouçam, e mansinho ajuntam –
 100 – Pulcra³³ Laverna! dá-me dá-me ó Deusa,
 Que a meu salvo enganar os homens possa,
 Honrado lhes pareça, justo, e santo!
 Cerca os delitos meus de espessa treva,
 Minhas traições de impenetrável sombra! –
 105 Será mais livre do que o servo o avaro,
 Que se abaixa a apanhar o asse³⁴ que avista
 No chão pregado? – Quem poderá crê-lo?
 Sempre o temor anda à cobiça unido;
 E homem livre, a meu ver, não é quem teme.
 110 Quem por medrar em bens lida incessante,
 Ou se deixa oprimir dos bens havidos,
 Semelha o militar, que perde as armas,
 E o posto de honra tímido abandona.

- No entanto o prisioneiro teu não mates:
 115 Vendê-lo podes; pode utilizar-te;
 Os gados apascente, os campos lavre;
 Chatim³⁵ navegue, e no alto mar hiberne;
 Ajude a abastecer-nos, e transporte
 Os cereais, e os víveres precisos.
 120 O varão sábio, e probo afoito exclama –
 – Penteu, de Tebas rei, acaso podes
 Forçar-me a praticar, sofrer vilezas?
Penteu
 – Posso tomar-te os bens!
Baco
 O gado, as terras,
 O jazigo, o dinheiro... E quem to veda?
Penteu
 125 Algemado, e com grossas ferropéias,³⁶
 Posso entregar-te a desumano guarda!
Baco
 No mesmo instante, em que o deseje, um Nume³⁷
 Virá dos teus grilhões aliviar-me. –
 Penso, que à morte impávido aludia,
 130 Pois que a morte é de tudo o último asilo.

¹ *Parra*: ramo de videira; pânpano.

² *Natura*: m.q. natureza.

³ *Dispartir*: dividir, separar, repartir; dispersar-se.

⁴ *Sinistro*: esquerdo.

⁵ *Tempérie*: condição da atmosfera segundo a quantidade de calor e umidade; temperatura.

⁶ *Estrepeiro*: m.q. pilriteiro, design. comum a dois arbustos espinhosos do gên. *Crataegus*, da fam. das rosáceas, nativos da Europa, de madeira extremamente dura e drupas ovóides vermelhas, de sabor doce, us. como diurético e adstringente.

⁷ *Abrunho*: fruto do abrunheiro (*Prunus spinosa*); ameixa, brunho.

⁸ *Rúbida*: m.q. rubente, bastante avermelhada.

⁹ *Enzinho*: m.q. azinheira, árvore de até 10 m (*Quercus ilex*), da fam. das fagáceas, de folhas discolors, tb. denteadas e espinhosas nos espécimes adultos, flores masculinas em amentos, as femininas em panículas, e frutos ovóides, revestidos, em parte, por escamas [a madeira é us. em obras internas, no fabrico de carvão, e as folhas servem de alimento ao bicho-da-seda.]

¹⁰ *Incólume*: ileso; bem conservado, inalterado.

¹¹ *Lavrar*: propagar-se gradualmente; desenvolver-se, grassar, manifestar-se.

- ¹² *Ínvido*: m.q. invejoso.
- ¹³ “É mal cabido pejo”: entenda-se é um acanhamento descabido, é uma vergonha sem propósito.
- ¹⁴ *Atalhar*: impedir que corra, que ande, que continue, que se propague etc.
- ¹⁵ *Renhido*: disputado com ardor; debatido demoradamente; porfiado.
- ¹⁶ O original apresenta “;” (ponto-e-vírgula) que alteramos para “:” (dois-pontos).
- ¹⁷ *Encômio*: fala ou discurso em louvor de alguém; elogio, gabo.
- ¹⁸ *Increpar*: repreender com severidade ou asperamente; acusar; censurar, argüir; tachar.
- ¹⁹ *Iluso*: que foi iludido; enganado, logrado.
- ²⁰ *Apodar*: zombar de; escarnecer de; apelidar, alcunhar, tachar de.
- ²¹ *Ralar-se*: causar tormento a ou sentir tormento; atormentar(-se), afligir(-se).
- ²² *Enlevar*: provocar ou sentir enlevo, arrebatamento; deleitar(-se), encantar(-se).
- ²³ *Aterrorar-se*: m.q. aterrorizar-se com, sentir terror de, temer.
- ²⁴ O original não apresenta essa vírgula que acrescentamos por notá-la necessária.
- ²⁵ *Volver*: regressar, retornar.
- ²⁶ *Loro*: correia, ger. de couro, us. para açoitlar.
- ²⁷ *Parco*: sóbrio, simples, humilde.
- ²⁸ *Sabelo*: relativo aos sabelos, antigo povo da Itália central, ou indivíduo desse povo; sabélico.
- ²⁹ O original traz fâjos, evidente erro tipográfico que corrigimos. *Fojo*: armadilha para caça de animais ferozes que consiste em um buraco profundo, cavado no chão e disfarçado com ramos e galhos (traduz o latino *fouea*, armadilha).
- ³⁰ *Açor*: ave falconiforme da fam. dos acipitrídeos (*Accipiter gentilis*), encontrado na Europa, Ásia e América do Norte.
- ³¹ *Cevado*: preparado com; organizado, realizado.
- ³² *Embair*: induzir deliberadamente em erro; lograr, iludir, seduzir.
- ³³ *Pulcra*: bela, formosa. O texto original “Pulchoa”, evidente erro tipográfico.
- ³⁴ *Asse*: m.q. ás, antiga unidade monetária romana.
- ³⁵ *Chatim*: aquele que faz comércio; mercador, comerciante. Entenda-se “como um mercador...”
- ³⁶ *Ferropéia*: cadeia de ferro us. para prender sentenciados pelas pernas ou pulsos; algema, grilhão.
- ³⁷ *Nume*: ser ou potência divina; divindade, deidade.

Epístola Dezessete – A Ceva

Mostra que deve preferir-se ao ócio uma vida ativa; que há certa glória no favor dos grandes, mas que este deve ser solicitado com prudência, e precaução.

Posto que assaz por ti, ó Ceva, atentes,
E saibas como cumpre usar c'os grandes,
Inda tens que aprender; ouve o que pensa
O teu pequeno amigo: – ri-te embora,
5 De que um cego pretenda encaminhar-te;
Mas vê se no que digo acaso encontras
Cousa que de algum préstimo te seja.
– Se te apraz descansar, deleita o sono
Ao despontar do dia; se te ofende
10 A polvorada,¹ o estrépito das rodas,
A próxima taberna; busca, amigo,
A deserta Ferento; a paz, e a dita²
Não é só para os ricos, nem mofino³
É sempre o que ignorado nasce, e morre.
15 Porém se aos teus aproveitar desejas,
E tratar-te melhor; – pobre, indigente,
Deves aproximar-te aos abastados.
A Aristipo Diógenes dizia;
– Se os teus legumes suportar pudesses,
20 Não buscaras a corte e o régio trato.
E aquele respondia: – se souberas
Viver na corte, as verças⁴ te enjoarão. –
Qual dos dous tem razão? Resolve, dize?
Se não, já que és mais novo, escuta amigo,
25 Por que prefiro de Aristipo o aviso.
É fama que do cínico mordente
Assim se descartava: – Enfim de contas,
Parasitas, farsantes, ambos somos;
Mas eu o sou de reis, e tu da plebe:
30 Mais nobre, mais decente ofício exerço.
Para ter um corcel que me transporte,
E bem servida mesa, os reis cortejo:
E tu, que nada carecer presumes,
Aos somenos⁵ mesquinha esmola imploras.
35 Qualquer traje, e fortuna, todo o estado

A Aristipo convém; se a mais aspiro,
Quase que do presente me contento.
Porém tu, apesar da grossa capa
Em que te embuça⁶ rígida paciência,
40 De caminho mudar jamais puderas.
Não espero, que púrpuras me tragam;
Em pobre, ou rico traje afoito saio,
E atravesso os mais públicos lugares,
Sem que pareça descomposto, e torpe:
45 E tu evitas o milésio⁷ manto,
Como se fora serpe,⁸ ou cão danado!
E se os andrajos teus te não volverem,
De frio morrerás! – Pois bem, deixai-lh'os:
E embora como um néscio viva e morra.
50 Sabiamente reinar e triunfante
Mostrar ao povo aprisionadas hostes,
É façanha imortal, digna de Jove:
Mas agradar aos príncipes da terra
Não é por certo a ínfima das glórias.
55 Nem a todos é dado ir a Corinto.
Repousa quem receia adversos casos:
Embora! mas quem vence a dúbia sorte,
Porventura não é de aplauso digno?
Eis onde bate o ponto. – Este aborrece
60 A carga, que seu ânimo acanhado,
E seu pequeno corpo não comporta:
O outro os ombros lhe mete, e audaz a tira.
Ou a virtude é nome vão, e estéril,
Ou justamente honroso prêmio exige
65 Quem fez provança de extremado esforço!
Mais, que o que pede, com os grandes lucra,
O que de suas precisões não fala.
O aceitar do extorquir difere muito:
Princípio é este capital, fecundo.
70 – Minha mãe na indigência aflita vive,
Com que dotar⁹ não tenho a irmã querida,
Não me dá com que viva a pobre herdade,
Nme acho quem m'a compre; – o que assim fala
Bem claramente o necessário pede:

75 E não faltará logo, outro que exclame;
 – Reparta-se entre nós o bolo, e a esmola. –
 Se em silêncio comesse o néscio corvo,
 Na iguaria maior quinhão tivera,
 Menos invejas, menos desavenças.

80 Convidado, seguiste o rico amigo
 A Brindes, a Sorrento; – se te queixas
 Do frio, e chuva, e dos cruéis caminhos,
 Do roubado farnel¹⁰, da rota mala;
 A cantoneira¹¹ astuciosa imitas,

85 Que amiudados furtos deplorava,
 Das ligas, do colar, que enfim sofrendo
 Um roubo verdadeiro, e dor sincera,
 Ninguém achou, que crédito lhe desse.
 Quem uma vez se viu ludibriado,

90 Não mais cura de erguer, o que na estrada
 Se lastima de haver quebrado a perna;
 Embora verta copioso pranto,
 E pelo santo Osíris o conjure:
 – Acreditai-me! não é brinco¹² ou burla!

95 Erguei, erguei, cruéis, o pobre coxo. –
 Porém quantos o escutam lhe respondem,
 – A quem te não conheça, amigo, implora.

¹ *Polvorada*: m.q. polvorosa, atividade intensa; tumulto; azáfama.

² *Dita*: sorte favorável; fortuna, ventura.

³ *Mofino*: triste, infeliz, desafortunado.

⁴ *Verças*: refeição simplória de hortaliças.

⁵ *Somenos*: de menor valor ou menos importante que outro; inferior.

⁶ *Embuçar*: cobrir-se com capa, capote etc..

⁷ *Milésio*: relativo a Mileto, nome de diversas cidades antigas, esp. a que ficava na Jônia, no litoral asiático do mar Egeu, ou o seu natural ou habitante.

⁸ *Serpe*: m.q. serpente.

⁹ *Dotar*: conceder dote a.

¹⁰ *Farnel*: saco ou bolsa em que se colocam provisões para uma jornada.

¹¹ *Cantoneira*: m.q. meretriz, prostituta.

¹² *Brinco*: m.q. brincadeira, troça.

Epístola Dezoito – A Lólio

Mostra como se deve cultivar a amizade dos grandes, e bem viver.

Jamais, se não me engano, Lólio ingênuo,
Um vil adulator serás do amigo.
Quanto difere no seu traje, e porte,
Da meretriz a dama recatada,
5 Tanto do lisonjeiro amigo dista.
Perto outro vício está, talvez mais torpe:
Severidade agreste, rude, e tosca,
Que com pel¹ sedeúda,² e negros dentes,
Se recomenda, e quer que a preconizem³
10 De franca liberdade, e alta virtude:
Mas entre os vícios se equilibra, e pende,
A igual distância, a sólida virtude.
Este somente a comprazer atento,
Do último leito o convidado investe;
15 E do rico em tal modo o aceno espreita,
Repete os termos, e celebra os ditos,
Que semelha menino, que decora
Os termos que lhe vai ditando o mestre;
Ou bem o ator de secundárias partes.
20 Este armado de insípidas minúcias,
Por um pelo de cabra a miúdo briga;
– Nem por dobrada vida! aceso exclama;
Sustentarei meu crédito ilibado!⁴ –
Ninguém melhor do que eu o entende, e sabe! –
25 E qual é da disputa o grave objeto?
Se Dólicos a Cástor se avantajaja!
Se nos leva melhor, acaso, a Brindes
A estrada de Minúcio, ou de Ápio a via?
Aquele a quem devassidão ruínosa,
30 A quem precipitado azar desnuda,
Aquele, que a vanglória traja, enfeita
Melhor que os seus haveres comportavam;
O que ruim sede e fome de ouro agita,
Ou a vergonha, e horror de vil pobreza;
35 É do abastado amigo aborrecido,
Bem que mais vicioso, e torpe seja:

Se o não detesta, o rege e senhoreia;
 E, como terna mãe, quer que em virtude,
 Quer que em juízo o exceda. – E todavia
 40 Não vai mui longe de acertar, dizendo;
 – As minhas posses (não m'ò contradigas!)
 Sofrem-me que doudeje:⁵ – e tu és pobre;
 Modesta, e simples toga, se és sensato,
 Te está melhor se em público me segues.
 45 Não te entremetas⁶ a ombrear comigo! –
 Dava Eutrápelo ricos paramentos,⁷
 Àquele a quem fazer mal pretendia;
 Pois com este ornato crendo-se ditoso,⁸
 Concebendo mil planos, e esperanças,
 50 As manhãs passaria entregue ao sono,
 Trocara pelo torpe o honrado ofício,
 Engrossaria os capitais alheios,
 Té que afinal se tornaria um trácio,⁹
 Ou iria tanger, por tênue paga,
 55 De um hortelão a azêmola¹⁰ ronqueira.¹¹
 Os seus segredos devassar não tentes;
 E, se tos confiou, bem que amolgado¹²
 Pelo vinho, ou rancor, fiel os guarda.
 Tuas ocupações também não gaves,
 60 Nem as alheias rígrado censures.
 Se acaso intenta divertir-se à caça,
 Não te lembres então de entoar teus versos:
 Desta arte se rompeu o terno laço
 Que os dois gêmeos, Anfião e Zeto, unia:
 65 Até que emudecera a doce lira,
 Odiosa ao desabrido;¹³ – pois se entende
 Que ao gênio fraternal Anfião cedera.
 Acurva-te do amigo ao brando império:
 E sempre que ele conduzir ao campo
 70 As buscas, e os sendeiros¹⁴ carregados
 De etólias redes, ergue-te ligeiro;
 De inumana Camena o cenho¹⁵ despe;
 E a refeição, que lidas mereceram,
 Ledo¹⁶ partilharás, junto ao seu lado:
 75 Sempre foi entre nós usual, a caça;

É proveitosa à fama, à vida, aos membros,
 Maiormente¹⁷ se estás sadio e forte,
 Se os cães podes vencer veloz correndo,
 E te atreves com o válido javardo.¹⁸
 80 A isto ajunta, que ninguém te excede
 No manejar galhardamente as armas:
 Sabes, com que clamor te acolhe e aplaude
 A mó¹⁹ do povo nas campestres lides:²⁰
 Enfim na flor dos anos militaste,
 85 As campanhas cantábricas sofreste,
 Com esse capitão, que ora dos templos
 Arranca ao Parto²¹ as triunfais insígnias:
 E se algum povo indômito inda resta,
 Às itálicas armas o adjudica.²²
 90 Como te esquivarás? que há que te escuse?
 Todos sabem, que bem que nunca excedas
 A mais sisuda temperança em tudo,
 Também no pátrio campo às vezes brincas.
 As tropas, as canoas se repartem;
 95 E ao teu comando os moços representam,
 Em semelhança hostil, de Ácio a batalha;
 Teu contrário é o irmão, é Ádria o lago;
 Té, que um dos dois a rápida vitória
 Com sua rama²³ triunfal coroa.
 100 Quem te julgar aos gostos seus propício,
 De mui bom grado aplaudirá teus jogos.
 Também te advertirei (se é que de avisos
 Necessidade tens), que atento vejas
 O que dizes, a quem, e de quem falas.
 105 Ao perguntão²⁴ impertinente foge:
 Que um destampado falador foi sempre:
 Nem seus ouvidos pátulos,²⁵ e rotos²⁶
 O confiado segredo reter podem;
 O dito que uma vez dos lábios soltas,
 110 Corre, voa, e jamais se recupera.
 Evitarás também, que a serva, ou pajem²⁷
 Te fira o coração, dentro do solo
 Do venerando amigo: não suceda
 Que este indignado se te volva escasso,

115 E te amofine²⁸ incômodo, e severo.
 Se proteges alguém, olha o que fazes,
 Não tenhas que sofrer por culpa alheia:
 Muita vez embaídos²⁹ abonamos
 Sujeito indigno: cumpre abandoná-lo;
 120 Embora a merecida pena sofra.
 Mas se injusta arguição o oprime e vexe;
 Não lhe faleça generoso amparo;
 Rói neste agora o Teonino dente,
 Mas esperam-te cedo iguais perigos:
 125 Se a casa do vizinho em chamas arde,
 Não está livre a tua: abandonado,
 Recresce o fogo, e indômito campeia.³⁰
 Aos inexpertos é suave, é grata
 A convivência do potente amigo:
 130 O exp'rimetado a teme, e se arreceia.
 Olha não mude o vento, e retroceda
 O baixel³¹ que enfunado os mares varre.
 O alegre o melancólico aborrece;
 O prazenteiro o pesaroso odeia;
 135 O sotrância³² ao diligente pesa,
 E pesa o expedito³³ ao preguiçoso:
 Os que bebem o límpido Falerno,
 Desde o meio do dia, não toleram
 O que recusa o copo oferecido,
 140 Inda que jure que receia, enfermo,
 Os noturnos incômodos vapores.
 Cumpre que a sobrançelha descarregues;
 Passa mil vezes por sombrio o sério,
 E o taciturno por acerbo,³⁴ e rude.
 145 Em todo o caso lê, pergunta aos doutos
 De que arte passarás gostoso a vida:
 Se cumpre que te avexe de contínuo
 Indigente avareza, ansiado anelo³⁵
 De fantásticos bens, de bens mesquinhos?
 150 Se virtuosos somos pelo estudo
 Ou por inspiração de natureza?
 Como os cuidados minorar se podem?
 Como ganhar-se pode a própria estima?

Onde acharás um plácido repouso,
 155 Se em gratos lucros, distinções, e honras,
 Ou de ignorada vida em senda³⁶ oculta?
 E sabes tu que penso, ó Lólio, quando
 Vou restaurar-me no retiro ameno
 Aonde nasce a frígida ribeira,
 160 De que bebe Mandel, mesquinha aldeia,
 Que do nordeste agudo o sopro enruga?
 Que imaginas que férvido depreco?³⁷
 Conservar o que tenho, ou inda menos,
 E viver para mim da vida o resto,
 165 Se algum resto de vida o céu me outorga,
 Ter boa cópia³⁸ de seletos livros,
 E para o ano as provisões precisas,
 Por não ter de flutuar dependurado
 Da esperança de uma hora duvidosa;
 170 Toda a minha ambição, meu voto é este.
 A Jove unicamente imploro, e peço
 O que ele outorga ou³⁹ nega, os bens, e a vida:
 O mais de mim depende, e cuidadoso
 Conservarei meu ânimo tranquilo.

¹ *Pel*: contração poética para “pele”, mantida para não se alterar o metro do verso.

² *Sedeúda*: cabeluda, peluda, sedosa. A expressão “pel sedeúda” traduz a latina *tonsa cute*, literalmente “de pele cortada, raspada”, entendida como “de cabeça raspada”.

³ *Preconizar*: apregoar com louvor, fazer a apologia ou a propaganda de; recomendar, aconselhar.

⁴ *Ilibado*: não tocado; sem mancha; puro; livre de suspeita.

⁵ *Doudejar*: m.q. doidejar, agir como um doido, cometendo desatinos. Entenda-se: “permitem-me que eu aja como um louco”.

⁶ *Entremeter-se*: colocar(-se) de permeio; entremear(-se), intrometer(-se), introduzir(-se).

⁷ *Paramento*: roupa enfeitada, aquilo com que se orna ou enfeita; adorno.

⁸ *Ditoso*: que tem boa dita; venturoso, feliz, afortunado.

⁹ *Trácio*: na antiga Roma, gladiador armado com uma parma (escudo leve) e um gládio curvo.

¹⁰ *Azêmola*: besta de carga; cavalo velho e sem préstimo.

¹¹ *Ronceira*: que se movimenta com vagar, morosamente; lenta.

¹² *Amolgado*: que foi esmagado, derrotado, vencido; entristecido, abatido, merencório.

¹³ *Desabrido*: que é fisicamente sentido como desagradável, não ameno; áspero, rude.

¹⁴ *Sendeiro*: diz-se de ou cavalo pequeno, mas robusto, próprio para carga.

¹⁵ *Cenho*: rosto, fisionomia, semblante. Entenda-se “afasta de ti a fisionomia da poesia insociável”.

- ¹⁶ *Ledo*: contente, risonho, prazenteiro.
- ¹⁷ *Maiormente*: m.q. mormente, em primeiro lugar; acima de tudo; sobretudo, principalmente.
- ¹⁸ *Javardo*: m.q. javali.
- ¹⁹ *Mó*: (não dicionarizado no Houaiss) grande massa, turba. Provavelmente do lat. *moles, is* ‘massa, volume, massa de pedra; coisa gigantesca, colosso’.
- ²⁰ *Lide*: luta, peleja, combate.
- ²¹ *Parto*: relativo à Pártia, antiga região da Ásia que se estendia do mar Cáspio à Índia, ou o seu natural ou habitante; parta, parteno, partieno.
- ²² *Adjudicar*: estabelecer vínculo com; vincular, liga.
- ²³ *Rama*: conjunto dos ramos.
- ²⁴ *Perguntão*: (não dicionarizado no Houaiss) perguntador, curioso
- ²⁵ *Pátulos*: sem impedimentos; abertos; livres, franqueados.
- ²⁶ *Rotos*: danificados, destruídos, estragados.
- ²⁷ *Pajem*: empregado que acompanha o senhor; servo, escravo.
- ²⁸ *Amofinar*: tornar(-se) mofino ('infeliz'); apoquentar(-se), aborrecer(-se).
- ²⁹ *Embaídos*: seduzidos, iludidos.
- ³⁰ *Campear*: exercer domínio; imperar.
- ³¹ *Baixel*: barco de grande porte.
- ³² *Sotranção*: que mantém uma cara triste e severa, que encobre ânimo soberbo e mau; dissimulado.
- ³³ *Expedito*: que desempenha tarefas ou resolve problemas com presteza, rapidez; diligente, ativo.
- ³⁴ *Acerbo*: amargo, azedo, ácido.
- ³⁵ *Anelo*: desejo intenso; anelação, anélito, aspiração.
- ³⁶ *Senda*: caminho estreito, rumo, direção, rota, via.
- ³⁷ *Deprecar*: pedir de forma submissa e insistente; suplicar, implorar.
- ³⁸ *Cópia*: abundância, quantidade.
- ³⁹ O original traz “o”, no lugar de “ou”, que preferimos: a mudança, a nosso ver, não altera o verso, já extenso e prenhe de elisões.

Epístola Dezenove – A Mecenas

Discorre acerca dos poetas de seu tempo, e de si próprio.

Se dás, Mecenas, crédito a Cratino,
Versos de bebedores de água chilra,¹
Nem duram, nem por muito tempo agradam.
Depois que Baco tresloucados vates
5 Associou com sátiros, e faunos,
Não mais se envergonharam as Camenas
De recender,² desde manhã, ao vinho.
Pelos louvores, com que o vinho exalta,
Se vê quanto prezava o grande Homero;
10 E o próprio Ênio, tão sisudo, nunca
Se meteu a cantar abstêmio as armas:
“O Foro aos que não bebem fique embora:
Mas não consentirei que a lira pulsem.”
Depois deste decreto, nunca os vates
15 Cessaram de beber de noite e dia.
Mas se imitas Catão no torvo aspecto,
Descalços pés, e curta, e grossa toga,
Outro Catão serás por isso acaso
Na rígida virtude, e são costumes?
20 Enquanto se esforçava, e pretendia
Discreto parecer, gracioso, urbano,
Emulando Timágenes na graça,
De estouro o triste Járbita rebenta.
Muita vez o exemplar induz em erro
25 A quem só pode copiar seus vícios.
Se porventura pálido me vissem,
Por desmaiar, cominhos beberiam!
Ó servil gado, ó vis imitadores,
Quanta vez vosso afã tem provocado
30 A minha indignação, ou meu sorriso!
Desdenhando trilhar alheios passos,
Afoito devassei vereda intacta.
Quem não confia em si, reger não pode!
Introduzi no Lácio os Pários jambos,
35 O espírito de Arquíloco imitando,
Não as palavras, os cruéis sarcasmos

Com que agitara o mísero Licambe.
 Se não ousei mudar seu metro e modos,
 Nem por isso menor laurel³ me outorgues.
 40 Pelo metro de Arquíloco tempera
 A viril Safo o harmônico alaúde:
 E por ele o seu canto Alceu modula,
 Mas com ordem diversa, e vário assunto;
 Nem com versos atrozes tisna⁴ o sogro,
 45 Nem com famoso carne⁵ à triste esposa
 Fúnebre laço desumano tece.
 Eu fui o que primeiro os seus acentos
 Fiz ressoar na cítara latina:
 E é grato para mim que o novo canto
 50 Ingênuos olhos entretenha e prenda.
 Mas o ingrato leitor que me ama em casa,
 Fora do limiar me investe iníquo!⁶
 E sabes tu por quê? – Porque não armo
 A colher votos da venturosa plebe
 55 Com fatos⁷ velhos, ou com franca mesa:
 Nem de ilustres autores feito ouvinte,
 Ou feito campeão, sigo as escolas,
 As tribos dos gramáticos frequento!
 – *E daqui essas lágrimas procedem.* –
 60 Se a alguém disser que hei pejo, e me acobardo⁸
 De recitar em público teatro
 Meu pobres versos, dando-lhe importância,
 Que decerto⁹ não têm; – presto responde
 Para que estás zombando? – Certamente
 65 Para os ouvidos do Tonante¹⁰ os guardas!
 De ti mesmo encantado, te persuades
 Que só manam de ti Piérios¹¹ moles.
 Não querendo encrespar-me enfim com ele,
 Não me fira o brigão co' as finas unhas;
 70 Em outro sítio, exclamo, falaremos;
 E tréguas lhe demando; – que os gracejos,
 Produzem muita vez contendidas, iras,
 As iras truculenta inimizade,
 Que em guerra de extermínio enfim remata.

¹ *Chilra*: sem gosto; insípida – ou seja, que não é vinho.

² *Recender*: espargir (odor forte e penetrante); cheirar a; exalar.

³ *Laurel*: coroa de louros; láurea, lauréola; prêmio, homenagem, louvor.

⁴ *Tisnar*: tornar negro, enegrecer; denegrir, manchar, macular, sujar.

⁵ *Carme*: qualquer composição poética; poema, canto, verso.

⁶ *Iníquo*: com iniquidade; injustamente, perversamente.

⁷ *Fato*: roupa, traje, indumentária.

⁸ *Acobardar*: m.q. acovardar.

⁹ O original grafa “de certo” separadamente, a que preferimos o advérbio “decerto”.

¹⁰ *Tonante*: que tona, atroa ou troveja (i.e. Júpiter, menção “velada” ao imperador Otávio Augusto).

¹¹ *Piérios*: relativo a píere e à Piéria ou Pieria, região a leste do Olimpo, de cujas encostas escarpadas desciam vários córregos produzindo sons que sugeriam uma música natural, levando a crer que a montanha era habitada por deusas amantes da música. Entenda-se “vultuosa e doce poesia”.

Epístola Vinte – Ao seu livro

*Procura o poeta relevo; e não podendo conseguir, aponta-lhe os perigos
a que vai expor-se, e como deve conduzir-se.*

Parece-me que estás olhando, ó livro,
Para as estátuas de Vertuno, e Jano!
Que aparecer em público desejas,
Dos Sósios pela pomes ilustrado!
5 Ódio tomaste às chaves que te encerram,
Ao segredo que o tímido contenta!
Lastimas-te de ser mostrado a poucos,
E o destino comum ignaro louvas.
Ora vai-te para onde tanto anelas;
10 Mas olha que volver não mais te é dado!
– Que fui eu desejar? que fiz mofino!¹ –
Dirás, logo que alguém te ofenda, e fira:
E bem sabes que os próprios amadores,
Já saciados, lânguidos² te enrolam.
15 Mas se por castigar a audácia tua,
O agouro me não falha – grato em Roma
Serás enquanto te não gaste a idade.
Quando, enebado pelas mãos do vulgo,
Comeces a enjoar, ou taciturno
20 Alimento darás à traça inerte,
Ou buscarás em Útica um asilo,
Ou serás para Lérida mandado.
Rir-se-á o não ouvido conselheiro,
Como o que irado despenhou³ da rocha
25 Jumento que em vão guiar tentara.
Se alguém se quer perder, perca-se embora!
Também, ó livro meu, te está guardado
Outro destino – em arrabalde⁴ obscuro
Talvez te apanhe a última velhice
30 Feito mestre de trêfegos⁵ rapazes!
Mas quando o Sol mais doce te rodeie
De bastantes ouvidos, dize ingênuo,
Que filho sou de um pai que escravo há sido;
Que nascendo com módica fortuna,
35 Asas mores⁶ que o ninho despregara;

E com virtudes me compensa, e paga
De quanto em nascimento me cerceares:⁷
Dize, que tanto em paz, como na guerra,
Aceito hei sido aos príncipes de Roma;
40 Que sou pequeno em corpo, aos sóis afeito,
À colera propenso porém fácil
Também de apaziguar; que antes do tempo
As cãs na frente alvejam; – e se acaso
Alguém te perguntar a idade minha,
45 Saiba que preenchi onze dezembros
Quatro vezes, no mesmo ano em que Lólio
Por seu colega a Lépido tomara.

¹ *Mofino*: que incomoda, perturba; importuno.

² *Lânguidos*: sem força, sem energia, exaustos.

³ *Despenhar*: jogar(-se) ou precipitar(-se) de grande altura; deitar abaixo, derrubar.

⁴ *Arrabalde*: parte de uma cidade ou povoação que fica fora ou nas adjacências de seus limites; subúrbio; arredor, cercania.

⁵ *Trêfegos*: que se agitam sem cessar; turbulentos, irrequietos, traquinas, trefos.

⁶ *Mores*: contração poética para “maiores”.

⁷ *Cercear*: diminuir o valor ou a qualidade de; depreciar, menoscabar; limitar, restringir.